UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FFCLRP
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RENATA DE OLIVEIRA ALVES

**Uma questão de oportunidade: a relação com o saber de estudantes das camadas
populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo**

RIBEIRÃO PRETO
2017

RENATA DE OLIVEIRA ALVES

“Uma questão de oportunidade: a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo”

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Débora Cristina Piotto

RIBEIRÃO PRETO
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Alves, Renata de Oliveira

Uma questão de oportunidade: a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2017.

278 p. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Educação.

Orientador: Piotto, Débora Cristina.

1. Relação com o saber. 2. Pós-graduação. 3. Camadas populares.

Nome: ALVES, Renata de Oliveira

Título: Uma questão de oportunidade: a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo

Dissertação apresentada à Faculdade Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico

Ao meu mestre, Daisaku Ikeda

Que por meio de suas palavras e exemplo de vida, me incentivou a jamais desistir. Defensor ferrenho da educação como ferramenta de transformação do ser humano e da sociedade, bem como da importância da ação de cada ser humano nesse processo de construção de uma sociedade mais justa e que preze pela dignidade da vida.

“São as pessoas que pavimentarão o caminho do futuro de nosso mundo, e não há influência maior no desenvolvimento de um indivíduo que a educação sólida e centrada no ser humano. O saber é a força fundamental que constrói a sociedade e molda a era. Essa fonte nutre e forja o potencial infinito latente em todos nós, direcionando nossa energia para a criação de valores”. (Daisaku Ikeda, 1990)

Agradeço

À minha orientadora Débora, já de longa data ao meu lado, me encantando com seu conhecimento, gentileza e equilíbrio. Minha admiração eterna a esta profissional sem par que, com dedicação e paciência infinitas, me guiou não só na construção desse trabalho, mas em toda minha formação para a pesquisa. Agradeço pelo carinho e pelo incentivo constantes, que foram de extrema importância para que eu desse continuidade ao curso e à pesquisa. Acima de tudo, agradeço pela amizade, pelas risadas das horas alegres e, especialmente, pelo consolo nas horas tristes.

Ao Renan, meu filho muito amado, que durante a escrita do trabalho, foi, na maioria das vezes, compreensivo, aceitando privar-se várias vezes de minha companhia, colaborando com os afazeres domésticos e também com o silêncio em casa para que eu pudesse escrever.

Aos meus adorados pais, que investiram todos os seus esforços na minha formação pessoal e na minha escolarização e viram, de súbito, em determinado momento de minha vida, seus esforços parecerem vãos. Felizmente, a base dessa formação era sólida e cá estou hoje concluindo mais uma etapa dos meus estudos e da minha busca pelo conhecimento. Aproveito a oportunidade para agradecer e reiterar que tanta dedicação valeu a pena.

Ao Vinicius, que chegou em minha vida no meio do furacão e conseguiu compreender a minha dedicação quase exclusiva aos estudos, a minha ausência corriqueira e as limitações colocadas pelo trabalho de pesquisa. Obrigada por ser meu oásis, onde encontrei paz, carinho e aconchego.

Às minhas queridas irmãs Tânia e Carolina, que sempre acreditaram em mim, me incentivaram e demonstraram um amor incondicional, me apoiando em um dos momentos pessoais mais difíceis que vivenciei até hoje.

Aos estudantes que participaram do estudo, que se dispuseram a despendar seu tempo e a compartilhar comigo suas lindas histórias, tornando possível a realização desse trabalho.

A todos os professores da pós-graduação, que contribuíram, cada um a seu modo, com a realização deste estudo e com minha formação como pesquisadora.

A todas as pessoas que vão passando ou vão ficando em minha vida, deixando suas marcas e auxiliando na minha evolução.

“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração”

Gonzaguinha

RESUMO

Na busca por compreender as razões do sucesso e do fracasso escolares em meios populares, Bernard Charlot e sua equipe iniciaram suas pesquisas dedicando-se a analisar as relações e os sentidos que os estudantes estabelecem com a escola e com o saber. Essas pesquisas resultaram na noção de relação com o saber, segundo a qual as experiências individuais e o sentido que o aluno atribui aos seus estudos teriam maior influência no seu desempenho escolar do que sua origem social. Em nosso país, estudantes das camadas populares, estatisticamente, têm poucas chances de acesso ao ensino superior, sobretudo em universidades públicas, e dar continuidade a esses estudos cursando pós-graduação, pode ser um desafio ainda maior. Sendo assim, a pesquisa teve o objetivo de conhecer a relação com o saber desenvolvida por estudantes de pós-graduação oriundos das camadas populares e compreender de que forma ela foi desenvolvida ao longo de suas trajetórias escolares, incluindo a experiência na graduação e na pós-graduação. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade com cinco estudantes de pós-graduação, de cada uma das cinco áreas de conhecimento, segundo a divisão utilizada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a saber: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Biológicas. A dedicação e o empenho dos estudantes, o apreço pelo saber, a importância do hábito de leitura, a referência a professores marcantes e a grande satisfação que o acesso ao conhecimento lhes proporcionou foram aspectos que evidenciaram a existência de uma forte relação com o saber escolar. Os resultados da pesquisa indicam que o desenvolvimento e o fortalecimento dessa relação com o saber foram possibilitados pelo acesso a uma educação de qualidade e à presença de condições objetivas favoráveis ao estudo em algum momento de suas trajetórias escolares. Dependendo dessas condições objetivas, a relação com o saber escolar pôde ser observada de forma mais ou menos nítida já durante a educação básica nas trajetórias de alguns estudantes. Em todos os casos, entretanto, essa relação tornou-se mais evidente após o ingresso na universidade, na qual todos apresentaram bons resultados, todos fizeram iniciação científica e todos continuaram demonstrando um desejo ainda maior de aprender, o que nos parece ter sido fruto da oportunidade que lhes foi dada dentro desta instituição de ter acesso a um ensino de qualidade e de poder dedicar-se integralmente aos estudos.

ABSTRACT

Intending to understand the reasons for school success and failure in working classes, Bernard Charlot and his team began their research by analyzing the relationships and senses that students establish with the school and with the knowledge. These researches have resulted in the notion of relation to knowledge, according to which the individual experiences and the sense that the students attribute to their studies would have a greater influence on their academic performances than their social origins. In Brazil, students from the workin classes, statistically, have little chance to access higher education, especially in public universities, and to continue these studies by post-graduation. Thus, the research had the objective of knowing the relationship with the knowledge developed by postgraduate students coming from the working classes and to understand how it was developed along its scholar trajectories, including the experience in undergraduate and post-university graduate. To do this, in-depth interviews were conducted with five postgraduate students from each of the five areas of knowledge, according to the division used by CAPES (Coordination for Improvement of Higher Education Personnel), namely: Exact and Earth Sciences, Humanities, Health Sciences, Applied Social Sciences and Life Sciences. The dedication and commitment of the students, the appreciation for knowledge, the importance of the reading habit , the reference to outstanding teachers and the great satisfaction that the access to knowledge gave them were aspects that evidenced the existence of a strong relationship with school knowledge. The results of the research indicate that the development and strengthening of this relationship with knowledge were made possible by access to quality education and the presence of objective conditions favorable to the study at any moment in their school trajectories. Depending on these objective conditions, the relationship with school knowledge could already be observed in a more or less clear way already during the basic education in the trajectories of some students. In all cases, however, this relationship became more evident after entering the university, in which all the students showed good results, everyone did scientific initiation and all continued to demonstrate an even greater desire to learn, which seems to have been the result of opportunity given them within this institution to have access to quality education and to be able to devote themselves fully to the studies.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	1
2. INTRODUÇÃO	
2.1 A gradual abertura de uma porta que estava trancada	3
2.2 Os estudantes que entram pelas frestas.....	8
2.3 Estudantes das camadas populares e sua relação com o saber.....	11
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA	
3.1 Objetivo.....	25
3.2 Metodologia.	25
4. RESULTADOS	
4.1 Antônio e sua “saga para estudar”	32
4.2 Entrevistas na íntegra.....	40
4.3 Marcos e a universidade como “divisor de águas”	80
4.4 Entrevistas na íntegra.....	87
4.5 Larissa: “É tão bom saber! É tão bom aprender!”	123
4.6 Entrevistas na íntegra.....	130
4.7 Patrícia: da Casa da Ciência para o mundo da pesquisa científica	151
4.8 Entrevistas na íntegra.....	159
4.9 Gabriela: do desejo de ascensão social ao desejo de transformação social.....	200
4.10 Entrevistas na íntegra.....	206
5. QUEM CONSEGUE CHEGAR LÁ: A DEDICAÇÃO, A FAMÍLIA E O TRABALHO NA VIDA DOS ESTUDANTES	229
6. OS ESTUDANTES, A RELAÇÃO COM O SABER E O SABER ESCOLAR..	238
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	268
8. REFERÊNCIAS.	271
APÊNDICE – Roteiro de Entrevista Semi-estruturado.....	277

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como tema a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação de uma universidade pública. Mas, por que a iniciativa em estudar este tema?

A justificativa tem como pano de fundo a irregularidade estatística que estes casos representam, como têm mostrado os estudos sobre o acesso ao ensino superior em nosso país; e meu envolvimento com este tema remonta à época em que fiz a graduação em Pedagogia. Sendo também uma estudante oriunda das camadas populares, chamava-me a atenção os casos de estudantes que, como eu, haviam ingressado em universidades públicas, contrariando o destino social mais provável de interrupção dos estudos ao final do ensino médio, ou até antes, às vezes. Acumulando alguma bagagem de estudos sobre educação, eu atribuí o fato, no meu caso, à boa qualidade das escolas públicas que havia frequentado. Entretanto, qual não foi a minha surpresa quando, ao retornar como estagiária à minha escola de origem, encontrei um quadro desolador, totalmente diferente do que eu conhecera. As inquietações derivadas dessa experiência levaram-me a questionar o papel da escola no prolongamento das trajetórias escolares de estudantes das camadas populares. Minha orientadora, que já estudava a questão do sucesso e do fracasso escolares há bastante tempo, explicou-me que alguns trabalhos já haviam problematizado essa questão, mas, que até então, a escola não havia aparecido com um papel de destaque. Ciente disso, julguei, todavia, que se fizesse a pesquisa com estudantes de Pedagogia, que possuíam, além de suas vivências escolares, uma reflexão sobre o funcionamento da escola, as políticas educacionais, o papel do professor e todos os processos envolvidos nas relações escolares, obteria um resultado diferente. Contudo, tendo feito minha iniciação científica com essa temática (ALVES; PIOTTO, 2008), novamente, a escola não foi apontada pelas estudantes como grande colaboradora para o seu ingresso na universidade, o que consideramos estar relacionado à má qualidade das escolas por elas frequentadas, como também analisamos em artigo publicado posteriormente. (PIOTTO; ALVES, 2011)

Após a conclusão da graduação, continuei em grupos de estudo sobre o tema, com minha orientadora, e atuei também como auxiliar de pesquisa no estudo que ela desenvolveu acerca do Programa de Inclusão Social da USP – Inlusp, no qual ela analisou a experiência de estudantes dos seis cursos mais concorridos e dos seis cursos menos concorridos do *campus* de Ribeirão Preto e também dois *campi* de São Paulo, que haviam ingressado na universidade por meio desse programa.

Nas trajetórias analisadas em todos estes estudos, nos parecia existir um aspecto

subjacente nos relatos dos estudantes, que apontava para a existência de um gosto pelos estudos e um grande desejo de aprender. Teria sido esse apreço pelo conhecimento um fator que pudesse ter contribuído para a construção dessas trajetórias escolares?

E foi desta forma que, ao conhecermos a noção de relação com o saber de Bernard Charlot, vislumbramos uma possibilidade de lançar luz sobre essa questão. Novamente, a inquietação atingia-me de forma bastante pessoal, tendo em vista que o desejo de aprender e o encanto pelo conhecimento sempre haviam sido uma constante em minha trajetória. Dessa forma, decidimos empreender o presente estudo, com o objetivo de conhecer a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação de uma universidade pública.

O trabalho está dividido da seguinte forma: o item 1, que é a apresentação do trabalho, seguida pela introdução (item 2), onde falamos sobre o quadro de restrição e as tentativas de democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, apresentamos alguns estudos que tratam do acesso e permanência de estudantes das camadas populares no ensino superior e introduzimos a noção de relação com o saber de Bernard Charlot, apresentando algumas definições por ele adotadas e alguns estudos que se utilizaram dessa noção. No item 3, esclarecemos os caminhos da pesquisa, definindo o objetivo e apresentando a metodologia utilizada para alcançá-lo. Já no item 4, expomos os resultados da pesquisa, apresentando os estudantes entrevistados e suas histórias de vida, disponibilizando também as duas entrevistas realizadas com cada um deles, na íntegra. No item 5, procuramos realizar uma análise dos aspectos em comum encontrados nas trajetórias escolares dos estudantes, tanto entre os participantes de nossa pesquisa quanto em relação a outros estudos já realizados sobre o tema. Dando continuidade, no item 6, fazemos uma retomada da noção de relação com o saber, aprofundando a explanação acerca da pesquisa que lhe deu origem, seu processo de expansão e os debates decorrentes de questionamentos sobre seu valor heurístico. É nesse capítulo também que esclarecemos o enfoque adotado neste trabalho sobre a noção de relação com o saber, propondo o termo relação com saber escolar, e nos dedicamos a conhecer como essa relação se manifestou na trajetória escolar dos estudantes entrevistados, destacando pontos em comum e sugerindo algumas interpretações possíveis à luz de contribuições da teoria histórico-cultural. Concluindo, nas considerações finais, retomamos e sintetizamos o que foi discutido ao longo do trabalho, refletindo sobre o diálogo com outros estudos na área da Educação.

2. INTRODUÇÃO

2.1 A gradual abertura de uma porta que estava trancada

Os baixos índices de oferta de vagas no ensino superior no Brasil revelam como é restrito o acesso a esse nível de ensino. O estudo de José Marcelino de Rezende Pinto (2004), sobre o acesso à Educação Superior no Brasil, aponta que a Taxa de Escolarização Bruta¹ nesse nível de ensino era de 15% em 2000, estando o número de matrículas abaixo de vários países da América Latina, como a Argentina, que possui um percentual de 48%, o Chile, com taxa de 38% e a Bolívia, que conta com 33% de atendimento no ensino superior. O Brasil está abaixo ainda da Colômbia (22%), de Cuba (21%), do Uruguai (34%) e do México (20%). Para o autor, ainda que possamos verificar o aumento da Taxa de Escolarização Bruta na Educação Superior, que em 1960 era de 1%, esse crescimento foi mais forte nas universidades privadas, aumentando 57 vezes o número de matrículas, ao passo que nas universidades públicas o aumento foi de 20 vezes. Pinto afirma que as políticas de expansão da oferta de vagas adotadas pelo governo federal, por meio da privatização, têm se mostrado ineficazes para resolver o problema da democratização do acesso ao ensino superior, já que o resultado dessas medidas foi a proliferação das universidades privadas, que cobram mensalidades onerosas, o que exclui, de início, grande parte dos estudantes concluintes do Ensino médio da possibilidade de realizar um curso superior. Nelson Amaral (2016) nos informa que, onze anos depois, segundo o Censo da Educação Superior relativo ao ano de 2011, essa porcentagem havia subido para 28,2%. Como se pode ver, houve um aumento de 11,7 %. Por outro lado, neste mesmo ano, a taxa de escolarização líquida, razão entre os alunos que estão matriculados e que estão na idade correta e o número total de estudantes matriculados, estava em 14,3%. Segundo Amaral (2016), de acordo com classificação internacional, a educação superior no Brasil ainda é considerada elitista, por possuir uma taxa líquida inferior a 15%. Visando a enfrentar esse problema, vários esforços foram empreendidos pelo governo federal na expansão do ensino superior em nosso país na última década. Tais esforços se materializaram na adoção de algumas políticas implementadas em diferentes frentes. Em uma análise realizada por Mancebo et al. (2015) os autores apontam as principais tendências que podem ser observadas neste campo, dentre as quais são citados: o

¹ Taxa de Escolarização Bruta: razão entre o total de matrículas na Educação Superior e a população na faixa etária considerada adequada (entre 18 e 24 anos).

progressivo quadro de privatização, o qual se apresenta não somente sob a forma do crescimento das instituições de ensino privadas como também sob a forma da mercantilização das instituições públicas, a expansão dos sistemas de ensino a distância e ainda, o apoio do governo federal ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Os dados apresentados no trabalho mostram um crescimento de 134,58% no total de matrículas na rede pública, ao passo que, na rede privada, esse aumento foi de 347%. Cabe lembrar que o referido aumento na rede pública, se deu majoritariamente nas universidades federais, por meio do REUNI.

No que se refere à expansão das instituições privadas, o estudo destaca o incentivo proporcionado pelo governo – municipal, estadual e federal – através de isenções de impostos e financiamentos estudantis, como é o caso do Fundo de Financiamento Estudantil – FIES – e do Programa Universidade para Todos - PROUNI. O FIES, programa do Ministério da Educação (MEC), destina-se a financiar estudantes de cursos de graduação matriculados em instituições privadas. A adesão ao programa pressupõe o atendimento a uma série de exigências, dentre as quais a indicação de um fiador, que deverá pagar o empréstimo realizado, caso o estudante não consiga fazê-lo. Após a conclusão do curso e a inserção no mercado de trabalho, que deve acontecer no prazo máximo de 18 meses, os estudantes devem fazer a devolução aos cofres públicos do financiamento recebido, com uma taxa de juros de 6,5% ao ano. Já o PROUNI, programa do governo federal em que as universidades privadas, em troca de isenções fiscais, disponibilizam bolsas de estudos integrais e parciais (50%) a alunos que comprovem a insuficiência de recursos financeiros e que tenham tido um bom desempenho no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio - tem sido alvo de críticas por parte de alguns estudiosos da educação. Em um dos estudos a respeito desse programa, Catani, Hey e Gilioli (2006) analisaram a trajetória do PROUNI desde a primeira proposta apresentada, passando pela lei que o sancionou e chegando ao desenvolvimento do programa. Procurando discutir em que medida o referido programa pode ser um instrumento de democratização do acesso ao ensino superior ou apenas um incentivo à expansão das instituições de ensino superior privadas, o trabalho demonstra que, durante essa trajetória, as instituições de ensino superior privadas fizeram uma série de exigências, a maioria delas aceita pelo governo, que terminaram por diminuir os benefícios e a amplitude desse programa. A título de exemplo, podemos citar que a exigência de serem destinadas, pelas universidades privadas, 20% de bolsas integrais, caiu para pouco mais de 8%.

Além disso, de acordo com os autores, o PROUNI “traz uma noção falsa de democratização, pois legitima a distinção dos estudantes por camada social de acordo com o

acesso aos diferentes tipos de instituições (prioridade para a inserção precária dos pobres no espaço privado), ou seja, contribui para a manutenção da estratificação social existente” (CATANI, HEY E GILIOLI, 2006, p. 136). Outra conclusão dos autores é a de que o PROUNI possibilita o acesso dos estudantes pobres à educação superior, mas não a sua permanência, como também destaca Cristina Carvalho (2006). Essa autora analisa as condições de acesso dos estudantes pobres ao ensino superior e questiona o programa como política pública de democratização, concordando com Catani, Hey e Gilioli (2006) no que diz respeito ao fato de o PROUNI ter significado mais um estímulo à expansão das redes privadas do que propriamente uma alternativa eficaz para resolver o problema da restrição do acesso ao ensino superior. Em outro trabalho, em que aborda a política pública de expansão para a educação superior entre 1995 e 2010, Carvalho (2015) conclui que o grande entrave para a democratização do acesso a esse nível de ensino é a falta de vagas em universidades públicas e gratuitas, uma vez que muitos estudantes oriundos das camadas populares, para que consigam dar continuidade ao curso, necessitam de uma política de assistência que, até o momento, somente a universidade pública pode oferecer. “Os gargalos para o segmento particular são as elevadas taxas de inadimplência e evasão, associadas ao sistema de crédito educativo insuficiente e inadequado” (p. 60).

Em relação à expansão do sistema de ensino a distância, Mancebo et al. (2015) salientam que, embora sob o discurso da democratização do acesso para uma parcela da população historicamente excluída da educação, o aumento vertiginoso e indiscriminado dos cursos na modalidade EAD redundam em diversos problemas para a formação dos estudantes, assim como dos docentes que aí trabalham. Os autores chamam a atenção para a ausência de infraestrutura adequada, sem o acesso a laboratórios e bibliotecas, por exemplo. Aliado a isso, a fragmentação do trabalho docente, com a divisão de tarefas entre professores conteudistas, coordenadores e tutores faz com que a autonomia no trabalho docente seja extremamente diminuída. Por fim, os pesquisadores afirmam que o uso das tecnologias de informação e comunicação – TIC – ancorado na crença de um poder quase milagroso de resolução dos mais diversos problemas, em vez de fortalecer as instituições universitárias, promove um modelo de substituição tecnológica.

Finalmente, no que tange ao aumento do número de vagas em universidades públicas, realizado, sobretudo, nas instituições de ensino federais, por meio do programa REUNI, são feitas importantes considerações sobre a eficácia desse programa, que aumenta o número de estudantes em cada sala de aula de graduação, flexibiliza currículos, cria cursos de curta duração, recorre ao sistema de EAD, entre outras medidas. Baseados em um estudo feito em

quatro universidades, Mancebo et al. (2015) aventam a possibilidade de que essa tentativa de democratização do acesso ao ensino superior público teve como consequências:

- 1) O mais-trabalho do professor, visto que a explosão do número de vagas discentes nas universidades federais tem ocorrido sem a correspondente ampliação das vagas docentes.
- 2) O *aligeiramento* do ensino, particularmente pela flexibilização dos currículos e uso do EaD, intensificando-se assim, o processo de certificação em larga escala. (p. 39)

Destarte, os estudiosos concluem que o programa promove o aumento do número de vagas e a certificação em massa, porém, em detrimento da qualidade dos cursos.

Por conseguinte, fica evidenciado que a expansão do acesso ao ensino superior não significa necessariamente a democratização do acesso a esse nível de ensino. Ao analisar as características sociais dos estudantes que ingressaram em quatro universidades paulistas – USP (Universidade de São Paulo), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e UFABC (Universidade Federal do ABC), no ano de 2012, Ana Maria Almeida e Maurício Érnica (2015) constataram o aumento de estudantes provenientes de famílias de baixa renda. Entretanto, os resultados deste estudo mostraram também que a relativa inclusão desses estudantes ocorreu simultaneamente à manutenção do padrão de segmentação tradicional no ensino superior brasileiro, de modo que os cursos de maior prestígio social se mantiveram relativamente fechados aos grupos sociais menos privilegiados. Desta forma, não obstante às novidades implementadas, seja no que diz respeito às ações afirmativas ou à organização do ensino, as universidades examinadas conservam-se como espaços de reprodução social de frações da elite paulista e nacional.

Os resultados encontrados por Graziela Perosa e Taline Costa (2015), ao examinar o caso específico da expansão da UNIFESP, corroboram as considerações apontadas pelo estudo supracitado. Neste artigo, as autoras observam que o conjunto das políticas públicas implementadas no Brasil na última década gerou uma democratização de tipo segregativo, em que as carreiras populares se abriram mais rapidamente que as carreiras mais seletivas. As autoras consideram que a expansão do ensino superior foi acompanhada pela transposição das desigualdades entre as classes sociais para o interior das universidades. No caso da UNIFESP, por exemplo, foi constatado que o aumento do ingresso dos jovens pobres se deu prioritariamente nas carreiras de humanidades. A baixa participação desses estudantes nos cursos mais prestigiados, como Medicina e Economia, evidencia como essas carreiras se mantêm preservadas para os estudantes que se aproximam dos “herdeiros” descritos por Bourdieu e Passeron (2014). Recorrendo ainda à expressão “Os excluídos do interior”, que

intitula o artigo de Bourdieu e Champagne (1999), as pesquisadoras se referem aos processos de hierarquização que podem ocorrer na expansão dos sistemas de ensino. Neste artigo, analisando o processo de expansão do ensino francês ocorrido na década de 1950, Bourdieu e Champagne afirmam que “A Escola exclui, como sempre, mas ela exclui agora de forma continuada, a todos os níveis de curso, e mantém no próprio âmago aqueles que ela exclui, marginalizando-os nas ramificações mais ou menos desvalorizadas.” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 1999, p. 485). Assim, o sistema democratiza-se na forma, mas mantém-se excludente de fato.

Sendo assim, ainda que possamos verificar o aumento da taxa de escolarização bruta no ensino superior, as políticas de expansão da oferta de vagas adotadas pelo governo federal têm se mostrado ineficazes para resolver o problema da democratização do acesso a esse nível de ensino. Desta forma, muito embora tenha ocorrido expansão do número de vagas, o acesso ao ensino superior ainda caracteriza-se pela restrição. Em se tratando de universidades públicas, tal restrição é ainda mais flagrante. Vale lembrar, ademais, que esse aumento no número de vagas no ensino superior público aconteceu mais intensamente nas universidades federais, sendo mais tímido nas universidades estaduais.

A esse respeito, o levantamento produzido pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa – GEMAA (FEREZ; DAFLON; BARBABELA, 2013) apresenta resultados do acompanhamento das políticas referentes ao ano de 2013, nas universidades públicas estaduais. Por não estarem submetidas a uma regulamentação que especifique critérios para a aplicação das políticas de ação afirmativa, não há uniformidade entre as universidades estaduais quanto às políticas praticadas. Uma distinção fundamental a ser feita diz respeito à utilização de bônus ou cotas, uma vez que o relatório aponta que a concessão de bônus demonstrou um impacto pouco significativo e desigualmente distribuído nas universidades que adotam esse modelo. Outro dado que merece destaque é a resistência observada entre as universidades mais renomadas em adotar ações afirmativas e a relação inversamente proporcional entre a qualidade do ensino e o índice de inclusão. De acordo com o levantamento, essa relação negativa tem algumas explicações possíveis e, dentre elas, está o fato de que as universidades com maior qualidade são justamente as mais prestigiosas e mais bem colocadas nos rankings de qualidade nacionais e internacionais. As universidades estaduais, sobretudo as paulistas, temendo perder sua posição e livres da regulação da Lei das Cotas (Lei nº 12.711/2012) - que determinou que as universidades federais calculassem o número de vagas a serem reservadas para pretos, pardos e indígenas de acordo com sua proporção no estado -, essas universidades evitam implementar políticas verdadeiramente

inclusivas e optam por apegar-se a manutenção do *status quo*. Apenas a título de exemplo, do total de alunos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, somente 0,67% ingressou na Universidade de São Paulo no ano de 2007 (SÃO PAULO..., 2008). Já entre os inscritos no vestibular da FUVEST – Fundação para o Vestibular –, no ano de 2006, apenas 26,7% dos aprovados haviam cursado todo o ensino médio em escolas públicas.

Não obstante, muitos estudantes das camadas populares conseguem romper com o destino mais provável de interromper os estudos ao concluir o ensino médio e ingressam em universidades públicas. Alguns deles, inclusive, prolongam suas trajetórias escolares para além da graduação, como são os casos de que trataremos aqui.

2.2 Os estudantes que entram pelas frestas

Estudos que procuram compreender quais fatores possibilitam a estudantes das camadas populares prolongarem suas trajetórias escolares, bem como a questão da permanência desses jovens no ensino superior, começaram a surgir no Brasil a partir da década de 1990. Dentre estes, podemos citar os trabalhos de Ecio Portes (1993; 2001), Maria José B. Viana (1998), Jailson Silva (1999), Maira Barbosa (2004), Wilson Almeida (2006), Nadir Zago (2006), João Vicente Souza (2009a), Maria do Socorro Souza (2009b), que trazem importantes considerações acerca de trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares, bem como lançam questões a serem analisadas, apontando a necessidade de novos estudos.

Sem pretender realizar uma revisão exaustiva dos trabalhos que já trataram do tema, descreveremos brevemente a seguir algumas destas pesquisas.

Em sua dissertação, Portes (1993) estudou as trajetórias escolares atípicas de trinta e sete estudantes de meios populares que haviam ingressado em vários cursos da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. O pesquisador destaca a importância das práticas educativas familiares bem como o trabalho realizado pelos próprios estudantes em sua escolarização. Aprofundando seus estudos sobre o tema, em sua tese defendida no ano de 2001, Portes enfoca o ingresso e a permanência de seis estudantes das camadas populares em cursos altamente seletivos da UFMG. O autor considera que, embora tenha aumentado o acesso de estudantes pobres ao ensino superior público, pouco se avançou no que diz respeito às carreiras mais concorridas, o que denota a excepcionalidade das trajetórias em questão. Neste trabalho, o autor procura compreender, dentre outras questões, a contribuição do trabalho escolar realizado pelas famílias destes alunos em seu intuito de ingressar em

cursos mais valorizados socialmente. Em um artigo em que aborda um aspecto dos dados encontrados na pesquisa realizada em seu doutorado, ao observar as formas que assume o investimento escolar das famílias dos meios populares na escolarização dos filhos, Portes (2000) encontra um conjunto de atitudes a que denomina trabalho escolar das famílias populares. O autor observa que este trabalho escolar só ganha visibilidade em um conjunto de circunstâncias atuantes, quais sejam: a presença de ordem moral doméstica, que se evidencia por um esforço contínuo para propiciar uma educação para a vida; a atenção para com o trabalho escolar do filho, manifestada através do acompanhamento constante de tudo que envolve o seu mundo escolar; o esforço para compreender e apoiar o filho, com a atuação afetiva da família para que ele supere a difícil fase de adaptação à universidade e siga adiante e, finalmente, a busca de ajuda material.

Em seus estudos para fins de doutoramento, Viana (1998) entrevistou cinco estudantes universitários e dois pós-graduandos provindos de famílias de baixa renda e com baixos níveis de escolarização, tendo como objetivo geral descrever as diferentes configurações familiares que contribuem para explicar a sobrevivência de alguns sujeitos das camadas populares no interior do sistema de ensino. Analisando as trajetórias completas dos entrevistados, a autora afirma que a configuração destas trajetórias é resultado do entrelaçamento interdependente dos seguintes parâmetros de análise: 1) Os significados da escola e do acesso a Universidade, para pais e filhos, 2) As disposições e condutas temporais dos filhos, 3) Os processos familiares de mobilização escolar, 4) Influências de outros grupos de referência, 5) Práticas socializadoras familiares. Assim como Portes (2000), Viana também procurou observar em seus estudos a questão do investimento escolar. De fato, o investimento escolar, entendido como um conjunto de estratégias sistematizadas e um acompanhamento minucioso das atividades escolares – típico das camadas médias – é pouco encontrado nas camadas populares. Segundo a autora, o que existem são “formas peculiares de envolvimento das famílias populares na escolarização dos filhos, facilitadoras de sobrevivência escolar nesses meios.” (VIANA, 2000, p. 54).

Para Silva (1999), um dos fatores que ajudam a explicar o alcance de níveis superiores de escolarização nos meios populares está relacionado ao que o autor chama de “inteligência institucional”. Em seu estudo, no qual analisa a trajetória escolar de onze universitários da Comunidade da Maré, um complexo de favelas na cidade do Rio de Janeiro, o autor destacou a forma com que esses estudantes se colocavam em relação à escola, demonstrando uma capacidade para compreender e jogar de acordo com as regras do campo escolar. Para o autor, essa inteligência institucional se revela, entre outras coisas, no que ele

denomina “boa vontade cultural”, que é assimilar, mesmo que com pouca compreensão, alguns conteúdos escolares por considerá-los importantes para o futuro. Além disso, embora considerassem alguns desses conteúdos irrelevantes para sua vida, os alunos esforçavam-se para ter um bom desempenho escolar. E finalmente, esses estudantes evitavam opor-se frontalmente aos professores, demonstrando o que o autor caracterizou como “conformismo estratégico”.

Partindo das contribuições dos estudos já realizados até então, Piotto (2007) empreendeu uma pesquisa cujo objetivo foi analisar a trajetória escolar e a experiência universitária de estudantes de cursos superiores de alta seletividade provenientes das camadas populares, bem como discutir os sentidos, atribuídos por eles próprios, do ingresso e da permanência no ensino superior público. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade, que versaram sobre a vida escolar dos estudantes, com cinco alunos dos cursos mais concorridos de um dos *campi* da Universidade de São Paulo localizado no interior do estado. Os relatos dos estudantes permitem compreender que, se por um lado, suas trajetórias são marcadas por esforço, solidão e situações de desenraizamento e humilhação, por outro, a entrada na universidade pública traz possibilidades que transformam inteiramente suas perspectivas de vida, não sendo o sofrimento a tônica de seus discursos.

No estudo que realizamos com duas estudantes das camadas populares que cursavam Pedagogia em uma universidade pública (PIOTTO; ALVES, 2011), tínhamos o objetivo de discutir como as estudantes viam a participação da escola em suas trajetórias. Dentre os resultados obtidos, observamos a inexistência de um projeto de escolarização a longo prazo, de forma que a construção de uma escolaridade prolongada na vida das estudantes entrevistadas foi realizada de forma gradativa, por meio do aproveitamento de oportunidades surgidas quase ao acaso. Apesar de não terem atribuído importância diferenciada ao papel da escola em suas trajetórias prolongadas de escolarização, as estudantes apontaram contribuições dessa instituição como, por exemplo, o aprendizado da leitura e da escrita, que lhes possibilitaram desenvolver certo autodidatismo na busca do conhecimento que a escola, por vezes, não proporcionava. Além disso, alguns professores destacaram-se como figuras emblemáticas do comprometimento com o trabalho docente. A conciliação entre trabalho e estudo também foi uma característica constante nas trajetórias dessas duas estudantes. Ademais, as entrevistadas demonstraram um olhar bastante crítico acerca do funcionamento da escola, como retomaremos mais adiante.

Os estudos cujos resultados descrevemos anteriormente, juntamente com os outros, que apenas citamos como referência da pesquisa nessa área, traçam um panorama que nos

ajuda a compreender as condições que possibilitaram a longevidade escolar de alguns estudantes das camadas populares. Em que pese a heterogeneidade dos caminhos trilhados por estes jovens, os estudos indicam que o prolongamento das trajetórias escolares dos estudantes desses meios acontece de múltiplas formas, em uma intrincada relação que envolve as práticas educativas familiares, a relação entre a família e a escola, a relação entre o estudante e a escola bem como entre o estudante e os professores, dentre outros fatores.

1.3 Estudantes das Camadas Populares e sua Relação com o Saber

Tentando compreender as razões do sucesso e do fracasso escolares, o sociólogo francês Bernard Charlot, juntamente com a equipe ESCOL – Éducation et scolarisation (Educação e Escolarização) –, que atualmente faz parte do CIRCEFT – Centre Interdisciplinaire de Recherche, Culture, Education, Formation, Travail (Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Cultura, Educação, Formação e Trabalho) –, realizou investigações sobre as relações e os sentidos que os alunos estabelecem com a escola e com o saber. Essas pesquisas partem da relação existente entre a origem social e sucesso ou fracasso escolar, apontada nos estudos realizados, sobretudo, por Pierre Bourdieu. Charlot tece críticas à teoria de Bourdieu, afirmando que o sentido atribuído pelo estudante à sua escolarização não pode ser diretamente deduzido da sua origem social. Embora admita que ocupar determinada posição social seja um condicionante das oportunidades de acesso a certos recursos e experiências sociais, Charlot (2000) não acredita que esses fatores sejam determinantes para o sucesso ou o fracasso escolar do indivíduo. Para ele, essa visão não leva em consideração as especificidades e singularidades das práticas de ensino nas salas de aula e as políticas específicas dos estabelecimentos escolares, aspectos que podem ter um efeito diferenciador na reprodução das desigualdades sociais na escola. O estudante terá sucesso se aprender e ele só irá aprender se o que for ensinado fizer sentido para ele. As experiências individuais e o significado que o estudante atribui aos seus estudos seriam, para Charlot, mais relevantes do que as condições sociais em que vive. Em um livro em que são apresentados resultados de uma pesquisa feita com estudantes da periferia de Paris pela equipe da qual Charlot fazia parte, os pesquisadores afirmam:

O indivíduo não é nem a simples encarnação de um grupo social, nem a simples resultante de ‘influências’ do ambiente. Ele é singular, ou seja, síntese humana singular construída em uma história. Essa singularidade não é inteligível se não a pensamos por referência ao

mundo no qual ela se constitui, mundo que é compartilhado com outros indivíduos e estruturado por relações sociais. Mas essa singularidade se constrói numa lógica específica, aquela da identidade pessoal, aquela da subjetividade, lógica irreduzível a um “reflexo”, ou mesmo à interiorização das condições sociais. (CHARLOT, BAUTIER; ROCHEX, 2000, p.19)²

A crítica de Charlot insere-se em um quadro, que inclui outros pesquisadores, de debate em torno da obra de Bourdieu, a qual ao longo do tempo tem repercutido de forma variada. Em um livro no qual apresentam de forma sintética e rigorosa as contribuições deste sociólogo francês para o campo da educação, Maria Alice Nogueira e Cláudio Marques Martins Nogueira (2009) discutem duas das temáticas consideradas mais polêmicas acerca da obra do autor: a relação entre estrutura social e ação individual e a relação da escola e dos sistemas de ensino com a estrutura de dominação social.

No que diz respeito à primeira questão, as críticas são de que Bourdieu assume uma visão determinista, na qual o comportamento dos atores sociais pode ser diretamente deduzido de sua origem social. Entre os partidários desta análise, estão, por exemplo, Jeffrey Alexander (2000), Bernard Lahire (1999) e o próprio Charlot, cuja crítica já expusemos anteriormente. Vejamos, então, sinteticamente, o que nos dizem cada um dos outros autores.

A crítica de Alexander (2000 *apud* NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009) se dirige especificamente ao conceito de *habitus*. Como explicado por Nogueira e Nogueira (2009, p.88) “O *habitus* funcionaria, portanto, como instância intermediária entre as condições objetivas e as ações individuais. Por meio dele, seria possível afirmar que os indivíduos não são direta e completamente determinados nem pelo seu passado, nem pelo seu presente” Todavia, na interpretação de Alexander, esse conceito,

aparentemente concebido para resgatar a subjetividade, seria, na verdade, o guardião de uma forma de determinismo ainda mais profunda. De acordo com Alexander, esse conceito revela uma concepção reducionista da subjetividade humana segundo a qual essa seria basicamente, um reflexo das condições objetivas de existência do indivíduo ou – nos termos do próprio Bourdieu – seria a “estrutura social incorporada” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 88)

Já para Lahire, o equívoco na utilização do conceito de *habitus* seria considerar o *habitus* individual como uma simples variação do *habitus* coletivo.

Na verdade, o *habitus* coletivo seria uma abstração que reúne determinadas disposições comuns a indivíduos situados em determinada posição social. Mas cada indivíduo concreto estaria situado, simultaneamente, em cada momento ao longo de sua história, num conjunto diversificado de posições

² Tradução livre do original em francês

sociais. O *habitus*, ou o quadro de disposições que orientam um indivíduo não poderia, assim, ser derivado da sua participação em apenas uma esfera da vida social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 93)

Embora faça essa crítica, Lahire não invalida a perspectiva bourdieusiana, mas acredita que ela deva ser adaptada à escala individual. Em sua pesquisa de 1997, feita com 26 crianças e suas famílias, na qual o autor procurou conhecer as “razões do improvável” bom rendimento escolar de algumas dessas crianças, ele observou que mesmo com capital cultural equivalente, dois contextos familiares podem produzir situações escolares muito diferentes: fracassos previsíveis, fracassos improváveis e sucessos brilhantes, a depender, em sua visão, de configurações familiares singulares. Retomaremos oportunamente alguns resultados dessa pesquisa.

No que tange à relação da escola com as estruturas de dominação social, outro aspecto bastante criticado na obra de Bourdieu, as críticas se voltam, de um lado, à visão da escola como uma instituição totalmente subordinada aos interesses das classes dominantes e, de outro, à desconsideração da diversidade interna dos sistemas de ensino. No que diz respeito à primeira problemática, Nogueira e Nogueira (2009) sintetizam a justificativa de um conjunto de autores: “o conteúdo do ensino não pode ser globalmente definido como sendo um arbitrário cultural dominante”. Georges Snyders está entre esses autores e, em publicação de 1976 (*apud* NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009) explicita sua oposição, afirmando que “boa parte dos conhecimentos veiculados pela escola seriam epistemologicamente válidos e merecedores de ser transmitidos”. (SNYDERS *apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009, p. 96).

A segunda questão é alvo das críticas de Perrenoud quando este, em suas considerações, salienta que “as escolas e os professores não são partes indiferenciadas de um sistema coerentemente voltado para a reprodução e legitimação das desigualdades sociais. O modo como cada estabelecimento se estrutura e a forma como cada professor atua em sala de aula podem reforçar ou amenizar o processo de reprodução das desigualdades”. (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009, p. 97).

Sobre essa crítica, porém, podemos resgatar a própria fala de Bourdieu (2003) a esse respeito, quando, ao falar sobre a questão do acesso aos bens culturais, o autor aborda o que a escola poderia fazer para ter uma posição diferente:

A Escola (...) poderia compensar (pelo menos, parcialmente) a desvantagem inicial daqueles que, em seu meio familiar, não encontram a incitação à prática cultural, nem a familiaridade com as obras, pressuposta por todo discurso pedagógico sobre as obras, com a

condição somente de que ela utilize todos os meios disponíveis para quebrar o encantamento circular de processos cumulativos ao qual está condenada qualquer ação de educação cultural (BOURDIEU, 2003, p. 108).

Assim sendo, embora Bourdieu aponte a escola como parte desse sistema voltado para a reprodução da desigualdade social, ele admite a possibilidade de rompimento com essa lógica através da adoção de práticas que reconheçam a desvantagem inicial de alunos dos meios populares e ofereçam a esses estudantes o conhecimento e o acesso à cultura legitimada pela sociedade, que eles não tem em casa.

Como nos diz Débora Piotto (2009) acerca da reflexão de Bourdieu anteriormente citada:

Dessa forma, parece-nos possível pensar que, ao mesmo tempo em que a escola é uma das principais instituições que contribui para a manutenção da ordem social, ela também pode ser uma das agências a contribuir para a ruptura do círculo vicioso da reprodução, ainda que apenas em termos microssociais, ou seja, no nível individual. (PIOTTO, 2009, p.56)

Feitas essas observações, ressaltamos, entretanto, que ainda que não seja o objetivo do presente trabalho fazer uma discussão a respeito da obra de Bourdieu, acreditamos ser importante mostrar que a crítica de Charlot faz parte de um debate polêmico em torno da obra do sociólogo. De toda forma, cabe destacar que, críticas à parte, uma das grandes contribuições da teoria de Bourdieu foi romper com a ilusão da escola redentora, planejada para promover a igualdade social, bem como contestar a ideologia do mérito, que responsabiliza o próprio aluno pelo seu fracasso escolar, baseado na suposta ausência do “dom” para os estudos.

Sendo assim, o notório problema da desigualdade social frente à escola, abordado não só por Charlot, mas também em vários outros estudos a esse respeito, alguns aqui já mencionados, fez com que ele e sua equipe, se voltassem para a compreensão de casos de estudantes de meios sociais menos favorecidos que alcançam êxito escolar paradoxal, lembrando de casos de alunos provenientes de meios mais abastados que, inversamente, fracassam na escola. Para eles, “trata-se de compreender como se constrói uma relação com o saber que, ao mesmo tempo, tenha a marca da origem social e não seja determinada por essa origem”. (CHARLOT, 2001, p. 16).

Em busca dessa compreensão, foi desenvolvida a noção de relação com o saber. Em 1982, Charlot a definiu pela primeira vez como “(...) conjunto de imagens, de expectativas e de juízos que concernem ao mesmo tempo ao sentido e à função social do saber e da escola,

à disciplina ensinada, à situação de aprendizado e a nós mesmos.” (CHARLOT, 2000, p. 80).

Desde então, com a expansão e diversificação dos estudos, essa definição foi reelaborada, como explicitada por Bernard Charlot em artigo publicado pela primeira vez em 1992 e traduzido e publicado no Brasil em 1996. No referido texto, o autor afirma que “a relação com o saber é uma relação de sentido e, portanto de valor, entre um indivíduo (ou um grupo) e os processos ou produtos do saber”. (CHARLOT, 1996 p. 49)

Já em 2000, este autor definia esta noção da seguinte forma: “A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. [...] é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com o aprender e o saber.” (CHARLOT, 2000, p.80)

As pesquisas realizadas em torno da questão da relação com o saber pela antiga equipe ESCOL – que atualmente faz parte do CIRCEFT, como já mencionado, inspiraram a realização de alguns estudos no Brasil que se fundamentaram nesta noção.

Em um artigo que tem como base a pesquisa realizada em seu doutorado, Rosemeire Reis (2012) destaca a importância do trabalho educacional a ser realizado pela escola. Tendo como objetivo investigar as relações de estudantes do ensino médio de uma escola pública da cidade de São Paulo com os saberes propiciados pela instituição escolar, o estudo utilizou como instrumentos de pesquisa as entrevistas, questionários sobre o clima escolar, discussões com grupos de jovens, observações em sala de aula e inventários de saber. O inventário de saber é uma ferramenta elaborada por Bernard Charlot e sua equipe de trabalho, no qual os estudantes escrevem um texto tendo como base uma frase previamente apresentada: “aprendi coisas em casa, no bairro, na escola e em outros lugares. O que para mim é importante em tudo isso? E agora, o que espero?” (CHARLOT, 1996, p. 51). Dentre as aprendizagens mencionadas pelos estudantes, as mais valorizadas foram as relacionais e afetivas (40,7%), em detrimento das aprendizagens intelectuais e escolares (27,3%). Resultados semelhantes foram encontrados por Charlot (1999 *apud* REIS, 2012) em sua pesquisa com estudantes de meios populares do ensino profissional na França. Mas, por que as aprendizagens especificamente escolares teriam sido tão pouco lembradas pelos estudantes? Ao refletir sobre essa questão, a autora faz uma ponderação sobre o tipo de vivência escolar desses estudantes, salientando que o processo de construção da relação com o saber está diretamente relacionado aos desafios com os quais os alunos se confrontam, ao seu contato com os diferentes tipos de saberes e à qualidade da mediação realizada por outros sujeitos, notadamente os professores. E acrescenta:

A fim de que os saberes escolares sejam alvo de um investimento do jovem, é necessário que eles tenham ressonância nas próprias questões que os sujeitos estão tentando compreender [...] O diálogo entre saberes escolares e não escolares não ocorre naturalmente. Há a necessidade de viabilizar encontros que permitam que os jovens entrem em um processo de apropriação e reconfiguração de seus saberes anteriores. (REIS, 2012, p. 250).

Outro estudo que teve como base a noção de relação com o saber de Bernard Charlot foi realizada por Maria Gabriela Bicalho e Maria Celeste Souza (2014), no qual as autoras buscaram compreender a relação com o saber de estudantes universitários que cursavam o penúltimo período da graduação em uma universidade privada comunitária em Minas Gerais. Assim como na pesquisa mencionada anteriormente, o instrumento utilizado foi o inventário de saber, já transcrito aqui, porém, com um acréscimo, a expressão “na universidade” a fim de torná-lo mais adequado ao objetivo da pesquisa. Dentre as aprendizagens elencadas pelos estudantes, as intelectuais/escolares representaram apenas 14,3% intelectuais/escolares, prevalecendo as relacionadas ao desenvolvimento pessoal (50,9%) e as relacionais/afetivas (16,6%), um resultado semelhante ao encontrado tanto por Reis (2012) quanto por Charlot (1999 *apud* Reis, 2012). As autoras afirmam que a relação com o saber envolve várias formas de aprender que modificam conforme a situação, os espaços apresentados e pelas circunstâncias nas quais ocorre a aprendizagem. Sendo assim, o que as respostas destes estudantes teriam a dizer sobre os processos de ensinar e aprender no ensino superior? Para refletir sobre essa questão, as autoras recorrem a Bernard Charlot:

Para ele, a entrada na universidade está diretamente ligada à compreensão e aquisição da lógica do saber universitário, o que exige operar com os saberes de forma descontextualizada e a resignificação das experiências de vida e trabalho em outros sistemas de saberes. Portanto, o estar na universidade deveria desencadear outras relações com o saber. É essa constatação que tem nos levado a indagar sobre o sentido do conhecimento escolar e do papel da universidade na relação estabelecida com o saber por esses/essas estudantes, os significados da universidade em suas vidas, em que medida o estar na universidade propicia aprendizagens intelectuais e as coloca na condição de aprendizagens significativas. (CHARLOT, 1997 *apud* BICALHO; SOUZA, 2014, p. 634)

Destarte, Bicalho e Souza (2014) concluem que “aprender a viver”, para esses estudantes, parece ser mais importante, e a universidade é um dos locais onde se dá essa aprendizagem, não apenas pelos conteúdos em si, mas também pela vivência e a preparação para o mercado que envolve a individualidade, conquistas pessoais, valores etc. As autoras afirmam ainda que a aparente pouca relevância dada pelos estudantes à formação científica e

profissional pode indicar a necessidade do desenvolvimento de processos de aprender que sejam capazes de construir relações mais fortes com o conhecimento acadêmico, de forma que os cursos de graduação sejam verdadeiramente espaços de circulação, aquisição e produção de saber.

A noção de relação com o saber gradativamente ganhou espaço no campo da pesquisa acadêmica, não só na área da educação escolar propriamente dita, como também nas mais diversas áreas disciplinares. Por conseguinte, podemos encontrar na produção científica muitas iniciativas que tentam abordar, desde diferentes disciplinas, alguns problemas da transmissão de saberes e de sua apropriação, usando o poder heurístico da noção de relação com o saber. A título de exemplo, citamos aqui alguns dos artigos e as temáticas por eles abordadas. Em um destes artigos, Maria Celeste Souza (2017) apresenta resultados de um estudo cujo objetivo é compreender as relações que os(as) estudantes dos últimos anos do ensino fundamental estabelecem com o saber e com a escola, no contexto da Escola em Tempo Integral. Também abordando a escola, mas do prisma do professor, Maria Amélia Franco (2016) tem como tema as relações do docente-bacharel do ensino superior com o saber didático-pedagógico. E no campo de uma disciplina específica, Guilherme Trópia (2015) trata da relação epistêmica com o saber de alunos no ensino de Biologia por atividades investigativas. Nesse mesmo sentido, podemos citar também Carla Cristina Pompeu (2013) que fala sobre as relações entre o sujeito e o conhecimento matemático nas aulas desta disciplina. Outro exemplo é o estudo realizado por Elaine Freitas et al (2012) que discorre sobre a relação com o saber de estudantes de cursos superiores na área de informática. Também tendo como base a relação com o saber, Alberto Klein et al (2010) fazem uma análise sobre os sentidos que as pessoas constroem acerca da observação astronômica. Como último exemplo, Matheus Verona et al (2008) analisam os elementos considerados determinantes, por biólogos e graduandos em Ciências Biológicas, na escolha de seu curso de graduação. Estes artigos foram citados com o intuito de exemplificar a diversidade de temas que são tratados utilizando-se da noção de relação com o saber. Vale ressaltar que sequer mencionamos os livros, os capítulos de livros, as dissertações, as teses, as comunicações em eventos e etc, que completam o grande volume de trabalhos que se utilizam da noção de relação com o saber e ilustram a popularidade que esta noção alcançou.

Embora reconheça a importância da noção de relação com o saber para compreensão dos processos de sucesso e fracasso escolares, o psicólogo francês Jean-Yves Rochex (2006), que também fazia parte da equipe ESCOL quando tal noção foi proposta, salienta a necessidade de se elaborar conjuntamente fortes concepções de sujeito e de objeto de estudo,

para que este conceito, de fato, tenha valor no sentido de solucionar as questões de caráter singular e social envolvidas nos processos escolares. Avançando na compreensão da noção de relação com o saber, o pesquisador afirma que: “a relação com o saber deve então ser pensada e estudada, numa abordagem relacional, como o produto de uma história e do confronto entre modos de socialização e universo de práticas de natureza necessariamente diferente.” (ROCHEX, 2006, p. 644).

Rochex também tece críticas à definição mais atual de Charlot sobre a relação com o saber, em que a noção é descrita como:

[...] o conjunto (organizado) de relações que um sujeito humano (portanto singular e social) mantém com tudo que provém do “aprender” e do saber: objeto, “conteúdo de pensamento”, atividade, relação interpessoal, lugar, pessoa, situação, ocasião, obrigação etc., de algum modo ligados ao aprender e ao saber. (CHARLOT, 1999 apud ROCHEX, 2006, p.642)

De acordo com Rochex, tal definição relega a segundo plano as condições concretas de escolarização, “nas quais se combinam os processos de produção/reprodução das desigualdades sociais de acesso ao saber e ao êxito escolar”. (ROCHEX, 2006, p. 642). O autor defende necessidade de se priorizar uma reflexão bem mais ampla sobre o que Charlot denomina como as figuras do aprender e os processos que permitem compreender o mundo.

Considerando pertinentes as críticas de Rochex, tomamos aqui como referência a definição de relação com o saber apresentada por Charlot em 1982, quando o autor focaliza o sentido e a função social do saber e da escola, das disciplinas ensinadas e das situações de aprendizado. Acreditamos ser de suma importância as políticas educacionais governamentais e também aquelas próprias de cada estabelecimento, bem como as práticas pedagógicas em sala de aula, que é onde se desenvolvem as histórias escolares de cada estudante.

Compartilhamos também, com Rochex (1992, *apud* CHARLOT, 1996) a necessidade de se considerar a singularidade dessas trajetórias escolares. De acordo com o autor, é um equívoco:

[..] projetar no indivíduo características estabelecidas através de análise de uma categoria socioprofissional, de uma classe social, de um grupo ou através de referência ao “ambiente” ou “meio”. Embora o indivíduo se construa no social, ele se constrói como sujeito, através de uma história, não sendo, assim, a simples encarnação do grupo social ao qual pertence. Assim como ele não é o simples resultado das influências do ambiente, um elemento da situação que a criança vive (uma pessoa, um símbolo, um acontecimento) só irá influenciá-la se fizer sentido para ela, de modo que a influência e o ambiente são relações e não causas. (ROCHEX, 1992 *apud* CHARLOT, 1996, p. 49)

Ao discutir as contribuições destes dois pesquisadores no que diz respeito à relação

com o saber, com o aprender e com a escola, Viana (2003) destaca a centralidade de questões como mobilização, atividade e sentido como dimensões centrais da noção de relação com o saber que estão intrinsecamente ligadas aos significados atribuídos à escola e à escolarização. A autora esclarece que uma das conclusões principais a que esses pesquisadores chegaram é a de que aprender não passa pelos mesmos processos, bem como não tem o mesmo significado para todos. Ainda no tocante à noção de relação com o saber, Viana descreve brevemente a pesquisa realizada por Rochex e que resultou na sua tese de doutorado, na qual o estudioso aprofunda a reflexão sobre o sucesso e o fracasso escolares, apontando tipos de relação com o saber que são facilitadores de aprendizagem escolar. Nesse sentido, a autora sintetiza uma das reflexões que nos propõe o pesquisador:

Se uma parte importante das condições, objetivas e subjetivas, de sucesso e mobilização escolares (ou, ao contrário, aquilo que lhe faz obstáculo) é constituída anterior e exteriormente à experiência escolar, o funcionamento da escola pode contribuir de maneira também importante ao processo de produção dessas condições. (VIANA, 2003, p. 182)

Buscando traçar uma ponte entre a noção da relação com o saber e alguns aspectos dos dados de sua própria pesquisa realizada em 1998, e já referida anteriormente, Viana (2003) considera a importância de atentar para o tipo de relação com o mundo e com o saber o estudante das camadas populares precisa e pode construir com a ajuda da escola, de modo a constituir um diferencial positivo na construção da longevidade escolar nesses meios.

A pesquisa realizada por Piotto (2007), já aqui mencionada, traz alguns exemplos de estudantes que se relacionavam com o conhecimento e com o saber de uma forma diferenciada, valorizando a educação não apenas como um recurso para melhorar suas condições econômicas. Um desses estudantes é Pedro, 22 anos, aluno do curso de Biologia, filho de um pedreiro que cursou até a 4ª série do ensino fundamental e de uma dona de casa, que também trabalhara como costureira e que concluiu o curso técnico em contabilidade. Em seu relato, o entrevistado manifestou seu desejo de, através do estudo, “crescer e aprender mais”. Outro exemplo é Antônio, 23 anos, aluno do curso de Farmácia: filho de um fundidor que estudou até a 3ª série e de uma costureira que concluiu a 4ª série, este estudante refere-se ao ato de se dedicar aos estudos como “evoluir”. Temos ainda Carlos, 33 anos, aluno do curso de Medicina, filho de um motorista de táxi que estudou até a 4ª série e de uma dona de casa que concluiu o ensino fundamental, o qual salienta que, para ele, dentro da universidade, sua motivação para o estudo é o aprendizado e não as notas obtidas. Além disso, os estudantes demonstraram respeito e admiração pelo trabalho do professor, sendo que Marcos e Antônio manifestaram o desejo de também serem professores. Outro fato que

acreditamos merecer destaque é a intenção demonstrada por Marcos e Pedro de prosseguirem na carreira acadêmica, bem como de Antônio, que acabara de concluir a graduação e já cursava o Mestrado.

Em outra pesquisa, Débora Piotto e Letícia Aleixo (2013) analisaram entrevistas realizadas com estudantes que ingressaram na Universidade de São Paulo por meio do Inclusp (Programa de Inclusão Social da USP), destacando casos de estudantes que haviam construído uma relação especial com o saber. Temos, como exemplo, a história de Karina, 27 anos, estudante do curso de Relações Internacionais. Filha de um montador de forro que completou o ensino fundamental e de uma dona de casa que interrompeu os estudos antes da 8ª série, a estudante construiu uma relação especial com o saber durante a educação básica, de valorização do conhecimento, de apreço pelo estudo e pela escola. Tal relação a auxiliou não só a ingressar na universidade, mas também a permanecer nela, já que a grande capacidade de estudo desenvolvida por essa jovem a auxiliou a enfrentar as dificuldades de ordem acadêmico-científicas. Outro exemplo é a história de Regiane, estudante do curso de Ciências da Natureza, 29 anos, ela é filha de um operário em empresa de pavimentação aposentado, que estudou até a 4ª série e de uma dona de casa que concluiu a 7ª série do ensino fundamental. Muito embora ela não tenha tido acesso a uma educação escolar de qualidade, especialmente durante o ensino médio, Regiane nutria grande apreço pelo conhecimento, pela escola e tinha auto-disciplina e capacidade de estudo. Assim como na história de Karina, também na de Regiane já havia uma relação especial com o saber desenvolvida antes do ingresso dessa estudante na universidade. Assim, vimos que nas duas trajetórias escolares descritas, tal relação foi desenvolvida durante a educação básica, e evidenciada mediante posturas de dedicação, valorização e apreço pelo conhecimento, bem como pela presença de grande capacidade de estudo e de certo “autodidatismo” em razão das lacunas deixadas por um ensino de baixa qualidade. Já no caso de Fernando, 27 anos, aluno do curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, filho de um pedreiro aposentado, que estudou até a 4ª série do ensino fundamental e de uma merendeira que recentemente completou o ensino médio, foi observado que a frequência a escolas ruins fez com que o estudante entrevistado se desinteressasse dos estudos durante a educação básica, situação que se transformou quando iniciou seus estudos preparatórios para o vestibular, ocasião em que, em sua concepção, vivenciou aulas ricas e estimulantes que lhe despertaram a descoberta do conhecimento como algo valioso. Em todos os casos, discutem as autoras, a relação diferenciada com o conhecimento previamente existente foi ressignificada, ampliada e intensificada após o ingresso em uma importante universidade

pública, instituição considerada de excelência na produção de conhecimento.

A análise realizada por Piotto e Aleixo (2013) sugere que a relação diferenciada que os estudantes construíram com o saber parece ter contribuído para a construção de trajetórias escolares bem sucedidas, atípicas para o seu meio social. Embora as autoras afirmem não existirem elementos suficientes para analisar como essa relação foi desenvolvida, elas discutem que, no caso dos estudantes entrevistados, as evidências apontam para o fato de que o desenvolvimento de uma relação especial com o saber tenha sido possibilitado pelo acesso a uma educação escolar de qualidade em algum momento das trajetórias analisadas.

No estudo que realizamos (PIOTTO; ALVES, 2011), já citado anteriormente, as estudantes demonstraram, como mencionamos, um olhar bastante crítico acerca do funcionamento da escola. Juliana, 31 anos, professora da educação infantil, filha de um trabalhador rural, analfabeto, sua mãe cursou até a 4ª série e assim como seu pai, trabalhava no corte da cana. Esta estudante tece várias críticas à escola, dentre as quais a postura que Juliana entende como um investimento realizado pelos professores nos alunos que possuem um bom desempenho, em detrimento daqueles que apresentam dificuldades no seu aprendizado. Para ilustrar sua afirmação, ela cita os presentes oferecidos aos bons alunos, a preocupação dos professores em mantê-la sempre nas classes mais adiantadas e o tratamento desigual dispensado aos considerados bons e maus alunos. Para ela, essa dinâmica escolar exerce uma seleção que privilegia àqueles que já têm bons rendimentos escolares, deixando em desvantagem os demais alunos. A formação inadequada de alguns professores também é apontada pela estudante como um fator que agrava a já debilitada qualidade do ensino nas escolas públicas. Alguns desses profissionais, além de não dominarem a área de conhecimento em que se graduaram, muitas vezes ignorando conceitos básicos das disciplinas que ministram, também não lançam mão, em sala de aula, de estratégias de ensino que poderiam motivar os alunos e despertar seu interesse pela matéria. Outra ilustração da visão crítica que a estudante possui em relação à escola é sua reflexão sobre o direito de todos a uma educação de qualidade: Juliana se indigna contra o fato de os pais se virem obrigados a procurar a rede particular de ensino para que os filhos tenham acesso a uma boa educação e coloca como dever e responsabilidade do Estado oferecer uma escola de qualidade. Outrossim, Luciene, nossa outra estudante entrevistada nesta pesquisa, conjuga sua experiência durante a educação básica aos seus estudos de Pedagogia para expor suas concepções acerca da escola. Filha de um vigia aposentado, que realizou seus estudos de modo “informal” em um seminário, estudos que, segundo ele, foram equivalentes ao ensino médio, e de uma dona de casa que estudou até a 3ª série do ensino fundamental, Luciene

tinha, à época da pesquisa, 33 anos e trabalhava na universidade em que estudava. Um dos principais alvos de crítica da estudante é a falta de compromisso dos professores com o aprendizado do aluno, que ela aponta como intensificador das dificuldades enfrentadas por alguns estudantes, pelas quais, muitas vezes, os docentes não se interessam. O ensino no curso de secretariado que frequentara, por sua vez, foi avaliado pela estudante como fortemente tecnicista, voltado exclusivamente ao ensino das habilidades profissionais, em detrimento de uma formação em outras dimensões do conhecimento, como, por exemplo, a literatura. O curso preparatório para o vestibular é visto por Luciene como um curso voltado apenas a ensinar ao aluno como ser aprovado nesse exame, o que, dada a natureza do tipo de prova, desconsidera, por exemplo, a criatividade dos estudantes. No seu caso, especificamente, o “cursinho”, além de não sanar suas dúvidas, instalou outras e despertou-lhe insegurança quanto às suas habilidades de escrita; ademais, Luciene afirma que sua experiência no curso pré-vestibular “minou” a criatividade que antes possuía. Também quando aborda, brevemente, a experiência escolar de seu irmão caçula, a jovem critica uma das reformas empreendidas pelo Estado que visavam, segundo discurso oficial, à democratização do ensino. O regime de progressão continuada é apontado pela estudante como tendo sido prejudicial à escolarização do irmão, uma vez que, embora ele tenha realizado seus estudos de forma linear, sem interrupções ou reprovações, a qualidade do ensino recebido, em sua opinião, revelou-se insuficiente, não lhe proporcionando o conhecimento preconizado para esse nível de ensino. Luciene critica também o desinteresse da escola pela vida do aluno e a falta de proximidade com os professores. Para a estudante, esses profissionais deveriam enxergar o aluno como um ser humano completo e não somente como um estudante que não possui uma história fora dos bancos escolares.

Assumindo a importância da escola para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos, Teresa Rego (2002) realizou uma pesquisa com o objetivo de compreender o impacto da escolarização na constituição psicológica do sujeito, analisando narrativas autobiográficas de seis adultos entre 40 e 50 anos com alto grau de escolaridade, exercendo profissões relacionadas com a produção de conhecimentos e provenientes de famílias de diferentes estratos sociais. Diferentemente do que observamos em nossa pesquisa (PIOTTO; ALVES, 2011), nos relatos dos sujeitos entrevistados por Rego (2002), a maior parte das lembranças escolares está relacionada a boas experiências. Isso permite à autora afirmar que o tipo de trabalho desenvolvido na escola parece ter uma relação direta com as marcas deixadas no sujeito. O significado da escola é diferente para cada indivíduo e essa diferença está diretamente relacionada ao tipo de experiência escolar vivenciado por cada estudante.

Assim, as lembranças e a avaliação sobre papel da escola na formação dos indivíduos dependerão da qualidade das experiências vividas. Os entrevistados foram enfáticos ao reconhecer a importância da escola para a constituição de suas singularidades, não apenas no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, mas também aos aspectos social, cultural, emocional, destacando, no entanto, que tais influências vieram principalmente das experiências escolares mais interessantes. De acordo com a autora, há de se considerar a duração dessas experiências, as relações com os colegas de classe, o tipo de trabalho desenvolvido pelos professores, a forma como estes lidam com o conhecimento e com os alunos. No caso das duas trajetórias analisadas em nossa pesquisa anteriormente apresentada (PIOTTO; ALVES, 2011), a má qualidade do ensino recebida pelas estudantes, as experiências ruins por elas vividas no interior da escola, a falta de conhecimento e de comprometimento de alguns professores parecem ter sido fatores que concorreram para que essas estudantes não atribuíssem um valor diferenciado à escola para suas trajetórias escolares bem sucedidas. Ainda segundo Rego (2002), ao analisar o lugar ocupado pela escola na vida dos indivíduos, é necessário considerar, além das experiências proporcionadas pela escola, também a multiplicidade de fatores que contribuíram para a formação das singularidades desses sujeitos. Conforme a autora, essa relação é tão complexa que os efeitos da escolarização podem gerar significados distintos em cada um dos sujeitos, ainda que esses sejam submetidos ao mesmo modelo escolar. O contexto social da época em que aconteceu a escolarização dos estudantes, as amizades feitas por eles, os acontecimentos inesperados, a participação da família, os incentivos recebidos são todos componentes importantes que estão envolvidos e exercem influência na percepção construída, ao longo do tempo, pelo indivíduo, acerca da escola.

Em pesquisa realizada por Maria Alice Nogueira (2000) com estudantes filhos de professores universitários, foi verificado que 51% dos estudantes eram beneficiários de bolsas de estudo para se dedicarem à pesquisa científica. Também no caso dos estudantes entrevistados por Piotto (2007), em pesquisa já aqui abordada, foi constatado que todos estavam envolvidos em projetos de pesquisa. Como afirma esta última pesquisadora, embora difiram substancialmente no que diz respeito à origem social, nível socioeconômico e escolaridade dos pais, o apreço pelo conhecimento como algo de valor intrínseco revela-se como traço em comum nas trajetórias escolares dos dois tipos de estudantes. A autora também destacou o desejo de todos os estudantes entrevistados de continuar os estudos, realizando pós-graduação.

Considerando o quadro de restrição e exclusão que marca, em nosso país, o acesso ao

ensino superior, podemos ver também que estudantes das camadas populares, estatisticamente, têm poucas chances de acesso a esse nível de ensino. Apesar das políticas implementadas para a democratização do acesso ao ensino superior, estudantes das camadas populares ainda enfrentam dificuldades nesse sentido. Quando se trata de universidades públicas, constata-se que essa restrição é ainda mais grave e evidente.

Em vista do exposto, acreditamos que, para esses estudantes, dar continuidade aos seus estudos cursando pós-graduação, pode ser um desafio ainda maior. Seria a relação com o saber desenvolvida por estes estudantes um fator significativo nas suas trajetórias escolares e no seu desejo de cursar a pós-graduação? De que forma essa relação com o saber se manifestou na história de cada um deles?

Apresentamos aqui um pouco da história do surgimento e da expansão da noção de relação com o saber, bem como algumas pesquisas baseadas nesta noção. A heterogeneidade das aprendizagens mencionadas pelos estudantes que participaram das pesquisas desenvolvidas por Charlot, bem como em alguns outros estudos aqui mencionados, nos leva a ver quão amplo pode ser o leque de saberes com os quais se confrontam os sujeitos em suas trajetórias de vida. Outrossim, com o progressivo aumento da abrangência da noção de relação com o saber, esclarecemos que no presente trabalho, focaremos nossa atenção sobre os saberes que acreditamos ter relação direta com a escola e de que forma a relação com esses saberes se manifestou e foi desenvolvida na trajetória escolar dos estudantes por nós entrevistados.

3. OS CAMINHOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo

Sendo assim, a pesquisa tem o objetivo de conhecer a relação com o saber desenvolvida por estudantes de pós-graduação oriundos de camadas populares, notadamente no que diz respeito aos saberes relacionados à escola, e compreender de que forma ela foi desenvolvida ao longo de suas trajetórias escolares, incluindo a experiência na graduação e na pós-graduação.

3.2 Metodologia

Para o alcance do objetivo proposto, nos propusemos a selecionar estudantes que tivessem origem nos meios populares e que estivessem cursando pós-graduação em um campus da Universidade de São Paulo, localizado no interior deste estado. Tendo em vista a inexistência de informações socioeconômicas relativas a estudantes de pós-graduação desta universidade, tomamos por base, apenas a título de exemplo, os dados socioeconômicos referentes aos ingressantes nos cursos de graduação no ano de 2015 obtidos por meio do acesso ao questionário aplicado pela FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular - responsável pela realização do exame exigido para o ingresso nesta universidade. Em relação ao rendimento, temos que 36,5% dos estudantes possuem renda familiar entre três e sete salários mínimos; e a respeito da escolaridade dos pais, observamos que 51,9 % das mães e 48,3% dos pais concluíram o ensino superior. Não obstante termos claro que o perfil socioeconômico dos estudantes de pós-graduação possa diferir dos indicadores para a graduação, procuraremos entrevistar estudantes que difiram desse perfil socioeconômico. Nesse sentido, por exemplo, buscaremos indicações de pós-graduandos com rendas familiares baixas e filhos de pais com níveis inferiores de escolaridade e que exerçam ou tenham exercido ocupações manuais.

Com o intuito de evitar uma possível distorção dos dados, optamos por selecionar estudantes das diversas áreas de conhecimento. Desta forma, primeiramente, foi feito um levantamento de quais eram os cursos de pós-graduação oferecidos nesta universidade. Em seguida, consultamos o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - para verificar em quais das grandes áreas do conhecimento os referidos

curso se encaixavam. Foi constatado então que, das nove grandes áreas do conhecimento classificadas pela CAPES, cinco eram contempladas pelos cursos de pós-graduação ofertados nesse campus, quais sejam: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Biológicas. Começamos então a procura por estudantes destas áreas.

Dialogando com outros estudantes da universidade, expusemos brevemente a pesquisa que estávamos realizando e o perfil de estudantes que procurávamos, pedindo a indicação de possíveis participantes do estudo. Algumas das pessoas indicadas, embora não tivessem o perfil compatível, acabavam por indicar outros amigos e assim, seguíamos na busca. Tivemos grandes dificuldades em encontrar estudantes que se encaixassem no perfil, sobretudo no que se refere à escolaridade dos pais. Em uma reunião de grupo de estudos, uma das estudantes participantes lembrou-se de uma pessoa que conhecera e que, acreditava ela, poderia fazer parte da pesquisa. E foi dessa forma que chegamos a Antônio, estudante de Doutorado em um programa pertencente à grande área de Ciências Exatas e da Terra, em cuja história nos deteremos mais adiante. A mesma estudante, que também é orientanda da professora que orienta este trabalho, indicou-nos então, mais alguns possíveis entrevistados que, todavia, não se encaixavam no perfil. Porém, em um dos contatos realizados, uma dessas estudantes que não se encaixava no perfil nos indicou Marcos, que estava cursando o Doutorado em um programa pertencente à grande área de Ciências Humanas, cuja trajetória escolar também descreveremos no decorrer do trabalho. De uma maneira um pouco diferente encontramos Larissa, a qual apresentaremos em breve. Quando frequentava o curso preparatório para o exame de proficiência em língua estrangeira exigido para o ingresso na pós-graduação da universidade, conheci uma pessoa que talvez se encaixasse no perfil procurado. Entretanto, ao entrar em contato com essa estudante, soube que, embora atendesse aos requisitos no que se referia à questão socioeconômica, o mestrado que cursava era na modalidade profissional. Contudo, ela nos indicou então sua colega de trabalho: Larissa, que cursava o Mestrado em um programa pertencente à grande área de Ciências da Saúde. Sempre dialogando com outros estudantes sobre o estudo e mencionando a dificuldade em encontrar os sujeitos da pesquisa, conheci Patrícia e seu esposo Moacir, ambos estudantes de Mestrado de um programa da grande área de Ciências da Saúde e ambos dentro do perfil que havia traçado. Porém, tendo em vista o limite de tempo de realização da pesquisa, bem como a igualdade de representação entre as áreas de conhecimento, de modo que houvesse o mesmo número de estudantes de cada grande área, optamos por realizar as entrevistas somente com Patrícia.

Junto ao setor de moradia da pós-graduação, obtivemos a indicação de uma estudante

da grande área Ciências Humanas Aplicadas, mas a estudante não pôde nos conceder as entrevistas devido a problemas pessoais pelos quais estava passando. Continuando a busca, visitei o site de um dos programas de pós-graduação dessa área, de forma a entrar em contato com uma representante discente, a qual me indicou algumas estudantes. Porém, nenhuma delas se encaixava no perfil. Entretanto, dialogaram com outros colegas de curso, dentre as quais Gabriela, que posteriormente me procurou voluntariamente disponibilizando-se para participar do estudo.

Propusemos a realização de entrevistas em profundidade com os estudantes, que são convidados a participar da pesquisa, mediante o esclarecimento do objetivo do estudo e da garantia de sigilo em relação às suas identidades. As entrevistas realizadas têm como base um roteiro do tipo semi-estruturado (que se encontra no Apêndice) por acreditar-se que essa forma permite um enfoque mais adequado em relação ao problema em investigação, na tentativa de captar, em alguns casos particulares, a complexa rede de relações com o saber, com o conhecimento e com a escola, em uma determinada carreira escolar, acreditando como Zaia Brandão (2000) que “a visão do mais geral não é melhor nem pior que a focalização do particular” (p. 74). Ao mesmo tempo, o uso desse tipo de entrevista pode evitar as restrições, as limitações de questões fechadas. O roteiro tem como intuito conhecer a experiência dos entrevistados como pós-graduandos, bem como os caminhos por eles trilhados ao longo de sua escolarização anterior. Ainda que seja uma experiência particular, acreditamos, como Guy Michelat (1987), que “o indivíduo é considerado representativo pelo fato de ser ele quem detém uma imagem, particular, é verdade, da cultura (ou das culturas) à qual pertence.” (MICHELAT, 1987, p. 199).

As entrevistas versaram sobre a experiência escolar dos estudantes, aí inclusas a experiência na graduação e na pós-graduação. Foram realizados dois encontros para que o relato pudesse ser completado. A realização das entrevistas teve como apoio o trabalho de Ecléa Bosi (1979), bem como as contribuições teórico-metodológicas de Gonçalves Filho (2003).

Ressaltamos a importância de se respeitar os caminhos escolhidos, pelos estudantes, para a recordação e narrativa das trajetórias escolares, já que constituem o “mapa afetivo e intelectual da sua experiência e da experiência de seu grupo” (BOSI, 1993) e trazem em si informações relevantes à pesquisa. Assim, o que se relata, como se relata, a ordem em que se relata são fatores que já constituem “dados” importantes. Ao longo do relato, todavia, procuramos garantir que alguns pontos fossem abordados, como, por exemplo, o significado da entrada na pós-graduação, dificuldades enfrentadas, desempenho acadêmico, entre outros.

Em que pese o respeito aos caminhos escolhidos pelo entrevistado para a narrativa de sua história, temos claro os limites de uma postura que se poderia denominar “não-diretiva”. Concordamos com Michel Thiollent (1987) quando afirma que, se levada ao pé da letra, a não-diretividade impossibilitaria qualquer tipo de investigação. Daí a introdução de questões no roteiro, que são perguntadas caso o estudante não as mencione ou se desejarmos aprofundá-las.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma literal. Após a realização de cada uma delas, registramos em diário de campo fatos que, porventura, possam contribuir para a interpretação de seu conteúdo.

Após completada cada transcrição, entregamos uma cópia para o estudante visando não só ao reconhecimento de sua narrativa na forma escrita, mas também permitir ao entrevistado realizar mudanças em seu relato, caso desejasse. Esse procedimento segue as orientações de Bosi (2003) que afirma que “o depoimento deve ser devolvido ao seu autor. Se o intelectual quando escreve, apaga, modifica volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou.” (p. 66). Solicitamos autorização para a utilização das entrevistas em suas formas finais, garantido o direito ao anonimato dos entrevistados.

Após serem transcritas, as entrevistas foram lidas sucessivas vezes até chegar a uma espécie de impregnação, de modo a “progressivamente suscitar interpretações pelo relacionamento de elementos de diversos tipos.” (MICHELAT, 1987, p. 204)

A título de esclarecimento, é importante assinalar que o uso do termo camadas populares – em vez da denominação classe – advém da dificuldade de definição desse conceito, em torno do qual existem várias discussões polêmicas e críticas sobre a pertinência do seu uso. Saes (1985), por exemplo, considera incoerente o uso do termo “classe média” tendo em vista que conjuga o conceito “classe”, definido a partir das relações sociais de produção com o termo “média”, que sugere a posição em um sistema de estratificação social. Ademais, a expressão camadas populares tem sido utilizada de forma recorrente nas pesquisas que tratam do tema das improbabilidades estatísticas no campo educacional brasileiro.

Romanelli (2003) afirma que a noção de camadas populares aproxima-se da teoria de estratificação social que pressupõe que as camadas sociais podem sobrepor-se e ser delimitadas, principalmente, através do fator renda. O autor adverte, entretanto, que o estilo de vida das famílias, inclusive das camadas populares, não depende apenas do rendimento, mas inclui também a mediação de elementos simbólicos. Assim, se essa noção tem sido utilizada para caracterizar a população pobre de centros urbanos (Romanelli, 1997) e se as famílias que as compõem possuem vários aspectos em comum, como serviços de saúde,

educação e transportes precários, não se pode agrupar todas elas sob uma homogeneizante denominação. De acordo com Romanelli (2003), a situação de escassez pode aproximá-las, mas a forma de viver tal situação diferencia-as. Nesse sentido, as condições de existência das camadas populares, assim como das demais camadas sociais, não constituem uma realidade homogênea.

Além disso, Romanelli (2003) aborda também a existência de uma “nova pobreza”, que dificulta ainda mais a delimitação entre camadas médias e populares. Essa pobreza, segundo o autor, é social e culturalmente diversificada e inclui trabalhadores com ensino fundamental e médio e com ocupações não-manuais, critério habitualmente usado para caracterizar o pertencimento às camadas médias.

Portes (2001), falando a respeito de alunos pobres que frequentavam faculdades no século XIX, caracteriza a condição desses estudantes como “pobreza particular” já que a situação socioeconômica deles, embora destoasse da maioria dos estudantes dessas instituições nesse período, não era a mesma “pobreza geral” que caracterizava a população mais pobre.

Assim, considerando as diferenças existentes no interior das camadas populares, temos claro que os estudantes entrevistados pertencem a um segmento social específico dessas camadas.

4. RESULTADOS

A seguir descreveremos a trajetória dos estudantes entrevistados, apontando algumas questões que poderão nortear as análises a serem realizadas. As primeiras entrevistas, onde conhecemos de forma mais geral a história de cada um deles, foram importantes também para “extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores.” (BOSI, 2003, p. 60). Assim, após as primeiras entrevistas, procuramos elencar questões que não haviam sido abordadas nos primeiros encontros ou que precisavam ser aprofundadas e realizamos, então, as segundas entrevistas de forma a possibilitar o esclarecimento dessas questões e facilitar a posterior análise, que levou em conta o conjunto de todas as entrevistas.

A escolha do local das entrevistas ficou a critério de cada um dos estudantes, que priorizaram um local que lhes fosse de fácil acesso e também onde se sentissem à vontade para fazer seus relatos. Destarte, uma das entrevistas foi realizada em um jardim próximo à biblioteca da universidade, outra no laboratório onde o estudante trabalhava, três em uma sala privada na biblioteca da universidade, três na sala da professora orientadora deste trabalho, uma na residência da estudante e outra também em um jardim, no local de trabalho da estudante, totalizando portanto dez entrevistas, sendo duas com cada estudante. As entrevistas duraram em torno de uma hora e trinta minutos, sendo que duas delas, realizadas com a mesma estudante, duraram menos tempo: em torno de quarenta minutos. Suspeitando que a duração menor da primeira entrevista com essa estudante pudesse ter sido devido a ela não ter se sentido à vontade no local por ela mesma escolhido, sugerimos realizar a segunda em sua residência, o que só foi possível, segundo ela, porque ela estava usufruindo de uma licença por aqueles dias. Porém, a segunda entrevista também teve duração menor comparativamente aos outros estudantes, o que nos pareceu ser afinal, devido apenas ao estilo mais objetivo e conciso de discurso dessa estudante.

Para facilitar a identificação de cada um dos estudantes e a relação com os elementos específicos de suas histórias, elaboramos a tabela abaixo.

Nome	Grande Área do Conhecimento	Idade
Antônio	Ciências Exatas e da Terra	31
Marcos	Ciências Humanas	28
Larissa	Ciências da Saúde	32
Gabriela	Ciências Sociais Aplicadas	27
Patrícia	Ciências Biológicas	25

Conheçamos agora as trajetórias escolares de nossos entrevistados. Cabe esclarecer que todos os nomes utilizados no trabalho são fictícios, de forma a evitar a identificação dos sujeitos da pesquisa e preservar seu direito ao anonimato e ao sigilo das informações fornecidas.

4.1 Antônio e sua “saga para estudar”

Antônio, 31 anos, é estudante de um programa de Doutorado pertencente à grande área de Ciências Exatas e da Terra da Universidade de São Paulo, em um *campus* localizado no interior do estado de São Paulo, na mesma cidade em que reside. À época de nossa primeira entrevista, ele trabalhava como professor da rede estadual. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, localizado em uma cidade da região.

O estudante explica que seus avós não tiveram instrução escolar e, a respeito da escolarização dos pais, afirma que ambos não passaram do terceiro ano do ensino fundamental. Seus pais, que atualmente estão aposentados, eram pequenos proprietários rurais em uma pequena cidade do sertão nordestino, no estado de Alagoas, onde residem até a atualidade, ainda exercendo o cultivo da terra. Antônio relata que aproximadamente na década de 1970, o dinheiro proveniente da venda dos alimentos produzidos pela família tornou-se insuficiente e seu pai tentou abrir um pequeno comércio, um bar. Sem sucesso, partiu em direção ao Rio de Janeiro à procura de emprego e, nesta cidade, trabalhou como copeiro em uma grande empreiteira por um período de tempo que Antônio não sabe precisar. Ao ser despedido, retornou para sua cidade e continuou trabalhando na agricultura familiar, onde, entretanto, os rendimentos sempre estavam aquém das necessidades econômicas, de forma que ele sempre estava à procura de outras formas de arcar com os custos do sustento da família. Quando esteve trabalhando no Rio de Janeiro, o pai do estudante teve a oportunidade de operar algumas vezes uma máquina pesada chamada trator de esteira, aprendizado que veio a utilizar posteriormente, na década de 1980, quando conseguiu emprego como operador desta máquina na CHESF – Companhia Hidrelétrica do São Francisco – na construção da usina hidrelétrica de Xingó, localizada entre os estados de Alagoas e Sergipe. No entanto, após o término da obra, ficou novamente desempregado e retornou, mais uma vez, para sua cidade de origem. Já quando Antônio cursava as séries finais do ensino fundamental, por volta de 1990, a situação econômica da família se agravou e seu pai precisou mudar-se novamente em busca de trabalho. Desta feita, o destino foi o interior do estado de São Paulo, na cidade onde Antônio reside atualmente, tendo conseguido emprego como cobrador de ônibus. O estudante conta que seu pai foi e voltou desta cidade duas vezes, após o que, retornou a Alagoas, atraído por uma promessa de campanha do então candidato a prefeito, na qual dizia ter a intenção de adquirir um trator de esteira para o município, promessa que, todavia, não se concretizou, de maneira que ele voltou a trabalhar

na agricultura familiar. Atualmente, seu pai está aposentado, assim como sua mãe, ambos como trabalhadores rurais. Antônio tem seis irmãos, dentre os quais duas continuam residindo no sertão nordestino, sendo uma delas comerciante e a outra, professora. Dentre os outros quatro, que vivem na mesma cidade que Antônio, há um que trabalha como Técnico de Segurança do Trabalho, outra como técnica em Enfermagem, a terceira, que trabalha no comércio e, o mais novo, que está cursando Administração e atua como estagiário em uma empresa.

Até a terceira série do ensino fundamental, Antônio estudou em uma classe multisseriada de uma escola pública no povoado em que morava. Quando chegou à quarta-série, devido à evasão dos outros alunos, somente Antônio ingressou na quarta série. Diante da recusa do professor de dar aula para um único aluno, o estudante era obrigado a viajar todos os dias para um povoado vizinho, onde cursou a quarta série, novamente em uma sala multisseriada. A partir dos anos finais desse nível de ensino, Antônio precisou mudar novamente de escola, pois naquele povoado não era oferecido os anos finais do ensino fundamental, de forma que ele foi estudar em uma cidade vizinha. Devido às constantes greves nas escolas públicas locais, o pai de Antônio decidiu fazer um sacrifício financeiro e matriculá-lo em uma escola particular, onde pagava doze reais pela mensalidade. Algumas vezes, seu pai também procurava políticos da cidade para solicitar auxílio através de bolsas de estudos parciais, que, eventualmente, eram concedidas, de forma que pagavam seis reais apenas, o que ainda assim, era um grande esforço para seus pais tendo em vista que eram quatro filhos nesta escola. Esse foi, inclusive, um dos motivos pelos quais seu pai tinha ido trabalhar no interior de São Paulo. Segundo Antônio, a referida escola não se diferenciava da escola pública em termos de qualidade do ensino, sendo que a única diferença era não ter as greves e a falta de professores, já corriqueiras na escola pública local. Entretanto, chegar até essa escola todos os dias era um desafio, como nos conta o estudante:

A gente andava em ônibus sucateado, né [...] então a gente acordava 5h da manhã para chegar na cidade às 8h, né, porque ficava dentro desse ônibus, rodando por vários povoados diferentes e tal. E quando a gente saía 12h30, a gente era deixado por último (risos), então acordava às 5h e chegava em casa às 14h, né. É... e quando tinha ônibus ainda era uma coisa... legal. Porque muitas vezes não ia. Quando quebrava, ficava um tempo sem. Aí a gente tinha que andar 6 km a pé até a rodovia, eu não lembro qual é a BR agora, mas tinha que chegar na rodovia e ficar lá no meio de uma rodovia pedindo carona para motoristas desconhecidos para a gente conseguir chegar na.... na cidade. [...] E nem sempre dava tempo de... de chegar na hora, né, e... e o prefeito já colocou assim, a gente já andou em caminhão de lixo, né, era, era uma coisa um tanto quanto constrangedora porque é... esses caminhões F4000, colocava dois bancos de madeira em

cada lado e... e enchia os dois bancos, a gente tinha que ir em pé, no meio, né, é... e quando a gente chegava lá... às vezes se faltasse um professor, a gente estivesse ali na rua, a gente via que aquele caminhão estava recolhendo o lixo da cidade depois, né. E aí antes de levar a gente embora, eles davam uma lavada no caminhão e era aquilo lá mesmo (risos). E... não podia assim... reclamar, né... é meio complicado a política por lá, né. Já teve vezes que... que o prefeito pagava para fazendeiro que levava o leite passar e pegar a gente. Aí ia no meio do leite. Então... (risos), da quinta à oitava série foi um... um... uma coisa... foi desse jeito, né

Sobre esta época, o estudante nos conta um fato que parece tê-lo marcado sobremaneira. Quando estava na sétima série, Antônio foi escolhido pelo diretor de sua escola para participar de uma gincana de conhecimentos sobre a dengue e, disposto a ter um bom resultado, chegou em sua casa com os materiais a serem estudados. Com receio, pediu à mãe que intercedesse junto ao seu pai para que o autorizasse a não ir trabalhar na roça, como fazia diariamente, ao menos durante aqueles dois dias que antecederiam a gincana: “... eu queria não ir para a roça, eu queria estudar”. Com exceção da semana de provas, quando os pais o liberavam do trabalho na roça, ele nos conta que essa foi uma das poucas vezes em que obteve permissão para que se dedicasse apenas aos estudos, embora ele fizesse tal pedido quase todas as vezes que os professores solicitavam alguma atividade escrita diferenciada. Ele relembra também um trabalho solicitado a respeito da Copa do Mundo de Futebol, quando ele pediu aos pais para permanecer na cidade onde ficava a escola, mais precisamente na casa de seu cunhado, onde poderia fazer o trabalho. Antônio explicita que estudar sem precisar trabalhar sempre fora um desejo seu: “Eu nunca tive essa... a gente não tinha essa... essa oportunidade”. Ele destaca ainda que costumava solicitar a ajuda das irmãs mais velhas, que corroboravam a necessidade do estudo em casa, mas que isso frequentemente não era suficiente e que fazer o pedido era sempre uma situação que o angustiava e deixava ansioso:

Não era uma coisa livre, era uma coisa que eu tinha receio de pedir e tudo mais. Não era uma situação muito... é... tranquila. Eles permitiam o estudo, mas não naquela forma de dedicação exclusiva, de chegar da escola e “agora vou continuar estudando”, não, “deixa para noite, fim de semana”, alguma coisa assim.

Quando Antônio chegou ao ensino médio, sua irmã mais velha, que havia acabado de ser aprovada em um concurso público para professora em um município vizinho, levou ele, o irmão caçula e uma outra irmã para esta outra cidade, um pouco mais desenvolvida. Lá, fez sua matrícula em uma escola pública. Diante da persistência do problema das longas greves, Antônio começou a trabalhar o dia todo em uma loja de materiais de construção para conseguir pagar trinta reais na mensalidade de uma escola particular, que estava sempre

prestes a fechar devido à inadimplência e à baixa demanda. O estudante conta que não se lembra de ter aprendido quase nada no ensino médio porque era muito cansativo trabalhar o dia todo e depois ir para a aula, quando acabava dormindo: “Eu não lembro assim, de alguma coisa que eu aprendi de fato no ensino médio, porque eu trabalhava o dia inteiro e ia. E... era... não conseguia manter um ritmo. Não tinha tempo para estudar, né, e eu chegava na aula e dormia, né, era bem cansativo.”

Devido ao casamento da irmã mais velha e a mudança do irmão, juntamente com a outra irmã, que também se deslocaram para a mesma cidade do interior paulista, como fizera seu pai anteriormente, Antônio precisou morar com uma tia, situação que parece ter incomodado o estudante e que ele define como “complicada”. Ele ficava na casa desta tia de segunda a sexta-feira e voltava para a casa dos pais nos finais de semana, tendo que percorrer um trajeto de duas horas de bicicleta, trajeto que se repetia na segunda-feira, ao regressar à casa da tia. Ao concluir o ensino médio, insatisfeito com a situação em que vivia e sem perspectivas de transformação, Antônio decidiu mudar-se também para o interior paulista com o intuito de trabalhar, atraído pelas histórias de prosperidade financeira da cidade, onde já estavam seu irmão e sua irmã. Seu pai já não estava mais nesta cidade e o irmão havia se casado. Sendo assim, Antônio foi morar com o irmão, a cunhada e a irmã. Morando em um barraco na periferia da cidade, construído em uma área invadida e, após três meses desempregado, conseguiu trabalho como recepcionista em um hotel, onde apesar de ganhar pouco, foi, segundo ele, quando sua vida começou a mudar.

O estudante conta que, neste emprego, teve contato com hóspedes que vinham geralmente para congressos na USP, e que, devido à carga de leitura que possuía, conseguia conversar com esses clientes do hotel sobre os mais variados assuntos: “É... eu já gostava de ler, antes de sair da minha cidade eu lia bastante, então eu conseguia ter uma noção de mundo pra conversar, por exemplo, com o pessoal que... professores que iam fazer alguma coisa aqui [na USP] que se hospedavam lá, né”. Nestes diálogos, várias destas pessoas sugeriam a ele que tentasse ingressar na Universidade de São Paulo, de modo que ele gradativamente começou a pensar na possibilidade de prestar o vestibular.

Vislumbrando despretensiosamente tal ideia, passou a frequentar a biblioteca municipal, onde pegava um novo livro a cada dois dias. Saía às seis horas da manhã do trabalho e ficava esperando até as oito, horário em que a biblioteca era aberta, pegava seu livro e seguia de ônibus para sua casa. Antônio descobriu também outras bibliotecas da cidade, bem como várias lojas de livros usados, nas quais conseguia mais materiais para prosseguir seus estudos, segundo ele “sem muita perspectiva”. Os hóspedes que o viam

constantemente lendo incentivavam-no e chegavam a trazer materiais como livros e vídeos em VHS. Antônio atribui extremo valor à leitura nesta fase de sua vida, tanto como “válvula de escape” de uma realidade social muito difícil, quanto também como fonte de conhecimento, afirmando inclusive que ela teria sido a grande responsável pela continuidade de seus estudos e pelo seu ingresso na universidade. Suas palavras a esse respeito são reveladoras:

O acesso à leitura foi uma oportunidade interessante. Como eu não tinha recursos para ter outro tipo de lazer, cultura e etc., a leitura foi uma ótima válvula de escape para minha época desses três anos morando na periferia, né, não preciso ter nada para... assim, eu preciso de condições básicas de... saúde, alimentação, higiene, etc., e tinha as condições básicas para fazer isso e eu... Era uma válvula... acho que foi uma boa válvula de escape, assim, a leitura, acho que a leitura me colocou aqui [USP] dentro porque... acho que 2004, 2005, eu cheguei a ler uns duzentos livros em 2004, quase duzentos livros em 2005, nunca peguei gramática para estudar, mas eu lembro que quando eu fiz a primeira fase da Fuvest, de vinte questões que tinham, eu acertei quatorze, dezesseis, alguma coisa assim, então foi uma coisa bem alta para Licenciatura em Química [graduação realizada]. E acabou me jogando para a segunda fase esses pontos em Português, foi quase metade do que eu precisava para ir para a segunda fase. Então eu acho que a leitura, o SESC e a biblioteca municipal foram... pontos cruciais, acho que até... se fosse resumir a resposta do “por que continuar”, principalmente nessa época mais difícil de como entrar aqui, acho que foi a leitura como válvula de escape para uma realidade, que se não fosse essa válvula de escape, acho que hoje eu estaria ainda morando... minha irmã ainda está lá na periferia trabalhando no comércio, aquela coisa de vai para o trabalho, volta do trabalho e sem condições, muitas vezes, de ir num cinema, numa peça, não saber o que é uma peça de teatro, não ter condições, nunca, de fazer uma viagem, de conhecer coisas novas. É... eu acho que se eu não tivesse usado a leitura como válvula de escape, talvez eu não... eu estivesse lá até hoje.

O estudante afirma que ocupava todo seu tempo livre estudando: “... eu investi estudando e me inscrevi para a FUVEST [Fundação Universitária para o Vestibular, que realiza o exame de ingresso na Universidade de São Paulo], né.” Antônio relembra ainda que o processo do vestibular foi bastante difícil porque quase não tinha informações sobre o funcionamento do exame e não tinha acesso à internet. Ele explica que a escolha do curso – Licenciatura em Química – foi motivada por três fatores: primeiramente, em seu povoado de origem, ser professor era uma das poucas ocupações em que se conseguia um pouco de segurança financeira; em segundo lugar, ele gostava da área de Ciências e, finalmente, era necessário que fosse um curso que existisse no *campus* da cidade em que reside, tendo em vista que ele não tinha condições de mudar-se para outra cidade. Ele então se dirigiu ao SESC - Serviço Social do Comércio - da cidade, onde era oferecido acesso à internet por um preço simbólico e lá começou a procurar informações, encontrando o currículo do curso e

descobrimos a possibilidade de obter isenção na taxa de inscrição para o vestibular. Todavia, apesar de seu salário de trezentos e noventa reais, tendo que pagar aluguel e outras despesas, ele teve o benefício negado devido a ter cursado parte dos estudos em escola particular, o que o deixou muito surpreso e decepcionado: “Chegava com o currículo do fundamental II e do ensino médio de uma escola particular e era visto como se tivesse feito um ‘Macunaíma’ [escola particular de elite da cidade em que reside atualmente] entendeu?” Mesmo assim, Antônio insistiu, pagou a inscrição e prestou o vestibular, porém, ao sair o resultado, viu que seu nome não estava na primeira lista. Entretanto, o estudante conta que um dia foi trabalhar e, ao chegar ao hotel, o filho da dona do estabelecimento, que era estudante de outra universidade pública e incentivara Antônio a prestar o vestibular, ligou e deu a boa notícia: o nome de Antônio estava na segunda lista de aprovados.

Apesar da alegria, adveio imediatamente a preocupação, uma vez que o curso era noturno e terminava às 22h30, ao passo que seu expediente no hotel se iniciava às 22 horas, não havendo, por conseguinte, tempo hábil para que ele saísse do curso e chegasse ao seu trabalho. Foi quando o estudante começou a travar uma nova luta para prosseguir nos seus estudos, desta vez com o Serviço Social da universidade, devido ao seu histórico de escola particular. Sem saber o que fazer em relação ao seu trabalho, Antônio foi auxiliado pelo filho da proprietária do hotel, que a convenceu a deixá-lo entrar mais tarde no trabalho pelo menos até que conseguisse algum auxílio junto ao Serviço Social. Os colegas de sala que viviam na moradia universitária incentivaram-no a procurar a assistência social, que o orientou que seria difícil conseguir a moradia tendo uma renda. Diante disto, incentivado pelas irmãs, ele pediu demissão para poder declarar renda zero e, assim, conseguiu o benefício da moradia, mas não o da alimentação. Desta forma, Antônio se manteve por um ano utilizando os rendimentos do seu seguro desemprego, gastando cerca de cem reais mensais. Não obstante todas essas dificuldades, ele afirma: “Não tenho do que reclamar... foi a virada da minha vida”. O estudante relata que passou a utilizar tudo o que a universidade oferecia: a vida social, o centro de esportes, a biblioteca, o restaurante, a moradia, as festas: “Era tudo lindo...”.

Embora apreciasse enormemente toda a nova e agitada vida social, Antônio afirma que quando a biblioteca abria, às oito da manhã, ele já estava na porta aguardando, todos os dias. O estudante explica que precisava estudar e se esforçar mais do que os outros para conseguir acompanhar as disciplinas, sendo necessário retomar vários conteúdos do ensino médio, que ele não havia aprendido na época em que cursara esse nível de ensino: “E eu tinha que correr atrás, né. O pessoal me via com livro do ensino médio e ficava: “Ou, tá

louco? Tá vendo função de primeiro grau de novo? ‘Ah... deixa eu aqui, né’ [pensava]”. Dessa forma, Antônio conseguiu um resultado tão bom nas avaliações, que surpreendeu até ele mesmo: “E foi um susto pra mim quando eu tirei dez na primeira prova e tirei cinco numa prova de... de Cálculo que quase ninguém foi bem. “Espera aí! Olha! Olha que... que bacana, dá pra eu... eu tenho chances!”

Após o primeiro ano, durante o qual conseguiu manter-se com suas economias, Antônio necessitava de alguma fonte de renda e passou então a estagiar na biblioteca da universidade. No terceiro ano da graduação, decidiu começar a estudar para concursos, um dos quais era para secretário de escola na prefeitura de uma cidade vizinha. Foi aprovado, passando a trabalhar oito horas diárias e cursando os três anos restantes nesse emprego. Apesar de precisar conciliar novamente trabalho e estudo, como já fizera no ensino médio, só ficou em dependência em uma disciplina, fato que ele lamenta, embora alegue não ter se arrependido de trabalhar nesta época: “A única recuperação que eu peguei no curso, foi porque a professora... Orgânica I... Química Orgânica I, ela me mandou para recuperação com 4.9. Eu fui lá reclamar, ela falou: ‘Ó, você dorme nas minhas aulas’ (risos), só que eu chegava exausto.” Nesta época, ele viajava todos os dias para chegar ao trabalho e, ao chegar na rodoviária, usava uma bicicleta, pedalando mais quarenta minutos para chegar à escola onde trabalhava, trajeto que ele repetia ao fim do expediente, todos os dias e, à noite, ia para suas aulas na USP. Apesar disso e da mencionada dependência, Antônio teve um ótimo desempenho durante a maior parte da graduação. Tanto que no último ano, recebeu o prêmio destinado ao melhor aluno do curso, o que o deixou muito satisfeito. Também no último ano da graduação, prestou concurso para professor na rede estadual e foi aprovado, assumindo o cargo em uma cidade vizinha na semana seguinte à sua formatura.

Tendo em vista que a renda proveniente de sua carga horária como professor na rede estadual estava sendo insuficiente, Antônio começou a assumir vários trabalhos extras na tentativa de aumentar seu rendimento, dando aulas particulares e também em cursos técnicos. Insatisfeito com essa situação, ponderou que deveria voltar a estudar, regressando à universidade e prestando o processo seletivo para o Mestrado. Ao saber de sua aprovação, Antônio pediu exoneração do cargo de professor e pleiteou a bolsa do mestrado, mantendo somente algumas aulas particulares, sem vínculo empregatício, desta vez na cidade em que reside, para complementar a renda. Ele destaca um episódio que o marcou durante a realização do Mestrado: uma viagem para um congresso em Roma com o intuito de apresentar um trabalho. Esse e outros resultados aumentaram a confiança em sua capacidade de estudo e o motivaram a prosseguir: “Quando eu terminei o mestrado, quando eu defendi a

minha dissertação, quando eu publiquei meu trabalho: ‘Nossa! Não é que eu consigo fazer isso?’ Aí eu comecei a traçar planos mais... mais ambiciosos”. Esses planos incluíam até tornar-se professor na Universidade de São Paulo, algo que até então ele acreditava ser impossível: “Coisa louca! Jamais”, percepção que mudou ao fim do seu Mestrado, quando ele passou a crer que tinha condições de fazê-lo. Com esse objetivo, Antônio partiu em busca do Doutorado.

Assim, ao concluir o Mestrado, entrou no fluxo contínuo do Doutorado, ficando classificado entre os primeiros aprovados, o que para ele foi motivo de muita satisfação e o levou a refletir sobre o quanto “evoluiu” desde que entrou na graduação, melhorando cada vez mais o seu desempenho.

O desejo que Antônio tinha de tornar-se professor na USP foi esmorecendo durante a realização do Doutorado, influenciado pelas dificuldades enfrentadas em seu departamento, em se fazer pesquisa com poucos recursos, como relata: “A gente está passando por um momento difícil, não tem dinheiro para nada. Então, enquanto a gente está engatinhando para fazer alguma coisa, alguém lá fora fez isso em meio período”. Tais dificuldades, aliadas ao surgimento de um concurso para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, fizeram com que Antônio redirecionasse seus planos, e decidisse prestar o concurso para ser professor nesta instituição, concurso este que é altamente concorrido. Ainda cursando o Doutorado, Antônio concorreu com candidatos bem mais graduados, alguns deles já em seu segundo pós-doutorado, e a despeito desta diferença, obteve a aprovação, o que o deixou surpreso e muito satisfeito, contribuindo mais uma vez para aumentar a confiança na sua capacidade de estudo.

Em nosso último encontro, Antônio estava dando sequência ao seu Doutorado e, concomitantemente, atuando como professor do ensino médio e também da graduação no Instituto Federal, e descreveu a experiência como altamente gratificante. Refletindo sobre sua trajetória e o momento atual, ele afirma que esse não é um final, mas um novo começo e diz orgulhosamente que hoje pode: “Olhar pra trás e falar: “Pô, valeu a pena cada... cada gota de suor”.

Pontuada por sacrifícios, superações e conquistas, a “saga” de Antônio chegou a um “novo começo”, como ele mesmo disse, momento de colher os frutos plantados e regados com “cada gota de suor”.

4.2 Entrevistas na íntegra

1ª Entrevista

A: É... bom... eu sou natural da zona rural de uma cidade pequena do sertão de Alagoas, é uma cidade de... seis mil habitantes onde eu nasci, meus pais ainda moram lá, no que lá a gente chama de povoados, tem a cidade e os povoados. Não vejo que aqui seja muito comum no estado de São Paulo, uma cidade maior geralmente, às vezes, tem um ou outro distrito, mas também são lugares geralmente desenvolvidos. Esses povoados são como vilas, né, vilas rurais com uma média de trinta, quarenta casas. É... e lá geralmente a gente cursa a pré-escola, né, aos... cinco anos e depois entrava na primeira série aos seis, sete e lá fazia até a quarta série, né, eu não sei como que chama aquela... não sei se é sala multisseriada, que tem a primeira, a segunda, a terceira e a quarta série tudo dentro da mesma salinha, né, até pela demanda do próprio povoado e pela falta de professores também. Eu ainda, eu estudei a... eu entrei na pré-escola em 1990, eu entrei na pré-escola acho que com... noventa, é... em 1990 e nesse... na pré-escola e da primeira a quarta série a gente teve aula com professores que só tinham o ensino médio, no Estado não tinha graduados na época para... em Pedagogia e todas as outras áreas. É, então na pré-escola a gente... eu ingressei em 1990 e aí quando eu passei para a primeira série, ainda nesse povoado, é... eram todas, a primeira série era também separada, na segunda série era essa multisseriada: era segunda, terceira e quarta série. É... muitas vezes, pelo próprio povoado, o filtro já acontecia ali na primeira série mesmo, então a quantidade de pais que se interessavam em colocar os filhos para fazer a segunda série já diminuía ali e só dava para completar uma sala, né. Tanto que eu cursei a segunda série, a terceira... na quarta série, só tinha eu para fazer a quarta série e o professor não quis dar aula só para um aluno. E aí eu tive que ir a pé, eu ia a pé para um povoado um pouco maior que o meu, né, dava mais ou menos, sei lá, uns quarenta minutos a pé para um povoado um pouco maior que o meu, acho que foi aí que começou minha saga para estudar, acho que, sei lá, com... 1994, tinha dez anos. É... então... que também chegava lá era multisseriada, mas tinha uma quantidade maior de alunos para cada sala, né, a escola era um pouco maior. É... então foi isso, não lembro de muita coisa dessa época, eu lembro que era muito precário, era um professor formado em ensino médio que ia falar de todas as matérias. Por exemplo, na quarta série, é... a gente estudava Ciências, eu lembro que o professor não dominava muito e assim: uma hora tinha que dar atenção para a segunda série, outra hora tinha que dar atenção para a terceira série, outra hora tinha que dar atenção para a quarta série, mas enfim, acho que meu primeiro problema aí foi quando eu passei para quarta série e só tinha... e ele falou: “Não vou dar aula”, né... e aí eu... minha irmã mais velha foi no outro povoado, conversou com a professora, ela me aceitou e eu passei a fazer a quarta série lá. Terminando a quarta série, aí a quinta, o ciclo dois, né, quinta série à oitava série, só tinha na cidade, chama Água Branca a cidade. Então aí começava uma outra saga que era sair do povoado e ir para essa cidade. É... pelo sucateamento do transporte, né, é... eu acho que foi em meados dessa época que o Fundeb [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação] ganhou um pouco mais de força, mas eu lembro muito bem que ainda no fundamental II, mesmo não tendo muito noção das coisas, eu lembro que tinha uma biblioteca central perto da minha escola e quando eu pegava livro para levar para casa, eu lembro que eu já cheguei a ver listagens, assim, do Fundeb, de dinheiro que vinha para as escolas. E eu lembro que eu via o nome do meu povoado lá, falando que tinha ido tanto, que era para ter isso, isso e isso, e eu lembro que não tinha nada daquilo, né. Isso acontecia também com o transporte. Entre a quinta série e a oitava série, hã... a gente andava em ônibus sucateado, sem condições nenhuma, e o ônibus fazia vários povoados e geralmente ele

passava no meu primeiro, então a gente acordava cinco horas da manhã para chegar na cidade às oito, né, porque ficava dentro desse ônibus, rodando por vários povoados diferentes e tal. E quando a gente saía meio dia e meia, a gente era deixado por último (risos), então acordava às cinco horas e chegava em casa às duas, né. É... e quando tinha ônibus ainda era uma coisa... legal porque muitas vezes não ia, quando quebrava ficava um tempo sem, aí a gente tinha que andar seis quilômetros a pé até a rodovia, eu não lembro qual é a BR [rodovia federal] agora, mas tinha que chegar na rodovia e ficar lá no meio de uma rodovia pedindo carona para motoristas desconhecidos para a gente conseguir chegar na.... na cidade. Na verdade era meio complicado, a gente pegava carona até certo ponto da rodovia, onde tinha mais movimento, né, é... onde o pessoal fazia transporte entre Alagoas e Bahia e tal. E depois descia e pedia carona de novo agora para... para rodovia mais simples que só dava acesso à nossa cidade, então, nem sempre dava tempo de... de chegar na hora, né, e o prefeito já colocou... a gente já andou em caminhão de lixo, né, era, era uma coisa um tanto quanto constrangedora porque é... esses caminhões F4000, colocava dois bancos de madeira em cada lado e... e enchia os dois bancos, a gente tinha que ir em pé, no meio, né, é... e quando a gente chegava lá, quando a gente... às vezes se faltasse um professor, e a gente estivesse ali na rua, a gente via que aquele caminhão estava recolhendo o lixo da cidade depois. E aí antes de levar a gente embora, eles davam uma lavada no caminhão e era aquilo lá mesmo (risos) e... não podia assim... reclamar, né... é meio complicado a política por lá. Já teve vezes que o prefeito pagava para fazendeiro que levava o leite passar e pegar a gente, aí ia no meio do leite, então... (risos) da quinta à oitava série foi um... uma coisa... foi desse jeito! É... duas coisas que me marcou um pouco, assim, dessa época, é que na escola... na cidade a gente tinha duas escolas: uma mantida pelo governo, mas na década de noventa, Alagoas passou por muitas greves, né, então meus pais sempre se esforçaram para colocar a gente na escola particular. Era uma coisa meio estranha porque a mensalidade era doze reais, a gente não consegue imaginar uma escola com mensalidade doze reais (risos). Não sei se foi porque foi logo naquela transição do real e o real ainda tinha um certo valor, né, naquela época, talvez, por isso tinha essas mensalidades baixas e a escola ainda quase fechava por inadimplência (risos). É... e a outra coisa é que assim, mesmo com todo esse sofrimento, eu gostava porque quando chegava às duas horas tinha que ir para a roça, mesmo com... lá não tem idade, nove, oito anos, já... consegue arrancar um pé de feijão, você tem que ir para roça, não pode ficar parado não, muitas vezes é uma das causas que as famílias... eu tenho... nós somos em sete irmãos, né, mas tem família lá com dez, onze, né, é... só que... uma coisa muito positiva é que meus pais fizeram só até a segunda, terceira série, mas sempre insistiram na nossa educação, entendeu? Enquanto outros pais, assim, a gente ia no mesmo ônibus, mas o pessoal ia para a escola pública e ficava um tempão em greve, é... meu pais sempre... “ralaram” bastante para manter a gente porque era doze reais, mas eu lembro que quando eu entrei na quinta série, no colégio, minha irmã estava na sexta série, meus outros dois irmãos estavam no primeiro e no segundo do ensino médio, então eram quatro, então para eles era bem difícil manter os quatro naquele colégio. Tanto que, quando entrou o quinto, meu irmão mais novo (risos), ele foi para pública porque não... não conseguia manter.

R: Todos vocês estudaram na escola particular a partir da quinta série?

A: A partir da quinta série.

R: A partir da quinta.

A: Quando a gente foi para a cidade, né. É... só que não diferenciava muito da outra [escola]. A diferença é que evitava mais as greves, a falta de professores... Isso foi interessante, eu tive

um currículo, eu acredito que eu tive um currículo é... razoável, né, no fundamental II, mas assim, se pegar aquela escola e comparar com qualquer escola da prefeitura aqui [cidade onde se localiza o campus]... não dava para dizer que ela era particular, entendeu? Ela era mantida por um senhor que tinha um... é... uma convicção muito forte com educação, então assim, era uma escola particular que a função dela não era gerar lucro, ela não tinha função de gerar lucro nenhum, era para manter o prédio e pagar um salário mínimo para os professores manterem aquele ideal.

R: Era um tipo de instituição filantrópica ou não?

A: Não... não. Eu diria que ali... é que ali não tinha condições de se criar um escola para ganhar dinheiro em cima, entendeu? Não tinha ambiente, não tinha demanda, era só uma alternativa criada para ter... para não ficar isolada numa única escola para o município inteiro; cidade e os povoados, entendeu? Para não ficar dependendo, até porque o estado não oferecia o ensino médio para a gente lá, a gente não tinha. Essa escola pública que tinha era só até a oitava série, eles não ofereciam o ensino médio, então primeiro ele trouxe a alternativa do ensino médio para não ter que ir para outra cidade e aí junto ele colocou o fundamental II. Então, assim, foi uma das coisas que me afetou, por exemplo, depois quando eu cheguei aqui, né, porque eu tinha um histórico de escola privada e aí era meio complicado de eu conseguir me encaixar nos benefícios da universidade durante a graduação. É... a assistente social era meio complicada, né... eu comprovava renda das épocas, acho que eu trouxe até meu boletim que eu tinha guardado para mostrar que era uma mensalidade daquele valor, mas a partir do momento que o documento era de escola privada, eu era classificado como aluno... como se eu tivesse estudado no Macunaíma [escola particular da cidade onde se localiza o campus], entendeu (risos)? Foi bem difícil. Eu acho que até o fundamental II foi desse jeito. Aí para o ensino médio, eu tive uma irmã que ela foi uma das primeiras do meu povoado a terminar o ensino médio, a conseguir terminar. E aí ela foi para uma cidade vizinha lá que é um pouco maior, já tem quarenta mil habitantes, chama Delmiro Gouveia, então é um pouquinho mais desenvolvida porque ela tem uma conexão com a... com a CHESF [empresa hidrelétrica], né, ela já é... tá na... nas margens do rio São Francisco e... e ela [irmã] foi para lá, morar lá, e levou todo mundo junto com ela, aí eu fui fazer o ensino médio na outra cidade, é... nessa cidade, só que, a escola pública continuava no mesmo problema. Isso aí foi em 1999, 2000, 2001, que eu fiz o ensino médio. Eu fiz minha matrícula na escola pública, mas nem iniciaram as aulas, greve... eram greves, assim, de seis meses... essas coisas. Então eu fui trabalhar, comecei a trabalhar com treze, quatorze anos, para pagar uma escola particular que tinha lá também, né. Mas mesma coisa: mensalidade de trinta reais, não tinha... a cidade era um pouco maior, mas não tinha essa coisa, não tinha como ganhar dinheiro [lucro da escola] e a escola, assim, ficava naquela: “Oh, mês que vem vai fechar, mês que vem vai fechar, não dá para manter”. Então meu ensino médio também foi todo nesse susto “Oh, essa escola vai fechar e vamos todo mundo para pública”. É... e mesmo sendo trinta reais, eu tive que começar a trabalhar manhã e tarde, saía direto do serviço e ia para aula, né.

R: Você trabalhava o dia todo e estudava à noite...

A: É, eu não lembro assim, de alguma coisa que eu aprendi de fato no ensino médio porque eu trabalhava o dia inteiro e ia e... era... não conseguia manter um ritmo. Não tinha tempo para estudar, né, e eu chegava na aula e dormia, era bem cansativo. Tinha vantagem de não ter falta de professores por ter esse *status* “escola particular” na cidade, então o pessoal mantinha, mas as aulas ainda eram, por exemplo, é... com pessoas que tinham o ensino médio ainda, né... É... próximo à cidade, na cidade de Paulo Afonso, que é divisa com Bahia lá, tinha um campus, ia

abrir um campus estadual de Bahia, na cidade de Paulo Afonso. E aí começou a ter os cursos de Biologia, Pedagogia e Matemática, e aí assim, eram esses, quem fazia esses três cursos é quem dava aula de todas as matérias (risos). Então, por exemplo: Física, Química e Biologia, a gente tinha com as pessoas que faziam esse curso de Biologia; Matemática, com pessoal que fazia esse curso de... é... de Matemática e, para toda parte de Humanas, era o pessoal que fazia Pedagogia, né. É... aí eu terminei o ensino médio, 2001, né...

R: Seus pais também foram quando sua irmã se mudou de cidade?

A: Não, não. Meus pais continuaram no povoado.

R: Só os irmãos e você?

A: Só os irmãos... nessa época. Aí quando eu estava lá, meu irmão veio para cá, né [cidade onde se localiza o campus USP]. Na verdade, quando eu estava no fundamental II, o meu pai, para manter os quatro na escola, mesmo pagando essa mensalidade lá de doze reais, ele veio para cá. Foi a primeira vez que alguém da nossa família veio para Guarani [cidade onde se localiza o campus], né, ele foi cobrador de ônibus da... na época era B [empresa de ônibus da cidade], não tem mais, eram uns ônibus amarelos, assim, não sei. Em... década de 90 ele veio para cá, de 1994 a 1996 e acho que depois ele voltou, em 1998.

R: E Guarani por quê? Vocês têm parentes aqui? Ou só por coincidência?

A: Eu não sei porquê, uma pessoa saiu de lá e veio parar aqui.

R: Ah, sei...

A: O primeiro... nunca me contaram, nunca perguntei também, é... ele até já morreu e tal. É... ele veio para cá há uns vinte anos atrás, fixou residência aqui e mantendo o contato com o pessoal lá, aí começou: foi vindo um, foi vindo outro, aí meu pai veio, trabalhou um tempo e quando voltou... é... para a gente lá no povoado, Guarani era a sensação, né (risos), “nossa, deve ser o máximo!”. Daí a gente ouvia falar histórias daqui, e assim, era o sonho de todo mundo vir para cá, virou aquela coisa, né, e aí foi vindo, sempre que alguém tinha oportunidade, vinha parar aqui. Eu acho que, sei lá, talvez um quarto do pessoal de lá já esteja aqui hoje. Eu tenho vários primos, tios, todo mundo espalhado pela cidade aqui por causa disso, virou um “não sei o quê”, ele [seu pai] falou: “Nossa... lá é... é lá que você vai deslanchar na sua vida, né, trabalhar... não sei quê...”. Até hoje ainda me pergunto: “Por que esse povo não foi para Maceió [capital do seu estado], né, que é três vezes maior... e mais perto...”. Eu não sei... é um pouco estranho isso.

R: E seu pai trabalhou um pouco aqui e depois voltou?

A: Depois voltou. Meu pai ele... ele foi operador de máquina pesada da CHESF [empresa hidrelétrica], foi até um... acho que foi uma época até boa para família, na década de oitenta, né, mas aí a CHESF terminou a obra de Xingó, né, a hidrelétrica de Xingó. E ele foi mandado embora, daí então ele tem viajado, ele veio para cá, veio duas vezes e... até que o prefeito, numa campanha política lá falou que ia comprar um trator de... uma máquina pesada que a gente chama lá de trator de esteira para fazer umas barragens lá para ganhar voto e ele era a única pessoa no município que tinha prática, então o prefeito convenceu ele a voltar, que ia pagar um salário, tal, mas foi só campanha, no final das contas a máquina não apareceu, o

trator não apareceu e eles mantiveram ele para não ficar mais feia ainda a situação, eles mantiveram ele lá com um salário mínimo, ele ganha um salário mínimo desde... desde 1999, quando ele foi com essa história da... desse trator de esteira, só que ele estava velho também, aí ele preferiu ficar lá na roça e... ficou por isso mesmo.

R: Ele ainda não se aposentou?

A: Ele se aposentou. Ele se aposentou. Aposentou ano passado.

R: Entendi.

A: Lá também é meio complicada essa questão de aposentadoria, demora... pela questão de comprovar tempo de agricultura, meio complicado, o sistema lá é meio... eu não sei como funciona aqui também, nunca vi alguém tentar uma aposentadoria, mas ele se aposentou com um atraso de vários anos, tanto ele quanto minha mãe, os dois hoje são aposentados.

R: Aí você estava contando do seu ensino médio, né, que você fez lá na cidade onde você morou...

A: É... eu fiz nessa cidade, eu terminei o ensino médio e fiquei meio sem perspectiva, continuei no mesmo trabalho, era operador de caixa de uma loja de material de construção e ficou naquilo... eu morava com a minha tia, é... meu irmão veio embora, minha irmã acompanhou ele, minha outra irmã casou, aí eu tive que me virar, entendeu? Aí eu fui morar com uma tia minha lá, né, e ficou uma coisa meio complicada, eu ficava morando... eu estava morando com a outra família, num trabalho que me dava o mínimo para eu me sustentar. Eu fiz como o pessoal fazia, eu vim para cá, para Guarani, e eu cheguei aqui em 2000 e... no natal de 2002, natal de 2002. Eu vim morar com o meu irmão e a minha irmã que já estavam aqui, os dois e minha cunhada. Também foi uma situação um pouco delicada porque eles... o meu irmão, para sair do aluguel, ele comprou um... uma espécie de barraquinho, dessas telhas de Eternit, assim, de dois cômodos, lá no Caxias [bairro da periferia], num trequinho que é até invadido, né, é... o pessoal sempre estava com medo se... se a prefeitura ia tirar todo mundo. É... numa época até um pouco complicada, eu lembro que eu estava lá... ainda quando ele comprou, o pessoal deu um dia para ele ir lá ocupar o local se não os traficantes iam tomar o lugar... então assim, eu já sabia que vinha (risos)... não era uma coisa tão simples, então ficou assim: quatro pessoas morando e... e realmente é difícil de você ter uma perspectiva, de você sair disso, falar: “Não... vou...vou fazer a diferença e...”, porque a gente vem com a ilusão que ia trabalhar, ia ganhar muito dinheiro e aí eu fiquei naquela, procurando emprego como todo mundo, três meses, até que consegui um emprego de recepcionista de hotel e achei que eu ia ganhar muito e vi que não, que talvez tivesse até feito a escolha errada. Mas aí surgiu... foi aí que surgiu um ponto positivo, né, que era... o trabalho era das dez da noite até às seis da manhã, né, e... na recepção do hotel, chegava umas duas, três horas, o pessoal ia dormir e eu ia ler... Eu acabei tendo contato com bastante gente que, por exemplo, vinha aqui para USP, é... vinha para congresso e eu sempre estava observando aquilo, né. É... eu já gostava de ler, antes de sair da minha cidade eu lia bastante, então eu conseguia ter uma noção de mundo para conversar, por exemplo, com o pessoal que... professores que iam fazer alguma coisa aqui e que se hospedavam lá, né... era um hotel aqui na frente da Câmara [Municipal], né...no finzinho da José Silva [nome da rua]. E aí o pessoal falava: “Ou, por que é que você... Por que é que você não estuda, né...Você fica aí...”. Só que assim, eu já lia algumas coisas e falei: “Ah... eu vou tentar, né”. E aí eu comecei a frequentar a biblioteca Guimarães Rosa, né, teve assim... foi muito importante para mim a biblioteca Guimarães Rosa lá no centro porque eu

saía seis horas da manhã, aí eu ia a pé, ficava no banquinho da praça esperando abrir às oito, pegava o livro, pegava o ônibus para casa no Caxias, né. E aí assim, eu trabalhei nesse hotel em 2003, 2004 e 2005, então durante esses três anos, eu fazia sempre isso: a cada dois dias eu ia na Guimarães Rosa, trocava o livro, aí depois eu descobri a biblioteca do SESC [espaço cultural da cidade], que era uma biblioteca mais atualizada... e que lá era possível interagir mais com as pessoas e descobri como fazia para fazer o vestibular daqui... o da Unesp, o de outros lugares e aí eu fui me interessando mais, aí comprei tipo... todas as apostilas de um cursinho no sebo, lá no centro, passei a frequentar aquele sebo ali da Santa Rita [rua]. E... nisso eu insisti, fui insistindo nisso, né... sem muita perspectiva eu fui... estudando, lendo, estudando, lendo é... o pessoal passava por lá [local de trabalho] e falava: “Oh, quando eu vier para cá de novo, vou trazer um material para você”. Aí o pessoal trazia: “Oh, tem um material de Inglês, um VHS que eu ia jogar no lixo...”, aí eu fazia o cursinho do Inglês e... e fui tentando... Até porque, assim, o salário era só para se manter mesmo, não dava para perder tempo indo no shopping... dava para ir uma vez no cinema e olhe lá. Então é... eu investi estudando e me inscrevi para a Fuvest.

R: Você já tinha noção do que você queria fazer? Do que você gostava?

A: É... como lá, minha realidade em Alagoas era assim: quem era professor se dava um pouquinho melhor porque conseguia um cargo público. Professor da prefeitura ou professor do estado, então assim, trabalhava de segunda a sexta e tinha um salário no final do mês, tinha alguma perspectiva, não era lá aquelas coisas, mas... e era a realidade: minhas duas irmãs mais velhas eram professoras, minhas tias eram professoras, era o que ia se conseguindo lá, falei: “Ah, vou partir para uma... para uma Licenciatura, né”. Aí eu falei: “Ah, mas como eu gosto muito de raciocínio lógico...”, e talvez pelo tanto de leitura que eu fazia, eu fui saindo da leitura... da literatura de romance, essas coisas, comecei a ler coisas mais específicas. Comecei a pegar coisas mais específicas, fui gostando e falei: “Ah... vou fazer alguma Licenciatura na área de Ciências”, aí eu vi que aqui tinha Química. Eu não tinha noção, eu não tinha estrutura, eu não tinha apoio para ir fazer. Se eu escolhesse algo muito mais específico que não tivesse aqui, eu não tinha condições de sair daqui, né. Aí eu vi que aqui tinha Licenciatura em Química, aí eu me inscrevi, mas assim, sem informação... eu, por exemplo, não sabia como que seria dividida a prova, a primeira fase, a segunda fase, como que era, não tinha acesso à internet em 2003, 2004. Acesso à internet que tinha era uma vez por semana que eu ia no SESC e pagava lá, acho que era até um valor simbólico que eles cobravam: cinquenta centavos e ficava uma hora, né. E aí eu... não tinha essa universalização, que você vai: “Oh, eu sei qual é o site da USP, eu vou lá direto, sei onde eu vou encontrar isso”. E aí eu lembro até hoje que sem querer eu cheguei no site da E [faculdade da USP] e até chegar onde estava o currículo do curso para ler, né, e... aí conversando com o pessoal lá, que o pessoal me indicou: “Oh, vai ter na...” acho que foi na F [uma das faculdades da USP] “oh, vai ter a seleção para você não pagar a inscrição”, porque assim, eu ganhava trezentos e noventa reais por mês e a inscrição custava cem [reais], né (risos). Então eu ia levar uns três meses para me recuperar disso aí. Aí eu vim e foi a primeira vez que eu perdi, por exemplo, um benefício, por causa do... da escola particular e é muito triste isso... não tinha, não tinha o que fazer! do fundamental II e do ensino médio de uma escola particular e era visto como se tivesse feito um “Macunaíma”, “Capitu” [renomadas escolas particulares da cidade onde se localiza o campus], entendeu? E eu perdi. Aí foi a primeira vez que eu me assustei... Falei: “Eu vou ganhar, né, eu estou ganhando trezentos e noventa reais, é... não tenho condições”, pagava aluguel, pagava as contas, tal, porque nesse meio do caminho eu saí da casa do meu irmão porque a esposa dele engravidou e aí não dava mais. Aí eu tive que alugar um barraquinho do lado com a outra irmã, a gente teve que sair. E foi negado, né [isenção da taxa

de inscrição]. Falei: “Tá... tudo bem”, não tinha muita perspectiva, mesmo assim insisti, me inscrevi para o vestibular de 2006. Aí saiu a primeira lista, eu não passei e aí eu lembro que eu fui trabalhar às dez horas da noite e... o filho da minha patroa, ele é da área acadêmica, de Ciências da Computação na UFSCar, uma coisa assim, e quando eu falei para ele, ele ficou super feliz, me incentivou, aí eu lembro que a noite eu estava lá e ele me ligou: “Ou, saiu a segunda lista e você está dentro!”, falei: “Como?” Na USP, que troço é isso? Foi... foi meio... foi bem estranho, assim, porque eu não sabia o que fazer. Eu ganhava quatrocentos reais, mas é o que me mantinha. E o curso era noturno, das sete às dez e quarenta e cinco, das sete às dez e cinquenta, né, o noturno aqui. E eu entrava lá às dez, aí falei para ele: “Ah, que legal, mas o que eu vou fazer agora? Não posso, vou largar o emprego e vou para rua?”, aí ele falou: “Não, você vai largar o emprego e vai lá e... vai se virar”. E foi aí que eu fiquei sabendo da assistente social... aí foi uma luta de novo porque eu tinha todo o histórico de escola particular. A única coisa que me deu sorte... eu só consegui entrar na moradia [moradia estudantil do campus] por causa da distância, né, falei: “Não, espera aí, vamos colocar meu endereço original dos meus pais aqui”. Então quando contava os 2500 quilômetros de distância... eu sempre consegui a moradia nas últimas colocações! O pessoal sempre me perguntava: “Ou, você fica em primeiro aqui, né? Em segundo?”. Era eu e o menino do Ceará (risos), “você ficam em primeiro, segundo?” eu falei: “Não, aqui eu fico em nonagésimo”, falou: “Como?”, falei: “Por causa dos meus dois históricos”. É... no primeiro semestre ela [assistente social] não me deu vale-refeição do restaurante universitário. Todo mundo tinha... o pessoal... os pais [dos colegas da moradia] chegavam de carro novo de fim de semana e tinha vale e eu não tinha, era uma coisa... e eu me mantive, tive que me manter todo o primeiro ano com as minhas parcelas do seguro desemprego do... do emprego que eu tinha no hotel.

R: Então quando você fez o vestibular, você não tinha conseguido a isenção? Mesmo assim você insistiu e você pagou?

A: Eu tive que pagar. Veio negado! Veio negado! Eu paguei porque eu já estava trabalhando há três anos no hotel, eu já vi que era uma ilusão, né, tudo aquilo que eles me falavam lá no povoado: “Nossa... lá é o lugar dos sonhos”. Pessoal falava assim: “Nossa... aqui você ganha...”, quando eu saí da loja lá, eu ganhava cento e... acho que o salário mínimo na época era uns cento e noventa reais, “Oh, aqui você ganha uns cento e noventa, lá você vai ganhar mil... oitocentos...”. E aí eu cheguei, comecei a ganhar quatrocentos e vi: “Nossa, que decepção, não é nada daquilo que todo mundo falava”... É muito mais dura essa vida aqui de pegar ônibus lotado e... ser assaltado várias vezes e morar numa periferia... pessoal só ouvia funk o dia inteiro, perspectiva zero, sabe? Era meio complicado.

R: Aí você conseguiu, então... Você morava aqui, no primeiro ano você se mantinha com o seguro desemprego?

A: Sim, eu... na verdade, quando eu... eu fiz a matrícula, na verdade foi assim: eu fiz a matrícula, e eu não fazia a menor ideia do que ia acontecer. Eu fiz um acordo com... na verdade a dona do hotel era meio complicada. Foi o filho dela que convenceu ela a deixar eu entrar às onze para ver o que a gente ia fazer para eu não largar [o emprego]. E aí quando eu vim para cá, no dia... quando eu encontrei o pessoal da minha sala que estava morando na moradia, né, e aí pessoal falou: “Não, vai lá na assistente social e conta...”, aí eu contei toda... aí ela falou: “Vamos ter que dar um jeito, né”. É... eu larguei o emprego, né, e... fui lá conversar com ela, porque assim... a coisa mais maluca dessa assistência social da USP Guarani é que se eu chegasse e falasse: “Eu tenho esse emprego para me manter de trezentos e

noventa”, “Ah, você é rico e você não vai receber nenhum benefício aqui”. Então assim, eu fiquei naquela, até que minhas irmãs que moram lá se juntaram e falaram: “Oh, vai para ‘o tudo ou nada’, pede as contas” - na minha primeira semana de aula – “Você vai pedir as contas e vai tentar”. Aí eu pedi as contas para poder vir conversar com a assistente social, para declarar renda zero e... mesmo declarando renda zero, eu consegui a moradia, mas não consegui a alimentação. Aí eu... só que eu tinha as parcelas do meu seguro desemprego. Então, assim, deu para eu me manter. Eu lembro até que eu me mantinha com cem reais por mês, algo desse tipo. Só que assim, foi a virada da minha vida, isso aqui, para mim foi... eu não tenho do que reclamar, foi... foi uma das coisas mais loucas que aconteceram da minha vida, assim: sair de onde eu morava para cair aqui dentro e falar: “Isso aqui é... nível de primeiro mundo”, entendeu? É... não tenho palavras, não consigo descrever como que foi aquilo. E aí eu falei: “Cara, agora eu estou aqui, agora é aproveitar”, né, aproveitar... tudo o que eu puder, assim, é... desde o centro de esportes do campus, é... a possibilidade assim, eu vivia aqui de 2002 a 2006 e eu não tinha amigos, né, a gente morava na periferia, era trabalho, não... é... não tem rodas de amigos...

R: Vida social...

A: Não, não tinha vida... vida social era zero e aí de repente eu caio aqui e tinha festa toda semana e você conhece todo mundo da sala e assim, fiquei deslumbrado, foi... nunca festejei tanto. Mas sempre acordando sete horas da manhã, abria a biblioteca junto aqui e ia direto para aula, é... foi... foi bem bacana, assim... é... E aí teve a trajetória no curso... foi legal, acho que de cara eu já consegui me destacar pelo tanto que eu estudava, com muita dificuldade porque eu não tinha base nenhuma, né, é... eu via que tinha gente que conseguia fazer algumas coisas nas provas pelo pouco que estudou no ensino médio, mas aqui não estudava nada. E eu tinha que correr atrás. Pessoal me via com livro do ensino médio e ficava: “Ou, tá louco? Tá vendo função de primeiro grau de novo?”, “Ah... deixa eu aqui” [respondia].

R: Você teve que retomar...

A: Eu tive que retomar muitas coisas! Eu ainda retomo até hoje... hoje como professor de ensino médio, sei que a base é o fundamental II. Não fica uma ideia muito fechada para a gente por causa da idade, mas o alicerce está ali no fundamental II, depois vem o ensino médio para te dar uma formação muito forte. Aí um pouquinho de esforço... você deslancha. Eu sinto que faltou muito por causa das dificuldades que eu tive ao longo desse período, é... eu nunca parei para estudar no fundamental II e ensino médio... nunca... meus pais me colocavam na escola, mas não tinha aquela coisa: “Oh, você vai ter o seu cantinho” [para estudar], não. Acho que a única vez que eu parei para estudar foi uma vez que eu estava na sétima série e ia ter uma gincana da dengue. E o diretor da escola me escolheu para participar da gincana, que era de perguntas e respostas, aí eu cheguei com medo em casa, falei: “Oh, me escolheram, eu tenho esse material para estudar...”, e eu queria não ir para a roça, eu queria estudar. Aí minha mãe falou com o meu pai e eu fiquei estudando para fazer a gincana dois dias depois. Só! Eu nunca tive essa... a gente não tinha essa... essa oportunidade, eu diria, não é nem uma questão cultural, é questão de oportunidade eu acho. É... mas sempre deu certo, eu fui conseguindo passar por essas dificuldades, tal, e fui aproveitando a estrutura que é o que a gente tinha que... tinha gente que reclamava, para mim estava tudo lindo, maravilhoso e eu estava correndo atrás, né. É tanto que no final, assim, foi uma coisa bem bacana, que na minha formatura: seis de janeiro de 2011, para a Química tem um prêmio para o melhor aluno da sala e eu ganhei esse prêmio, que é o Lavoisier [prêmio do curso para o melhor aluno da turma], né, foi bem... foi um momento bem maluco, muito legal! E... tinha gente boa na minha

sala que eu acho que teve bastante oportunidade e não... não aproveitou. Isso até eu acho que tenha aberto algumas portas, quando eu já pedi.... “Ah, tem apoio para dez alunos aqui para vir para o congresso de graça” e eu meto meu currículo lá e acabo conseguindo, entendeu? E eu acho que eu... acho que até hoje conta um pouco esse prêmio.

R: Aí você fez toda a graduação...

A: É... eu fiz toda a graduação... o primeiro ano eu consegui me manter, no segundo eu já não consegui, fui para aquela bolsa Ensinar com Pesquisa, mas, não me encaixei muito no projeto, saí, e no terceiro ano eu vim fazer aquele estágio da biblioteca aqui que a gente trabalha, não sei se ainda tem é... tanto que na minha época tinha uma fila até grande para a gente conseguir. Ficava ajudando por quatro horas por dia e ganhava um pouquinho melhor que a bolsa de iniciação. Só que aí como eu passei a estudar mais, eu falei: “Ah, vou começar a prestar concurso”, aí eu prestei um concurso aqui, fiquei entre os dez primeiros, não passei, prestei um concurso na prefeitura de Iguazu para secretário de escola e passei, fui convocado. E aí eu fui porque como era aqui do lado... E acho que foi outro... O primeiro ponto que minha vida mudou foi quando eu entrei aqui. O segundo foi quando eu comecei a ver que eu poderia é... ir subindo para algumas coisas melhores. Aí eu passei nesse concurso, pagava bem, para mim estava perfeito, né. É... era um emprego estável, público, ambiente escolar, porque eu estava no curso de Licenciatura, que me complementou bastante, né. E eu, pela primeira vez, tinha dinheiro para fazer o que eu queria: viajar para onde eu queria, sair para onde eu quisesse aqui. Então, foi bem legal. Aí eu terminei... terceiro, quarto e quinto ano, fiz a graduação nesse emprego. Eu ia para Iguazu cinco e meia da manhã e entrava direto na graduação.

R: Você trabalhava o dia todo e depois vinha... para estudar?

A: E depois vinha para a aula. A única recuperação que eu peguei no curso foi porque a professora... de J [disciplina do curso de graduação], ela me mandou para a recuperação com 4.9, eu fui lá reclamar, ela falou: “Oh, você dorme nas minhas aulas!” (risos), só que eu chegava exausto! Você pega uma época de calor dessa, que leva a tua energia embora, sabe, você sai daqui... e eu fazia assim: a escola lá em Iguazu era na periferia, então eu pegava o ônibus aqui na Tamanduá [rodovia da cidade onde se localiza o campus], cinco e meia da manhã, chegava lá às seis, aí eu pegava uma bicicleta na Secretaria de Educação lá da rodoviária e ia pedalando quarenta minutos, trinta minutos, quarenta minutos até a escola (risos), aí para voltar a mesma coisa, então não... foi bem no primeiro semestre até eu me adequar, né. Só que como eu tinha um ritmo de... tinha pegado o ritmo de estudar... nunca me atrapalhou. Não me arrependo de ter trabalhado na época. Aí em 2010, quando eu terminei, quando eu estava no último ano da graduação, abriu um concurso no estado, em fevereiro, aí eu falei: “Pô, falta um ano para a gente se formar, não vai dar certo, mas vamos testar”. E aí... só que esse concurso de 2010, o processo seletivo demorou um ano, foi uma coisa bem maluca que teve. Teve a primeira fase, aí teve que ir a São Paulo para atribuição, aí depois inventaram um curso de formação que estava dentro do concurso, tinha que fazer um curso de quatro meses e aí quando eu me formei, tive que pedir apressamento de diploma porque saiu a vaga, aí eu peguei em Iguazu de novo, como eu conhecia lá, exonerei da prefeitura, me formei aqui, na semana seguinte eu assumi o concurso lá.

R: Você foi dar aula de D?

A: Fui dar aula de D, peguei trinta e duas aulas no estado lá porque eu falei: “Ah, me formei

para isso”. Já estava meio desconfiado, falei: “Cara, eu acho que eu estudei muito (risos), para ir dar aula no ensino médio”, porque o nosso curso de Licenciatura aqui é muito pesado, eu diria que a gente é quase humilhado aí. O pessoal não tem muito essa visão que é uma Licenciatura, que tem umas coisas que são... não tem necessidade. É... e aí eu comecei a dar aula, em 2011 eu dei aula em várias escolas, né. É... na verdade peguei as trinta e duas aulas do estado, aí eu falei: “Cara! Tá pouco isso aqui”. Em termos de aula, já estava demais, mas em termos de “grana”... Aí eu comecei a pegar curso técnico de açúcar e álcool, é... aula particular... e falei: “Não. Eu acho que vou voltar a estudar”. Aí eu prestei o mestrado, entrei com bolsa e tal, aí eu mantive só algumas aulas, só para complementar renda.

R: Você continuou como concursado lá, você não pediu licença, nada... continuou trabalhando lá?

A: Não, lá eu exonerei, eu mantive as aulas que eu não tinha muito o vínculo é... formal, por causa de umas prerrogativas das...

R: Mas você fez mestrado com bolsa?

A: É, eu fiz mestrado com bolsa. Depois, quando eu terminei o mestrado, eu prestei concurso de novo, teve outro concurso... ano passado eu acho... foi em 2013... alguma coisa assim, 2013, fim de 2013 teve outro concurso, só que aí eu pedi é...eu peguei um cargo de dez aulas porque aqui eles liberam até oito horas de trabalho com bolsa, então dez aulas, duas noites, eu vou na escola sete horas, tipo... quando tem aula na sexta feira à noite, então é uma coisa assim, passa bem despercebido, não me atrapalha. Aí eu passei de novo, peguei o cargo de dez aulas aqui em Guarani e ainda tenho ele.

R: Aqui é estado?

A: Estado, estado. Eu mantive... peguei esse cargo porque assim, depois que eu entrei aqui, eu vi toda essa logística da pós... é uma coisa meio complicada, eles não querem que tenha mais de oito horas, mas se a bolsa não cair no mês que vem, quem que vai te ajudar nisso? Ninguém, entendeu? Quando eu terminei o mestrado, você fala: “Pô, mês que vem não tem bolsa e agora?”, E... agora ninguém tá nem aí, você que corre atrás. Então eu entrei no fluxo contínuo do doutorado... terminei o mestrado em fevereiro de 2014 e já entrei no doutorado em abril. Fiz a prova de novo, passei de novo, é... e aí entrei no doutorado. Tinha várias aulas particulares assim, larguei tudo para me dedicar à pesquisa e tal, né... é... e estou no doutorado há um ano e quatro meses mais ou menos, eu acho que é isso. Eu acho que uma coisa que aconteceu, bacana assim, que... eu estava pensando nisso até nesses dias é... o quanto eu consegui evoluir nesse período, que eu paro e penso: “Pô, quando eu prestei a Fuvest e entrei de segunda chamada, quadragésimo nono, não sei quê” é... quando eu prestei o concurso da... quando eu prestei o mestrado, já fui numa colocaçãozinha melhor, já peguei a bolsa, né. Quando eu prestei o doutorado, consegui uma colocaçãozinha um pouco melhor ainda, consegui a bolsa com taxa de bancada porque os primeiros pegam as bolsas do CNPq que... tem taxa de bancada para gente ir para os congressos. É... eu acho que... espero, né... não diria que seja um final, mas um novo começo... eu acho que tudo isso culmina com o concurso que eu prestei agora esse ano do Instituto Federal. E o Instituto Federal virou uma instituição muito concorrida pela quantidade de... pelo menos na área de Química, de químicos formados, né que tem... E está muito difícil você como químico conseguir um cargo razoável e se manter dentro do estado de São Paulo. O pessoal está tendo que sair é... e aí teve a prova do Instituto Federal, tinha uma vaga para químico aqui no Instituto Federal de Iguazu e aí,

tipo... cheguei lá tinha cento e dez pessoas, um monte de gente no segundo postdoc... falei: “Ah, experiência, né”. E aí eles chamam seis para a segunda fase e eu fui em segundo [lugar] para a segunda fase, com o pessoal do postdoc: “Vamos lá, né”. Aí fui para Catanduva para a segunda fase e saiu o resultado, eu estava em segundo, pulei para primeiro, que eu fiquei em primeiro na aula [prova prática] e agora estou esperando só a prova de títulos, né, que é onde pesa porque eu não tenho doutorado e o pessoal está no postdoc já. Só que assim, abri uma pontuação para o segundo, para o terceiro [colocado] e... esses dias mesmo estava passando tudo isso na cabeça e: “Nossa... consegui chegar e chegar para ficar”, assim, enquanto o pessoal está tendo que sair daqui, eu... chegar e conseguir ficar é... é uma coisa bem bacana, entende? Olhar para trás e falar: “Pô, valeu a pena cada... cada gota de suor”.

R: Muita vitória, hein, Antônio, que legal! Muito bom. Você tem mais alguma coisa... que você queira falar?

A: Não, eu acho que esse é o resumo.

R: Eu queria retomar algumas coisinhas que você falou.

A: Ah, claro! Fica à vontade!

R: Você falou do negócio de ir para roça, que quando é criança, o pessoal já logo vai trabalhar na roça e tal, mas você não trabalhou? Você não chegou a trabalhar?

A: Trabalhei... trabalhei. Com seis anos tinha que ir para roça já, não podia ficar em casa brincando não.

R: E aí você ia para escola? E depois ia... Como que era?

A: É... escola num período e quando voltasse... Quando era muito pequeno, assim, por exemplo, sei lá, na terceira série... geralmente a gente ajudava minha mãe em tarefas mais pequenas, falava: “Ah moleque, vai aguar as plantas, vai jogar água nas plantas ali”, aí tinha que ir em um... numa barragemzinha que a gente chamava de barreiro, pegar água, jogava, ou às vezes estava fazendo alguma coisa, estava fazendo tijolo atrás de casa, entendeu? Tinha que pegar o barro e... o tanto que ajudasse, para eles estava bom. Mas a partir da quinta série, a gente chegava cansado mesmo, no calor, e almoçava e ia para a roça porque lá a gente vivia na base da subsistência, plantava para subsistência e para comprar as coisas que a gente não produzia, né, então assim: a gente produzia feijão e não produzia arroz, então produzia feijão suficiente para comer um ano inteiro, mesmo a família com nove pessoas e... pegava um pouco daquilo e vendia na cidade para comprar as coisas que... Então lá as famílias são grandes, às vezes, exatamente já para... cada um que produzia o que comia, independente da idade.

R: Então você trabalhava na agricultura da família?

A: Da família. Não para ganhar dinheiro. Era da família. O único dinheiro que vinha era como eu te falei: plantava sempre a mais para poder vender e comprar as outras coisas, mas tipo, a gente produzia frutas, legumes, verduras, feijão, farinha, milho, tudo isso, então assim, sempre estava na... Eu lembro que eu sempre rezava para não ter safra de alguma coisa (risos) porque terminava a do milho, aí entrava a da mandioca, terminava a da mandioca, entrava a do feijão (risos). Eu lembro que quando eu era moleque, eu falava: “Pô, não tem uns quinze

dias aí né, para dar uma folga?” (risos). E era isso, assim, sempre... eu lembro que eu estava sempre sonhando assim, de: “Pô, quando que eu vou embora daqui?”. Eu trabalhei na roça até eu terminar o fundamental I, porque no fundamental II eu fui para a cidade e passei a ter o trabalho no comércio.

R: Que era quando você era caixa?

A: É.

R: Entendi. E aí você comentou que seus pais... eles faziam um esforço e eles colocavam vocês numa escola que era particular lá. Daí, ao mesmo tempo você comentou que eles faziam um esforço, mas não tinham assim... não era tanto... não existia um, por exemplo, você falou que não tinha um cantinho para estudar...

A: Não, não. Não tinha. Eles não acompanhavam isso.

R: Não acompanhavam muito. Esse acompanhamento dos seus estudos não tinha...

A: Não, não tinha. Sinceramente... eu acho que na quinta série... eu não sei porquê, eu era muito bom em Matemática, terceiro bimestre eu lembro que eu já estava aprovado. É... Matemática, Exatas eu não sei porquê eu me dava muito bem, mas não era porque eu chegava em casa, almoçava: “Agora eu vou estudar, vou fazer...”. Não lembro de eu em casa fazendo exercício de Matemática, era só coisa assim, da sala de aula, não tinha nada de: “Eu pratiquei e...”. Tirava dez em Matemática assim... não sei, porque hoje quando eu dou aula, eu digo: “Cara, se você não praticar isso aqui, você vai esquecer amanhã”.

R: E você então... Aproveitando para falar disso, essas... existia essa... lição de casa? Seus professores davam lição de casa, você se lembra disso?

A: Não, acho que hoje existe muito mais. Às vezes passavam trabalhos, mas assim, mais da parte de humanas, geografia: “Oh, tem que fazer esse trabalho!”, aí a gente fazia aquele trabalho de copista, pegava um livro... porque na escola tinha a biblioteca municipal do lado, então no caminho para pegar o ônibus, a gente entrava lá correndo e... porque saía na hora do almoço, não tinha ninguém para atender às vezes. Quando encontrava alguém lá, a gente pegava o livro e levava para casa. É... eu lembro de fazer trabalhos de história, geografia... e era assim, a gente fazia à noite, tipo, ia para roça, quando voltava, jantava, meus pais iam assistir a novela e a gente ia fazer esses trabalhos.

R: Sozinhos, por conta própria?

A: Sozinhos, por conta própria. Nunca fui auxiliado por ninguém a fazer trabalho, não.

R: E você gostava de fazer? Como que era?

A: Eu gostava, eu gostava. Nossa, eu lembro... até lembro de um na Copa de 1998. Professora de geografia pediu para fazer um resumo de todos os países que participavam da Copa, aí eu ia para casa... Minha irmã namorava um rapaz que morava lá na cidade e aí eu dava essa desculpa para não ir para roça e falava: “Preciso ficar na casa do meu cunhado hoje porque tem um trabalho para fazer...”, então assim, quando era estudar para me livrar da roça, para mim era... eu adorava! Era perfeito! Mas... não, eu gostava, eu gostava muito de ler. Eu não

lembro se eu fazia muitas conexões na época, a forma como eu passei a interpretar depois que, por exemplo, depois do ensino médio, quando eu lia muito e comecei a fazer conexões mais críticas. Não tenho nenhuma lembrança, nem do fundamental II nem do ensino médio: “Oh, eu vou sentar para estudar, eu estou entendendo o que eu estou fazendo aqui!”, entendeu? Não lembro de nada disso, assim.

R: E você, então você não fez cursinho, você estudou por conta própria? Como você sabia o que você ia estudar... alguém te deu dicas... você falou que comprou as apostilas, né?

A: É... como eu sabia que aquelas apostilas... Porque quando em 2005 eu fui tentar fazer, eu lembro que eu fiz a prova de bolsa do... porque eu estava... 2004, 2005 eu fiquei por conta própria, lendo muito e falei: “Cara, acho que daqui não vai sair muita coisa, será que eu consigo fazer um cursinho?”, aí fiz a prova de bolsa...

R: Você estudou, mas não tentou? Não prestou vestibular?

A: Não prestei, não, 2004 não, 2005 não, aí 2003, 2004, 2005 foi que eu falei: “Ah! Vou investir esse ano, será que eu consigo alguma coisa?”, aí eu fiz... acho que em janeiro, fevereiro, mais ou menos assim, né. Logo quando terminam os vestibulares, começam a fazer as provas de bolsas, aí eu fiz o Capitu, do Dom Casmurro [outro colégio particular e cursinho da cidade onde se localiza o campus] e consegui aquelas coisas de 30% de desconto, 40% de desconto, eu lembrava que tinha que pagar cento e noventa por mês, aí eu falava: “Pô, eu ganho quatrocentos reais... sem chance”. E assim, eu falava para minha família para ver se tinha algum apoio, mas ninguém entendia muito e... deixei quieto, né: “Ah, tá louco? O que é que você vai fazer? Vai fazer cursinho? O que é isso?”, né, porque eu até ainda tentei: “Será que eu consigo me sustentar com o resto se eu cortar alguma coisa aqui, ali”, mas não tinha o que cortar, então... continuei estudando. Foi aí que eu comprei a coleção mais completa, eu lembro, do Capitu e falei: “Ah... se o pessoal usa isso aqui para estudar para o vestibular, vou estudar isso aqui também”, e aí... Foi o que eu tentava estudar um pouquinho, fui revezando, um pouquinho eu estudava a apostila. Quando eu saía para o hotel eu levava... cada dia eu levava uma apostila diferente, né.

R: É... e aí você entrou no doutorado logo depois que você terminou o mestrado?

A: Sim, foi. A gente chama de fluxo contínuo; termina o mestrado e já tem uma data interessante para... geralmente o pessoal defende tudo nesse... fevereiro e aí eles já estipulam uma... criam uma banca para passar os projetos já esperando esses alunos que querem fazer esse fluxo contínuo, né, que completam os dois anos. Daí completam os dois anos geralmente em fevereiro, então geralmente eles marcam a prova para março. Então eu defendi no dia vinte e oito de fevereiro.

R: Você estava no mestrado e já estava pensando no doutorado?

A: Sim. Na verdade é meio uma loucura, assim, porque eu defendi o mestrado no dia vinte e oito de fevereiro, aí você vai atrás de publicar algumas coisas é... preparar o projeto para o doutorado... só que para a gente, não tem doutorado sem bolsa, então ao mesmo tempo você está... buscando a... fazendo a pesquisa bibliográfica, você tem que estudar para prova de bolsas também é bem complicado, às vezes a gente entra até com um projeto e quando está lá dentro fala: “Nossa, que besteira que eu fiz. Que projeto maluco”, mas era... não tinha tempo, entendeu?

R: Entendi.

A: Questão de tempo.

R: E você... o que você pensava, assim, quando você pensava em fazer o doutorado, você pensava em vida acadêmica ou...?

A: Vida acadêmica. Eu gosto da metodologia científica, da forma de pensar, do criar, explorar propriedades das coisas para funcionalizar elas para algo útil, entendeu? É... mudei um pouco a minha percepção com esse concurso do Instituto Federal porque... é bem complicado para a gente aqui no departamento de Química fazer pesquisa, a gente está passando por um momento difícil, não tem dinheiro para nada. Então enquanto a gente está engatinhando para fazer alguma coisa, alguém lá fora fez isso em meio período... e a gente... é... demora muito para fazer uma análise boba, simples, porque a gente espera bastante tempo e a coisa estava se arrastando e foi aí que eu vi: “Olha, dá para ir aqui”, né porque no Instituto Federal tem cursos de graduação também e aqui em Iguaçu [cidade vizinha] tem o curso de Licenciatura em D, então eu falei: “Ah, vou entrar agora no curso técnico, já é um salário muito bom e lá dentro eu vejo como que eu subo ou por prova ou por evolução lá dentro mesmo, ver como que eu consigo dar aula na graduação”. O que eu quero hoje é dar aula na graduação, nos cursos de D. Gosto de dar aula no ensino médio, tento diversificar o máximo para não me empobrecer muito na questão do conhecimento, tal, ficar muito parado ali, tendo diversificar, mas... é... minha ideia é dar aula para graduação e ter um espaço para fazer pesquisa também.

R: Aqui então você está com bolsa no doutorado?

A: Sim.

R: E aí essas aulas que você pega no estado é com vínculo? É do concurso ou são aquelas.... eventuais?

A: Não, não tem vínculo nenhum.

R: Não tem vínculo empregatício?

A: Não, vínculo com o doutorado não, não tem vínculo nenhum com o doutorado.

R: Mas esse regime de emprego, como é? São aulas avulsas?

A: Ah aqui no... estado? Eu sou efetivo.

R: No estado você é efetivo.

A: Eu sou efetivo.

R: Certo. Então você tem vínculo empregatício com o estado?

A: Com o estado. Mas aí a gente busca algumas brechas, né... porque a CAPES e o CNPq têm uma resolução em 2010 que deixa a cargo dos orientadores, entendeu?

R: Entendi.

A: Entendeu? Então, assim... meu orientador falou para mim: “Oh, você vai, só que assim, é tantas aulas e se você conseguir pegar à noite. Se for só de dia, esquece”. E aí eu tive a sorte de cair lá na Casa dos Cocais [bairro], o Maria de Lurdes [escola estadual da cidade] é uma escola muito grande e tem aula sobrando à noite, assim... E ainda consegui conversar, falar: “Ah, deixa quinta e sexta à noite...” porque sexta-feira o pessoal já nem aparece aí mais, entendeu? Então... nunca me atrapalhou.

R: Certo. E como era sua relação, assim, com os professores... nessa época... desde o começo, no ensino fundamental... e no restante também?

A: No fundamental... era bem aquela coisa de professor general mesmo e você estava ali para obedecer ordens e... não lembro de criar vínculo. No fundamental II... no fundamental II também não, eu... eu era muito fechado, ainda sou muito fechado, eu evitava relações ao máximo, então... nunca... no fundamental I, no fundamental II, no ensino médio... até porque hoje como professor eu vejo que tem vários tipos de alunos e tem aquele aluno que vai... que fica ali... a gente acaba dando um pouco mais de atenção para aqueles alunos que estão mais antenados. Tem aquele aluno que vai bagunçar sua aula até o fim e você pega... e tem aquele que... que passa e... vai passando, não sei... pela quantidade de alunos que tem na sala fica meio despercebido... E eu acho que eu fui um desses casos, entendeu? Um aluno do mediano quase para baixo (risos). E de ficar na minha, sempre tentar ficar acompanhando na minha ali e fui passando de ano, entendeu? É... gostava muito de Exatas, mas também nunca... isso nunca chamou atenção para criar vínculo com os professores. Isso.

R: E existia esse... incentivo, essas falas sobre universidade, sobre faculdade...?

A: Não... (risos) não (risos)... lá não tinha essas coisas não.

R: Não...

A: Nunca... nunca ouvi falar de... É... estava começando o ENEM em 1999, 2000. O ENEM estava começando a ficar uma coisa mais popularizada. Lembro que alguns colegas meus já começavam a ir para Maceió [capital do seu estado] fazer... tanto que tinha que ir para Maceió fazer, né, e era difícil para gente arranjar uma viagem para Maceió e tal... num domingo... era impossível. Não tinha onde ficar, entendeu? Eu lembro que quando eu estava terminando o ensino médio, estava... eu acho que estava começando a popularizar essa ideia, mas já não... Era para quem tinha onde ficar lá o fim de semana e fazer em Maceió, na época de 2000, 2001. Aqui, quando eu me interessei... aí depois quando... pensei em vestibular depois... eu não me interessei... nunca fiz o ENEM porque na época a Fuvest nunca... nunca usou. Mas informação desse tipo, lá nunca tive não.

R: E aí... e seus irmãos estudaram? Fizeram graduação?

A: Ah, sim. É... eu tinha uma irmã que fazia... é... fazia, estudou Pedagogia na UNEB [Universidade Estadual da Bahia]. Eu terminei o ensino médio, ela estava no meio da graduação, alguma coisa assim.

R: É... essa é aquela de Bahia ?

A: É, nessa que eu falei que tinha os cursos de Matemática, Biologia e Pedagogia (risos) ela também ingressou em Pedagogia. Só que assim... também era difícil porque... a turma que conseguia, geralmente eram professores, entendeu? E... por exemplo, com o emprego que eu tinha eu não conseguia pagar nem o xerox, nem usar as cópias que eram necessárias, se eu conseguisse prestar e passar, entendeu? Você tinha que ter um horário flexível, tinha que pagar o ônibus, tinha que juntar todo mundo e pagar o ônibus para ir para outra cidade, então assim, era uma coisa que era irreal, então, portanto era uma coisa que nem era muito divulgado na escola.

R: Então na sua família também não existia essa conversa, esse diálogo?

A: Essa conversa de... não... não... Existia pelo incentivo dessa minha irmã que fez, que estava fazendo e que terminou. Existia só que não existia tanto porque não... não dava para fazer muito sentido conversar sobre algo que a gente não tinha acesso, entendeu? Não tinha acesso.

R: Nem passava pela cabeça?

A: Não... não... não...

R: Seus irmãos também... você é... na sequência assim qual é...?

A: Eu sou o sexto.

R: E todos estudaram?

A: Essa minha irmã terminou... aí tem uma outra que fez Pedagogia na UFAL [universidade estadual do seu estado natal]. Só que é uma coisa que criaram meio que à distância porque lá ainda tinha muito professor com ensino médio nas escolas. Concursado, mas com ensino médio. Aí a UNEB criou um curso lá à distância que eles se reuniam em cidades polos do interior do estado uma vez por mês, aí ela conseguiu fazer esse aí. Porque ela era concursada com o ensino médio, minhas duas irmãs mais velhas... Então uma fez presencial, ia todo dia para Bahia. A outra... estava querendo ir para Bahia também, aí a UFAL abriu esse negócio aí... a UFAL... e aí ela fez. Os outros... os outros todos estão por aqui, o meu irmão mais novo está terminando Administração [curso de graduação] na... é em... é em Tulipa [cidade do interior paulista] (risos)? É... tem a...

R: R [faculdade particular dessa cidade do interior paulista]?

A: É, a R. Ele conseguiu bolsa lá pelo Prouni, conseguiu cem por cento lá em Administração. Ele morava aqui, também sem muita perspectiva, [trabalhava] no comércio e conseguiu essa bolsa e aí a gente incentivou ele para se virar por lá. E aí agora está terminando, já.

R: Quando você veio, então, você não veio para estudar, você veio para trabalhar, ganhar dinheiro e...?

A: Não... eu vim para... achei que eu vinha ganhar dinheiro aqui (risos).

R: Entendi. Aí que você estava no hotel, então, que você começou conhecer umas pessoas... tal... que vinham para cá. Foi aí então que você soube da USP, ou você já conhecia?

A: Eu sabia da USP por essa irmã mais velha, ela veio passear um dia aqui e eu não sei como ela veio parar aqui um dia e ela me falou: “Olha, você vai para lá e, pelo que eu vejo, lá tem as melhores universidades e tem uma universidade assim, assim, ela é muito bonita, muito grande e tal...”. Eu lembro que ela comentou na frente de um dos meus professores do ensino médio... porque ela era professora, né, ela era concursada, mas com ensino médio também na época. E eles começavam a rir porque eu não era um bom aluno (risos), eu não estudava e eles davam aula para mim e tal, falavam: “Esse aí? Tá louca?” (risos). É, né... falei: “Tá. Tudo bem, né”. Mas a primeira vez que eu vi a USP mesmo... Eu tive um irmão, meu irmão que mora aqui... o terceiro emprego dele aqui na cidade foi como vigilante; esses vigilantes terceirizados que tem aí, ele foi vigilante aqui acho que de 2004 a 2008. Foi bastante tempo até, né. E quando ele entrou aqui, ele sempre me falava daqui: “Nossa! Lá é assim, assim, muito bom, lá”. E aí tem uma feirinha aqui no mês de junho, de troca, aqui no centro de esportes do campus, acho que é em junho, julho, não lembro agora... é... ele falou para mim, ele estava de vigilante, aí ele falou: “Ó, está tendo... o que você está fazendo agora?” E eu não estava fazendo nada né, estava parado dentro de casa. Aí ele falou: “Oh, se você der um jeito de vir aqui, é legal, lá numa feira tem uns livros aqui por um real, você gosta e tal”. Aí eu consegui pegar o ônibus e vim parar aqui, aí foi a primeira vez que eu entrei aqui e falei: “Eu quero vir para cá”. Foi a primeira vez que eu... que eu tive contato mesmo e... tive vontade de vir.

R: Aí você já trabalhava no hotel?

A: Eu trabalhava no hotel.

R: Era com hóspedes do hotel que você falou que você conversava?

A: É... é... passava muita gente assim... que já... gente que se formou também na USP, Unesp, Unicamp... congressos... fechava pacotes para congressos... porque lá é um hotelzinho, assim, não é um bom hotel, então assim, estudantes fechavam grupos para... e fica aqui na Câmara, então é só vir pela avenida João Garcia. Então... bastante gente que vinha para congresso ficava lá... na época do vestibular, quando o pessoal passava, o pessoal que tinha mais dinheiro, aí vinha a mãe com o filho para conhecer a cidade, ficava lá (risos) e eu ficava olhando aquilo, né, falei: “Nossa! Que legal! Que folga do moleque”... toda essa praticidade, a mãe vem (risos) para procurar o local para morar... ver se é perto de onde... eu ficava olhando aquilo, ficava indignado (risos).

R: Para você era tudo mais difícil...

A: É (risos)! Então foi lá que eu tive bastante contato, bastante incentivo. Mas perdi contato... nunca fiz contato... era uma pessoa não muito... desinibida quanto hoje... Hoje eu pegaria telefones, faria contato, falaria: “Oh, estou aqui hoje”, porque tinha muita gente que falava: “Oh, você vai conseguir”, levava livros e tal e eu... também não era uma coisa que na época não tinha esse acesso de internet, essas coisas de ficar mantendo contato, né.

R: Certo. E... nessa sua trajetória, o que você acha que contribuiu para que você decidisse fazer a pós-graduação?

A: A pós? O tanto que eu estudei na graduação. É... o tanto que eu estudei na graduação, eu achei que eu conseguiria ir mais além. Eu tinha muito pouca confiança em mim mesmo, sempre assim, sempre... era mais de ouvir, deixar os outros falarem... sempre tive um medo,

assim, de... “Pô, estou falando besteira, não sei o quê”. Então, é... quando eu terminei a graduação, eu falei: “Nossa, eu acho que eu tenho possibilidade de fazer isso que o pessoal está fazendo na pós”.

R: Você já conhecia alguém que fazia a pós, que fazia mestrado?

A: Sim, porque a gente tem contato com os monitores durante as aulas, então a gente acaba conversando com eles. O pessoal que vai terminando, alunos que a gente tem contato que vão terminando e vão entrando na pós e a gente acaba encontrando depois no restaurante universitário ou como monitor nos laboratórios das aulas práticas.

R: E esse seu desejo de fazer a pós é... para estudar mais?

A: Foi... foi para estudar mais, é... depois que eu entrei no mestrado foi que me abriu mais perspectivas. Acho que quando eu terminei o mestrado, foi aí que eu ganhei mais confiança de falar: “Olha, eu posso tentar fazer o que eu quiser fazer”. Quando eu terminei o mestrado, quando eu defendi a minha dissertação, quando eu publiquei meu trabalho: “Nossa! Não é que eu consigo fazer isso?”. Aí eu comecei a traçar planos mais... mais ambiciosos. Acho que do ano passado para cá, que eu falei: “Agora ganhei confiança para fazer coisas mais... mais... maiores”. Eu tinha o sonho de ir para Roma, então em 2013 eu consegui ir, quando eu estava terminando o mestrado, foi outra coisa que me marcou muito também.

R: Foi a passeio ou...?

A: Congresso. Foram acontecendo, assim, várias coisas que foram me ajudando, então foi bem essencial a pós-graduação, o mestrado, assim, para mim foi... foi outra coisa bem... a graduação foi uma virada e o mestrado foi uma coisa que consolidou o que eu já vinha tentando... fazer que é... criar planos mais... é... sem dizer: “Oh, eu acho que eu não consigo... sou inferior a todo mundo aqui...”

R: Esse sentimento que você está falando era quando você estava na graduação?

A: Sim, até no começo do mestrado mesmo porque eu sempre achei que o pessoal tivesse...: “Ah, o pessoal estudou em escola particular tradicional aqui... o pessoal... eu nunca vou alcançá-los” [pensava], entendeu? “Nunca vou chegar lá, sempre vou estar com uma defasagem”. Eu acho que ao longo do tempo eu fui tirando, sinto que fui tirando essa defasagem e... consigo agora falar: “Ah...”, por exemplo, eu não ia... quando eu estava na graduação, falava: “Pô, nunca vou ter condições de ser um professor daqui”, entendeu? Hoje eu sei que eu tenho condições, entendeu? Na graduação, nunca passou pela minha cabeça falar: “Oh, nossa, será que um dia eu teria condições de dar aula aqui?” “Não, imagina!, né, “coisa louca! Jamais!”. E hoje, principalmente agora depois desse concurso que eu peguei todo mundo, um monte de gente no segundo postdoc, tal e... assim, por mérito eu terminei em primeiro porque títulos é... você pode ter, sei lá, duzentos postdoc e não sabe dar uma aula ou foi mal na prova. Então as fases que dependiam das pessoas, da capacidade das pessoas, eu terminei em primeiro. Então... isso eu ganhei, assim, depois que eu terminei o mestrado, acho que o mestrado foi bem importante para isso aí, de falar, assim: “Ah! Eu tenho condições de chegar onde eu quiser”.

R: Você falou... teve um momento em que você falou que aqui foi... como se fosse uma reviravolta, assim, aqui dentro da USP.

A: É... eu não sei como eu definiria. Imagina, sei lá, eu estava aqui... eu estava nessa vida aqui [indicando com as mãos um pequeno lugar sobre a mesa] e de repente eu descobri que a vida é... isso aqui tudo [abrindo os braços e indicando todo o espaço da universidade], entendeu? Não é só pegar ônibus lotado, entendeu? Ter a oportunidade! A oportunidade de ficar o dia inteiro pesquisando, lendo, conversando... essa... liberdade é... para mim foi é... sensacional, tipo, o pessoal reclamava da moradia, mas...(risos), era o melhor local que eu já tinha morado em toda a minha vida, entendeu?

R: Questão de parâmetro.

A: É (risos). Era o local que... o melhor onde eu tinha morado em toda minha vida... Então, assim, o pessoal reclamava da comida do restaurante universitário e eu, tipo: “Para, né!” (risos). Então... ter a oportunidade de vir aqui, usar academia, piscina... para mim era... foi... é... totalmente diferente, não tinha nada parecido com o que eu vivia aqui em Guarani antes disso.

R: Você falou que gosta muito assim de Matemática, né, em relação às disciplinas escolares, você falou que gostava muito, você tinha facilidade em Matemática...

A: Eu sei que eu tinha facilidade, não sei como, eu lembro que na quinta série, tirava dez e... Não sei... eu acompanhava... eu acho que eu acompanhava bem o raciocínio. Tem uma coisa engraçada, assim, um... não sei se pode-se dizer que é um mal que vem para o bem; eu tenho um problema de visão, chama “nistagma de fixação”, né... é... eu estou inclusive numa fase que ela vai até piorar um pouco mais... quando a bolinha do olho fica tremendo. Fui descobrir agora, depois de trinta anos, o último oftalmo que eu fui falou que: “Oh, você teve falta de oxigênio durante o parto”, falei: “Pô, depois de trinta anos você vem me falar isso?”, né (risos), e... o nistagma, ele causa o... miopia e astigmatismo, então tem que ficar indo no oculista só para ver quanto aumentou dos dois, mas o nistagma nunca vai...

R: Não sara, tem que conviver com ele...

A: Não sara, é... dois por cento de chance; já tentaram fazer a cirurgia, mas tem dois por cento de chance de sucesso. E por causa disso eu sempre tive que sentar na fileira da frente, senão eu não enxergava a lousa (risos). Então eu acho que... eu acho que isso deve ter contribuído de alguma forma, entendeu? Se eu sentar da terceira fileira para trás eu não enxergo nada.

R: Aí você se concentrava mais...

A: É, eu tinha... e é muito mais difícil para mim me concentrar, né. Eu ia... era para eu ter... eu não poderia ter habilitação mais, eu achei que eu ia perder, né, você tem que ter setenta por cento de visão em cada olho e no último teste que eu fiz, foi estrategicamente numa sexta-feira à tarde na hora em que, acho que o médico já estava “de saco cheio”... acho que eu estava... estou com... estava com cinquenta no direito e sessenta no esquerdo, não tenho setenta em nenhum dos dois mais.

R: Mesmo assim tirou...

A: Aí eu falei: “Ah, ele não vai dar”, né, aí ele falou: “Há quanto tempo você dirige?”, “há

dez anos”, “já sofreu algum acidente?”, “não”, e ele falou: “Ah, tá, toma, vai embora” (risos). E me deu a carta. É... tanto que é... a minha namorada trabalha lá na N [curso de graduação], a Lúcia, no Laboratório Vigotski [laboratório do curso de graduação]... agora eu comecei a viajar de carro porque eu falei: “Olha, eu acho que é a minha última habilitação”, então a gente foi, tipo, foi para Paraty de carro...

R: Aproveitar (risos).

A: A gente fez as cidades históricas de Minas Gerais de carro, falei: “Olha, eu acho que da próxima não passa, então eu vou tirar todas as minhas férias assim, de carro” (risos).

R: Entendi (risos).

A: Então, acho que essa questão do nistagma, na graduação contribuiu muito! Porque eu sentava na primeira fileira e ainda... assim, ao longo do tempo foi piorando. Quando eu entrei na graduação, tinha até que escolher a cadeira para ver, assim: “Olha, o meu esquerdo é melhor...”, então eu sentava aqui do lado... é... do lado direito porque eu enxergo mais o canto... aquela lousa grande, eu fico mais longe do canto esquerdo, mas meu olho esquerdo é melhor, então tinha que ser assim. Se eu sentasse do... na frente no canto direito, já dava problema porque meu direito já não... já não via a lousa. É... então, como me dava um esforço muito grande para me dar... um esforço muito grande para focar, para... tem que olhar várias vezes para focar, assim, eu acho que isso... eu ficava ouvindo mais a explicação das coisas.

R: Tinha alguma disciplina que você não gostava?

A: Ah... acho que não.

R: Professor que você não gostava...?

A: Em qual época? Em qualquer época?

R: É...

A: Olha... aqui na graduação é meio complicado falar de professor que a gente não gosta, principalmente da D, porque tem uma meia dúzia de professores totalmente estúpidos aí, né... é bem difícil. Então, têm vários aí que eu... não é que eu não goste, eu odeio, odeio, são pessoas péssimas, desnecessárias inclusive. Mas, não teve nenhuma... disciplina assim... sempre tentei me interessar por tudo, sempre gostei de buscar conhecimento de tudo.

R: Lá no fundamental e no ensino médio, que você gostava de Matemática, nessa época existia alguma coisa que você não gostava, ou não? Você se dava super bem em Matemática, alguma que você não se dava bem...

A: Não... não... eu tentava estudar todas da mesma forma, eu lembro que eu tentava acompanhar todas da mesma maneira, até porque, naquela época, não é como é hoje: se você ficasse com... era seis a média... 5.9 em uma, você estava reprovado, né, (risos). Então, tinha que estudar todas da mesma maneira para tirar no mínimo seis.

R: Entendi. Então aí você fala... seu desempenho, então era mediano na escola, que você comentou?

A: Sim. No fundamental, no Médio, sempre foi suficiente para passar de ano, eu vim me destacar aqui. Aqui, quando eu entrei... é... na primeira prova de Cálculo I [disciplina do seu curso de graduação] eu tirei... três pessoas tiraram cinco, numa sala de quarenta, e eu fui um deles. E na mesma semana, em Química Geral [outra disciplina do seu curso de graduação] eu tirei dez, assim, então, foi outro susto para mim porque eu comecei com aquela coisa, falei: “Nossa, eu vou... nossa, acho que vou ser expulso daqui”, né.

R: Isso porque você não tinha base...

A: É... (risos). Falei: “Não, vou ser expulso”. Mas eu vinha estudar... às sete horas da manhã eu estava aqui! Falei: “Eu não tenho base nenhuma”, né, “eu não vou passar do primeiro semestre, o pessoal aqui deve ser todo mundo super inteligente e tal!”, e aí eu... engoli o livro. Literalmente, assim! E foi um susto para mim quando eu tirei dez na primeira prova e tirei cinco numa prova de... de Cálculo I que quase ninguém foi... [bem] “Espera aí! Olha!” Falei: “Olha que... que bacana, dá para eu... eu tenho chances!”. E aí deslanchei, nunca mais parei.

R: Legal. E... de todas as coisas que você aprendeu, assim, durante a sua trajetória escolar, incluindo a sua experiência na graduação, a sua experiência na pós, o que você acha que foi mais importante?

A: Nossa... pergunta difícil.

R: Ampla, né, (risos).

A: Eu só confirmei aquela máxima que você pode conseguir qualquer coisa com 95% de esforço e cinco de inteligência. Se você tiver os noventa e cinco de esforço, você chega onde você quiser, né. Você vai... você vai longe, assim, é... Para mim foi muito importante individualmente a questão do... parece que o tempo inteiro era eu contra eu mesmo. A partir do momento em que eu conseguia tirar meus medos era tranquilo. Então eu acho que eu passei muito tempo, durante acho que toda a vida escolar, na retranca ali, com medo... é... até porque no fundamental I, II eu era um... geralmente, no fundamental II, o pessoal do povoado que ia para a cidade, a gente ficava numa sala separada. Então, por exemplo, quando a gente entrava na quinta série, tinha uma sala dos que vinham das roças, das vilas, tinha salas dos da cidade, então no recreio ficava aquela coisa, assim, né: “Eu estou na cidade, aqui, tal...”, uma cidade de seis mil habitantes (risos), mas era desse jeito... É... o que ficou foi essa evolução de... de tirar esses medos mesmo, não sei... é... e sempre que eu puder estender a mão para uma outra pessoa que talvez passe pelo mesmo processo, entendeu? Facilitar... se eu puder facilitar a vida de alguém, para que ela evolua da mesma maneira...

R: Você acha que você teve essa pessoa que te facilitou? Ou algumas pessoas que te facilitaram de alguma forma ou no seu caso não teve muito?

A: [pausa longa] Hum... Ah, acho que um período muito bom para mim, foi quando eu fui secretário de escola em Iguaçu, né, eu ainda entrei com essa coisa [de não se achar capaz], só que lá eu trabalhei muito, em menos de três meses eu já tomava café com a secretária de educação, sabe? É... a diretora da escola, assim... o pessoal lá me acolheu muito e falou: “Cara, você é o cara”, entendeu? “Vai que a bola é tua! Vai com tudo que você tem futuro”, entendeu? E aí eu trabalhava muito e... eu finalizava as coisas de uma escola, o pessoal me ligava: “Ou, vem me ajudar aqui num negócio”, aí eu ia. Aí de repente eu estava lá, a

secretária de educação ligava: “Eu quero falar com diretor tal”, e daí: “espera aí, quem está falando?”, “é o Antônio”, “uai, o que você está fazendo aí?”, “ah, eu estou fazendo isso, isso e isso”. Aí assim... isso foi acontecendo e tal. Uma vez teve... eles abriram uma escola nova, lá em 2010 o... “Curumim” [escola pública da cidade do interior paulista onde trabalhava] e para eles era para ser uma escola... modelo, que era antes uma escola particular... “Urucum alguma coisa” [não se lembra do nome completo da antiga escola particular], que tinha. Aí ela faliu, eles compraram o prédio e era tudo selecionado... desde o diretor até... todo mundo se estapeando, falando com vereador... com não sei quem... para conseguir a vaga de secretário e aí a secretária ligou: “Oh, você quer ir para lá?”, falei: “Opa, eu quero”, né (risos). Então assim, é... o pessoal lá me ajudou muito nessa questão de levantar meu... não levantar o ego a ponto de você ser estúpido, virar uma pessoa estúpida e tal, mas...

R: Em termos de autoconfiança...

A: De autoconfiança. Aqui no mestrado, quando eu entrei no mestrado é... uma peça fundamental que eu falei que o mestrado foi bem decisivo, falar: “Vai que você consegue”, principalmente para essas coisas mais... mais altas, assim, de falar: “Ah, será que eu posso vir prestar um concurso aqui na USP, tal?”, foi o meu orientador, o professor Mário, ele sempre... nem sabendo se a gente ia conseguir ou não, ele falava: “Cara! Você vai conseguir, vai e tal! Você é bom! Não sei o quê”, ele... ele me incentivou muito, foi um... acho que no mestrado... Na graduação (risos), não! Na graduação não.

R: Quando você entrou na universidade também lá na... na pós, no mestrado, como que foi, a reação dos seus pais, sua família... eles entendiam, compreendiam, ficaram felizes, como que foi?

A: É... os meus pais, assim, eles sabem que a gente estuda e que: “Ah, qualquer coisa boa que vocês estão fazendo aí é notícia boa”, entendeu? “Ah, Antônio passou numa prova”, “Ah! Que maravilha! Passou!”, né... Agora... o que é? Não... é... é até uma coisa complicada às vezes porque eles falam: “Ah, e como que está o emprego?” e até eu explicar... porque assim, eu não considero minhas duas noites no estado como um emprego, entendeu? Dez aulas no estado não dá para pagar nem o aluguel, então eu não posso dizer que eu tenho um emprego, né. É uma coisa que assim, hoje eu não... nem preparo mais aula, eu... só se eu... a gente brinca que... o pessoal da pós que dá aula aqui, a gente fala que a gente faz um *stand up* D, assim, porque eu estou dando aula há muito tempo, eu dei aula no U [um dos cursinhos populares oferecidos pelo campus] de voluntário durante oito anos, né... é... E aí eles falam assim: “E o emprego?”, aí, tem hora que dá uns dois segundos: “Que emprego?” (risos). “Ah... está tudo bem...” E aí: “Oh, mas você vai dormir, né, você não vai estudar não, né?”, falo: “Não, eu vou dormir...”, “Você jantou?”, “jantei”, “você almoçou?”, “almocei”, entendeu (risos)? Não falo que é aquela coisa, assim: “Olha, nossa... nem olhei no relógio, tem um relatório para entregar...”, não... É tanto que assim... quando eu passei na primeira fase, eu falei para a minha irmã: “Oh, eu passei na primeira fase, está acontecendo isso, isso e isso...”, ela ficou feliz porque ela entende um pouco mais e falou para a minha mãe; minha mãe ligou: “Ou, você passou num negócio aí?”, e eu naquela, né: “Calma...”, né... eu ficava pensando: “Primeira fase, tem mais duas...” eles não...

R: Ficam felizes, mas eles não compreendem muito...

A: É... é... “Nossa! O que aconteceu que seu irmão falou que você passou num negócio grande!”, aí... ah... [pausa]

R: Entendi. É... bom... você falou dos seus pais... Sua mãe, ela trabalha, trabalha na roça e é dona de casa ou ela tem alguma outra atividade?

A: É... ela coloca as coisas dela... como agricultora, assim, ela trabalha na roça até para acelerar a aposentadoria dela na época. Porque lá se você for doméstica, você não aposenta (risos) é... meio complicado... Então ela se considera agricultora.

R: E com quantos anos você está agora?

A: Trinta e um.

R: Trinta e um. Você está... E hoje você é professor de Química no estado?

A: Uhum. Eu estava no U, mas saí do U em março. No U é tipo... você deve conhecer... esses cursinhos populares que tem aqui dentro da USP...

R: O U eu conheço.

A: Você conhece o U? Ele está lá no Tarsila do Amaral [bairro], atrás da rodoviária e tal. Eu fui para o U em 2008, eu fiquei até agora há pouco tempo lá, participei da diretoria um tempo...

R: Você está fazendo o que você falou: ajudando, estendendo a mão para quem precisa (risos).

A: (risos) Ah, lá foi o melhor local que eu dei aula até hoje, era muito bom entrar lá, assim e... e é engraçado, eu não ganho um centavo por isso e é o melhor lugar para dar aula... eu esqueço o tempo. Eu pego os alunos para a segunda... os alunos que passam para a segunda fase, faço um “aulão” com eles de tarde, fazia um “aulão” com eles de tarde inteira... sábado da uma [hora] até as seis... e você nem vê o tempo passar porque... (risos), é muito bom você ter uma comunicação de duas vias ali, entendeu? Então, era bem bacana.

R: Gostoso... Então seu pai, seus pais, você falou que eram... estudaram até o terceiro ano do fundamental?

A: Ah, eles não passaram da terceira série. Eu lembro que... das poucas vezes que eles falaram da época de namoro que acho que foi por essa época aí (risos), acho que era a terceira série do fundamental I.

R: E... você tem ideia, assim, de renda familiar deles, aproximada, quando você entrou na graduação, assim, por essa época?

A: Quando eu entrei? Quando eu entrei na graduação, nenhum dos dois era aposentado. Quando entrei na graduação, nenhum dos dois era aposentado e minha mãe não tem renda, né, o que ela fazia lá é... tipo... Em Caruaru tem uma feira muito parecida com o Brás [bairro voltado ao comércio, em São Paulo], não sei se você já ouviu falar. E o que ela fazia é... de tempos em tempos ela ia lá... porque tem um pessoal das lojas da cidade que vai lá, ela fez os contatos, conseguia ir para a cidade, dormia junto com o pessoal, comprava algumas coisas e vendia no meu povoado e nos povoados vizinhos. Então ela tirava um... não era uma renda

muito formal... mas de novo, assim, na roça é o suficiente, né... eles plantam feijão até hoje, mesmo aposentados, entendeu? Tem... continuam cuidando do pomar, das verduras, das frutas, então não tem regalias, o gasto é mínimo, é bem mínimo. E quando eu entrei na graduação, meu pai estava com esse salário mínimo da prefeitura.

R: Seus avós você chegou a conhecer, não?

A: Três. Conheci três. De outro eu não tenho lembranças.

R: Eles também não tem... estudos...

A: Nenhum, eles... nenhum.

R: Então você estudou... as escolas nas quais você estudou... foi pública até a quarta série, né, até o primário?

A: É.

R: Depois ensino fundamental II você foi para o particular?

A: Fui para o particular.

R: E aí no ensino médio...?

A: Particular também.

R: Particular também, novamente, que aí você falou que te dificultou algumas coisas. Certo... Os seus irmãos... você conseguiria me dizer é... escolaridade e trabalho de todos eles?

A: A minha irmã, ela... abandonou os cargos da... ela tinha dois cargos, ela era professora da prefeitura e do estado. Ainda dessa época que ela levou a gente para morar lá [em uma cidade vizinha]... hoje ela largou os dois porque ela abriu uma loja de material escolar. Então, deu certo, assim, deu... ela casou com um primo... primo, primo não, amigo nosso que também morou aqui, aí ele também trabalhou nessa B [empresa de ônibus da cidade onde se localiza o campus] aí por muito tempo juntou uma grana, voltou para lá, eles casaram e aí ele queria investir esse dinheiro em alguma coisa, aí ele abriu um cantinho de xerox e aí o negócio cresceu e... e agora eles estão lá. Minha outra irmã que está lá também, que é professora, continua com dois cargos. Um da... geralmente os professores lá... é... professor num período pela prefeitura, professor no outro período pelo estado. Pelo estado muito menos porque eles têm poucas escolas nessas duas cidades, duas ou três só, hoje. Os que estão todos aqui, o... Depois delas duas... é... o meu irmão, ele fez um curso de Técnico de Segurança do Trabalho naquela antiga... não sei, aqui... era pertinho aqui no centro, acho que não tem mais... X [faculdade particular da cidade]. Assim, eu lembro que na época era muito fraco, mas ajudou bastante ele porque depois que ele terminou, depois de uns seis meses, ele conseguiu um emprego e nunca mais parou, sempre está empregado como Técnico de W, agora ele está na construção civil e tem ajudado bastante para ele manter a família dele porque ele tem três filhos. Tem a outra minha irmã, ela está no comércio, ela nunca estudou, nunca... foi atrás, assim, nunca se interessou, nunca fez curso, está no comércio, está se mantendo no comércio, a outra fez um curso de Técnico em Enfermagem, né, é... de dois anos, aí ela terminou e já entrou direto no... acho que ela está pelo Paulo Augusto no... Clarice Nunes [hospitais

particulares da cidade], não é uma maravilha, mas assim, deu uma mudada, tipo, saiu do comércio também, ela estava no comércio, saiu do comércio e foi para um... uma profissão, né, o comércio é meio complicado você falar de profissão. E o mais novo está estagiando como administrador lá em Tulipa, está terminando a faculdade.

R: Tem alguma coisa, assim, que eu deixei de perguntar... que você gostaria de mencionar, nesse seu caminho, nessa sua trajetória...

A: Eu não sei, assim... [pausa]

R: Por enquanto não?

A: Não... acho...

R: Eu vou... então agora eu vou... transcrever e aí eu mando lá para aquele seu e-mail para você dar uma lida... para você ver se tem alguma coisa que você quer que, sei lá, corrija, que mude, que não escreva, ou se de repente você lembrar alguma coisa lá que você quiser acrescentar...

A: Ah... eu lembrei... até... você perguntou se houve algum professor... e eu ia cometer uma injustiça. Eu acho que tem uma professora que me ajudou, foi no finzinho da graduação, professora Patrícia, foi minha professora de monografia. Ela deu uma... uma levantada na minha autoestima também, uma pessoa que... que até hoje quando tem alguma coisa legal, eu vou lá, mesmo não tendo mais relação com a pesquisa no ensino, né, é... eu vou lá bater na porta dela e ela me ouve, a gente conversa várias horas. É... sei lá, por exemplo, esse concurso do Instituto Federal, sentei para falar com ela: “Oh, vai ter essa fase, o que eu faço agora?”, e ela: “Não, você vai fazer assim, assim, assim...”. Então foi minha professora de monografia que no ano de 2010, último ano da graduação, me deu bastante conselho, foi uma pessoa que me ajudou muito e que me ajuda até hoje.

R: Ela te orientou no TCC, é isso?

A: É. E foi... foi bem bacana, gerou uma amizade bem legal.

R: Que bom. Mais alguma coisa? Ah, esqueci: hoje você é casado ou solteiro?

A: É... casado, não oficialmente.

R: Vocês moram juntos.

A: Moramos juntos.

R: Certo. Mais alguma coisa?

A: Não, é isso.

R: Então obrigada novamente, Antônio.

2ª Entrevista

R: Então é... Esse segundo encontro, que nem eu estava te falando, é para esclarecer um pouco algumas coisas que ficaram... às vezes confusas ou algumas coisas que eu queria que você falasse um pouco mais. Você achou que falou bastante, mas você está vendo (risos)? Você não falou bastante (risos)! Assim, eu queria que você falasse um pouco mais sobre algumas coisas se possível e... alguns esclarecimentos e tal. Daí primeiramente eu queria saber se você lembrou de alguma coisa do que você viu lá que eu escrevi, que eu transcrevi da sua fala, alguma coisa que você quisesse falar que você tenha deixado de dizer ou até algo que você quer que retire, alguma coisa assim... se para você está tudo bem...

A: Não, não vi nada... Eu confesso que eu nem cheguei a ler até o final, eu li mais da metade, mas como eu estou numa correria esse mês eu não fui até o fim, mas até onde eu li... está tranquilo.

R: Então se depois você ler alguma coisa que você ver... que tem alguma coisa que você prefira que tire, é só você me falar que eu tiro.

A: Está ok.

R: Então, a primeira coisa é... tem um momento da entrevista, em que você está falando da sua experiência no ensino fundamental II, aí você começa a falar que tem duas coisas que marcaram você nesta época. E daí você menciona o esforço dos seus pais para colocar os filhos em uma escola particular e o fato também de você gostar de ir para a escola, mesmo com todas as dificuldades que você tinha. Aí eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso, sobre como essas duas coisas te marcaram, assim, o esforço dos seus pais de colocar você em uma escola particular, que era uma coisa diferenciada ali no local onde você vivia, né e sobre essa... apesar de você passar por todas essas dificuldades, você gostar de ir à escola. Como que era isso?

A: Não, o fato do... da época dos meus pais terem me marcado, essa questão de ter marcado é porque a gente morava numa vila e usualmente as pessoas, não sei se você tem na anterior [entrevista], essa vila fazia parte do município da cidade de Água Branca [cidade do interior de um estado do nordeste brasileiro] e nessa cidade só tinham duas escolas, tinha a pública e a particular e aí eu diria que a gente tem três situações, tinha três perfis lá do pessoal dessa vila. Tinha as famílias onde os alunos faziam o fundamental I na própria vila, que era aquela sala multisseriada até quarta série e depois paravam para ajudar as famílias, tinha um outro grupo que continuava indo e ficava com a família na lavoura, na roça, mas ia para escola pública e tinha um grupo bem pequeno, onde minha família faz parte, com os sete filhos, que foi deixar continuar a estudar e se esforçar para continuar pagando essa escola que na época era um valor simbólico e tudo mais, tinha que ficar atrás de... se envolver com política, ir atrás de prefeito para pedir bolsa de estudos, essas coisas. Eu lembro que, na época, eu estava na sexta série do fundamental II, minha irmã estava na sétima série do fundamental II e eu tinha mais dois irmãos no ensino médio, todos nessa escola. E em 1996 meu pai veio para aqui, para Guarani para trabalhar na antiga B [empresa de ônibus da cidade onde se localiza o campus]. Uma empresa de ônibus que tinha aí para conseguir manter nós quatro na escola sem ter que ou transferir para outra porque a gente tinha uma época de greve muito grande lá em Alagoas era bem complicada, ou de repente até parar mesmo. Então acho que a questão que eu falo que me marcou foi essa, eu já tinha essa noção de perceber, de comparar o que estava

acontecendo, e me marcava também o fato de eu... eu acho que... eu não sei bem em que contexto falei que eu gostava de ir, mas... eu não sei qual foi o contexto da [entrevista] anterior quando eu falei que eu gostava de ir, eu acho que um dos fatos que me lembro bem é que eu gostava de... de ir mesmo porque para a gente que era da roça era bom ir para cidade, sair. E tinha a parte de não ir para a lavoura também; ao invés de acordar cedo e ir para a lavoura, era muito mais interessante ir para escola e tal, é...eu acho que foi nesse sentido.

R: Então você comentou que havia outras famílias que faziam a mesma coisa que seu pai fez, seus pais...

A: Olha, eram bem poucas... eram bem poucas, eu lembro que... que vários deles, é... colocavam na outra escola e uma outra parte parava de estudar, para essa escola era bem difícil do pessoal da roça manter...

R: Vocês tinham que se deslocar né, era isso, ir para outro lugar?

A: Tinha, tinha... tinha o transporte da prefeitura que ia buscar a gente.

R: E essa coisa que você falou dos políticos, da bolsa, de conseguir bolsa, como que era isso?

A: Eu não sei como que funcionava questão de verbas na época, mas a prefeitura, ela concedia, pagava, concedia algumas bolsas para os alunos e custeava, pagava para a escola essa parte, por exemplo, quem não tinha bolsa pagava, sei lá, não lembro... doze reais, vinte reais e aí, às vezes eles... Hoje é meio estranho você falar nisso, mas pagava metade e a gente pagava seis reais, era uma coisa... eu sempre esqueço de pedir para os meus pais para ver se eles ainda têm algum documento... algum... eu lembro que eu tinha o boletim da escola e no boletim da escola ia tanto as notas quanto, no lado, ia também a assinatura do secretário da escola quando você ia pagando as doze mensalidades, tal e... eu lembro desses valores e... a gente conseguia quando era ano eleitoral né, em ano eleitoral geralmente conseguia para reduzir bem o que tinha que pagar porque conseguia bolsa para todo mundo.

R: E você lembra de alguma vez que você tenha recorrido a isso ou não?

A: Meu pai que ia falar com o prefeito.

R: E você lembra, você sabe se conseguiu, se não?

A: Alguns anos, era como falei, ano eleitoral sempre conseguia.

R: Consequia, ah entendi.

A: Ano eleitoral eu lembro que sempre... sempre conseguia, passava ano da eleição aí já era mais complicado, às vezes, por exemplo, como a gente era em sete, nessa escola tinha fundamental II e Médio, então nós sempre estávamos ali em três ou quatro estudando ao mesmo tempo, então fora de ano de eleição, no máximo conseguia uma, às vezes duas [bolsas]... era assim.

R: Você fala que quando você terminou a graduação, você começou a trabalhar como professor de Química do estado e que também você dava algumas aulas em cursos técnicos. E daí você falou que foi nessa época, né, que você decidiu prestar o mestrado. O que motivou essa sua decisão de fazer mestrado? Queria que você falasse um pouco mais.

A: Eu acho que a Licenciatura em Química da USP é... a gente tem uma parte de Química muito intensa e... quando eu comecei a dar aula, eu senti que os cinco anos da graduação foram... que tinha aprendido muita coisa e que eu poderia trabalhar em cima disso. É... que eu tinha condições de partir para tentar outras coisas além... só do ensino. Eu não sei muito bem como definir isso, acho que... eu tive a sensação que eu conseguia... eu não consegui transpor a parte do ensino da Licenciatura para as aulas. É... parecia que eu conseguiria dar aula com o senso comum e mesmo quando tentava usar tudo o que eu aprendi na parte do ensino para aula, eu não conseguia ver efeito, então, foi rolando aquela angústia e... eu fui muito bem na parte de Química que é muito pesado na Licenciatura, os professores não diferenciam a questão de Licenciatura e bacharel, até os professores de Física que dão aula para a gente e dão aula na Física Médica não... não tem uma diferenciação, eles dão aula como se tivesse dando para qualquer outro curso e foi bem pesado. Eu estudei muito, aprendi muito, falei: “Não, eu vou tentar usar esse conhecimento para buscar outros níveis tanto no ensino quanto na pesquisa”, é por isso que eu voltei.

R: Você achou que você não estava usando tudo o que você aprendeu, dando aula?

A: É, foi questão de satisfação também, eu não... eu não consegui... é... me identificar 100% dando aula só no ensino médio.

R: Entendi. Você me falou também, você menciona que você gostava de fazer, lá no ensino fundamental, que você gostava de fazer os trabalhos escolares e que algumas vezes você usava isso meio como desculpa para não ir para a roça e eu queria saber se isso acontecia com frequência, como que era, como era a reação dos seus pais...

A: Não dava para ser com frequência porque eles não iam deixar, né. Era uma coisa, assim, é... bem esporádica, não tinha muita frequência não, era, sei lá, eu não consigo definir muito bem uma sequência. É... pode interromper, a gente poderia ir para outro lugar?

[Interrupção da entrevista]

R: Ah então, aí você estava falando do... que eles não permitiam né, que você fizesse tantas vezes isso...

A: Sim, não era uma coisa livre, era uma coisa que eu tinha receio de pedir e tudo mais. Não era uma situação muito... é... tranquila. Eles permitiam o estudo, mas não naquela forma de dedicação exclusiva, de chegar da escola e “agora vou continuar estudando”, não, “deixa para noite, fim de semana”, alguma coisa assim.

R: E quando você fazia isso, como que era? O que você pedia, o que você fazia? Lembro que você mencionou algumas vezes que você ia para a casa do cunhado...

A: Olha, eu não lembro muito bem, mas é... geralmente semana de prova principalmente, na semana de prova eles liberavam, né, que a gente... o colégio fazia semana de provas, eram duas provas por dia, então isso era liberado, agora questão de... de trabalhos, eu lembro que até uma vez, a gente tinha uma gincana da dengue na cidade e até colocaram a escola pública com a particular lá para competir...

R: Sim, essa você comentou na primeira entrevista.

A: E aí me selecionaram e tal, eu falei: “Nossa agora eu vou ter que pedir para os meus [pais]...” eu lembro disso porque foi uma situação particular, “tenho que pedir para os meus pais porque eu não vou poder ir para a roça, vou ter que estudar e tal”, e aí eu usava... a gente tinha a questão dos irmãos que todo mundo estudava na mesma escola, então não era um só falando para os pais, então nesses casos minha irmã falava: “Não, realmente ele vai fazer isso, foi selecionado” e aí eles concordavam e deixavam.

R: Então era meio conflituoso para você?

A: Era... era... não era uma coisa... me deixava um pouco... diria ansioso, um tanto angustiado até, de fazer o pedido.

R: Tem um outro momento em que você fala que descobriu como fazer o vestibular daqui da USP e de outras universidades, eu queria que você me contasse como foi que você descobriu, é... onde ou com quem você teve essas informações...?

A: É... foi quando eu frequentava o SESC [Serviço Social do Comércio], né? Ali na esquina da Linha Sul com a William Novaes. Quando eu trabalhei no hotel, quando eu cheguei aqui, a gente [que trabalha no comércio] tem aquele... o SESC, para o comércio, tem uma inscrição, o salário era muito baixo, não dava para fazer praticamente nada, assim de cultura, de lazer na cidade, mas eu acabei descobrindo o SESC, aí como eu entrava às vinte e duas horas no hotel, fazia a madrugada, eu vinha antes porque o SESC fica aberto a noite também, ficava, não sei como está agora. Eu vinha da periferia, descia e ficava no SESC fazendo uma série de atividades que o SESC oferecia, é... principalmente a biblioteca.

R: Mas aí alguém comentou de vestibular lá com você?

A: Eu fui me deparando, ouvindo conversas paralelas, encontrando o pessoal, eu lembro que até a atendente da biblioteca tinha feito Pedagogia aqui na USP e aí como eu fui passando lá todos os dias, pegando livro emprestado, eu lembro que era uma época que eu lia tipo um livro a cada dois dias, lembro que eles emprestavam a um real, a gente pagava um real e a gente retirava o livro, é... então, eu acho que por esse contato, a gente... eu acabei ouvindo conversas paralelas, fui conversando com o pessoal e na própria biblioteca tinha os computadores para a gente usar, fui buscando informações e depois eu fiz uma visita para aquela feirinha de trocas que eu não sei se é em junho ou em julho que tinha aqui no centro de esportes do campus e o meu irmão era... quando tinha... Ah! Tipo um terceirizado na vigilância, meu irmão foi vigilante aqui por uns quatro ou cinco anos, aí eu sempre ouvia histórias daqui e... vim um dia com ele pessoalmente, conheci, vi o campus pessoalmente, mas acho que do vestibular mesmo foi na biblioteca do SESC que me direcionou.

R: Na época do ensino médio... não tinha...?

A: Não, o ensino médio foi lá em Alagoas.

R: Não tinha essa história...

A: Não.

R: E aí depois o restante das informações, como prestar vestibular, essas coisas, tudo você foi

conseguindo por conta?

A: É, eu lembro que a princípio não tive... eu não consegui chegar em todas as informações e lembro que eu fui até para a segunda fase sem saber nada sobre a estrutura da segunda fase, eu não sabia nem quantas questões eu ia fazer na segunda fase e tudo mais. A estrutura do vestibular eu conhecia muito pouco. Mas as datas, essas coisas, eu peguei pela internet mesmo, lá no SESC, e eu acho que aí quando eu fiz a inscrição foi que veio os manuais e aí eu li os manuais e fui...

R: E você estudou por conta, né?

A: Por conta. Sim.

R: É... tem um momento da entrevista que você fala que você teve que começar a trabalhar para pagar o seu estudo, é... parece que foi no ensino médio, você se lembra exatamente quando foi que isso aconteceu?

A: É... quando a gente terminou, quando terminamos o fundamental II, nessa cidade de Água Branca, onde tinham essas duas escolas, minha irmã mais velha foi para uma cidade um pouco maior e levou a gente junto para... levou assim, a gente morava em... dos sete [irmãos], tinha uma irmã mais nova que essa mais velha, que casou e morava lá nessa cidade menor do nosso município e todos os outros foram com ela, a gente...

R: Foram com ela para onde?

A: Para uma cidade com uns cinquenta mil habitantes.

R: Ah, tá. Como chama?

A: Delmiro Gouveia, ela... de vez em quando ela aparece nessa novela das oito, nove, da globo, está sendo filmada lá. É... e aí nós fomos todos para lá até porque a gente não... eu não lembro muito bem se a gente foi porque... enfim, esse colégio que a gente estava também não era tão bom e minha irmã, ela era um pouco visionária, assim, da gente conseguir outras coisas, se qualificar um pouco mais, ela foi uma das primeiras lá, da nossa vila lá, que fez graduação, que ia para Bahia para a cidade de Paulo Afonso fazer graduação, fez Pedagogia na UNEB, e aí ela foi para morar lá porque ela... em Alagoas, nessa época, você não precisava ter graduação para dar aula, só precisava do ensino médio, você prestava o concurso com ensino médio, e ela tinha passado tanto no concurso para ser professora do estado de Alagoas como do município de Delmiro Gouveia, então ela foi morar lá e levou todo... alugou uma casa e foi todo mundo junto estudar lá, só que chegando lá, o colégio já era mais caro do que... Na verdade, a gente chegou para estudar em escola pública, fizemos a matrícula, mas a escola entrou em greve, nem começou as aulas naquele ano, ficou seis meses parado, então a gente foi tentar no colégio particular, só que eu lembro que era uma angústia o tempo inteiro porque a gente não sabia se no outro dia ia continuar na escola porque nessa época todos os outros irmãos já tinham formado, só faltavam três: eu, a mais velha que eu e o caçula, faltavam nós três. O caçula ainda estava... ia começar o fundamental II, e eu e a minha irmã estávamos no Médio, só que agora o colégio era mais caro e não dava para os meus pais pagarem o colégio para nós dois, então, assim, eu lembro que eu entrei no primeiro do Médio e minha irmã no segundo. E foi bem difícil. A gente chegou a ir, eu pessoalmente cheguei a ir na câmara de vereadores, conversar com vereadores para pedir bolsa... a gente... teve um

vereador que pagou duas mensalidades, minha e da minha irmã, era um vereador que era até professor desse colégio na época, que fazia Pedagogia na UNEB com essa minha irmã mais velha, então assim, por amizade ele foi lá e pagou a nossa mensalidade e aí chegou um ponto que a gente não conseguiu levar mais. Aí eu fui... eu acho que minha irmã foi ajudar, não sei se... fazer serviço em algumas casas, assim, de limpeza, essas coisas, e eu comecei numa espécie de *office boy* ali de uma loja de material de construção, eu lembro que a mensalidade na época era uns trinta reais, eu comecei ganhando noventa reais, aí dava para eu pagar a mensalidade, então a partir do meio do primeiro ano do Médio até o restante eu que tive que custear, se não, teria que voltar para... eu nem sei se a gente conseguiria terminar o primeiro ano, a primeira série do Médio... é... teria que voltar para a pública e encarar as greves e ver como que ia ser.

R: E vocês moravam nessa cidade?

A: Sim, sim, a gente morava de segunda a sexta só e no fim de semana voltava para a casa de bicicleta para a roça, eram as duas cidades mais próximas da nossa vila, roça, sei lá. Só que ela pertencia à Água Branca, que tem seis mil habitantes. E o outro município vizinho, que era o Delmiro Gouveia, era uma cidade maior. E ficava uns... demorava umas duas horas de bicicleta.

R: Duas horas!

A: Sim.

R: Nossa! E quando você fala que seus irmãos eram formados...

A: No ensino médio.

R: No ensino médio.

A: Sim, eles, os quatro mais velhos já tinham terminado o ensino médio em Água Branca.

R: Essa sua irmã que você fala que era visionária, ela não era então a mais velha?

A: Era a mais velha, foi a primeira que terminou o ensino médio, foi a primeira que começou a fazer a graduação, assim, fora...

R: Ah tá, mas não é essa que foi com vocês?

A: Sim.

R: Sim? Ah tá, é... quando você estava falando sobre o seu desempenho na escola, você falou que você não tinha nenhuma dificuldade em nenhuma disciplina, mas que também era um aluno mediano, daí tem outro momento que você fala de um episódio, de uma conversa entre a sua irmã e seus professores e aí você fala que você não era um aluno muito bom, que você não estudava tanto assim. Porque eles fazem comentários, eles estão falando, é... falam de ... essa sua irmã comenta de universidade e tal e aí eles meio que falam assim: “Ah, mas ele?”, tipo: “Ele prestar o vestibular?”, eles ficam meio surpresos com você fazer... prestar o vestibular, daí eu só queria que você falasse uma pouco mais, como que era esse desempenho desde o... como que era nos diferentes níveis de ensino, se isso oscilava... se você teve uma

época que foi melhor, depois foi... não tão bem assim...

A: É... eu acho que assim, fundamental I, a gente não tinha cultura da família, sentar para ensinar, né. É... tem até uma coisa engraçada que eu lembro, que eu acho que a única vez que meu pai sentou para falar de alguma coisa, eu acho que eu lembro até hoje, não sei quantos anos eu tinha, eu sei que eu estava no fundamental I e ele até brincou: “Ah! Vamos fazer, vamos estudar hoje!”, tipo... “Vamos fazer um ditado! Vou contar uma história e você vai escrever”... só que eu não sei porque, não lembro porque é que ele fez isso. É... porque ele também parou na terceira série, não teria... ele não teria condições de pegar aquele texto e corrigir se o português estava certo ou errado, mas a única vez que ele parou para interagir com alguma questão voltada à escola, eu lembro.... eu lembro até do texto que ele ditou para... eu lembro vagamente assim, o que era a história, foi bem engraçada, era uma história engraçada e que me surpreendeu naquele momento e tal, mas foi uma vez só, eu acho que a outra vez que a gente voltou a estudar foi quando eu já tinha terminado até o ensino médio, ele precisava fazer um concurso quando ele voltou daqui, que o prefeito levou ele daqui de Guarani para lá, para trabalhar com a máquina pesada e ele... para formalizar, ele tinha que passar no concurso, só ele e outro cara que se inscreveram (risos)... e... só que ele tinha que fazer uma pontuação mínima. E aí eu sentei com ele para ver um... tentar ensinar alguma coisa de Português e Matemática básica que era só isso que pedia no concurso. O concurso era uma maluquice lá, o prefeito inventou e... não fazia sentido nenhum, e ele tinha que fazer essa prova. E aí eu lembro que a gente sentou para fazer isso de novo, mas no fundamental I, a gente não tinha cultura nenhuma. É... eu também lembro de um episódio, acho que na primeira série do fundamental I, eu devia ter seis anos, a minha primeira prova, acho que a média na... lá na escolinha era seis, eu tirei cinco... era... não sei se era separação de sílabas e eu errei tudo... E aí chegando em casa, não sei se eu falei para a minha irmã e aí ela sentou comigo, pegou um pedaço lá do papel do pão, começou a fazer separação silábica, mostrou ali rapidinho como fazia. Acho que de estudo, foram esses dois momentos, o resto... foi só. No fundamental II a gente continuou, eu continuava estudando sozinho, só que aí piorou porque no fundamental II já tinha que ir no contraturno para a roça, para a lavoura, por isso que eu falo que eu nunca fui um aluno assim, porque tudo o que eu estudei foi prestando atenção nas aulas e estudando no transporte quando a gente... quando o transporte pegava... como a gente pegava, era a primeira vila, o ônibus, o caminhão, sei lá que transporte que fosse, pegava a gente e levava uma hora, uma hora e meia para chegar na escola, então eu usava esse momento para estudar, na volta também eu usava bastante nesse momento, e um pouquinho à noite antes de dormir.

R: Você lia no... transporte?

A: Sim, na maioria do... vários alunos iam lendo a matéria no transporte. É... no Médio, aí já não foi... nem sei como que eu passei de ano, eu trabalhava, nunca estudava.

R: Tinha sono...

A: É... não estudava no Médio. Não sei até hoje como que eu... acho que me passaram porque... hoje acho que eu me enquadrava na Progressão Continuada do estado de São Paulo (risos). Eu lembro que eram médias assim, ah, média seis, eu passei em um monte de disciplina com seis, fazia umas recuperações, nunca passava dos seis, sete, só Matemática que assistindo às aulas eu ia muito bem.

R: E no ensino fundamental, essa coisa do desempenho em termos de nota, como que era?

A: Eu não lembro. Tanto que eu olho para o meu histórico e falo: “Nossa! De onde veio esse sete e meio aqui?”, não lembro, não sei como que era, essas notas... eu também acho que era uma questão da aula mesmo. Era uma questão só da aula, eu não lembro de ter essa cultura de sentar e exercitar, fazer vários exercícios de Matemática, na quinta série, sexta série.

R: E você acha que havia pouca ou muita exigência da escola nesse sentido de conteúdo?

A: Olha, não lembro como que era a exigência da escola. A única prova que eu lembro, vamos dizer que eu não lembro de nenhuma... a gente tinha uma disciplina chamada Cultura Alagoana, e aí eu fui para recuperação final, fiquei morrendo de medo de reprovar e eu lembro que parece que eu tinha estudado tanto, mas pensando hoje, o professor passou uma questão... uma lista de exercícios com dez perguntas, cada pergunta tinha uma resposta de duas linhas, aí eu decorei aquilo e a prova foram essas dez perguntas, e aí eu tirei dez porque eu decorei as dez, né, então era isso... eu decorava... decorava no ônibus ali as questões, assim, eu diria que hoje eu sou, como professor do Médio, eu sou extremamente mais exigente do que foi cobrado na minha época em todos os níveis.

R: Você continua dando aula no ensino médio?

A: Sim.

R: Aí quando você está falando sobre a sua experiência logo que você entrou aqui na universidade, você fala que: “Ai, eu achava que eu era inferior a todo mundo aqui” e depois de algum tempo, depois que você estava frequentando, você fala que, você menciona que com esforço você descobriu como você... que com esforço você pode chegar onde quiser. Aí queria que você falasse um pouco mais sobre como que foi essa mudança, essa nova percepção de quando você entrou aqui, que você achava que era... que todo mundo sabia mais que você e tal, coisas que você foi percebendo, né, você menciona o... as suas primeiras notas que foram boas, que os outros alunos não tinham notas tão boas assim, você foi achando que você podia mais. Como que foi essa mudança de percepção com relação a você mesmo?

A: Eu acho que, eu até comentei na [entrevista] anterior, que eu acho que foi a primeira oportunidade que eu tive de fazer uma dedicação exclusiva aos estudos, de eu ter coragem de abandonar o emprego, não era uma coisa... não era uma realidade para a gente lá, dez anos atrás, para a minha família, para as minhas origens, de alguém parar de trabalhar, parecia até uma coisa indigna você parar de trabalhar e começar a estudar, então foi a primeira vez que eu fiz isso, né. É... então quando eu entrei aqui eu comecei a morar na moradia [moradia estudantil do campus], eu acordava, acho que sete e quarenta da manhã, abria a biblioteca junto com o pessoal, ficava o dia inteiro e a noite eu vinha para a aula. Acho que pelo pessoal não fazer isso, eu acabei começando com médias muito melhores, assim, minhas notas foram... foram muito boas no primeiro ano da graduação e isso mudou bastante minha percepção. Logicamente, depois foi bem... me ajudou bastante porque esse primeiro ano foi primordial porque quando eu entrei no segundo, que eu peguei disciplinas muito mais pesadas e aí meu desempenho foi muito ruim porque até hoje no meio do doutorado eu trago toda uma deficiência do [ensino] médio, né, do ensino básico, que eu tenho que ficar recuperando o tempo inteiro aos poucos... É... o primeiro ano foi muito importante porque somente com o meu esforço, eu consegui atingir o objetivo que foi proposto no primeiro ano do curso Licenciatura em Química, que até acho que diria superar em várias disciplinas que o pessoal coloca como muito difíceis porque elas exigem que você sente e exercite, né, a gente tem

disciplinas de Cálculo I, Cálculo II, Física I, é... que nada mais é do que... o pessoal não problematiza, não contextualiza, então é técnico, é uma coisa técnica, você abre o livro e repete, repete exercícios, repete exercícios até... tanto que depois ninguém sabe para que serve, por que estudou, como que aplica, a gente fica que nem uns tontos lá repetindo exercícios. E eu estava naquele deslumbre de... de ter conseguido e, com um pouco de medo de... do que ia acontecer, foi... estudei assim, acho que muito mais e... e saíram as notas, foi uma experiência muito legal, de certa forma eu fiquei com certa evidência na turma, na sala, como alguém que tirava as melhores notas, é... até passei a ser um pouco de referência, o pessoal: “Ah! Quanto que você tirou nessa prova? Como que você foi? Como que você está estudando?” E isso foi uma experiência bem diferente que me marcou bastante, eu acho que dali para cá mudou toda essa percepção do que a gente pode conseguir ou não... é um caminho árduo, não é fácil, muitas vezes é angustiante porque a gente sabe que não é só uma questão do esforço, não é só isso, não é... mas quando a gente tenta por ele dá para chegar, dá para conseguir, mas é... Eu acho que tem dois momentos assim, tem horas que é legal, você fica bastante feliz e tem horas que você fala: “Pô, poderia ser um pouco diferente, poderia ter tido outras condições e estou tendo que correr atrás de tudo isso...”, eu não sei, é... não consigo definir muito bem. Essa questão, acho que ela mexe com muita coisa da gente, da nossa questão de sociedade, de política e tudo mais... eu tento sair dessa... é... dessa questão... às vezes eu paro, tento não... às vezes eu começo a pensar nisso: “Nossa! Que legal que está sendo eu ter tido... eu, por meu esforço, consegui superar essas várias barreiras” e aí eu tento parar de pensar nisso para não ficar nessa questão... essa questão de... de...

R: Da meritocracia?

A: É! Talvez entrar dentro dessa coisa de meritocracia, entendeu? Porque é uma coisa... eu não gosto... é uma coisa meio complicada... [pausa longa] É... eu não sei se consigo definir muito bem isso, eu só falo que foi uma coisa legal, é... para eu tirar uma coisa é... pessoal, né... que para mim em particular foi uma... vários fatores que ajudaram, uma situação ali no primeiro ano que foi primordial, por exemplo, se eu tivesse entrado... no segundo ano isso já não funcionou... isso já não funcionou. Tive mais uma questão de sorte do que de esforço no meu segundo ano da graduação. O esforço por si só não foi... não foi suficiente, né. É... a gente teve vários momentos que um... se eu tivesse um ensino médio bom eu teria passado de uma forma mais tranquila, e eu sofri muito para conseguir, tive uma série de lances, assim, de sorte, e... deu certo. É... então... eu não queria colocar a questão do esforço como algo que: “Oh! Com esforço você consegue tudo!”, é um bom... é um bom ingrediente para a gente, para o nosso dia a dia, para a gente trabalhar, e quando... no momento certo, com uma série de fatores, funcionou muito bem para mim e aí aquele momento virou um ícone e me ajudou a passar por várias coisas até hoje.

R: Daí então, tendo em vista todas as dificuldades que você enfrentou para a sua escolarização, desde o início, né, que é aquela coisa toda que você comentou, todas aquelas dificuldades de ter que usar o transporte e tudo mais, é... e também o fato de... o fato de não ser comum no seu meio, onde você estava, o prolongamento dos estudos. Como você mencionou, a maioria dos estudantes chegava somente até a quarta série, né, E... diante dessas dificuldades todas e de também não ser comum no seu meio isso, o que você acredita que te mobilizou, que te incentivou a empreender esses esforços para continuidade dos seus estudos?

A: Não sei. Não sei. É... eu... é, realmente eu não sei, eu acho que [pausa longa]. É... sinceramente eu não sei, eu fico meio em dúvida, até penso um pouco na... na minha

disciplina de Psicologia da Educação durante a Licenciatura quando a Thaís [professora da disciplina] fala que... eu lembro que na primeira aula que ela falou assim: “Olha!”, é... a gente tem, nessa disciplina, seis objetivos, e o último era... é... era... entender se o que a gente é... como que a gente aprende... nossa personalidade, é uma coisa nata ou influência do ambiente? Eu falei: “Nossa! Se essa disciplina... Gostei da disciplina, ela vai me responder isso!” E no final não respondeu coisa nenhuma e... e aí a gente sempre fala que é uma mistura dos dois. Eu acho que eu tenho uma coisa... de ser... uma coisa... ser uma pessoa introspectiva e eu não sei como que o ambiente me influenciou nesse sentido porque dentro do meu ambiente familiar... da roça... lá do sertão de Alagoas, aquela... de toda uma rigidez, uma série de quesitos... eu acho que tudo isso me tornou ainda mais introspectivo e... [pausa longa]. Olha, eu não sei se eu vou atrapalhar mais do que responder a pergunta...

R: Fique à vontade.

A: Mas é... isso foi lá, isso foi aqui quando eu cheguei. Quando eu fui para a cidade, saí pela primeira vez, quando fui fazer o ensino médio com a minha irmã lá em Delmiro Gouveia... eu acho que... acho que a minha introspecção sempre me fez sonhar muito, assim, sempre... eu estou aqui agora e eu estou sonhando com uma coisa maluca lá na frente... é... acho que desde pequeno meu cérebro sempre foi... pegando aquilo e pegando, sei lá, eu lembro que desde a época que eu ia para a lavoura com doze anos e estava lá com aquela enxada ruminando, mexendo na terra ali e a cabeça estava viajando, assim, não sei de onde veio isso, de onde vem... Viajando que eu poderia estar num outro lugar, fazendo outras coisas, sempre sonhando muito alto, assim, e... e talvez não, talvez eu não tenha enxergado isso, mas sonhando sempre lá na frente eu... estava esperando... alguma oportunidade... acho que foi mais ou menos dessa maneira porque quando eu vim para cá para Guarani foi um período bem difícil, de 2003, 2004, 2005, quando eu morei na periferia, quando eu vi várias coisas difíceis ali, tive contato com isso é... vida social zero, nenhum contato com cultura, com lazer. E indo dormir, acordar, indo para o trabalho, voltando, sempre pensando, sonhando alto que estava naquela condição, mas ainda tinha esperança de que ia mudar de alguma forma e... talvez o meu gosto pela leitura, pela... pelo raciocínio lógico, que eu também não sei de onde veio, não consigo imaginar: “Olha, começou aqui, desse jeito”, foi... é... me abrindo essas oportunidades, assim, porque depois que eu consegui entrar aqui na USP, depois do meu primeiro ano de graduação, nunca pensei em parar, sempre foi aparecendo barreiras, mas acho que aí numa outra perspectiva, já embutido num rol de informações, tendo contato com pessoas que poderiam esclarecer todas as minhas dúvidas. A partir do momento que eu estou na graduação e tenho barreiras para entrar no mestrado, eu já tinha contato com pessoas que passaram por isso e antes de entrar na USP de fato, isso era mais complicado, né, não tinha como eu ter todas as informações, para ir mostrando o caminho, então eu acho que, de onde vem a vontade de estudar, de continuar, eu acho que depois que eu entrei aqui, depois do primeiro ano foi uma questão natural, as coisas foram... não vejo tantos empecilhos, acho que o empecilho maior foi ter trilhado o caminho para chegar até aqui, né, pela falta de informação, pela falta de incentivo, pela falta da questão da... da realidade. Depois que eu entrei aqui, depois que eu fui tomando decisões, por exemplo, a decisão de largar o emprego e me dedicar aos estudos foi uma decisão assim, absurda, muito grande para mim, mas outras decisões que eu tive que tomar: “terminada a graduação vou só dar aula”, é... “vou largar 70% das minhas aulas, vou fazer o mestrado, vou exonerar de um cargo”, como eu exonerei para entrar no doutorado, meu orientador falou: “Olha, você vai ter que exonerar de um cargo, você pode dar no máximo dez aulas”, e aí exonerar. É... tinha o sonho de terminar o doutorado e publicar um monte de coisas e ir para a universidade [como professor], aí eu interrompi ali e fui prestar o concurso no Instituto Federal. É... foram decisões importantes,

mas que agora com muito mais maturidade, com toda a informação, com toda... Então eu defino como dois momentos, né, chegar até aqui, aí foi uma coisa estranha para mim chegar aqui, depois que eu cheguei aqui tive vários problemas é... difíceis... mas que não comparo com os de antes de entrar aqui na USP.

R: Antes de entrar, você acha que foi mais difícil?

A: Foi, totalmente! Não sei o que aconteceu para... como que se deu isso, porque... não consigo definir muito bem de onde veio a vontade de estudar... de continuar... É... não sei, talvez pela... um dos fatos é que pela... eu acho que o SESC[espaço cultural da cidade] foi uma oportunidade interessante... o acesso à leitura foi uma oportunidade interessante. Como eu não tinha recursos para ter outro tipo de lazer, cultura e etc., a leitura foi uma ótima válvula de escape para minha época desses três anos morando na periferia, né, não preciso ter nada para... assim, eu preciso de condições básicas de... saúde, alimentação, higiene, etc., e tinha as condições básicas para fazer isso e eu... Era uma válvula... acho que foi uma boa válvula de escape, assim, a leitura, acho que a leitura me colocou aqui dentro porque... acho que 2004, 2005, eu cheguei a ler uns duzentos livros em 2004, quase duzentos livros em 2005, nunca peguei gramática para estudar, mas eu lembro que quando eu fiz a primeira fase da Fuvest, de vinte questões que tinham, eu acertei quatorze, dezesseis, alguma coisa assim, então foi uma coisa bem alta para Licenciatura em Química e acabou me jogando para a segunda fase esses pontos em português, foi quase metade do que eu precisava para ir para a segunda fase, então eu acho que a leitura, o SESC e a biblioteca Guimarães Rosa foram... pontos cruciais, acho que até... se fosse resumir a resposta do “por que continuar”, principalmente nessa época mais difícil de como entrar aqui, acho que foi a leitura como válvula de escape para uma realidade, que se não fosse essa válvula de escape, acho que hoje eu estaria ainda morando... minha irmã ainda está lá na periferia trabalhando no comércio, aquela coisa de vai para o trabalho, volta do trabalho e sem condições, muitas vezes, de ir num cinema, numa peça, não saber o que é uma peça de teatro, não ter condições, nunca, de fazer uma viagem, de conhecer coisas novas. É... eu acho que se eu não tivesse usado a leitura como válvula de escape, talvez eu não... eu tivesse lá até hoje.

R: Entendi. E... aí você fala que não sabe muito bem de onde veio esse gosto pela leitura... Era um hábito na sua casa? Era familiar?

A: Não, não. Quer dizer... é... tenho uma irmã, não a mais velha, depois da mais velha, eu tinha uma irmã que lia bastante, que era muito... era conectada, é até hoje, com literatura, ela lê muito. Eu a via lendo, mas o que me incentivou à leitura lá quando eu era criança, era um... tinha um... não sei se eu falei isso na entrevista anterior, mas tinha um moço lá da minha vila que colecionava literatura de cordel e ele emprestava para todo mundo da vila e eu acho que praticamente li todos os livrinhos dele e também não sei o que me incentivou a ir pegar essa literatura de cordel emprestada. Eu acho que um dos primeiros livros que eu li, que eu ficava lendo, assim... tem uma coisa na igreja católica, eles chamam de ofício, que tem umas leituras... e minha família lia aquilo nas reuniões da igreja... com a família... e eu achava bonito, eu comecei a ler, não entendia significado nenhum e aquilo... (risos) é até engraçado, parece literatura de cordel, tem uma certa similaridade. E aí juntou com esse cara que tinha essa literatura de cordel, aí eu acho que minha irmã mais velha acho que pegou um outro para ler e... eu até lembro dela, faltava energia... lá quando faltava energia, força elétrica, assim, demorava dois, três dias para voltar. Eu lembro dela lendo no claro da vela para a gente à noite, era bem... bem legal, acho que eu comecei a pegar a ler, foi uma das primeiras coisas que eu fiz, foi ler essa literatura de cordel. No fundamental II, eu não tinha é... tinha pouco

tempo, pegava um livro ou outro na biblioteca da cidade, mas... literatura assim mesmo... não lembro muito bem. Eu lembro do meu primeiro livro que eu peguei no Médio, foi até um livro do... Arthur Conan Doyle, do “Sherlock Holmes”, até lembro da história do “O cão do Baskervilles”, lembro... “Um estudo em vermelho”, lembro desses dois livros que eu peguei, li. Aí depois eu li “A escrava Isaura”, algumas coisas fraquinhas. Não fraquinhas, mas não atraentes, eu diria, para a idade que tinha, ninguém tentava atrair a gente com a leitura, né, a professora de Português só queria que a gente lesse “A hora da estrela” da Clarice Lispector, e obviamente que eu não li porque não fazia sentido, não tinha atração nenhuma. Aqui [em Guarani], eu acho que aqui veio como válvula de escape mesmo, eu não... não lembro de nenhuma outra coisa, acho que foi... eu lembro que veio como uma válvula de escape porque eu comecei a ler... Paulo Coelho... era uma coisa assim, um Português horrível... acho que era sem pé nem cabeça, mas para mim, naquele momento era uma... era uma saída, buscar na espiritualidade, quase na fé, assim. É... então eu acho que foi isso.

R: Entendi. Daí você comentou agora mesmo, você estava comentando das decisões que você tomou, que você falou do concurso, como que está o concurso?

A: Eu passei.

R: Passou?

A: Eu passei. Eu fui para a segunda fase em Catanduva, eu dei aula lá, aí eu fui para... consegui uma diferença de pontos que eu não esperava e mesmo só com o mestrado no título, eu passei. O pessoal que tinha postdoc, estava no postdoc, tal... mas por essa diferença de pontuação na aula prática... E aí eu efetivei de dezembro... dezembro do ano passado, já estou há um semestre...

R: Você está dando aula lá, então?

A: Estou dando aula lá, né, larguei a bolsa do doutorado aqui em dezembro, deixei a minha dedicação exclusiva no doutorado, para ter dedicação exclusiva lá. Aí quando você pergunta: “Ah! Você está dando aula no médio?”, estou porque lá tem o médio integrado ao Técnico nos Institutos Federais, então eu dou aula no médio, mas é um médio diferenciado hoje, é totalmente (risos), é outra realidade. É outra realidade, me encontrei muito como professor porque é o sonho de qualquer professor dar aula para as turmas do médio do Instituto Federal integrado porque são... as turmas de quarenta alunos, assim, que passaram por processo seletivo... é igual aquela educação dos anos 70 que o pessoal falava: “Nossa! A escola era muito boa!”, porque os alunos eram... aqueles alunos...

R: Selecionados.

A: Selecionados... as melhores famílias... É a mesma coisa... então é uma coisa assim... sensacional, escola com alunos de dezessete, dezoito anos, com nível de conhecimento, de educação, dá para a gente produzir muitas coisas, então, assim, foi um semestre de muito trabalho porque dando aula lá, tanto no Médio quanto na graduação, na Licenciatura em D, foi a minha primeira experiência dando aula para a graduação agora, né, peguei duas disciplinas na graduação e estou tocando o doutorado aqui também, mas está sendo bem bacana, dei uma nova ressignificada, assim, foi... foi bem legal.

R: O estado... o ensino médio do estado você deixou?

A: Graças a Deus! Graças a Deus! Acho que foi um dos momentos mais... foi outro momento interessante da minha vida: entregar... eu já tinha exonerado de um cargo de Iguazu em 2014 para entrar no doutorado e agora definitivamente não posso... tem que ter cuidado, não sei o que a vida vai nos proporcionar daqui para a frente, mas espero não... gostaria de não voltar (risos).

R: Então lá no Instituto Federal você está dando aula no Médio e na graduação também?

A: Sim, eu dou aula para o... sou professor de Química do Médio integrado ao Técnico em Automação... sou responsável por uma área no Médio integrado da própria Química e da Química Inorgânica da Licenciatura em Química.

R: Certo. Você falou que seus pais eles eram pequenos proprietários rurais, não é isso?

A: Uhum.

R: Mas também num momento da entrevista você mencionou o... que o seu pai também tinha trabalhado como operador de máquina pesada de uma empresa chamada CHESF [empresa hidrelétrica]...

A: Sim.

R: Aí eu queria que você falasse mais sobre esse trabalho do seu pai, quando foi que ele exerceu esse trabalho, por quanto tempo, onde ele aprendeu, você sabe disso?

A: Olha, eu lembro que... eu não sei muito bem, nunca... a gente nunca teve essas conversas assim, dentro de casa e tudo mais, mas.... eu não sei muito bem como que foi a trajetória dele, eu sei que lá na década de 70, quando os meus pais se casaram, o pessoal tocava as coisas mesmo que... na subsistência da zona rural, acho que meu pai já tentou até ter um barzinho do lado de casa e minha mãe não gostou, mandou fechar (risos). E aí eu acho que nessa época, ele veio para o Rio de Janeiro, trabalhou um tempo aqui na cidade do Rio de Janeiro na década de 70 se eu não me engano, alguns anos. É... acho que depois disso, ele voltou e aí ele foi... ele virou copeiro, isso, eu tenho uma leve lembrança da década de 80 quando eu tinha, sei lá, três, quatro, cinco anos, ele era copeiro na empreiteira Mendes Júnior, acho que ela existe até hoje, deve estar envolvida nos casos de corrupção aí (risos). É... alguém arrumou para ele, não sei como, não lembro muito bem, o cargo de copeiro. Servia café, essas coisas para os engenheiros... para os... E lá eu acho que... também não sei como ele teve oportunidade de treinar a operar máquina pesada porque o trator de esteira de máquina pesada, ele não é difícil, você só tem a alavanca para levantar e subir a pá, e a ré, primeira e segunda marcha. Eu já fui uma vez, ele estava fazendo uma barragem, eu subi lá e ele me mostrou. É... só que é uma grande responsabilidade, se você abaixa de uma vez aquele negócio e quebra uma lâmina daquela, você vai parar o serviço de uma empreiteira por não sei quanto tempo e aí é complicado. Então eu acho que ele teve essa oportunidade de fazer esses treinos lá, como copeiro, não sei como... Só que minha mãe, quando ele esteve, sempre esteve fora, minha mãe foi tocando a roça. Minha mãe que era... Foi até engraçado porque acho que em 1996 quando ele veio para Guarani, o pessoal até falava: “Nossa! Ela quem conseguiu ter maior... produzir mais feijão”, lá na vila uma vez. Porque tinha ela e... ia todos... ela levava a gente para a roça e esporadicamente, quando precisava de um serviço mais pesado, o pessoal lá da vila, muita gente lá sobrevivía também prestando serviço na roça

para quem sobrava um pouco de dinheiro para pagar por essa ajuda. É... quando tinha um serviço mais pesado, ela contratava alguém, então eu acho que toda essa época de Mendes Júnior, ela tocou, mas a gente não precisava tanto porque foi uma época que ele levou relativamente bem. Aí como ele treinou, aprendeu, conseguiu ir para a CHESF [Companhia Hidrelétrica do São Francisco] para fazer a barragem da hidrelétrica de Xingó, que também tem um período... ela... tem um período onde ela começa e aí tem um período que acaba. Quando ela terminou, ele ficou desempregado, né, ele foi dispensado. É... fez alguns trabalhos esporádicos, com trator de esteira de fazendeiros particulares, tocavam um pouco da roça essa época, intercalavam, mas eu lembro assim, de uma época onde minha mãe foi sempre quem tocou mais a questão da lavoura para a nossa subsistência e lá a gente tinha o hábito de... a gente... colocava em vasos... vasos de zinco e vedava esse feijão para durar mais e tal. É... a gente produzia para subsistência e envasava um pouco para vender na cidade em momentos mais... quando vai ficando apertado, aí: “Não, vamos ter que vender uma saca de feijão”, abria o vaso, tirava o saco de feijão, vendia e resolvia o problema mais urgente ali.

R: Era tipo uma poupança (risos)?

A: Era, era.

R: Entendi. E você comentou que teve uma época que ele veio para cá e aí depois o prefeito levou ele de volta para trabalhar com isso porque não tinha muita gente lá que trabalhava com isso.

A: Sim, sim.

R: Você comentou de tias que eram professoras.

A: Na verdade é uma tia, né, eu tenho uma tia que é professora.

R: Ah, é uma tia só?

A: É uma por parte de pai. O meu avô por parte de pai, ele teve só três filhos, foi meu pai e mais dois. E a mais nova, ela foi cedo, ela casou e foi cedo para essa cidade de Delmiro Gouveia. Eu nem lembro de vê-la morando... na década de 80 eu já não a via, eu não tenho lembrança, mas ela... quando eu ia para a cidade, eu já lembro de ir para a casa dela, assim, quando a gente ia para a feira lá em Delmiro Gouveia, de encontrar ela já morando lá, então ela teve a formação do Magistério toda lá em Delmiro Gouveia e começou a viver e dava aula lá.

R: Ah tá, ela era parente... é...

A: Irmã do meu pai.

R: E você sabe, tem noção da escolaridade dos pais dela? Eram escolarizados ou não?

A: Os meus avós?

R: É, isso.

A: Não, acho que eles não fizeram nada. Acho que eles não têm nenhuma escolaridade não

R: Então da minha parte é isso, não sei se você tem alguma coisa para falar...

A: Não... espero que eu tenha te ajudado...

R: Muito! Muito mesmo! Obrigada!

4.3 Marcos e a universidade como “divisor de águas”

Marcos, 28 anos, é estudante de um programa de Doutorado que pertence à grande área de Ciências Humanas. Assim como Antônio, ele estuda na Universidade de São Paulo, em um *campus* localizado no interior paulista, na mesma cidade em que reside. Na ocasião em que realizamos a segunda entrevista, estava prestes a defender sua tese, o que aconteceria no mês seguinte. Quando ingressou na pós-graduação, sua mãe, que trabalha como auxiliar de enfermagem, ainda não havia concluído o ensino médio, o que fez recentemente por meio de ensino supletivo. Ele nos conta ainda que, na época em que cursava o Mestrado, sua mãe começou a cursar a graduação a distância em Pedagogia, curso que ele não sabe dizer se ela concluiu. Seu pai cursou até a oitava série do ensino fundamental. Marcos explica que o pai saiu de casa quando ele tinha cinco anos, sendo que o estudante só foi encontrá-lo novamente quando estava já no segundo ano da graduação, época em que o pai trabalhava como catador de papelão, ocupação que ele exerceu durante aproximadamente quinze anos. O estudante relata que o pai também trabalhara anteriormente, quando ainda residiam juntos, como ferreiro na construção civil, ocupação que voltou a exercer mais recentemente. Entre seus avós, todos são apenas alfabetizados, sendo que o maior nível de escolaridade é o do avô paterno, que concluiu o ensino fundamental I. O estudante tem duas irmãs, uma de 23 anos, que cursou Administração na modalidade EAD – Ensino à Distância - em uma universidade privada e outra, ainda criança, fruto do segundo casamento de sua mãe e com a qual não mantém muito contato.

Durante toda a educação básica, Marcos estudou em escolas públicas estaduais, tendo cursado a primeira série em uma escola próxima de sua casa. O estudante nos conta que já ingressou na primeira série do ensino fundamental quase alfabetizado, o que, segundo ele, favoreceu sua vida escolar e impediu que ele ficasse atrasado quando precisou afastar-se das aulas devido à pneumonia que desenvolveu. Ele acredita ainda que seu processo de alfabetização foi facilitado por um quebra-cabeça comprado por sua mãe. Devido a uma nova lei, a escola em que estudava passaria a oferecer apenas os anos finais do ensino fundamental, de forma que Marcos foi obrigado a transferir-se, passando a estudar em uma nova escola até a quarta série. O estudante ressalta que, nesta escola, onde concluiu os anos iniciais do ensino fundamental, havia uma biblioteca muito boa, cujo uso era bastante incentivado pelos professores, e que ele próprio costumava utilizar. Entretanto, foi nesta escola que ele vivenciou um episódio que marcou negativamente sua trajetória escolar. Sua professora da segunda série pegou um livro seu, do qual ele gostava muito, e que ele próprio

tinha comprado, emprestando-o a outro professor. Tratava-se de um livro sobre dinossauros, tema caro ao menino que, ansioso por ter seu livro de volta e receoso de que o perdesse, foi indagar a professora. Diante da cobrança para que devolvesse o livro, a professora agiu de forma agressiva, segurando-o pela camisa e obrigando-o a ir até a sala do outro professor para buscar o livro. Sua descrição do acontecimento é chocante: “Ela ficou brava! Ela me pegou pela... pela gola aqui e ‘meteu’ a minha cara na janela na frente da classe inteira: ‘é ali que fica a classe dele, então você vai lá pegar! Vai você!’” Ele conta que foi buscar o livro e o professor foi muito gentil, mas que quando voltou à sala, com um semblante muito sério, notou no rosto de sua professora o receio de que ele contasse o fato à sua mãe, o que ele fez assim que chegou a sua casa. Ao saber do ocorrido, sua mãe compareceu à escola e a professora acabou por ter afastada, por meio do adiantamento de sua licença maternidade, de forma que até o final do ano, outra professora a substituiu.

Ao ingressar nos anos finais do ensino fundamental, tendo em vista que a escola em que estava matriculado não oferecia esse nível de ensino, voltou para a escola em que já havia estudado, próxima à sua residência, onde prosseguiu seus estudos até quase o fim do ensino médio.

Comparando as duas escolas, ele faz uma crítica incisiva à escola onde cursou os anos finais do ensino fundamental e a maior parte do ensino médio, afirmando que a biblioteca era utilizada como local de castigo dos alunos. É durante o ensino fundamental que o estudante relata ter desenvolvido o que ele chama de “traumas” em relação à escola, sobretudo no que diz respeito à disciplina de Matemática, da qual ele até então gostava e na qual tinha um bom desempenho. Ele relembra que até a sétima série, gostava de Matemática e que, inclusive, recebia elogios de sua professora: “A minha professora da quinta série no caso, ela colocou [em um bilhete enviado para sua mãe]: “olha, teu filho é muito aplicado, ele faz a tarefa de casa aqui na classe mesmo, o resto fica de papinho e ele faz aqui”. Entretanto, sua professora da sétima série, que a seu ver, tinha uma didática ruim e não tirava as dúvidas dos alunos, fez com que esse gosto pela disciplina se transformasse em aversão. Em suas palavras: “A minha professora de Matemática da sétima série me fez pegar nojo de Matemática! Pavor, asco de Matemática, tá!”. Para ele, esse fato foi marcante, pois, não tendo conseguido aprender o conteúdo daquele ano, os anos seguintes também foram comprometidos e, ainda segundo ele: “não dá para ser autodidata em Exatas”.

Por outro lado, como aspecto positivo, Marcos cita que seu professor de Geografia da oitava série fez com que ele passasse a se interessar mais pela área de Humanas, buscando por conta própria mais conhecimento acerca de vários temas relacionados a essa área nos

livros didáticos e também na internet. Ele relembra que nesta época não estava gostando de nada na escola, estava “muito de mal com a escola” e que, apesar disso, esse professor conseguiu chamar sua atenção. Embora Marcos acreditasse que o professor não o estimava muito porque valorizava muito a participação oral na aula, o que não era um hábito do estudante já que falava pouco, ressalta que o importante foi o que o professor ensinou, lembrando-se inclusive de alguns dos temas tratados por ele e da forma com que os abordava:

Eu achava muito legal o que ele falava de Geopolítica, da questão do G20, o porquê o Brasil não estava, eu achava aquilo... e ele vinha lá de trás [de tempos atrás, na História] para explicar, e eu achava legal. Então aí eu comecei a ter mais afinidade com Humanas, tá, tanto é que nos outros anos, já no ensino médio, eu não tive professor de Geografia à altura dele.

Segundo Marcos, ele tinha uma boa didática e estava muito acima do nível dos demais professores. O estudante menciona também um professor de Biologia, do qual, apesar de não gostar pessoalmente, dava aulas muito boas, cujos conteúdos o ajudaram bastante em seu resultado no vestibular. Foi também no final do ensino fundamental que Marcos passou a fazer os mais diversos trabalhos escolares para seus colegas, em troca de dinheiro. Segundo ele, além de obter uma pequena renda com esses trabalhos, ele acabava estudando mais e, conseqüentemente, aprendendo mais. Ele atribui grande valor a essa atividade, apontando-a como motivadora dos seus estudos e importante também nos seus resultados: “Por mais incrível que pareça, muito do que me ajudou a me manter estudando foi a tal da máfia dos trabalhinhos.” Era necessário, por exemplo, ler os livros paradidáticos escolhidos pelos professores e isso, na sua avaliação, o auxiliou posteriormente no que se refere à literatura exigida pelo exame vestibular:

Sabe, nunca que eu iria querer voluntariamente ler “A hora da estrela”, mas tal grupo ia ler [...] e aí: ‘quanto você quer para fazer o trabalho da gente?’. ‘Ah, tá, dá tanto aí’. Aí eu tinha que ler, tinha que ir atrás do negócio, então acabava lendo, acaba... e não era só em Português, era em outras disciplinas também, algumas vezes até em Exatas. Então acabava aprendendo alguma coisa na marra para poder fazer.

Sobre esta época, ele menciona, indignado, um trabalho sobre o romance “Vidas Secas”, o qual sua professora não acreditou ter sido feito por ele, fato que gerou no estudante insatisfação e aversão pela vida escolar. Para ele, a postura da professora demonstrava uma visão do aluno que o subestimava: “ela parte do aluno como um burro, como um tapado que não sabe o que é migração. Um aluno de... sei lá, primeiro colegial, aquela época, oitava série, primeiro colegial... não vou lembrar, né... Isso só me ajudou, assim, a... desgostar da

escola. No colegial já detestava a escola, eu ia forçado”.

Questionado sobre como era a relação da família com a escola, Marcos afirma que a mãe não se envolvia com sua vida escolar e lamenta o que ele avalia ter sido uma falta de incentivo por parte da família. Ainda sobre essa época, Marcos relata que tinha poucos amigos, os quais juntamente com ele formavam o grupo dos “nerdizinhos”, aqueles que tiravam boas notas e faziam até a lição de casa ainda na escola. No final do ensino fundamental, após esses amigos terem ido estudar em escolas particulares, ele passou a ficar isolado, sendo a relação com os demais colegas apenas superficial e motivada pelos trabalhos que fazia para eles em troca de dinheiro.

Devido à mudança de residência da família, precisou novamente mudar de escola, faltando três meses para o término do último ano letivo do ensino médio, lá concluindo-o.

O estudante nos conta que, mesmo antes de concluir o ensino médio, enviava currículos para várias empresas, pois sua preocupação era inserir-se no mercado de trabalho logo que concluísse esse nível de ensino porque precisava auxiliar nos gastos familiares. Tendo em vista seu apreço pelo cinema, o seu sonho era ter um emprego em uma locadora de vídeos, mas não conseguindo, acabou indo trabalhar em uma loja de alimentos e acessórios para animais. Todavia, permaneceu neste trabalho por algumas semanas apenas, pois, segundo ele, não tinha habilidade com o atendimento ao público. Concomitantemente a isso, Marcos soube que estavam abertas as inscrições para o vestibular. Ele nos conta que no ensino médio da escola em que estudava, havia uma preparação e um direcionamento para o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio – mas, que não havia nenhum incentivo ou informações sobre o vestibular para a universidade pública. Ao contrário, os professores desencorajavam os alunos de prestarem este exame, estimulando-os a prestarem concursos de nível médio para se inserirem no mercado de trabalho, mas, sobre a USP, ele afirma que: “O pensamento que tinha na escola na época era o seguinte: ‘a USP não é para vocês’, os professores diziam isso. Sem brincadeira nenhuma! [...] Na USP, a gente sabe que vocês não têm chance”. Todavia, em meio ao clima de preparação para o ENEM, ele ouviu alguns alunos falando sobre o vestibular e alguns professores comentando que talvez a USP fosse utilizar de alguma forma o resultado deste exame. Afirma também que via algumas notícias na televisão a respeito do vestibular da FUVEST e, curioso, procurou mais informações na internet, onde descobriu quando seriam abertas as inscrições e decidiu prestar o exame, mas apenas por curiosidade, acreditando que não teria chances de ser aprovado. Assim, fez sua inscrição, mas a possibilidade de aprovação era, ele para, tão remota, que, segundo relatou, quase se esqueceu de comparecer no dia da prova da primeira fase.

Assim como Antônio, Marcos não tinha informações sobre o funcionamento do vestibular e sequer conhecia a possibilidade de obter isenção da taxa de inscrição no exame e, sendo assim, o estudante explica que solicitou ao avô o dinheiro para o pagamento da taxa.

Marcos enfatiza que não tinha esperança de ser aprovado no exame, explicando, porém que, por precaução, decidiu que escolheria um curso que fosse oferecido no *campus* da cidade em que reside e que, além disso, as provas da segunda fase não exigissem o conteúdo referente às disciplinas de Exatas, nas quais tinha muita dificuldade. Ao consultar o manual do vestibular, seguindo a lista alfabética dos cursos, sua opção foi pelo primeiro curso que preenchesse os requisitos mencionados anteriormente, sem considerar a natureza do curso e nem mesmo da profissão em que estaria se formando. Após prestar o vestibular, o estudante afirma que até esqueceu que o fizera, reafirmando sua descrença de que pudesse ser convocado para a segunda fase: “se não me mandassem a carta, eu nem vinha fazer a segunda, não botava um pingão de fé nisso aí”, notícia que, ao chegar pelo correio, lhe causou grande surpresa e estranhamento. Somente após o recebimento desta correspondência, foi que Marcos procurou pela internet demais informações sobre as provas da segunda fase, descobrindo somente então que eram realizadas durante três dias, sendo uma por dia e que deveria fazer uma redação. Verificou também os dias, horários e locais de realização das provas. O estudante nos conta que a convocação para a segunda fase trouxe a ele grande alegria e lhe deu esperança de que, se fizesse um cursinho, talvez pudesse ser aprovado no vestibular do ano seguinte, já que estava certo de que, naquele ano, isto não ocorreria. Com esta expectativa, ao final da segunda fase, Marcos retoma sua busca por um emprego, esquecendo novamente da universidade.

Contudo, no mês seguinte, ao entrar na internet, o estudante visualizou na página inicial de seu provedor de internet a notícia de que havia saído o resultado do vestibular, o que trouxe novamente à sua lembrança o fato de que havia prestado o exame e, ao consultar a lista, viu seu nome entre os aprovados. Ele nos conta que chegou a pensar que não estava enxergando direito e que, após certificar-se que era mesmo seu nome, imediatamente imaginou que fosse uma convocação para uma hipotética terceira fase, desconfiança que o acompanhou até o momento da matrícula, em que insistia em perguntar ao professor que o recebera se o processo de seleção realmente terminara ou se ainda existia algo que precisaria fazer para ingressar na universidade. O acontecimento foi para ele tão marcante que ele se lembra até da data, há dez anos atrás: “Se eu bem me recordo, 8 de fevereiro de 2006, lembro que foi no comecinho de fevereiro e mudou tudo. Mudou todo o curso da minha vida.”

A entrada na universidade foi para Marcos, em suas palavras, “um divisor de águas”.

O estudante salienta os contrastes existentes entre a realidade escolar que vivenciara até então em comparação com a universidade, dentre os quais menciona o envolvimento e a dedicação dos alunos ao trabalho acadêmico e até mesmo o fato de ter aulas todos os dias.

Embora o ingresso na universidade tenha sido uma grande alegria para Marcos, a necessidade do trabalho ainda se impunha em sua vida, e ele fez entrevista para trabalhar em uma grande rede de lanchonetes, porém, sem sucesso. Durante sua incessante busca por um emprego, Marcos teve a oportunidade de concorrer, na universidade, a uma bolsa de iniciação científica, cuja obtenção foi para ele um valioso alívio da pressão para conseguir trabalho. Ademais, o trabalho de pesquisa que desenvolveu na sua iniciação científica estava ligado à área de cinema, sua antiga paixão. Por conseguinte, o estudante afirma ter gostado bastante de desenvolver o trabalho de pesquisa acadêmico durante sua iniciação científica, que teve início no final do primeiro semestre e perdurou até o fim da graduação. Antes mesmo de concluir a graduação, o estudante conta que foi incentivado por sua orientadora a fazer Mestrado. Destarte, prestou o exame para ingresso na pós-graduação em duas universidades públicas. Tendo sido aprovado em ambas, optou pela USP, onde fizera a graduação, novamente devido a questões de conveniência, já que apesar de achar mais interessante a linha de pesquisa da outra universidade, esta se localizava em outra cidade, o que dificultaria sua frequência às aulas, devido ao deslocamento necessário.

Ao fim do Mestrado, a preocupação com o trabalho incomodava Marcos novamente e, aliada ao seu cansaço em relação à universidade, contribuiu para que ele se afastasse temporariamente, período em que, sem conseguir emprego, manteve-se com uma poupança que fizera e com alguns trabalhos que realizava para professores universitários tais como a organização de currículos, dentre outros. Todavia, o estudante afirma que o estímulo de sua orientadora, seu gosto e sua afinidade com a linha de pesquisa, bem como a possibilidade de receber uma bolsa para continuar estudando, fizeram com que ele retornasse ao mundo acadêmico, sendo aprovado no processo seletivo para o Doutorado, classificado para receber a bolsa e passando a desenvolver sua pesquisa novamente na área de cinema.

Em nossa primeira entrevista, quando estava cursando o penúltimo semestre do Doutorado, ao refletir sobre seu futuro após a sua conclusão, Marcos havia afirmado que não sabia ao certo, mas que talvez pudesse se tornar professor universitário, lembrando-se de ter gostado da experiência dos três estágios que fez, um deles como voluntário, em um programa da universidade, no qual estudantes de pós-graduação atuam como monitores de uma das disciplinas ministradas por seu orientador, auxiliando-o em várias atividades acadêmicas: “Fiz estágio PAE [Programa de Aperfeiçoamento de Ensino], fiz três vezes o estágio PAE.

Três! Uma... uma sem ganhar nada, como voluntário porque eu gosto! Porque eu gosto! Gosto da área!”. Entretanto, em nosso último encontro, ele afirmou estar decepcionado em relação ao ambiente acadêmico, condenando o comportamento dos professores que, segundo ele, nunca estão satisfeitos com as remunerações recebidas, e criticando também os baixos salários e a terceirização do setor de limpeza da universidade. Além disso, ele aponta também o que julga como um excesso de vaidade e uma submissão à produção acadêmica estrangeira, sobretudo francesa, que não esperava encontrar na área de Ciências Humanas e que ele denomina “viralatismo”:

é um ambiente vaidoso, muito elitista, inclusive na área de Humanas, [...], um ambiente mais ignorante do que acha que é, muito menos erudito do que esse ambiente realmente acha que é [...] O “viralatismo” de Humanas é um “viralatismo” voltado para a França, é lá que está a erudição.

Contudo, apesar da ácida crítica ao ambiente acadêmico, Marcos parece ainda acreditar na importância da universidade pública para a sociedade, já que em sua fala final, fez questão de ressaltar sua preocupação com o futuro desta instituição, bem como do ensino fundamental e médio, tendo em vista os rumos dos planos governamentais para a educação nacional:

Por conta do golpe de ontem [referindo-se à aprovação do impeachment da presidente do país], que se concretizou ontem, eu estou muito preocupado com o que vai virar, tanto com a questão do ensino médio e fundamental quanto com o futuro da universidade pública, se é que ela vai continuar pública, se ela vai ser mais elitizada ainda do que ela já é. Então eu estou muito preocupado, muito apreensivo com relação a isso.

Ele conclui também que deseja terminar sua trajetória dentro da USP sem se deixar “contaminar” pela vaidade mencionada anteriormente, afirmando que não se acha superior a outras pessoas por ter conseguido ingressar nesta universidade.

O “divisor de águas” representado pela USP parece não ter dividido a integridade de Marcos, nem ter sido capaz de separá-lo de seu idealismo e de sua consciência social.

4.4 Entrevistas na íntegra

1ª Entrevista

M: Bom, fiz a pré-escola com seis anos, geralmente as pessoas fazem até com cinco, então começou um pouquinho mais tarde, mas não muito porque fiz todo o maternal... aquela coisa toda. Fiz na Terra da Magia [escola particular de Educação Infantil], nem sei se existe ainda, que era uma escolinha ali, fiz lá, pré-escola eu fiz lá, aí de lá eu fui... se eu bem me lembro em 1995... pelas contas que eu estou fazendo aqui, para primeira série do fundamental no Felipe Silveira [escola estadual da cidade onde se localiza o campus], sabe onde é? Escola estadual Felipe Silveira. Já vou adiantar que a maior parte da minha trajetória no ensino básico foi lá, mas não foi só lá. Depois desse primeiro... da primeira série ali, em 1995 como eu te disse, eu perdi uns dois meses porque eu fiquei internado com pneumonia, fui internado no Romeo Melo, [hospital público da cidade onde se localiza o campus] quase morri, mas aguentei, se não, não tinha doutorado, não tinha nada, mas aguentei (risos). Enfim, lá por volta de junho, julho, tive esse problema, mas depois consegui repor numa boa e tudo bem. No meio desse ano, veio aquela lei do governo estadual, você deve lembrar, que dividiu: daqui para cá é primeira à quarta série e daqui para lá é quinta série em diante, tais escolas, dividiram, antes era tudo misturado. Então por conta disso, da segunda até a quarta série do fundamental eu fiz no Dona Maria Aparecida [outra escola estadual da cidade] que era o mais próximo de lá; Felipe Silveira é no Pablo Picasso [bairro da cidade onde se localiza o campus], o Dona Maria Aparecida é na Tarsila do Amaral [outro bairro da cidade], então era o mais próximo que tinha, alguns quarteirões mais para frente, então eu fiz lá.

R: Você morava por ali?

M: Morava por ali. Morava na rua Milão até pouquíssimo tempo atrás, é que eu mudei bastante de casa, agora já não estou mais lá. Eu morava... eu morava dois quarteirões do Felipe Silveira e pouco mais do Dona Maria Aparecida aí depois acabei a quarta série, voltei para o Felipe Silveira na quinta série, sexta série, sétima série, aí eu segui. No finzinho já do ensino médio, terceiro ano do ensino médio, como a minha mãe se mudou porque ela casou de novo... Ela tinha separado antes de eu entrar na primeira série, enfim, casou de novo, esse tempo ela ficou solteira, casou de novo, aí tanto eu quanto a minha irmã exatamente cinco anos mais nova do que eu, ela faz aniversário no mesmo dia que eu, não estou de brincadeira (risos). Eu nasci em dezenove de setembro de 1987, ela nasceu em dezenove de setembro de 1992. E a gente depois do... minha mãe casou de novo, teve uma outra filha que nasceu no dia dezoito de setembro... na trave, onze e meia da noite, na trave, mas enfim [nasceu quase no mesmo dia que ele e sua outra irmã]. Por conta dessa mudança da minha mãe no segundo casamento, eu, a minha [irmã], não tinha essa outra ainda [a do segundo casamento de sua mãe], a gente foi mudar para outro local, já para outro bairro, aí a gente foi estudar no Mario de Andrade [outra escola estadual da cidade], sabe?

R: Eu estudei no Mario de Andrade.

M: Você sabe o que é. Eu estudei dois, três meses só para fechar no Mario de Andrade. Bom, portanto, você já percebeu que toda a minha formação da primeira série até o terceiro ano do ensino médio foi... onze anos de escola pública! Não sei se é do teu recorte, mas uma curiosidade que talvez valha a pena comentar: o governo do PSDB, estadual, começa em

noventa e cinco, a minha trajetória começa em noventa e cinco. Acompanhei toda a fase do Covas até o primeiro mandato do Alkmin, tudo em escola estadual, nunca em municipal, nunca particular. No final do... eu cresci com uma coisa na cabeça: isso aqui, a USP, eu não sei se você nasceu em Guarani, se você é de Guarani... A USP é um Olimpo que paira em cima das nossas cabeças, não é para a gente. A gente escuta isso em casa, a gente escuta isso na rua, a gente escuta isso na escola. Quantas vezes: “Oh, agora tem...tem..”, sei lá, o governo tem algum programa de estímulo de bolsa, tal para o Tiradentes, para o Professor Renato Álvarez [ambas faculdades particulares da cidade]: “Tenta lá porque USP não dá...”. Eu era assim, minha mãe dizia isso: “Não, olha. Tenta... tenta trabalhar, fazer algum...”, meu plano era esse: trabalhar depois que eu acabasse o ensino médio. Conseguir fazer um cursinho, pagando, para entrar num Tiradentes, numa Antônio Bandeira [outra faculdade particular da cidade], nem sabia o que eu ia fazer. Então, no finalzinho do ensino médio, no processo de mudança de casa, apareceu aqui a inscrição da Fuvest, isso em 2005, meu último ano de ensino médio. Era o Olimpo, não era para mim, né. Então que eu... Eu já estava me programando para trabalhar em *petshop*. *Petshop*! Escapei dessa (risos)! Mas comecei, trabalhei um pouquinho lá, enfim. E... tinha... saiu uma inscrição daqui. Ninguém da minha família, como eu te disse, até então tinha completado o ensino médio! Eu seria o primeiro de todos: pai, mãe, tio, avô, avó, tudo, a completar o colegial! Mais para frente, quem sabe, se der... universidade... privada! Saiu a inscrição daqui, eu queria ver como é que era, eu nem sabia da coisa de isenção [da taxa de inscrição para a Fuvest], falei [para o avô]: “Oh, fiquei sabendo em cima da hora...”. Perguntei para o meu avô porque eu morava com o meu avô lá na rua Milão; com meu avô, com a minha mãe e com a minha irmã. Meu avô ia ficar, minha mãe ia mudar e eu ia com ela e com a minha irmã. Aí eu perguntei... eu já estava na casa nova, de vez em quando eu passava no meu avô... “Oh, fiquei sabendo que saiu uma inscrição aí, né”, é... aí eu fiquei sabendo que custava cento e pouco, eu nem sabia que tinha essa coisa da isenção, eu nem sabia o que era, como funcionava o vestibular, nada! Só sabia porque todo mundo estava fazendo o ENEM, o ENEM era estimulado pela escola, isso sim! Aí eu fui por curiosidade, já tinha internet, a partir de 2001 eu tive... Ah tá, descobri que a inscrição que era na Nossa Caixa que nem existe mais, né, lá no Centro, e descobri que era, parece que cento e dez reais. Aí falei para o meu avô: “Oh, se o senhor tiver algum sobrando aí... tem a inscrição lá... se der, bem, se não der eu vou entender... é uma curiosidade minha, eu queria ver como é. É claro que eu não vou passar de primeira, né. Não fiz... não me preparei...”, estava acabando o colegial ainda, o ensino médio. Aí é... consegui me inscrever, ele tinha um pouquinho lá, me emprestou, agradei: “Obrigado”, me inscrevi. Era lá perto da capela, onde era a capela, tal, aqui. Primeira vez que eu entrei aqui foi para fazer a inscrição. A outra única vez que eu tinha entrado antes foi para o museu. Nem sabia como é que funcionava aqui. Fiz a inscrição, saiu depois de um tempo que ia ser... que minha prova ia ser na Antônio Bandeira, aí nessa altura já estava na *petshop*.

R: Você trabalhava e estudava já?

M: Estudava... não, estava em novembro de 2005 já, só teria novembro [de aula]. Já estava tentando me encaixar. E não deu certo, fiquei pouquinho tempo lá. É... apareceu então a prova lá que era na Antônio Bandeira. Isso eu estava morando lá no Mário de Andrade [morava perto da escola Mário de Andrade], um pouco mais perto, mas mesmo assim quis ir a pé. Ninguém dava nada! “Você vai ver...”, e nem eu dava nada. “Você vai ver como é que é, você vai fazer uma experiência...”, ninguém estava dando nada. Nunca que eu ia passar! Como eu escolhi o curso!? Qual foi o critério para escolher? Eu não ia passar, não é mesmo? Peguei aquela cartilha da Fuvest que eles dão. Tinha que ser um curso em Guarani, né: “Vai que...”, enfim. Peguei o primeiro... pode olhar lá, da Fuvest de 2006, mas é lógico que foi 2005, né

[prova em 2005 para cursar a graduação em 2006]. Primeiro curso na lista que era em Guarani que não tinha exatas na segunda fase, eu fui descobrir que existia segunda fase ali porque eu não sabia como é que era. Aí eu vi que aqui tinha B, C [cursos de graduação da área de exatas da USP], aí... aí não, não, não. Aí esse aqui: Português, História e Geografia [matérias que caíam na prova específica da segunda fase da Fuvest do curso escolhido]. Nem vi o que é que era! Se fosse Psicologia ia ser Psicologia, se fosse Pedagogia ia ser Pedagogia, aconteceu de ser Biblioteconomia, tá.

R: Prestou por ordem alfabética (risos).

M: Não, é o primeiro que apareceu ali, pode olhar! E que era em Guarani e que não tinha [Exatas na segunda fase]... Porque vai que no mínimo eu chego à segunda fase, mais do que isso acho que não ia dar certo, tudo bem. Fiz... fui lá a pé na Antônio Bandeira, fiz essa prova... não sabia se... em algumas coisas parece que eu tinha ido bem... em Exatas eu tinha sido um desastre, eu tinha certeza absoluta. E realmente na maior parte eu fui, tá. Não sabia o que era nota de corte, não sabia nada disso, foi tudo no escuro. Tudo bem. Aí, esqueço. “Ah fiz a Fuvest, legal”, tirei quarenta e poucos pontos, alguma coisa... no próprio dia eu descobri: “bacana, legal, valeu a experiência, tchau”. Toquei minha [vida]... não deu certo a *petshop*, fiquei semanas lá. Eu não sou bom em atendimento a público, não adianta, não adianta, até hoje eu tenho essas... esse carma, não adianta. O único lugar que eu acho que eu trabalharia bem com atendimento a público e tentei, mas não deu certo, era... e era meu sonho, na época era o meu sonho de emprego, era esse, olha só: atendente de locadora de cinema. Adoro! Eu pesquiso cinema hoje! Eu pesquiso cinema! Pesquisei no mestrado, pesquisei no TCC, mas adorava cinema! Era um emprego de, sei lá, um salário mínimo mais um pouquinho. Fazia... eu entendia que era o caminho, era uma coisa que eu gostava. E eu queria, eu entreguei na VídeoZ [videolocadora da cidade] tudo quanto é currículo, não me chamaram. Tive que ir para o petshop. Pô, trocar os filmes pelo petshop, né? Aí não deu certo lá, aí... “putz não está dando certo na VídeoZ também”. E eu tentando entregar currículo, atrás de emprego, atrás de emprego porque acabou! O ensino médio acabou! E a Fuvest lá. Não demora muito, em dezembro desse ano ainda, saiu a cartinha, na época era... não sei como que é agora, era correio mesmo, vinha pelo correio também: “O senhor foi aprovado para a segunda fase”, né. Vou atrás de ver como é que funciona isso aí. Aí era dia... eram três dias seguidos, era um... alguma coisa... um sábado, um domingo e uma segunda, alguma coisa assim, que era Português, no outro dia era História e, no Português tinha redação, não sabia de nada, descobri na hora. Depois tinha História, no último dia era Geografia. Apesar de eu ter entrado, de estar muito contente, eu tinha um... quando eu fui fazer a primeira fase eu tinha 1% de certeza que eu poderia passar para a segunda, mas quando eu passei para a segunda, eu tinha 100% de certeza de que eu não ia para frente. Não ia dar. Estava muito contente até aqui. Aí já comecei a sonhar mais alto: “Vou começar a prestar cursinho para entrar na USP, né! Mas não vai ser agora”, enfim. Aí fui fazer a primeira fase, a... o primeiro dia lá da segunda fase, né. Comecei de janeiro aí, já de 2006, bem no começo do ano, era Português tal, tal, tal, a maioria dos livros eu nem tinha lido porque eu não fiz... não estudei nada para a Fuvest... não esperava nada. E tinha redação. Aí a redação é sempre a parte que eu gosto desde o ENEM. Sempre a parte que eu acho que eu... que eu capricho mais. Aí eu já citei... eu acho que o tema era trabalho e alguma coisa “trabalho e a humanidade”, alguma coisa assim, citei um monte de filme que fala de trabalho: “Tempos Modernos”, pá, pá, pá, beleza, aí no segundo dia: História, fui lá, fiz um pouquinho... isso foi na Antônio Bandeira, ficava bem fora de mão para mim. Aí no terceiro, eu já estava de “saco cheio”, já vi como é que era, já tinha perdido a curiosidade. No terceiro dia era Geografia, aí eu já estava meio de “saco cheio”, dormi um pouco mais tarde, quase que eu perco. A sorte é que o ônibus que vai para lá... eu fui pegar o

ônibus aí eu falei: “Ah, se o ônibus passar, bem, se não passar, amém” e era uma hora [13h] que começava, eu fui pegar o ônibus, acho que era um pouco mais de meio dia e meia, já, e... Sorte que lá para a Antônio Bandeira... você conhece o Mário de Andrade, o ponto lá [de ônibus], o ônibus direto para Antônio Bandeira não demora muito, né. Beleza, então eu vou lá ver [a prova]. Quase que eu perco esse ônibus! Se esse ônibus não me passa, minha história seria inteirinha diferente. Passou o bendito do ônibus. Eu nem lembro... eu nem sabia os horários, mas passou. “Vou lá, eu faço a prova de Geografia”. Fiz a prova de Geografia, esqueci da prova, acabou... Fim. “Deu, legal, valeu”. Vou bater na porta da VídeoZ: “Pelo amor de Deus, vocês me aceitam aí gente? Quero trabalhar com isso!”. Fui entregar currículo lá no Cinemark [cinema de um dos shoppings da cidade] a pé porque não tinha grana para o ônibus, fui a pé lá de onde eu morava até lá... até peguei a William Novaes [rua da cidade] a pé para lá, fui no UCI [outro cinema da cidade] entregar. Queria um empreguinho que eu pudesse... vender bilhete... mas eu queria trabalhar com cinema. Aí não estava dando certo, não estava dando certo. No dia oito de fevereiro, ainda lembro, dia oito, acho que era uma quarta feira, dia oito de fevereiro de 2006, eu era... minha página inicial na época era o UOL da internet, era uma conexão ruinzinha, mas enfim, vamos lá. Entrei lá: “Sai a lista de aprovados da Fuvest”. Ah! Aí eu lembrei que eu fiz a Fuvest, para começo de conversa (risos)!

R: Já tinha esquecido (risos).

M: (risos) “Nossa! A Fuvest ainda existe”, né. Aí eu tento abrir, você deve ter passado por isso... não abre. Aquele congestionamento! Ainda mais com aquela conexão que não ajudava muito. Tento, tento. Aí eu entro... consigo... porque lá no UOL não estava abrindo, então entrei no site direto da Fuvest, aí tentei lá ver como é que era, nunca tinha entrado no site... até então nunca tinha entrado. Entrei lá, achei meu curso: Quarenta aprovados. Entrei lá, primeira chamada, nem sabia que tinha essa coisa de chamada. Primeira chamada, quarenta aprovados. Entro lá, ordem alfabética [nomes dos convocados]. Pá, pá, pá, pá, pá... aí eu vejo o meu nome lá. Aí eu fiquei... [fazendo expressão de espanto] “não... espera aí, espera aí...” (risos)

R: Olha de novo (risos)...

M: “Não, espera aí... espera aí...”, porque na época eu não tinha óculos ainda. “Como assim?”, né, aí que... sem zoeira, o que... a primeira coisa que eu pensei: “É a convocação para alguma terceira fase”(risos). Aí eu falei para o... contei para a minha mãe, na época tinha meu padrasto, contei, tal: “Ah! Passou!”. A minha ficha ainda não tinha [caído], né. É... aí o meu padrasto já estava fazendo Administração no Tiradentes [faculdade particular] e ele parece que entendeu um pouquinho melhor: “Passou? Não, realmente passou, não sei o quê”. Eu fui lá na Antônio Bandeira [outra faculdade particular] ver se tinha lista. Não tinha, lógico. Fui ver se tinha lista de aprovados lá, colado do lado de fora, tinha nada! Porque não estava caindo minha ficha. Mas eu sei que... veio uma cartinha, a data para eu vir para cá, quatorze de fevereiro para fazer a matrícula.

R: Você lembra até hoje a data...

M: Lembro. Nossa, foi um divisor de águas na minha vida, entendeu? Mudou tudo! Tudo! Tudo! Pessoalmente, profissionalmente, mudou tudo, enfim. Vim para cá sozinho, todo mundo acompanhado, só eu vim [sozinho], no meu caso, ninguém quis vir comigo, eu vim sozinho. Peguei a fila da Biblioteconomia [curso], que era aqui, era em cima daquela rampa

ali, aí me deram a carteirinha, o professor... não sei se você conhece, o professor Enzo, da Biblioteconomia, foi quem me recepcionou, ele me deu a coisinha do calouro lá, tal: “Você começa tal hora, é à noite o negócio, segunda à sexta, o cronograma do primeiro semestre é esse aqui, pá, pá, pá, vou ser o seu professor de tal disciplina, tal, muito bem vindo, tal, tal, tal”. Ali caiu minha ficha. Ali! Ali! Ali eu comecei a acreditar: “Entrei”.

R: No dia da matrícula (risos).

M: “Entrei”. Na matrícula! Quando peguei a carteirinha na mão, eu: “Ah, agora não tem mais nada...” Eu perguntei para o Enzo, ele não deve lembrar, perguntei: “Não tem mais nada? Não tem que fazer mais nada? Tem que fazer alguma... tem que assinar alguma coisa, fazer alguma prova?”, “Não, você entrou! Deu certo! Agora você só tem que vir tal dia!”, “não tem que fazer mais nada antes?”, “não!”. Mais um pouquinho, ele me despachava: “Já falei que não, cara!”, né? (risos). Porque não estava caindo a ficha, aí eu fui ver a hora, meu celular era parecido com esse aqui [mostra seu celular atual, modelo simples]. Eu nem tinha celular, era só um relóginho que eu guardava na carteira, quer dizer, eu guardava no bolso. Aí eu parei naquela rampa, no comecinho, parei para ver a hora porque eu já estava vendo para ir embora, né, aí o pessoal veio e me pintou... eu estava lá, “Quem é, você é calouro?”, eu falei: “Ah, eu entrei agora”, “ah, então toma”, a menina meteu a mão na tinta e pá! Me pintou inteiro e tal, mas eu estava tão contente, né, deixa pintar.

R: Você estava sozinho?

M: Sozinho de tudo. Sozinho de tudo. Falei: “Deixa pintar”, aí o cara quis fazer aquela coisa do palito... aí não! Que eu tinha que pegar o palito da boca dele... ah não... não, “essa aí eu pulo!”, “essa eu passo”, entendeu? (risos) Não podia ser uma garota? Não, tinha que ser o cara, né, então deixa para lá. Tá... Me pintou inteiro ali e tal, aí desci a rampa, fui para casa de ônibus, sozinho, inteirinho pintado! Peguei ônibus inteirinho pintado. Eu desci... o ônibus que dava certo lá, que era o HC... eu desci lá na Catedral, aí eu peguei a Ana Lins [rua da cidade], aí subi lá a Ana Lins, tal, assim que eu desci na Catedral, o povo: “Parabéns!”, buzinando, tal, tal. Fiquei muito... falei: “Não! Mudou, mudou tudo agora! É outra vida”, ali começou a cair minha ficha: era para valer! Mas ao mesmo tempo me dava uma ansiedade muito grande, né, porque eu estava entrando numa coisa que para mim foi construída, que era aquele Olimpo, aquela coisa que não era para mim e eu estou lá: “Como é que eu vou dar conta disso aqui?”. Estava muito contente e muito ansioso. E no tocante ao curso eu não sabia o que esperar porque o critério de escolha foi aquele que eu te disse, né. Acabou que no fim eu gostei bastante. Mas se fosse E, seria E... toda aquela coisa que eu te falei. Aí... fui lá em casa, tirei foto todo pintado e tal, aí comecei a graduação (suspiro). Quanta... muitas, muitas... um choque muito [grande]... quando foi... Direto, tá! Em novembro eu concluí o ensino médio, em fevereiro eu estava aqui. Foi um choque imenso em todos os sentidos! É muito diferente do Mário de Andrade, Felipe Silveira. Para começo, primeira coisa que me chocou, tá: Aula de segunda a sexta. “De segunda a sexta tem aula? De segunda a sexta tem aula!”. No Felipe Silveira? Mas no mínimo era umas, sei lá, quatro aulas, quatro horários. No mínimo um [horário] não tinha. No mínimo um não tinha, todo dia tinha que voltar mais cedo para casa ou então ficava lá porque eu tinha que esperar até o horário do outro [da outra aula], né. Tinha que ficar lá no pátio esperando dar a hora. “Professor aqui vem!”. Foi o choque que eu tive. Outro, foi daquele monte de leitura que eu não estava tão acostumado a fazer. Eu lia uma coisa mais por fora... tal. Eu fazia, na época do ensino médio, eu fazia trabalho escolar para os outros para tirar uma grana para ir para o cinema, para comprar DVD, já era aficionado nisso aí. Acabou me ajudando, né (risos). Conheci um pouquinho dos livros aqui, por causa disso...

dos livros obrigatórios lá [do vestibular]. Tudo bem, aí um choque muito grande. Gente de uma conversa, de uma cabeça muito diferente das pessoas que eu conhecia no ensino médio. Outras preocupações, outros papos, sabe? Principalmente política, eu tinha com quem falar, primeiro não tinha com quem falar de política no ensino médio, não tinha com quem falar de cinema, aqui apareceu! Aqui apareceu um ou outro, né porque era... mas apareceu, era bem diferente, enfim. E eu tentando ver como é que eu ia fazer para ficar sem trabalhar. Assim, como é que eu ia, né...? Nossa, aí minha mãe: “Não! A gente segura as pontas aqui!”. Tudo bem, era só à noite, poderia trabalhar de manhã. Aí eu tentei fazer entrevista no Mc Donald’s, cara, depois que eu entrei aqui [na USP], no Mc Donald’s, lá da Ribeira [avenida da cidade], onde começa a Prudente [outra avenida da cidade], eu fiz entrevista lá depois que eu estava aqui. Aí o cara: “Mas você está na USP, você veio fazer entrevista...”, eu falei: “Estou, o que tem?” Mas não me contratou não, não me chamou não. Mas eu tentando, tentando, tentando... tudo bem, aí no meio do ano, no finzinho do primeiro semestre, a Rosa, ela só dá aula no primeiro ano da Biblioteconomia, só no primeiro ano, ela perguntou quem queria mexer com iniciação científica. Eu nem sabia o que era, nem sabia como funcionava... aí o povo me empurrou para... meus colegas de seminário: “Tenta! Tenta! Tenta!”, “eu nem sei como é que isso funciona”, “mas tenta! Tenta! Tenta!”, me empurraram tanto que eu acabei indo ver como é que era, por pressão deles, não era nem ideia minha. Aí conversei com a Rosa, era lá em cima a sala, conversei... deu certo... entrei na iniciação. Aí ela me explicou como é que você faz projeto da FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] para tentar bolsa lá... tal, tal, tal: “O que você gosta de estudar?”, “ah, eu gosto...”, “o que você gosta, o que é que você tem tesão em estudar?”, foi bem o termo dela, “ah, eu gosto de cinema...”, “cinema... cinema eu não... mas eu tenho esses projetos agora que se encaixam no que eu estou estudando porque eu estou estudando mídia”. Aí tinha um negócio lá que era Fotojornalismo, do jornal Brasil de Fato, que era para investigar Fotojornalismo, tal, “eu topo”, beleza. Aí eu comecei a ler, isso aí à parte da graduação que não tem a ver com Fotojornalismo, eu li “A Câmara Clara” [livro da área pesquisada], aquela coisa toda. E, à parte,... Biblioteconomia. Aí, no comecinho de 2007, do segundo ano de faculdade, mais ou menos em março, saiu a bolsa FAPESP, que me tirou um peso das costas porque colocou o seguinte horizonte para mim: eu vou poder estudar, não vou precisar trabalhar. Porque o que eu via aqui? Porque Biblioteconomia talvez seja o curso com mais pessoas que vem da escola pública, que tem, como eu, onze anos de escola pública! Entraram lá. Gente que estudava, que trabalhava de manhã e vinha aqui à noite porque o curso era noturno, aí a pessoa chegava, ela meio... meio estado zumbi, sentava ali. Aí o professor começava a falar dez minutos lá na [frente]... ela já “puf”, na carteira, de sono. Putz, me dava dó. Tem gente que não... que eu não ia com a cara muito, mas me dava uma dó. O cara ter que trabalhar, trabalhar, trabalhar, chega aqui cansado, pô... Então eu já vi que esse problema eu não teria que passar, né, quando veio a iniciação, que era... não dava nem quatrocentos reais. Nem sabia como é que funcionava, mas falei “ah, tudo bem”. Já ia resolver a minha situação, né, já ia poder pagar a luz, pagar alguma coisa lá para o povo [família] não “encher meu saco”: “Vai ter que trabalhar! Tem que trabalhar!”. Pronto, acabou. Meteu o dinheiro na mesa, “puf”, acabou. Tudo bem... beleza, aí toquei... eu tive trinta meses de iniciação científica, consegui renovar depois a FAPESP mais uma vez. E outra, até acabar a graduação sempre com esse tema do G. Conheci... aí eu comecei a conhecer as outras cidades que eu não conhecia até então, não tinha essa... mal tinha saído do estado de São Paulo, uma vez eu fui para Santa Catarina. Mas eu comecei a conhecer Minas Gerais, comecei a conhecer o Rio de Janeiro... por causa de congresso, não dava para conhecer muito porque não tinha reserva técnica, aquelas coisas ainda, mas eu comecei a conhecer, começou a ficar legal. Aí eu mudei de casa, voltei aqui para a Milão [rua onde morou antes de se mudar], minha mãe ficou lá. Porque deu um problema lá e eu vim para cá. Aí tinha um ônibus que me levava para cá, beleza. Aí toquei,

toquei [a faculdade]... 2007 foi até 2009, deu tudo muito certo, fiz TCC com cinema com a Rosa, pesquisei “imagem do profissional arquivista” [tema de pesquisa do TCC], que é uma das áreas da Biblioteconomia, relacionada com um dos filmes... um filme de 1985 lá que eu amo de paixão. Tudo bem, deu tudo certo e tal, tal, tal, TCC foi bem elogiado, legal: “Faz um mestrado...”, antes de eu terminar o TCC: “Já tenta se inscrever no mestrado”. E ela tinha toda uma... cinco orientandos aqui, foi uma remessa muito boa para ela de iniciação científica, ela empurrou todo mundo para o mestrado e todo mundo conseguiu, teve alguns que ela teve... ela tinha uma vaga na Ufscar e ela tinha uma cadeira aqui também na Psicologia [programa de pós-graduação da USP], ela tinha lá e aqui. Aí era o seguinte: O pessoal de Humanas; Pedagogia, Biblioteconomia ou Psicologia, tudo vai para Psicologia, é Psicologia ou nada [no âmbito da pós-graduação]! Aí eu tive que estudar Bioética [disciplina do curso Psicologia], aquelas coisas super agradáveis, para tentar prova aqui (risos). Então, eu tive que fazer, né. E tive que estudar para lá [Ufscar], só que lá as coisas eram muito mais divertidas para estudar porque a bibliografia deles é... tinha... cinema, essas coisas... documentários...

R: Na Ufscar?

M: Na Ufscar porque lá era “Ciência, Tecnologia e Sociedade”, a pós, uma coisa assim. E aqui era Psicologia. E a Rosa dando preferência para cá. Aí eram cinco orientandos. Uma virou... uma é amiga minha até hoje, a única pessoa que eu considero amiga, que virou amiga mesmo da graduação até hoje é ela. E também foi orientanda da Rosa. Passou lá, mas não aqui, ela ficou lá. Uma outra também passou lá e não aqui. As outras três, inclusive eu... eu e mais duas, a gente ficou aqui. Isso já em 2009, já saiu o resultado, eu já saí da graduação para o mestrado já, praticamente em seguida. Já tinha o projeto, comecei a fazer o projeto para mandar para a FAPESP. Mandeí, em março já saiu a FAPESP de 2010, do mestrado. Pesquisando cinema, pesquisando Análise do Discurso com cinema. Pesquisando... aí a bolsa era mais gorda, mil e quinhentos para mim da FAPESP. De onde eu vim, era uma coisa meio Tio Patinhas (risos). Para mim, mil e quinhentos era uma coisa meio assim: aquela piscina de dinheiro que eu nadava de costas... “tchá, tchá” [simulando o som e o movimento de nadar de costas] Para mim era isso! Mil e quinhentos para mim era isso aí! Eu já estava contente com quatrocentos da iniciação! Sabia me virar... assim, né: Dava para viajar daqui para lá, ajudava meu avô com as contas, né, sempre ajudei... alguma coisa sempre pagava ali com mil e quinhentos. Minha avó já começou a encher o saco: “mas você vai trabalhar com o quê?” Aí veio a bolsa, eu cheguei na mesa: Tá [batendo na mesa] (risos): “Está aqui! Me dá essa conta de luz aqui! Me dá o IPTU aqui que eu pago”. Aí tudo bem, comecei a viajar, arrumar... aí tinha... [era] mais que iniciação científica. A primeira vez que eu viajei de avião fui para Recife... fui para Curitiba... fui para Porto Alegre... sempre para divulgar o meu trabalho também. Aí o pessoal entendia, “manjava” de cinema... dos vários cursos “que trocavam figurinha” comigo... enfim, fiz umas leituras muito legais em cinema... que não podia ler ainda... eu tive tempo para isso, muito interessante. Comecei a namorar uma garota lá de Santa Catarina em 2010. Em 2010 terminou, enfim, em maio de 2010 eu comecei, dezembro terminou. Aí eu fui voltar a namorar outra, que eu estou com ela até hoje, em maio de 2012, no finzinho do mestrado. Essa entressafra foi sensacional! Não é o teu escopo aí, mas enfim (risos). Foi maravilhoso. Com essas viagens... “vish”, foi maravilhoso! Enfim. Aí tudo bem, né, terminei uma pesquisa super legal, na hora que eu vi: “Putz, que orgulho disso aqui”, defendi... qualifiquei, beleza. Quando acabou o mestrado, já estava meio... “de saco cheio”... estava meio apreensivo com a questão de carteira de trabalho que não tem nada assinado, sabe? Fiquei meio assim, eu estava um pouco “de saco cheio” do clima que estava ficando aqui também. Mas acabou que eu ainda gostava, gosto muito de pesquisar, ainda mais cinema... gosto muito, aliás, gosto muito de Análise do Discurso, né, e a Rosa soube me puxar

para ela, ela soube de novo. Mas do mestrado para o doutorado... aí fiquei uns dez meses sem nada, só com a poupança que eu tinha juntado e uns bicos que eu fazia. Eu fazia material para professor que... eu organizava currículo, inclusive para a Rosa, que era o que me mantinha. Mas aí fiquei nessa, minha mulher estava morando comigo já. Assim que eu defendi o mestrado, ela foi morar lá com o meu avô e comigo também. Porque ela é lá de São Joaquim da Barra. Aí foi morar comigo, [eu] estava com outra cabeça, com outras preocupações, mas a tentação, a grana do doutorado era uma coisa boa caso eu conseguisse a FAPESP. A reserva era uma coisa muito boa. Eram três anos, eu poderia pesquisar mais uma vez o que eu gosto, era uma coisa que eu já sabia. Se eu fosse pegar o mestrado, o doutorado, aliás, depois, eu não ia estar nesse embalo que eu já estava. Então eu pensei: “Eu vou”. Mas eu demorei, não foi que nem na graduação, que foi quase colado, demorou mais um tempo até eu decidir, mas eu fiz o projeto. Aí eu vim para cá: “Vamos ver se vai dar certo, se não der eu tento mais uma vez”. E não é que deu certo? Na primeira: Pá! Superei, na arguição, aqui. Não sei a sorte que eu tenho, cara, nesse lugar aqui, mas é... felizmente deu super certo! Aí passei. O pessoal da Rosa, como não é da Psicologia... a pessoa vem da Biblioteconomia! Todo o pessoal da Rosa, eles passam raspando. O mínimo é 7, a pessoa passa com 7.1. Uma colega minha passou com 7.1. Passa com 7.6... eu passei com 8 e alguma coisa, né: “O que eu fiz que deu tão certo?” (risos), Enfim, ainda não sei. Porque eu gostaria de saber, mas deu certo, fiquei super contente. Aí me deu um... a hora que eu vi que eu passei: “Opa!”, me deu um gás. E eu já estava meio que me afastando da USP, comecei a voltar para as reuniões do grupo... aí eu mandei o projeto para a FAPESP logo... a CAPES chegou. A CAPES para o doutorado aqui é uma maravilha! Um mês de CAPES só e veio a FAPESP, veio a FAPESP. Aí hora que veio a FAPESP eu já... primeira coisa, cheguei para o meu avô: “Dá esse IPTU aqui, me dá esse IPTU, eu pago inteiro, pago inteiro, vamos resolver”, eu gosto de ajudar em casa, estou lá não é para ficar “montando” nos outros. Já comecei a pagar as coisas, ajudei a botar comida em casa pá, pá, pá. Todo o tempo que eles me ajudaram um pouco mais, tanto ele quanto a minha mulher, eu retribuí em dobro, faço questão, né. Tudo certinho, tal, aí comecei a pesquisa do doutorado. Em grande parte, em muitas coisas boas, mas em muitas coisas ruins também, foi um mestrado ampliado. Tá, assim... das coisas boas, principalmente, as viagens. Aí a reserva é dez, literalmente dez vezes maior, de três mil vai para trinta com a FAPESP! Daí eu conheci Buenos Aires... realizei um sonho de infância, conheci Buenos Aires, eu sou apaixonado pelo cinema daquele lugar! Conheci... fui apresentar, não sei se você já assistiu Medianeras?

R: Já!

M: Eu estou estudando Medianeras! Eu estou estudando o Medianeras! Eu fui falar do Medianeras lá em Buenos Aires! Putz, isso foi muito legal, isso foi ano passado. Aí, fora a viagem, o lugar, eu fui sozinho! Foi muito legal! Aí eu também conheci Belém... Eu dou prioridade... isso é uma questão até meio política para mim, eu dou prioridade: Brasil, América Latina em detrimento de Europa. Eu pessoalmente prefiro. Poderia ter descartado duas, três viagens aqui dentro para congresso interno e ido para outro país. Mas sinceramente vou difundir a minha pesquisa aqui! Aí fui para Belém, fui para João Pessoa... João Pessoa minha mulher foi junto. Fui para Natal no Rio Grande do Norte, voltei para o Rio de Janeiro, mas dessa vez fiquei mais tempo porque aí dá para dormir, com essa reserva eu posso pagar hotel, né. Porque antes, na iniciação, eu fui e voltei no mesmo dia! Fui para o Rio de Janeiro e não conheci a praia! Dessa vez eu conheci, enfim. Conheci o Cristo [ponto turístico], tudo certinho. E... toquei uma área que eu não conhecia ainda no doutorado, que era a área de cibercultura, que era uma novidade relacionada ao cinema. É o amor na cibercultura... nos tempos da cibercultura, retratado no cinema, entre os quais o “Medianeras”, para você entender o tipo de filme que eu pesquisei. Entre outros aí, são seis. Aí eu comecei a pesquisar,

já tenho o texto da “quali” [qualificação], já entreguei para a Paula [secretária do departamento], já tem umas duas semanas. Se der tudo certo, em novembro eu fecho a “quali”. E no ano que vem, acredito que em julho e agosto acaba e eu defendo também. “O que vem depois?”, “não sei!”, “ah, mas o que você gostaria de fazer, você gostaria de dar aula?”, “sim, é uma coisa que me agrada.”, fiz o estágio PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino), eu não contei, fiz estágio, três vezes o estágio PAE. Três! Uma sem ganhar nada, como voluntário, porque eu gosto, gosto da área. Peguei um assunto que eu gosto, tanto de Biblioteconomia quanto de cinema. Psicologia não porque eu não entendo nada! Mas de Biblioteconomia, de cinema eu gosto. “Gostaria de trabalhar com biblioteca?”, “gostaria”. Também é uma coisa que... eu fiz o curso por acidente, acabei gostando. Me agrada. “O que eu vou fazer?”, “não sei!”. “Posso virar atendente da VídeoZ agora? Não sei (risos)!”. A VídeoZ está fechando agora, né? Está fechando, então está meio difícil... Não sei, não sei... não faço ideia. Já fiz tanta... já ajudei meu pai a catar papelão... não tenho a menor... se eu tivesse que fazer de novo eu faria! E essa é uma coisa da qual eu, modéstia à parte, eu gostei muito: Eu consegui chegar do começo até o fim aqui, sem achar que eu sou melhor do que terceiros porque eu estou aqui. Porque eu vejo isso em muita gente aqui dentro. Curiosamente, justamente não em quem vem da pobreza, mas nos outros, eu vejo esse tipo de empáfia aqui. Eu acho que eu não cheguei nisso, só alguém de fora para me dizer, e eu espero terminar toda a minha trajetória aqui dentro sem ser, vamos dizer assim, contaminado por essa “doença”. Então é isso aí, minha trajetória da pré-escola, sei lá quanto tempo que já deu, até o doutorado. Mas a previsão do término do doutorado é essa aí, agora vem as suas perguntas.

R: Então, eu queria... deixa eu ver.

M: Falei demais, hein?

R: Não! Imagina!

M: Nossa! Falei demais!

R: Eu não sei se você falou e se eu perdi, quando você falou da isenção, você chegou a tentar a isenção?

M: Eu nem sabia que existia!

R: Ah tá... você pagou.

M: Eu nem sabia, paguei. O meu avô, falei para ele: “Vô, vai ter um negócio que é assim, eu não vou entrar, eu vou fazer só para ver como é que é...”, foi bem assim o discurso: “Se o senhor tiver uma grana sobrando, bem, senão... eu não vou poder devolver... se não tiver amém”, aí ele deu uma olhada lá: “Eu tenho”. Poucos dias depois: “Eu tenho, pode vir aqui pegar”, aí eu peguei, vim fazer a inscrição aqui, paguei, eu só não lembro se eu paguei primeiro ou fiz... paguei lá na Ibiriti [rua da cidade], aquele banco do lado de lá e depois eu vim aqui na Catedral fazer a inscrição. Isso em 2005, ainda no colegial, eu ainda estava no colegial. Porque falavam... todo... a escola encaminha de fato para o ENEM, todo mundo faz o ENEM! Isso sim, isso eles encaminham bem, mas para a Fuvest ninguém encaminha, só fala que existe uma coisa que ronda ali em volta chamada Fuvest, aí eu fui ver o que era. Só isso.

R: E você é nascido aqui em Guarani?

M: Nascido e criado no município de Guarani, sim senhora (risos).

R: Eu queria que você contasse um pouquinho mais como foi essa parte do seu ensino fundamental e Médio, como que era com os professores, como que era a convivência com os colegas, como era o seu desempenho na sala...

M: Uhum. Olha, no fundamental... eu tenho muitos traumas mesmo do ensino médio. Do fundamental só mais no final. No fundamental, o Felipe Silveira no primeiro ano, que foi aquele primeiro ano só, depois eu voltei. Na primeira série, me marcou mais a pneumonia que eu tive lá, que eu fiquei internado, mas eu conhecia a escola, vi como que era, cheguei lá mais ou menos alfabetizado porque minha mãe me deu um quebra cabeça de letras quando eu era menorzinho, esses brinquedos educativos, sei lá, eu já sabia mais ou menos ler e escrever. Cheguei lá mais ou menos com isso pronto. Tinha muita coisa que não [sabia], mas muita coisa que sim, então não foi uma transição difícil para mim não. Mas enfim, aí depois da segunda série fui para a Dona Maria Aparecida, eu lembro que Dona Maria Aparecida era uma escola boa. A biblioteca era muito boa, se estimulava muito a leitura na biblioteca, era legal. Perto do Felipe Silveira e mesmo perto do Mário de Andrade, Dona Maria Aparecida dá de mil a zero, eu acho bem melhor. Minha irmã, bem depois que eu entrei na graduação, ela fez no Cássia Freitas [escola particular da cidade] um pouquinho só. Aquela sim! Mas em comparação com as públicas que eu passei, Dona Maria Aparecida foi a melhor, fiquei lá na segunda, terceira e quarta série. Aí depois eu voltei para o Felipe Silveira. Disciplinas novas porque é outro ciclo, aí já começou minha fase traumática... devagarzinho começou a ficar chato o ambiente ali, eu já via as disciplinas que eu gostava e as que não. Curiosamente, na quinta e sexta série, se eu contar hoje ninguém acredita: o que eu gostava e o que eu ia bem era Matemática. Eu ia super bem. A única vez que eu vi uma professora pegar o caderno de alguém... porque geralmente pega para passar recado tipo: “Fulano bateu no Beltrano”, né, “puxou a orelha de Ciclano...” ou “colocou chiclete...”, [a professora] passou: “Nossa, seu...”, para minha mãe assinar: “Seu filho é um aluno exemplar, pá, pá, pá...”, a professora de Matemática. Foi a primeira vez que eu vi isso. Nunca mais eu vi ninguém fazer isso. Minha professora de Matemática da quinta série. A da sexta série eu também gostava. A minha professora de Matemática da sétima série me fez pegar nojo de Matemática! Pavor, asco de Matemática! Então, assim... e era uma época que meio que passei a não gostar de nada! Nossa, enfim... era Matemática que eu gostava e... perdi! E depois... e Matemática é aquela coisa: você perdeu um degrau, você não consegue acompanhar mais. É sequencial, aí já complicou tudo, perdi o embalo, eu ia mais ou menos em Matemática. Química praticamente eu não tive, ia professor substituto para passar o que lia no livro. Praticamente não tive Química. Acertei quatro perguntas na Fuvest. Como? Não sei (risos). Não sei! Não sei, deve ser *feeling*, sei lá: “Essa aqui está muito absurda”, descartava, “essa daqui não deve ser...”, né, “ah, deve ser essa daqui”.

R: Por exclusão.

M: É. As mais absurdas... ainda que deu certo. Em Matemática, eu fui muito mal na Fuvest, química nem tanto. Física eu tive um pouquinho, um professor do colegial, no primeiro ano do colegial, era no Felipe Silveira, era mais ou menos, mas Exatas realmente... Antes sim, na quinta e sexta série sim, a partir da sexta... E não dá para ser autodidata em Exatas, não dá, eu não consigo. A partir da sétima série foi um desastre. Foi muito mais ou menos também, toda a parte de Exatas. A partir da oitava... tive um professor legal de Geografia na oitava série, aí eu comecei a me reinteressar por disciplinas de Humanas de vez, aí comecei a me encontrar de novo ali, fui começar a ver mais História, comecei a achar legal, comecei a ler por conta. O

professor falava por cima porque ele mandava o pessoal ler. Abria o livro lá: “Fulano, lê um parágrafo!”, aí: “Fulano, lê o segundo!”, aí: “Fulano, lê o terceiro!”. Era basicamente isso, não tinha discussão nenhuma. Mas tinha alguns temas que eu ficava com aquilo na cabeça, aí eu pegava o livro por conta e lia alguma coisa e comecei a ter internet na sétima série, comecei a pesquisar um pouquinho por conta. E ainda na oitava série, começou um negócio muito rentável para mim, que era esse nicho, essa máfia do trabalho escolar (risos) que eu descolava. Era barato, dois, três reais uma liçãozinha de casa para cada um, ia lá para a Educação Física, não fazia nada na Educação Física, ia lá sentar na arquibancada lá em cima pá, pá, pá, pá, pá... pronto. Aí: “Deposita uma grana aqui” (risos). Teve uma época que me marcou muito, que era aqueles trabalhos em grupo, e eu fazia capa, eu tinha um *layout* da capa que eu fazia, que eu imprimia, que eu sei ainda a fonte que eu escolhia, que hoje ninguém mais escolhe. Aí eu vendo uns seis grupos, todo mundo naquelas mesas redondas. Dos seis grupos, pelo menos uns quatro era a minha capa ali, era eu que tinha feito (risos). Então eu descolava [dinheiro], mas acabava aprendendo alguma coisa, acabou que me ajudou e eu não esperava... acabou que me ajudou um pouco. Tinha que fazer resumo de livro que eu não li, aí eu tive que me informar minimamente do que é que era, sei lá: “A Hora da Estrela”, que fui ler outros também. Eu lembro que eu gostei, o único livro que a escola me obrigou a ler que eu acabei gostando foi o “Vidas Secas”. Pra caramba! Até hoje eu amo aquele livro! Agora os outros... “A Moreninha”... até hoje eu não gosto... “O Quinze” eu acho mais ou menos, mas o “Vidas Secas” eu achei sensacional! E meu trabalho do “Vidas Secas” foi tão malhado! A professora não acreditou que fui eu que fiz. Ela achou que eu tinha copiado da internet. Ela... eu comecei a falar do trabalho: “Fulano de tal é fruto da migração...”, “me explica aqui o que é migração”. A professora, ela acreditou que eu não sabia o que era migração, ela já parte do que a gente chama em Análise do Discurso de “formação imaginária”, parte do aluno como um burro, como um tapado que não sabe o que é migração. Um aluno de, sei lá, primeiro colegial, aquela época, oitava série, primeiro colegial... não vou lembrar. Isso só me ajudou a desgostar da escola. No colegial já detestava a escola, eu ia forçado. E foi o auge do meu vício em cinema, viciado de ver três, quatro por dia. Eu não saía da VídeoZ da Pero Vaz [outra vídeolocadora da cidade] que nem existe mais. Via três, quatro filmes. A parte da escola era a parte chata. Era legal porque descolava uma grana para poder pagar os filmes (risos). Mas tinha um professor de Biologia que era bom, eu vi ele hoje inclusive passando na rua por coincidência. Só ele. Acho que no colegial inteiro, bom mesmo só ele. E me ajudou na Fuvest, hein! Esse me ajudou na Fuvest! Enfim, esse me ajudou, mas foi uma exceção. Me ajudou assim... ele nem sabe que eu prestei. Depois que eu falei para ele que eu prestei, encontrei ele e tal. Mas o que ele colocou [conteúdos que ensinou] me ajudou porque ele dava aula mesmo! Enfim... eu não gostava dele pessoalmente, mas para dar aula, era o cara! E ele me reconhecia: “Olha, esse cara aqui é bom, você tem que se espelhar nele...”, eu ficava todo pimpão (risos), enfim. E eu usava esse negócio dos professores me elogiarem e na hora que eles saíam, falava: “Oh, me elogiou hein! Faz o trabalho comigo que é bom!”, valorizava o passe!(risos). Cheguei a quebrar uns galhos para professor já porque eles queriam sair, sei lá: “Fica você aqui tomando conta de um...”, um relatoriozinho lá que eles tinham que fazer e eu fazia. E eu ganhava alguma coisinha, eles me davam também. Para professor. De vez em quando tinha isso. Aí descolava uma graninha pequena, dava para eu ir no cinema, alugar uns filmes por conta, eu ia na VídeoZ de segunda ou quarta-feira porque era quando tinha promoção “Três por dois” e voltava com dois, três filmes para casa, VHS. E via, via e via, até o negócio [videocassete] começar a chiar de tanto filme visto, começava a esquentar. Mas eu já estava “de saco cheio”, não gostava do ensino médio, foi uma coisa que eu não via a hora de acabar, a cada ano que passava. Aí quando mudou de escola eu tinha que me readaptar ao ambiente, eu tinha que fazer mais dois meses só. Dois, três meses, que era o Mário de Andrade. No Mário de Andrade é uma escola mais... me pareceu uma escola mais politizada

que as outras. Tinha bastante debate lá. Chamaram vereadores, esse tipo de coisa, isso eu achei muito legal. Isso foi uma surpresa boa! Mas foi exceção. Agora o colegial, o ensino médio no Felipe Silveira foi um horror! Pelo amor de Deus! Mas enfim, a hora que acabou eu estava com a *petshop* em vista, eu já estava pensando no que eu ia trabalhar. Talvez prestar algum concurso de ensino médio... estava em mente esse tipo de coisa aí. Aí me vem a USP, vira tudo de ponta cabeça! Mudou tudo! Mudou todo o destino que eu esperava para mim.[pausa]

R: Quando é... só retomando um pouquinho quando você falou...

M: Para você transferir [transcrever a entrevista] isso aí vai ser difícil.

R: (risos) Quando você falou que seu professor de Biologia te ajudou na Fuvest, mas ele não... não necessariamente...

M: O meu professor de... então vamos lá. Bom, teve essa... a Júlia, a professora de Matemática, do recado. Na quinta série foi legal. A outra lá da sexta série foi legalzinha também, a outra foi... mas elas não chegaram a me ajudar porque eu perdi o gosto por Matemática, não... não sustentou.

R: A da sexta série foi de Matemática também?

M: A da sétima série foi de Matemática que me fez desgostar. Na oitava, eu tive um professor de Geografia que me fez interessar por muita coisa, me fez gostar do assunto. Dá para dizer que ele me ajudou. E ele não gostava de mim, mas eu estava para dizer que ele me ajudou muito, é um tema pelo qual até hoje eu me interessou, vem dele. Em Geopolítica, que ele falava, da época do Fernando Henrique [ex-presidente] ainda: “Olha que legal”. Tinha aquela história da ALCA, putz, achava aquilo maravilhoso, o jeito que ele explicava. Esse me ajudou. E o de Biologia, acho que foi no primeiro colegial, no segundo foi outro, no terceiro ele voltou. Esse foi legal também, me fez gostar um pouco do assunto e era uma pessoa também que não tinha muita afinidade com o pessoal. Como professor, o cara era sensacional. E me reconhecia.

R: Tá, mas foi indiretamente, ele nem sabia que você ia prestar vestibular...

M: Nada! Mas nem sonhava! O que ele falava era isso aí: “Façam força para tentar um... porque olha, eu vim do Professor Renato Álvarez”[faculdade particular], ele veio do Renato Álvarez, “o Professor Renato Álvarez está tendo umas coisas que o governo está ajudando, está pagando a metade da bolsa...”, alguma coisa assim, estava começando essa conversa na época. Era para mirar aí, ninguém falava: “Vai para a Fuvest”.

R: Esse assunto, Fuvest, vestibular da Fuvest, durante o ensino médio, mesmo durante o ensino médio...

M: Aparecia, mas como aquela coisa...

R: Entre os alunos, entre os professores...?

M: Entre os alunos? [espantado] Muito difícil! Entre os professores de vez em quando eles... de vez em quando alguns de Português, sei lá, de História: “Olha, eu vou pegar uma pergunta

aqui que é da Fuvest!”, aí aparecia essa palavra e colocava lá, explicava como é que era, mas era muito raro, eu já sabia o que era, mas não era uma coisa assim... não direcionavam a gente para o vestibular, não... Direcionava, falava: “Olha, vocês vão procurar emprego, já tem aluno meu que se formou e conseguiu emprego não sei onde...”, o papo era mercado de trabalho. Ou em alguns casos, já começavam no papo das universidades privadas. E essa conversa tinha gente que estava querendo fazer vestibular nas privadas, aí isso tinha, um ou outro, mas tinha. Fuvest? Quando eu passei, eu fui lá [na escola], que eu precisei pegar uma declaração lá no Felipe Silveira, na diretoria, falei: “Ah, eu passei na Fuvest”. “Quê!? Você passou na Fuvest!?” “Passei”. O povo conhecia, alguém mais passou, parece que teve uma pessoa lá no ano anterior que passou também, não vou lembrar onde, que curso, mas foi só e parece que não foi direto, teve um tempo ali, mas que ela conhecia também que passou. Era raridade, o pessoal ficou surpreso, eu acho. Mas não tinha esse assunto, não tinha esse papo de Fuvest lá. De vestibular em geral pouco tinha. O que tinha muito, aí sim, esse assunto aparecia bastante no terceiro ano, um pouco já no final do segundo: ENEM. ENEM aparecia, esse assunto aparecia. Muita pergunta do ENEM, uma certa preparaçõzinha ali para o ENEM tinha, tinha, aí sim, mas para o ENEM, que é outra coisa.

R: Entendi. Como que seus pais viam o estudo? Você morava com a sua mãe, com a sua avó, com o seu avô, como você falou, como que eles tratam a questão do seu estudo? Quando você era menino, ainda lá no ensino fundamental, como que era essa relação com, por exemplo, as atividades para casa, os deveres escolares, essas coisas, lição de casa, se tinha, se não tinha, como você lidava com isso?

M: Tinha, tinha. Normalmente, eu era meio malandro, eu e mais dois colegas meus lá, a gente... acabava lá, o povo começava a bater papo, pá, pá, pá, a gente fazia lá já, na própria aula, o dever de casa. Muitas vezes. Nessa época ainda não vendia (risos), mas eu já fazia em casa, já fazia ela na aula para não ter que fazer muito em casa. Então já tinha isso aí, mas eles viam, eles... esse dia que eles viram o recado da outra lá, nossa! Minha mãe viu, teve que assinar, ficou... Mas já teve problemas também. Na segunda série, teve uma professora que me agrediu na frente da sala inteira, minha mãe teve que ir lá, teve que ser afastada a professora, teve uns problemas já também, né. Então assim, ela me... a impressão que eu tenho, a minha irmã, até um certo tempo não tinha opinião nenhuma, bem mais nova, depois de um certo tempo eu vi uma certa admiração: “O cara parece que é bom”. Mas devagarzinho... era de leve porque eu não comentava isso muito lá também, em casa, comentava de outras coisas. O meu avô e a minha mãe, eles não iam muito para reunião de pais e mestres, muito difícil ir. Da minha irmã, a reunião da minha irmã quando ela começou a ter, quem ia era eu. Minha mãe era bem relapsa nisso aí, que a verdade seja dita: quem ia lá era eu. Meu pai, como eu tinha falado, sumiu, depois que eu fui reencontrar ele, então era outra história. Quem ia na reunião da minha irmã muitas vezes era eu. Nesses dias, aquele monte de gente com quarenta anos e eu lá com quinze anos, tinha isso. Mas eu já começava assim... na sétima, aquela coisa, na sétima série eu tive uma desilusão muito forte com a escola, com a escola pública! Caiu minha ficha do que era a escola pública. Eu comecei a ver o que era a particular, eu tinha um sonho enorme de estudar numa Cássia Freitas, encasquetei com isso aí, não consegui, não consegui. Adoraria! Aí eu comecei a querer articular para a minha irmã entrar lá porque eu já me via como a geração perdida, “vamos ver se de repente...”. Aí eu comecei a fazer por ela o que a minha mãe não fazia por mim, isso é, tratava alguma coisa com ela em casa, acompanhava ela em casa nas lições dela, ia nas reuniões quando dava, minha mãe não ia. Uma vez ou outra só.

R: Com você não teve isso, você não teve esse acompanhamento em casa...

M: Nunca... não tinha, não tem. O mais velho, eu sou o primeiro, o primogênito.

R: A sua mãe trabalhava, né?

M: Trabalhava. Tinha algumas vezes que ela podia ir, mas realmente ela não se interessava, ela tinha um certo orgulho [de mim], assim: “Ah, o cara parece que é inteligente, tal”, mas era uma coisa muito distante, não tinha nada demais. Eu com a minha irmã, sim. Eu via ela como... eu me via como aquele cara que assim, ia ser “o quase”, não vai dar certo. Mas putz, se eu tivesse um incentivo legal desde o começo eu poderia ter ido. Então eu queria passar isso para ela, eu queria que com ela desse certo! Então, na hora que eu estava no ensino médio já, eu vi que não, o Cássia Freitas para mim já era, não ia ter grana na época. Eu comecei a querer muito que ela entrasse. Minha mãe começou a ganhar um pouco melhor, ela nem aí, não queria gastar com escola não: “Mas isso que é um investimento bom”, “ah, não quero saber!”. Quando eu passei na Fuvest, que ninguém esperava, eu usei... foi um “cala a boca” para ela porque ela, quando eu saí da *petshop*, me tiraram de lá porque eu não sabia atender ninguém, não sabia atender telefone, sou péssimo, pode ver que eu te mandei mensagem, enfim, é... ela [mãe] me esculhambou muito, ficou muito feio, sabe? “Ah, você só dá gasto! Não sei quê mais...”, quando eu passei na Fuvest, veio uma espécie de remorso para o lado dela, uma noção de culpa, sei lá, que eu percebi que veio, e aí eu usei aquilo, ela tentou meio que me recompensar dando algum dinheiro, um presentinho, não ia dar carro que nem filho de rico ganha! Alguma coisinha menor, um vídeo game, sei lá, eu falei: “Não, você vai canalizar isso para colocar a Bruna no Cássia Freitas”. Consegui por pressão, por “maracutaia”, política minha ali, eu costurei: “Oh, você vai dar tanto para o meu avô, vai dar tanto, não sei o que lá...”. Coloquei ela no Cássia Freitas [batendo com os punhos fechados sobre a mesa]. Coloquei. Coloquei. Coloquei, em 2006, no meio do ano ela foi para o Cássia Freitas, saiu do Mário de Andrade, coloquei ela no Cássia Freitas. Enfim... ela ficou lá, depois que eu saí de lá [casa do avô]... no mesmo instante eu tive que sair de lá, deu uma treta muito grande lá, tive que sair. Ela ficou mais... depois que eu saí, não tinha eu mais para acompanhar, para fazer aquela coisa toda. Em 2008 parece que ela saiu, ela voltou para o ensino público. Aí pelo que eu acompanhei, ela foi fazer EAD [Ensino a Distância] no Macunaíma [faculdade particular]. É outra coisa... não veio para cá [expressão de decepção], não tinha interesse, era outra coisa. Não seguiu... curiosamente quem seguiu o caminho que eu esperava que ela fosse seguir, fui eu. E o caminho que eu achei que eu ia seguir era alguma coisa como o dela. Acabou acontecendo isso.

R: Acabou que o que era improvável para você, se realizou.

M: Acabou se viabilizando.

R: E talvez fosse mais provável para ela.

M: Fosse... porque ela teve uma situação em termos de dinheiro, já que o assunto teu é pobreza, um pouco melhor. Eu peguei uma fase entre... que eu morava num outro... porque eu não morei sempre na Milão [rua da cidade], eu saí de lá, fiquei um cinco anos no Victor Hugo [bairro da cidade], quando era casa comum, não é que nem agora não, era casa de COHAB! Tinha biqueira lá. Biqueira. A coisa era... a gente não tinha... a gente comprou espuma para usar de colchão, não tinha... a gente conseguiu, mas também é tonta [falando de sua mãe]. Foi comprar a porta, mas não tinha condições de ter dinheiro para instalar a porta. Uma portinha vagabunda, então ficou sem porta até no banheiro, até no banheiro em casa, então a gente

usava toalha e assim, cortava a luz direto lá, atrasava a mensalidade da COHAB... chegou a situações de: “Você prefere almoçar ou jantar hoje? Os dois não dá, os dois não vai dar... Se der almoço e janta hoje, amanhã você não vai ter nem um nem outro”, entendeu? Teve situações de eu passar um dia, dois dias, comendo arroz com arroz, não tinha mais nada, não tinha nem feijão, não tinha. Um dia bom, naquela época, entre 1994 e noventa e... no comecinho da minha primeira série, por aí, até a quinta série, até 1999. Um dia bom desse período, bom mesmo, era o fim de semana que tinha arroz, feijão e alguma mistura, ou batata ou carne que seja e uma Coca-Cola que não era aquela... era aquele refrigerante “Big” que ela comprava, que era mais barato, era um real, era mais barato. Esse era um dia bom! Esse era nossa felicidade! Coisa que hoje, a FAPESP me permite fazer muito mais (risos). Mas enfim, aquele era um dia... era uma coisa, sei lá. Dez reais, para gente era: “Ó!”, dez reais para cada um, para a gente era um sucesso, mas nos dias ruins era isso que eu te falei: “Você vai comer arroz hoje, só no almoço, come no meio da tarde para não ser nem almoço nem janta...” era assim: “Para você conseguir aguentar o dia inteiro...”. Ficar sem luz, ficar sem água... Um dia deu um problema na privada, para você ter uma ideia, no vaso sanitário, não tinha [dinheiro] para consertar, sabe? Tinha que fazer em jornal e tacar no terreno baldio, pelo amor de Deus! Aí conseguimos, daí um tempo, comprar um negócio para... soda cáustica, sei lá o que! Sei lá, dez, quinze reais, na época devia ser mais barato, dez, quinze reais é hoje, né. Conseguimos, consertamos, mas era muito complicado! Era muito difícil! Essa época foi muito ruim em termos de dinheiro e foi uma época que pegou da minha primeira à minha quinta série, foi bem complicado! Foi bem difícil! Depois disso, gradativamente começou a melhorar, mas nunca foi grande coisa, mas já foi suficiente para fazer duas, três refeições por dia, para nunca mais ter que cortar a luz, mas... começou a... mas esse período foi bem difícil.

R: Sua mãe trabalhava com o que nessa época, você se lembra?

M: Minha mãe trabalhava... Sim. Minha mãe trabalhava, depois que ela saiu [da casa do seu avô], ela sempre foi dona de casa, separou do meu pai, virou recepcionista do Romeo Melo [hospital público da cidade] porque... meu avô era jardineiro do Romeo Melo lá na avenida Bolívia e conseguiu encaixar ela lá na recepção: “Oh, está faltando... tem uma vaga aqui...”, ele conseguiu indicar ela. Ele já estava há uns quinze anos lá. Aí depois ela conseguiu, mas foi dureza porque ela tinha que trabalhar e fazer o COREN lá, ela fazia um negócio da enfermagem para ser auxiliar. Aí tinha eu que cuidar da minha irmã, tinha que me virar, esquentar comida do jeito que dava, eu tinha sei lá o que... dez, onze anos... tinha que me virar lá. Tomar cuidado com a casa porque o lugar não era o lugar mais seguro do mundo, né, ainda bem que tinha os dois cachorros lá. Inclusive a gente foi... a gente voltou para a Milão para [a casa do] meu avô porque a gente foi roubado. Conseguiram entrar lá, deve ser para comprar droga, sei lá, mas eles entraram lá dentro. Subiram pelo teto para não pegar nos cachorros, roubaram as coisas, só não roubaram mais porque os cachorros estouraram a porta, acho que entraram e foram embora, mas roubaram vídeo cassete... umas coisas lá porque... a gente não tinha nem pago inteiro ainda, ela nem tinha pago inteiro. E meu pai também, meu pai tem a oitava série, ele trabalhava... ele era ferreiro de construção civil. Hoje, a construção civil paga mais ou menos, mas naquela época, pelo amor de Deus!

R: Eles estavam juntos nessa época ou não?

M: Não, eles separaram antes da minha irmã nascer, em 1992. Tá, ele pagava a pensão. Eu estou falando disso porque era a renda dele, né. Ele pagava parece que 30% disso aí de pensão, ele já tinha outra filha, em 1997 ele teve outra, de outro casamento, com outra mãe e dava uma graninha pequena, sei lá quanto que... o salário mínimo era cento e pouquinho. Um

terço disso aí! Para ele, apertava lá, um terço para ele lá fazia falta e um terço para cá não resolvia muito, então ficava ruim para os dois lados, mas enfim... Aí depois melhorou um pouquinho a pensão, mas também não ajudou muita coisa, mas era o que ele podia também, era o que a lei dava. Foi bem complicado em termos de grana para todo mundo essa fase aí. A partir de 2000, 2001, vai começando a melhorar. Ela [sua mãe] consegue quitar a casa em 2001 porque ela consegue... ela entra como auxiliar de enfermagem aqui no HC [Hospital das Clínicas] que é estado, tem ticket, aquela coisa que nunca tinha... ela tem uma coisa lá, um cartãozinho à parte para comprar no supermercado, eu nunca tinha visto isso até então, que o supermercado para a gente o que era, né? Poder comprar arroz, feijão e, sei lá, batata no mesmo dia: “Nossa!”. Até pouco tempo era isso. De repente tem o ticket só para isso. A gente começou a comer super bem. O que para a gente pelo menos era super bem, né. Aí começou a... ela conseguiu quitar a casa, depois de um tempo ela conseguiu alugar, aí começou a entrar dinheiro. Começou a entrar mais. Então começou a mudar também a cabeça dela, começou a ficar cada vez pior. Mas aí é outro papo. Aí foi nessa, assim, mudou, casou de novo depois, eu já estava no finzinho do colegial, aí mudei para lá, fiquei um ano e pouco lá, voltei para meu avô. Aí aquilo... aí eu no segundo ano da faculdade eu voltei para lá, para o meu avô, né. Aí eu fiz toda essa etapa aqui: graduação eu completei... mestrado eu completei e agora eu estou indo para o doutorado, mas agora, já faz um ano e dois, três meses, eu saí do meu avô também porque eu estou com a minha mulher, não dava certo ficar eu e ela morando lá com meu avô. A gente alugou uma casa para morar só eu e ela. Perto da avenida João Garcia. Então está nesse pé aí. Deixa eu falar de escola porque eu estou fugindo do assunto (risos).

R: (Risos) É... quando você terminou o ensino médio, você falou que foi meio que por curiosidade que você foi prestar o vestibular. Queria saber como é que era, achava que não era para você...

M: Tinha certeza que não era!

R: Mas aí você usou um termo que... você falou assim: “a entrada na USP foi um divisor de águas”.

M: Divisor de águas! Eu nunca achei... depois que a minha mãe conseguiu alugar a casa, que ela conseguiu quitar a casa da COHAB, ela conseguiu alugar, ela teve um surto consumista. Teve mesmo, por isso que não... não entrou dinheiro para pagar a escola da outra lá, devia ter ido para lá, [a irmã ter ido para a escola particular] ter... e em uma dessas, ela levou a gente para o Beto Carreiro [parque de diversões]. Mas foi uma grana! Para a gente, na época, era muito dinheiro. Conheci Guarujá, mas era dinheiro! Para a gente, era dinheiro! “Olha! Guarujá é aqui!”. Para a gente era muito dinheiro naquela época, foi um certo gasto aí e tal. Então eu comecei a conhecer outras coisas, mas meu mundo era aquilo ali, eu não achei que eu ia viajar muito mais depois. Um dos divisores de água foi isso aí, eu viajei para muitos lugares! Eu conheci muita coisa, muita gente diferente, um dos divisores foi esse. Outro divisor foi o tipo de contato que eu tive. Tive com quem falar de política, tive com quem falar de cinema. E o povo trabalhava. Eu fazia trabalho em grupo, o povo trabalhava! Lá no Felipe Silveira quem trabalhava era eu! Sozinho! O grupo inteiro lá e aí alguém fazia alguma besteira lá, ela [a professora] abaixava a nota de todo mundo por conta do cidadão, aí eu fazia algo acerto, ela elevava a nota de todo mundo, inclusive a do cidadão, por conta de alguma coisa correta que eu fazia. Então... uma hora “encheu tanto o saco” que eu comecei a cobrar: “Quer trabalhar comigo? Pega a carteira” (risos). Aí o “saco começou a encher” (risos), comecei a fazer isso. Aí começou a ficar um pouquinho melhor (risos). Mas o povo não trabalhava [no ensino médio], aqui o povo trabalha! Tirando um ou outro lesado que, pelo

amor de Deus. Mas o povo aqui trabalha! O povo aqui: “Oh, não, espera aí! Dá para encaixar tal tema aqui no trabalho! Dá para encaixar tal autor!”. E o cara chegava com o autor lido já! Mas nunca que isso acontecia lá antes, no Felipe Silveira. Então teve esse tipo de diferença também. E o estigma social de você falar “eu estudo na USP” é muito forte! Em todos os... é que eu não tive muito contato com... não sou muito de manter contato com parente, mas quando eu tive, eu percebi: “Ó! O cara... esse é o que passou! Esse aqui é o que passou!”, era uma coisa ali: “Ó!”, né. Cara... os caras pareciam... queriam que encostava para eles passarem também (risos). Não, era uma coisa até... Eu chegava no cinema, eu mostrava... antigamente eu mostrava a carteirinha do Felipe Silveira, quando eu mostrava a da USP, o povo me tratava diferente. Eu chego no aeroporto: “Ah, me dá algum documento aqui”, eu vou pegar o RG, aparece a carteirinha, dá para perceber que o cara muda! Tem um estigma! Você vai para outras universidades: “De onde você vem?”, “ah, da Universidade de São Paulo”, tem um certo impacto social muito forte. E eu nunca tive até então a recepção de um lugar de privilégio. Com a USP foi a primeira vez que... Ah! Vou pegar o exemplo mais emblemático de todos: eu te contei que eu namorei uma outra lá de Santa Catarina em 2010, que eu fui lá, ela veio para cá, eu fui para lá de novo, enfim. Isso na época do mestrado. Ela era meio “patricinha”, meio riquinha, morava em um apartamento praticamente na praia de lá. Toda... estudava moda! Eu não sei como que eu fui namorar uma pessoa... era o oposto de mim! O extremo oposto! “Coxinha”! Totalmente “coxinha”! O oposto do oposto. A única coisa que a gente tinha em comum, que a gente se conheceu em um grupo lá do “Orkut” em que a gente falava de cinema! Todo o resto era muito diferente! Mas uma vez eu falei para ela: “Ah, qualquer hora eu vou aí ficar contigo, tal...”, ela falou... foi na brincadeira! Ela falou que sim e eu levei a sério, acabou que a gente... “se ela levou a sério eu vou lá então”. Aí começou. Foi que nem aqui também, uma surpresa. E assim, pesou muito [o fato de estudar na USP]. A mãe dela não gostava... namorar com um “pé rapado”? Dava para perceber... um cara que... Aí quando eu cheguei: USP! Mudou! “Ah, mas onde você estuda?”, “na USP”, pronto! “Mestrado!”. Muda demais! É aquele cara: não é o rico... Não era mesmo, sempre me vesti assim, mas era o potencialmente rico, pode vir a ser. Era assim que era encarado! Tem muito, não sei se os outros [alunos] vão te confirmar isso, se eles sentiram esse choque também, o estigma do dinheiro, mesmo que você não tenha comprado nada, ele é o cara que vai ser rico! Que vai ganhar dinheiro! A USP é muito associada... a universidade pública, mas a USP em particular é muito associada com status econômico, eu percebo isso muito forte. A ocasião que eu percebi isso de modo mais claro foi quando eu falei com a minha sogra lá, ex-sogra né, percebi isso, como que ela reagiu de modo... até a menina também, diga-se, reagiu de um modo meio encantadinho quando eu falei. Aí eu mostrei o certificado de que eu tinha passado em primeiro no mestrado da Ufscar e ela: “Ó!”, “Ah!” e tal. Deu para perceber. Dá um certo status que não é da ordem da intelectualidade. Não é! É da ordem do dinheiro! É da ordem do econômico! E para quem, como eu, como eu te disse, comia arroz com arroz uma vez por dia, nunca estava acostumado e ser encarado como a pessoa do privilégio, né, de repente ver isso. Eu percebi claramente, claramente, que não tem a ver com o status de intelecto. Tem, até tem, mas em menor grau. Tem a ver, é recebido como status de intelecto em outras universidades, isso eu percebo, mas fora, é o status do dinheiro! A USP aqui é o... quem vai lá [na USP] ou já tem [dinheiro] ou vai ter! Ou vai ter! É isso que eu percebi! Então é outro divisor de águas muito forte! Muito forte que eu percebi também! Bom, entre outras coisas... conheci outras pessoas, enfim, fiz muita viagem...

R: Essas viagens que você fala, você fazia por conta dos congressos?

M: Dos congressos, sempre dos congressos. Dificilmente eu viajei por conta, sempre... porque era muito congresso! Fui para muito, muito... Só o ano passado eu viajei, sem mentira, umas

dez... entre dez e quinze vezes. Viajei pra caramba! Foi muito legal! Foi muito bom para a pesquisa e foi muito bom para mim também por questão de conhecer tanta coisa diferente e lugares diferentes.

R: E você ia mais para apresentar trabalho ou mais para assistir mesmo?

M: Os dois, mas principalmente para apresentar senão a FAPESP não paga, ela não reembolsa, né, ia para todos eles... um ou outro que eu fui como ouvinte porque tinha algum tema que me interessava lá, mas não era aberto para apresentar. Mas a maioria eu fui para apresentar.

R: Você mencionou também sobre a carga de leitura que você não era acostumado a ler tanto, como que foi isso para você?

M: No primeiro ano eu tive dificuldade. Assim, acompanhei, consegui, legal, tal, mas a minha sorte é que parece que de escrita eu sou bom, consigo escrever legal, então mesmo quando é um assunto que eu não domino, eu consigo escrever de um jeito que dá uma inflada naquilo que eu já sei, aí fica legal, então fica bem apresentável o texto, foi o que me salvou um pouco. Mas depois, a partir do segundo semestre para frente eu já estava adaptado, aí já conseguia... lia tudo. Também principalmente depois que eu peguei a iniciação científica, que eu... [antes de conseguir a bolsa] me pesava, me fazia muito mal ficar com aquilo na cabeça a questão do trabalho que eu não tinha, do emprego que eu não tinha.

R: Isso era um problema para a sua família?

M: Era. Era. Com a questão de que não entrava dinheiro?

R: Isso.

M: Era. Eu não dava gasto porque isso aqui é público, mas pesa muito, isso eu senti, pesou muito o fato de eu ser homem, falavam assim: “Você é homem! Você tem que trabalhar!”. Tem questão de gênero até nisso, né: “Você é homem, você tem que trabalhar, botar dinheiro em casa! Você não é mulher para ficar só em faculdade, não!”, tal, tal, tal. Então tive... fui atrás do Mc Donald’s, [estudando] na USP fui atrás do Mc Donald’s! De virar chapeiro do Mc Donald’s! Nada contra, eu ia, eu ia mesmo, pô, mas numa dessa eu perdia a iniciação científica, mudava tudo, né! Quando veio a iniciação, quando veio a FAPESP, ufa! Ufa! Aí eu pude pensar em ler, que era... eu estava sendo pago para isso. A legitimação do dinheiro para quem vive no contexto em que ele faz falta é muito forte, você poder me dar uma... você poder chegar na tua casa com a conta de luz paga com o comprovante grampeado: “Olha, fui eu que paguei!”, é um... tranquilizador para você conseguir estudar, para você conseguir fazer as outras coisas. Para outras pessoas talvez não seja, mas no meu caso ali era. No meu caso ali sim, teve essa pressão sim, foi forte, e a iniciação científica me ajudou bastante neste sentido. No mestrado então nem se fala! Porque de quatrocentos foi para mil e quinhentos! Nossa! Nem se fala! Quando eu comecei a pagar o IPTU do meu avô à vista, integral, na frente dele... não teve uma queixa com relação a eu não trabalhar, acabou! Entrou dinheiro! Fim! Mas teve, no primeiro ano teve. E a questão da leitura, no comecinho era complicado para mim, eu não estava tão acostumado e aí tinha um outro, não era o tipo de texto que eu conhecia no ensino médio, era outro tipo. Foi um certo esforço, mas felizmente eu consegui, principalmente a partir do segundo ano. Dá mais! [pedindo para que a entrevistadora faça mais questões].

R: É... você falou do mestrado, você entrou logo em seguida da graduação, né?

M: Antes de eu acabar a graduação eu já tinha passado na prova do mestrado, só precisava do documento.

R: Por que você escolheu aqui e não a Ufscar?

M: Ufscar tinha mais a ver comigo hein. Tinha. Eu escolhi aqui porque eu não sabia se eu ia conseguir pegar a bolsa.

R: Lá?

M: Nem lá nem cá. Aqui era mais provável, o que eu fiquei sabendo é que aqui era mais provável, principalmente a da CAPES entrava mais aqui. Lá na verdade... Eu corri um risco aqui porque lá eu tendo passado em primeiro das três linhas do programa, se saísse uma... sempre sai pelo menos umas cinco bolsas, se saísse uma bolsa só, era minha! Aqui eu corri mais risco do que lá, mas eu escolhi aqui porque era Guarani e porque principalmente a Rosa me “cantou muito a bola” assim: “Aqui é que é bom, aqui é que vai ajudar mais o seu currículo. Lá é dois anos, aqui é três, você vai ter um pouco mais de tempo porque lá a bolsa da FAPESP vai ter que ser cancelada no meio porque o programa é só dois anos, aqui você vai poder fazer dois e pouquinho. Vai dar tempo, aproveita!”, então ela acabou me convencendo, a Rosa, o fator Rosa, o fator orientadora e o fator cidade. Eu não ia ter que me locomover para São Carlos, tal, acabou me motivando a ficar aqui. Um pouquinho, mas isso tem mais a ver com o fator Rosa. Também um pouquinho o peso da instituição que é maior aqui, aqui é C.5 o conceito, lá era C... acho que 3, estava no comecinho, o programa lá estava no comecinho, a pós da Psicologia é velha, então isso acabou pesando também.

R: E a sua vontade de fazer mestrado?

M: No meio da iniciação científica, a Rosa me estimulou muito a tentar fazer o TCC com ela e a fazer o mestrado com ela. Ela me ajudou muito nisso. Ela me estimulou muito. Eu acho que 70%, 75% desse mérito vai para a orientadora, isso eu tenho que dizer porque eu nunca... Eu comecei a descobrir o que é que era disciplina optativa, isso e aquilo, aqui. Eu estava meio que me descobrindo na graduação ainda e ela já pensando no mestrado porque ela estava gostando do meu trabalho, então: “Olha, eu acho que você tem condições de tentar o mestrado” e deu certo. Deu certo. Ela fez isso com todos os orientandos e com todos deu certo, nesse ano pelo menos.

R: Você comentou em um momento que você ajudou seu pai a catar papelão?

M: Sim.

R: Como foi essa fase? Você pode falar um pouco mais?

M: Eu fiquei... meu pai separou da minha mãe em 1992 como eu te disse, ainda antes da minha irmã nascer, minha mãe já estava grávida quando eles estavam juntos. Sei lá, uns dois meses antes, eles separaram e o meu pai sumiu! Depois eu fui entender melhor a versão dele, mas eu só fui reencontrar o meu pai depois que eu voltei a morar só com o meu avô. Eu estava no segundo ano de faculdade já. Aí eu fui conhecer a realidade dele melhor, direitinho... nem tudo que a minha mãe me contou dele era verdade. Aí eu fui ver que ele trabalhava com... ele

tinha um lugarzinho aqui no centro que ele alugava e conseguiu comprar uma prensa, o aluguel era caro. Aí tinha algumas pessoas que ajudavam ele e ele saía para catar papelão com o carrinho. E eu ajudava ele a catar. Ele catava latinha de vez em quando, mas ele ia mais para a linha do papelão, que era o nicho dele, então eu ajudava ele a catar papelão. Na boa, eu ia na boa, não tinha... para mim é uma lição de humildade, tranquilo, isso já na graduação, já com a bolsa, com a iniciação científica. Depois, no mestrado, eu continuei mais um pouquinho até ele sair de lá. Aí ele foi fazer outra coisa, voltou para a construção civil, aí já não dava mais certo. Mas cheguei a fazer isso sim, não pedia um centavo. No máximo, ele me pagava a janta ali, mas não pedia um centavo, era para ajudar ele, mas é isso aí. Até hoje eu entendo um pouquinho. Se eu for para a rua, eu sei separar: aquele [papelão] é desse tipo, aquele é do outro (risos). Mas sim, ele ficou um tempão, uns dez, quinze anos nessa de papelão.

R: Eu queria fazer umas perguntas mais específicas agora.

M: Por favor, estou aqui para isso.

R: Na sua trajetória, o que é que você acha que contribuiu mais para você fazer a pós-graduação?

M: Bom, em termos, vamos dizer assim, de bastidores, de político, de fatores humanos, que me empurraram para a pós: Rosa, 75%, Rosa! Tem que ser dito: é mérito dela. Eu acho que inclusive, no mestrado muito, mas de certa forma no doutorado também porque eu já estava quase querendo largar, partir para outra, mas ela me estimulou: “Não, tenta aqui senão essa chama de pesquisador vai apagar...”, ela começou a usar os termos poéticos dela lá, me convenceu a tentar o doutorado também. Isso por condições... mas meu avô não estava nem aí, meu avô queria que eu trabalhasse! Agora, de fatores meus, o que é que me estimulava: eu gostava muito de pesquisar, gostava, acabei gostando da coisa. E gostava muito de pesquisar cinema! Eu pesquisava cinema agora também e no mestrado também, cinema com sexualidade, aquela... são dois temas muito bons, são dois temas... “da hora”, do cruzamento, são dois temas sensacionais. Ler... aquilo me dava muito prazer, gosto do referencial, no caso da Análise do Discurso, que eu estudo, então assim, essa motivação também. Uma outra, uma terceira motivação, essa contou mais no doutorado do que no mestrado, que acabou aparecendo, é a oportunidade de conhecer os lugares para apresentar meu trabalho em outros lugares, acabou aparecendo isso também, então acho que essas três motivações.

R: De tudo o que você aprendeu, na sua trajetória escolar, incluindo a sua experiência na graduação e também na pós-graduação, quais são as coisas que você considera mais importantes? Sei que é um período grande, mas...

M: De tudo o que eu aprendi da graduação para frente?

R: Em termos de trajetória escolar.

M: Antes não. É isso?

R: Não, de tudo. De toda a sua trajetória escolar.

M: De tudo. De tudo o que eu aprendi... o que foi...?

R: Mais importante. O que você considera mais importante.

M: Mais importante? Cara... olha... Eu vou começar por aqui, em termos de universidade. Eu acho que as pessoas não tem noção, principalmente aquelas que não vem da pobreza, aquelas que já... e é a grande maioria aqui. A USP tem vários feudos: de médico que é filho de médico, neto de médico, aquela coisa, né. Elas [pessoas] não têm noção do que é que “banca” [financia] isso aqui, é ICMS. O que é que vai para “bancar” isso aqui. Porque o cara que está assentando tijolo, que está catando papelão, é ele que está bancando isso aqui. Ele vai comprar um saco de arroz, ele vai pagar dez reais e não oito que ele pagaria, ou sete porque vem ICMS para cá. O cara não dá valor para isso, ele não... eu sinto uma empáfia com relação a... como se fosse um mundo à parte do portão para cá. E o que eu aprendi é que existe esse tipo de coisa. Politicamente, a universidade não é tão de esquerda quanto ela supõe, ela não é tão integrada ao ambiente fora dela, não tem uma função social tão clara quanto ela deveria ter. O que mais... o que de principal aprendi dentro da Universidade, a principal descoberta que eu fiz foi essa. Antes disso, no ensino médio e fundamental, que precisa ser realmente reformulado, que o contato do professor com os alunos é muito ruim. Ah... algumas disciplinas que eram bacanas que poderiam acrescentar muito, tipo Filosofia, Sociologia, vão sendo cada vez mais cortadas, está virando muito: cópia da lousa, ler, ler alguma coisa para o professor e só, sabe? Aquele trabalho automático sem nenhuma reflexão... Que faz falta isso no ensino médio e fundamental. Da universidade para frente é aquilo que eu te falei antes né: não é tão de esquerda quanto supõe. Não tem... as pessoas aqui, 90%, 95%, se acham melhores do que as de fora. Nitidamente! É meio que uma coisa de mafinha [querendo dizer mafiuzinha], alguns casos. Quando o governo sugeriu, por exemplo, aquela coisa dos dois anos obrigatórios para o SUS, os... olha, eu já comprei briga com tanta gente porque tem uma certa... Qual é o problema de... “Não bancaram a tua faculdade?”. Quanto custa um aluno lá de Medicina? O que é que custa o cara dedicar dois anos da vida dele... o cara quer é “encher o rabo” de dinheiro. Dois anos da vida dele, só dois, para trabalhar para pobre, ganhando dez mil por mês? Para trabalhar para pobre! Não, não, não quer, sabe? Então tem sim um isolamento muito forte. Daí vem aquela visão de Olimpo que eu conhecia antes, da USP aqui, então essa é a sensação que eu tive aqui que eu... é a maior descoberta que eu fiz aqui dentro. Vai.

R: Entendi. Bom, tem algumas coisas que a gente não falou...

M: Vai lá porque eu estou falando muito.

R: Na sua escolaridade, você acha que teve algum ou alguns momentos que você considera decisivos, lá no fundamental ou mais do ensino médio para frente?

M: Decisivo na minha escolaridade no ensino fundamental e médio... Uma coisa que foi decisiva: na sétima série eu passei a ter... saí da linha das Exatas que até então era o que mais me interessava, a partir da oitava eu fui para a linha das Humanas, comecei a me interessar mais pelas Humanas. Acho que essa foi uma virada boa, também na sétima... 2001 foi um ano que decidi muita coisa nesse sentido. Também na sétima série, eu passei a desgostar da escola mesmo, o ambiente, que até então eu gostava. Começou a me pesar, eu comecei a querer trabalhar, sabe, a pensar: “quando é que eu vou sair para ganhar dinheiro... que eu vou poder começar a mandar na minha vida...” então começou a virar um fardo a escola. Então assim, acho que o ponto mais importante foi esse da sétima série que eu fui mais para o lado das Humanas. Não dá para ser autodidata no tocante a Exatas, não tem jeito. Em Humanas, dá para ser um pouco mais. Então eu acho que esse foi o ponto de corte ali, nessa trajetória. Vai lá.

R: Na sua relação com os amigos e colegas, lá do ensino fundamental, ensino médio, tudo, como que era? Aqui também.

M: No ensino fundamental, um ou outro amigo que era assim: tinha três amigos que eram os “nerdizinhos” da classe, que era o pessoal que fazia tarefa de casa na escola, na classe ainda (risos). Eu era um deles, a gente fazia sempre trabalho junto só que eles tinham mais dinheiro do que eu. Então, chegou lá para a oitava, para sétima série, um saiu, foi para o Macunaíma [escola particular], no ano seguinte o outro foi para o Macunaíma também. Então no ensino médio eu fiquei... admito... totalmente isolado, era um caso à parte, eu era um estranho no ninho total. A minha relação com os outros, em grande parte... também não era assim tão arredo, totalmente arredo, mas amigo meu, amigo não tinha mais... era principalmente mercadológica [a relação com os colegas], era um contato tipo: “Me dá meu dinheiro aí que eu te dou o seu trabalho” (risos). Era mais... minha relação... eu conseguia algum respeito ali, algum respaldo, o pessoal tinha um certo respeito por mim com base nisso aí: poderiam precisar de mim, então me respeitavam, mas não era amizade, eu consegui entender isso, no ensino médio. Aqui já... aqui eu tive uma amiga só que eu considero que eu fiz, mas eram relações bem diferentes daquelas que eu fiz lá no ensino médio e fundamental, bem diferentes!

R: Você mencionou professores que foram significativos na sua trajetória escolar. Existem outras pessoas que você acha que tiveram alguma influência na sua trajetória escolar?

M: Bom, sem querer, o meu avô que pagou a Fuvest (risos). O primeiro que eu tenho que falar. A minha irmã, porque eu projetei nela aquilo que eu queria ser.

R: E você que acabou sendo.

M: Aquilo que eu acabei sendo. Era... ela... “Essa daqui vai...”, olha o que é que eu pensava: “Vai fazer um curso bom no Tiradentes [faculdade particular] porque de repente eu não vou fazer nada...”, mas nem ela que eu sonhava um pouquinho mais alto, eu colocava aqui dentro, era uma coisa muito fora de mão para a gente! A gente pensava como uma coisa muito distante. E acabei... acabou que eu entrei aqui, mas ela acabou, talvez, me estimulando a estudar mais por ela. Quando ela foi para o Cássia Freitas, isso eu já estava aqui, eu lia os livros dela e ela não lia, então acabou que era eu ali, eu acabei me projetando ali, mas acabou me ajudando aqui, acabou mantendo alguma chama acesa, alguma fagulha viva para tentar no mínimo como eu fiz, por curiosidade, para tenta vir para cá, então acho que duas pessoas fora do ambiente escolar que acabaram me ajudando de modo totalmente involuntário, foram essas duas aí.

R: Você comentou que não existia muito na sua casa a questão de projetos, expectativas em relação à escola, à continuidade da escolarização, não existia mesmo, não se falava?

M: Se falava que eu tinha que concluir o ensino médio para trabalhar.

R: Para trabalhar.

M: Minha irmã idem, só que a minha irmã já tinha uma certa... talvez, como é mulher, olha que coisa interessante, como é mulher, poderia talvez ir para a universidade, mas eu... acabava o ensino médio, seria o primeiro a fazer isso, porque minha mãe parou no meio né, acabar o

ensino médio e trabalhar, se possível começar a trabalhar antes, era isso.

R: Agora umas coisas mais pontuais mesmo, só umas informações. Sua idade?

M: Vinte e oito, completado no dia dezenove de setembro.

R: Vinte e oito. Você está no último semestre, é isso, do doutorado?

M: Não eu estou indo para a qualificação agora, último semestre é no ano que vem. Eu acredito que eu vou defender daqui uns dez meses para te dar uma previsão mais exata; em julho ou agosto do ano que vem que é quando acaba a minha bolsa.

R: E daí, desde então você trabalhou com bolsa no mestrado e trabalhou com bolsa no doutorado?

M: Com bolsa, sempre com bolsa. Minha carteira [de trabalho] está zerada até hoje. Faço alguns bicos como aquilo que eu te falei de organizar documento para professor, tal e só.

R: Sua mãe, você falou que ela tem o ensino médio incompleto?

M: É. Depois ela fez supletivo, depois que eu entrei na [USP]... acho... ficaram tão entusiasmados, que ela própria quis estudar um pouco mais também. Aí ela fez, mudou... mudou para ela também, então, muito interessante. Ela... mudou para a minha irmã, que foi para Cássia Freitas e depois ela saiu. E ela não ia para lá se eu não tivesse passado aqui, na graduação. Mudou para a minha mãe porque ela se animou vendo eu entrar, fez o supletivo e já bem depois, quando eu estava no mestrado, já não estava nem morando com ela mais, ela foi para o Macunaíma [faculdade particular], fez uma graduação lá, eu acho que ela completou. Perdi contato, mas eu acho que ela já completou essa graduação lá, EAD. De E [nome do curso] inclusive, se eu bem me recordo. Mas quando eu entrei era Médio incompleto.

R: Certo. Nessa época que você entrou no mestrado, na pós, você tem ideia da renda familiar?

M: Quando eu entrei no mestrado era eu e o meu avô, só. O meu avô ganhava uns... de aposentadoria, uns mil e trezentos, sei lá, e eu não ganhava nada, eu fazia bico, era... quinhentos reais aqui, passa dois meses mais quinhentos... pouquinho.

R: A sua mãe está trabalhando como auxiliar de enfermagem é isso?

M: Auxiliar de enfermagem no Hospital das Clínicas até hoje. Sim.

R: A sua irmã, ela fez a graduação... não?

M: Ela chegou a fazer a graduação tal qual a minha mãe lá no EAD no Macunaíma, só que ela fez Administração, já se formou, se formou esse ano.

R: Você sabe a escolaridade dos seus avós?

M: Minha avó que já faleceu, a materna, sabia ler, escolarização: alfabetizada. Clássico, né. O meu avô tem quatro anos de escola, vamos contar que é o fundamental I que se fala hoje, ele

tem isso, ele sabe as quatro operações e ler e escrever. Basicamente é isso aí. E lê mal, coitado, mas ele sabe ler. A minha avó, o meu avô paterno faz muito tempo que eu conheci, não faço ideia. A minha avó paterna, eu acho que é o mesmo caso da minha avó materna: alfabetizada, e olhe lá! Eu tenho que perguntar, mas talvez nem isso, mas no máximo é isso aí, eu sei que ela não tem nem os quatro anos que o meu avô teve, isso eu tenho certeza. Dos meus avós é isso aí.

R: Você sempre frequentou a escola pública, que você comentou já.

M: Onze anos, tudo! Pública da primeira série até o doutorado!

R: Você já... até o ensino médio, você já estudava no período diurno? Estudava durante o dia?

M: Eu estudava à tarde na... até a oitava série, quando passou para o ensino médio, foi de manhã, e até terminar foi sempre de manhã no ensino médio. Antes era sempre à tarde.

R: Nessa época não existia essa questão do trabalho, não era um problema, eles não te cobravam?

M: Tinha. Tinha um pouquinho, a partir do segundo ano começou a... segundo ano do ensino médio, tinha lá uns quinze anos, começou a ter. Foi essa... fui atrás da VídeoZ, mas não dava certo. Aí eu fui conseguir no final do outro ano. Ah... o que dava um pouquinho, que deixava eles um pouquinho mais quietos, justamente a graninha miudinha, mas era uma coisa que eu conseguia fazendo o trabalho para os outros. Dava, assim, uma pequena tranquilidade, mas não resolvia não. Aí eu tive que procurar porque não dava certo, só no terceiro ano que eu fui conseguir isso aí, mas logo eu já entrei na USP e não ia dar certo lá na *petshop*. Mas teve, no segundo e no terceiro ano teve uma pressão forte para isso sim.

R: Bom, do que eu queria saber era basicamente isso.

M: Falei bastante.

R: Queria saber se tem alguma coisa que eu não perguntei, que eu descuidei, que você gostaria de contar...

M: Você se descuidou de me cortar mais para não ter que transcrever tanto (risos)!

R: Imagina (risos)!

M: Para não ter que transcrever tanto... Ah... olha...

R: Alguma coisa que você gostaria de falar... não sei...

M: É... olha que... uma coisa que não... Como eu te disse, 2001 foi um ano que decidi bastante coisas, sétima série, foi um ano que eu comecei a me interessar... eu comecei de um modo negativo, mas de qualquer forma eu comecei a me interessar por política, que hoje é um tema que eu gosto bastante, mas foi aí que eu fui me dar conta que tinha o governo estadual, que já estava há muito tempo [no poder] e pá, pá, pá, aí eu comecei a pesquisar, conversar com os professores que eram mais ligados a sindicatos, então teve esse outro divisor de águas que acabou faltando também lá do ensino fundamental. E aí eu comecei a me interessar por

[política]... mas não tinha muito com quem eu falar disso aí. Isso aí com os alunos, mesmo os professores não eram muito interessados. Aqui é que isso vai mudar. Aqui eu comecei a ter interlocução, aí eu fui para a política um pouco mais a fundo mesmo, mas teve isso também. Eu acho que teve um peso muito grande. Eu vi... o Covas entrou, eu entrei junto, tá, o... falecido. Eu vi o primeiro mandato dele inteiro, o segundo, ao começar ele morre. Em março de 2001 entra o Alckmin, aí o Alckmin.... o último ano do Alckmin, acho que penúltimo né, do primeiro mandato dele que é 2005, 2006 ele ... Então eu peguei os três primeiros mandatos do PSDB e eu vi piorar a cada ano, sabe? Cada... eu via... o Ciclo I lá do fundamental era fraco, medíocre, Dona Maria Aparecida [escola] ajudou um pouquinho. O Ciclo II foi um desastre! O Ciclo III, o ensino médio, pelo amor de Deus! Horrível! Horrível! Se você separasse em três partes, como se fossem três mandatos, cada ano ficava pior! E eu fui pesquisar no último ano de graduação, eu voltei para o Felipe Silveira para fazer uma pesquisa de Biblioteconomia. Porque a biblioteca naquela época era usada como sala de castigo. Eu fui pegar um... como eu gostava de cinema já, uma vez eu fui pegar um livro de um autor chamado Arthur C. Clarke chamado “2001, uma odisseia no espaço” que virou filme. Adorava! Nossa! Ainda sou apaixonado por aquele filme! É um dos meus cinco preferidos! E a mulher que era uma daquelas professoras readaptadas, nem era bibliotecária: “Tira a mão daí!”, não me deixou ler o livro lá! Aí me desestimulou tanto que eu nunca mais tentei entrar ali. Já era uma experiência traumática que eu tinha com biblioteca. Quando eu voltei lá no último ano de graduação em 2009, essa biblioteca já não era nem sala de castigo mais, tinha sido fechada, virou depósito, ficou sem biblioteca. Então eu acho, como eu te disse, foi piorando a cada mandato. Deve estar... imagina o nível que está agora? Deve estar ainda pior! E me deixa com muito receio porque eu fico pensando quantos daqueles que vem da situação que eu venho que vão conseguir entrar? Porque tem muita gente lá que merecia mais, que é mais esforçado, que merecia mais estar aqui do que muita gente que efetivamente está aqui, que não... que empurra tudo com a barriga desde a escola. Bando de filhinho de papai, mas como o ensino é muito bom, alguma coisa eles aprendem, o suficiente para passar [no vestibular] acima desses, né, mas me deixa muito preocupado isso aí! Muito entristecido! Primeiro, por esse lado e, uma segunda coisa que ficou muito... eu vou sair o ano que vem, fecha [sua fase na universidade], vai ficar uma impressão muito ruim que é como realmente a universidade parece que é um mundo e o universo, digamos, “extra-campus” parece que é outro. A universidade não busca, ou busca muito pouco, devolver o investimento feito por aqueles em que mais pesa o imposto que mantém isso aqui, que é quem é mais pobre, é quem ganha menos. Como é o caso lá dos médicos que eu te falei, seria um jeito inteligente de devolver, poderia ter um “Programa Mais Bibliotecários”, pronto! Adoraria! Dois anos ganhando o piso de bibliotecário. É menos do que eu ganho hoje com a FAPESP, mas faria numa boa! Acho muito justo! Acho muito justo que o filho dos outros catadores de papelão, das outras auxiliares de enfermagem, desfrute do conhecimento que eles me bancaram! Então eu acho que esse tipo de consciência, de discernimento aqui falta também, então, é isso aí, o que faltou falar era isso.

R: Que bonito isso!

M: Espero ter ajudado, espero ter contribuído.

R: Muito mesmo!

M: E boa sorte com a tua pesquisa!

R: Sua história é muito bonita, obrigada!

M: Ah, ainda bem!

R: Então muito obrigada pela sua colaboração, Marcos!

2ª Entrevista

R: Então, como eu tinha te falado, esse segundo encontro é para alguns aprofundamentos esclarecimentos. Então num primeiro momento eu queria saber se você se lembrou de alguma coisa que você gostaria de falar. E depois eu vou fazer algumas perguntas mais específicas sobre o que você já falou na primeira entrevista. Então a primeira coisa do nosso encontro de hoje é: tem alguma coisa que você tenha lembrado ou que você gostaria de contar...

M: Você se lembra a data do nosso primeiro encontro?

R: Foi em outubro de 2015

M: 2015? É, tem algumas mudanças. A maior delas... em novembro, um pouco depois, pouco depois do dia 20, eu qualifiquei, deu tudo certo com a qualificação, estou agora na fase da redação final da tese. A minha esposa, em novembro mesmo, ela fez um concurso lá em Lusitânia e aí ela passou. E no último dia do ano, no dia 31 de dezembro, saiu resultado e ela já sabia que no ano seguinte, a gente não ia mais continuar em Guarani, a gente ia mudar para Lusitânia, a gente ia ter que fazer uma escolha: ou ela ficava aqui e pegava dois ônibus para ir e dois para voltar, enquanto eu vinha uma ou duas vezes por semana na USP ou eu pegaria esses ônibus para cá e ela ficava na cidade onde ela já vai trabalhar. Então era mais lógico e mais econômico que a gente mudasse. Então a partir de, não vou lembrar exatamente o dia, mas foi na primeira quinzena de março deste ano que a gente se mudou. Eu morava aqui na Tarsila do Amaral e a gente mudou lá para Lusitânia, a gente alugou casa lá e a gente está lá agora. A minha bolsa da Fapesp acabou agora em agosto e por enquanto eu estou me virando da forma que dá, fazendo bico. Eu não sei se eu falei da outra vez, eu faço... eu ajudo professor com currículo, cheguei a comentar isso? Até para minha orientadora, mas não só pra ela tá, então eu faço um pouquinho disso e tem a poupança, para usar a conta-gotas, em doses homeopáticas até eu conseguir outra ocupação. Só que eu não vou ficar... já estabeleci isso aí, com a cabeça focada no tocante a isso se eu ainda tenho a tese para resolver, eu quero resolver a tese, que eu vou resolver esse mês, pelo menos a parte escrita dela, e depois eu tenho que esperar o prazo lá para defender. Mas aí eu defendo e a partir daí eu passo a ir atrás de emprego. Então eu acho que de novidade que tem de lá pra cá é isso aí.

R: Mas você ainda precisa vir aqui duas vezes por semana?

M: Não, eu tinha... Eu vim entregar os livros no começo do mês passado, da reserva técnica da FAPESP, e tem que entregar para questão do relatório deles, eles querem toda a relação dos livros, então eu vim cadastrar aqui. Já tinha uma relação para entregar para eles, só que eram quase cinquenta livros, então demora para eles cadastrarem tudo lá na biblioteca central, então ficou pronto na semana passada. E como eu tinha que resolver... eu já tinha compromisso com o meu avô hoje, já tinha compromisso no laboratório hoje, eu já tentei juntar tudo num dia só. Como eu te disse, fica caro, ainda mais sem bolsa, então eu venho para cá e faço quatro ou cinco coisas num dia. Então eu vim para cá, já fui atrás destes livros, já entreguei lá e por enquanto acho que só falta a Rosa ver se está tudo certo com o

texto da defesa, espero depositar este mês e vai faltar só defender.

R: Tá certo. Então eu vou fazer agora as perguntas específicas que te falei. Logo no começo entrevista, você explicou que o seu plano quando você terminasse o ensino médio era trabalhar. Aí eu queria saber o que fez com que você mudasse esse plano?

M: Com certeza absoluta, eu devo ter relatado isso da outra vez porque foi o seguinte: foi um total acidente. Eu tinha na cabeça, não era uma dúvida, não era uma séria desconfiança, mas era uma certeza, eu não diria nem absoluta, mais que absoluta, que eu jamais, jamais iria estudar aqui. Eu tinha uma vaga possibilidade, na minha mentalidade na época, final de 2005, vaga, bem vaga quem sabe, daí a algum tempo... porque tinha aquela história de ProUni, Estava no começo ainda, uma universidade particular. Mas eu teria que trabalhar antes, até para bancar cursinho, aquela coisa toda. Eu fiz a FUVEST de 2005 para ver como é que era, foi sem pretensão, inclusive eu falei paro o meu avô: “ eu não tenho chance nenhuma, nenhuma”. Foi com meu avô que eu negocieei isso, olha, mas assim... eu nem sabia que tinha essa questão da isenção, se eu fosse atrás ainda, né, nem sabia. Eu nunca tinha... eu já tinha entrado no Museu [que fica dentro da universidade], eu nunca tinha pisado na USP antes, antes da inscrição em 2005. Então tá, [falou para o avô]: “fiquei sabendo lá que está tendo inscrição agora, parece que é cento e pouco, se o senhor tiver... se não, tudo bem. Já vou adiantando que não é sério. Eu queria ver como é que é para eu ter uma ideia para quando eu for fazer para valer, na USP ou em outro lugar”. Mas pensando muito mais em outro lugar porque a USP não era para mim, era muita areia para o meu caminhão, segundo a escola segundo minha mãe, principalmente, segundo todo mundo, menos o meu avô, porque ele entendia menos disso. Aí: “tudo bem”, juntou uns pingadinhos lá, e eu fui lá no centro fazer a inscrição, que o banco era lá, peguei o manual da Fuvest e foi o seguinte: eu não ia passar, eu não ia passar! Eu nem sabia os cursos que tinha naquela época, nenhum, eu não tinha noção de disciplina optativa, nada disso aí. Estava lá o manual, era um que tinha uma pegada assim na capa, uma pegada de um sapato no meio do barro, aí eu percebi que tinha os cursos de São Paulo, os cursos de Lorena, os cursos de Guarani, aí que eu fui me dando conta de como é que funcionava: você tinha que escolher um para se inscrever. E qual foi o meu critério para me inscrever? Esse curso é o primeiro da lista que na segunda fase, segunda fase essa que eu nem sabia que existia antes de ver o manual, que na segunda fase não tem Exatas. Qual era o curso em questão? Biblioteconomia. Se fosse... porque era ordem alfabética, se fosse Pedagogia o primeiro lá da lista que tivesse História, Geografia e Português na segunda fase, eu teria escolhido Pedagogia. E pela lógica, eu teria até passado, eu teria feito Pedagogia, olha o caminho que eu iria seguir. Se fosse Psicologia, aí eu não sei se eu teria nota para entrar, eu não vou lembrar qual foi a nota de corte de Psicologia, mas eu teria tentado Psicologia porque eu não iria passar mesmo.

R: Você pensava em prestar, mas era só para tentar. E você iria trabalhar, você continuava pensando em trabalhar.

M: Sim, trabalhar. Imagina, depois que eu fiz a primeira fase, eu esqueci da Fuvest. Eu fui entregar currículo, meu sonho era trabalhar em... está tudo falindo hoje... na VideoZ, a locadora, eu era louco para trabalhar na VideoZ, né, para ganhar salário mínimo e olhe lá, né. Mas era pelo gosto de trabalhar no meio daquele monte de filmes, aquela coisa de me cercar de cinema, né, E era o que... aquilo sim era areia para o meu caminhão, a USP não. Então eu fiz a primeira fase da FUVEST, que foi lá na Antônio Bandeira [universidade], eu fui a pé e voltei a pé. E simplesmente esqueci, nem estava acompanhando nada, aí veio a carta lá dizendo que eu estava convocado para segunda fase. Nossa! Para mim... eu fiquei muito

contente, mas a segunda fase era aberta, aí sim era mais certeza ainda que eu não iria passar. E mais uma vez fiz a segunda fase, no comecinho de 2006, mais uma vez esqueci novamente, eu só fui lembrar disso aí porque na época, a minha página inicial era o UOL [provedor de internet] e estava lá a notícia: “sai a lista de aprovados”. Ah! Aí eu lembrei que eu fiz, né, custou para abrir porque eu acho que estava sobrecarregado o sistema, custou para eu conseguir entrar. Aí entrei lá, lembrei do curso, tal, Biblioteconomia, estavam lá os 40 aprovados por ordem alfabética e estava o meu nome lá. “Acho que foi engano” [pensou]. E olha o que eu pensei, olha a cabeça pessimista: “vamos atrás da terceira fase, deve ter”. Aí eu estava lá na matrícula, parece que foi no dia 14 de fevereiro, aí eu vim para cá e na hora que me deram a carteirinha, eu fui conversar com o Enzo, que é o professor que estava distribuindo o cronograma na época e tal. E eu falei: “Tá, mas qual é a próxima prova que eu tenho que fazer?” E ele: “não, cara, você passou, já foi”. Então custou para eu acreditar. Foi isso, foi um total acaso eu ter entrado aqui, tanto é que, olha só: foi em 2006, nós estamos em 2016, eu estou para terminar o doutorado e até hoje, terminando o doutorado, eu custo a acreditar que eu entrei aqui.

R: Puxa. Ainda falando disso, você fala que apareceu a inscrição do vestibular da Fuvest, que você ficou sabendo em cima da hora, né, mas você se lembra exatamente como é que foi? Como foi essa descoberta, onde você viu, se foi na escola, se foi em outro lugar?

M: Se eu bem me recordo, faz tempo hein, se eu bem me recordo, a escola, alguém da escola chegou a citar muito vagamente... a própria escola, na época era o Felipe Silveira, depois eu estudei um pouquinho no Mário de Andrade, mas acho que ainda foi na época do Felipe Silveira, porque eu fiquei só três meses no Mário de Andrade.

R: Mas esse alguém que você diz... foi funcionário, professor, diretor?

M: Ah, nem vou lembrar, sei que foi lá, tá. Não vou nem lembrar quem foi agora, sei que foi lá. Mas o pensamento que tinha na escola na época era o seguinte: “a USP não é para vocês”, os professores diziam isso. Sem brincadeira nenhuma! Já não bastava eu ouvir isso em casa? Então assim, [professores diziam] “tem que... porque hoje a gente está num ambiente melhor para emprego e tal, você tem chance de pegar um emprego bom”. Até que estimulava um pouco para a gente tentar concurso de ensino médio, um pouquinho deste incentivo tinha, mas USP para a gente, os próprios professores falavam: “na USP, a gente sabe que vocês não tem chance”, já começava a frase assim. Aí vinha: “agora parece que vai ter prova...”, não sei o quê mais”. Mas já começava assim: “na USP não tem chance, mas... aí vinha o resto. Mas chegaram a comentar quando estavam abertas as inscrições. E tinha o ENEM, teve o ENEM né, estavam discutindo muito sobre o ENEM e aí falaram: “parece que a USP vai usar”, mas de relance, não vou lembrar se foi aluno ou se foi professor agora, mas foi lá. E aí eu cheguei lá... falei: “ah, vou ver como é que é”. Fui atrás do site, acho no site que eu cheguei a ver como é que fazia a inscrição, nunca tinha nem... conhecia o museu só aqui, nunca tinha nem pisado aqui, nem sabia que cursos que tinha, sabia que tinha Medicina porque aí não tem como, né, que era aquele Olimpo, aquela coisa, né, mas só. Daí vim fazer inscrição na capela, na época, custei para chegar aqui, lá perto da biblioteca né, e aí era lá, vi como é que fazia e tal e aí eu fiz a inscrição. E era assim uma coisa que... quase que eu esqueci de fazer a primeira fase, quase que eu... se não me mandassem a carta, eu nem vinha fazer a segunda, não botava um pinga de fé nisso aí. Eu já estava mais do que satisfeito em ter feito a primeira fase, ver como era um vestibular: “ah, é assim, assim, assim”. Minha pretensão era essa. E aí, trabalhar.

R: Aí você iria trabalhar e daí um tempo que prestaria de novo...

M: Trabalhar, quem sabe na VídeoZ. Quando eu trabalhei, eu tive uma experiência curtinha em casa de ração, acho que eu cheguei a comentar: que desastre! Carregar aqueles sacos de 50 quilos nas costas. Eu não sou um cara de atendimento ao público, não tem jeito. A não ser se fosse na VídeoZ, para falar de cinema, tudo bem, aí beleza. Não adianta, eu não tenho saco, sabe, aí fiquei um tempinho só lá. E eu estava tão mal, e não conseguia outro emprego de jeito nenhum. Aí veio essa notícia que eu passei no dia... Se eu bem me recordo, 8 de fevereiro de 2006, lembro que foi no comecinho de fevereiro e mudou tudo. Mudou todo o curso da minha vida, e olha que poderia ter sido um caminho diferente, não sei se para melhor ou para pior, se eu tivesse marcado Psicologia ou Pedagogia. Mas foi um tremendo de um, repito, acaso, aconteceu de ser o A lá no começo e o meu caminho foi por aí.

R: Entendi. Agora eu vou voltar um pouquinho, bastante, (risos) na sua história. Tem um momento em que você fala da sua professora de Matemática da sétima série que fez você pegar nojo...

M: Ai, pelo amor de Deus, a tal da Ana! Sim!

R: E por que você acha que isso aconteceu, o que ela fez para você pegar esse nojo?

M: A didática dela era muito ruim. E ela era uma pessoa... bom, depois você vai mudar os termos né, era uma pessoa muito escrota, muito escrota sabe, e com uma didática muito ruim. Eu gostava, eu adorava Matemática na quinta e na sexta série. Na quinta série, eu lembro que pela primeira vez, eu nunca tinha visto isso, eu já vi... você que estudou em escola pública sabe como é, o professor... o fulano, sei lá, deu com o caderno na cabeça do outro, o professor vai mandar um recadinho para a mãe assinar: “fulano deu com seu caderno na cabeça do coleguinha, assine aqui”. A única vez que eu vi, até hoje, um professor, e isso foi para mim, fazer um desses recadinhos de caderno para pai assinar, obrigando o pai assinar, elogioso. A minha professora da quinta série no caso, lá do Felipe Silveira, ela colocou: “olha teu filho é muito aplicado, ele faz a tarefa de casa aqui na classe mesmo, o resto fica de papinho e ele faz aqui”. E era em Matemática, eu adorava, olha que coisa: hoje eu tenho pavor de Matemática em grande parte por causa dessa professora da sétima série, tá. A sétima série em 2001, foi um ano em que mudou muita coisa para mim. Primeiro, foi o ano em que eu conheci a internet, coisa que até então eu nem sabia o que era, me abriu a mente para muita coisa. Segundo, foi isso aí: eu fui saindo da afinidade que eu tinha com Exatas para me aproximar, até porque era o que sobrou, para Humanas, para uma coisa mais de Humanas. E também porque foi o ano que eu comecei, ainda que de modo tácito, a ser uma pessoa um pouco mais politizada. Hoje eu adoro, bom você acompanha, lá, né [referindo-se a um grupo em uma rede social em que se compartilha e se discute assuntos ligados à política]. Hoje eu adoro política, que eu tento ser super antenado e tal. Foi naquela época que eu comecei a tomar consciência de que eu estava ali colhendo o que o governo estava fazendo. Eu recebia tal livro e... se no passado era uma coisa um pouco melhor, ou dois, três anos antes, era por que? Porque o governo mudou, era uma coisa que vinha de cima para baixo. Se a biblioteca estava fechando, estava sendo usada como sala de castigo era porque tinha um governo determinando e tal. Aí que eu comecei a ter consciência desse tipo de coisa. Então eu comecei muito voltado para o governo do estado porque a escola era do estado e comecei a ter um pouquinho de consciência política no viés de criticar o governo do estado, do PSDB, na época do Covas. Como eu detesto aquele cara! Enfim... e eu detesto ele cada ano que passa mais porque tratam ele como um santo. Me dá uma raiva! Até petista: “é a exceção ética no PSDB, o Alckmin é um...

[profere um xingamento], o Serra, mas o Covas não”. É a mesma coisa, farinha do mesmo saco. Então aquilo [política] começou a me fisgar um pouco, então em 2001 decidi muita coisa. Quanto a essa questão da professora, era Ana, que me fez pegar pavor. Eu ia tirar dúvidas com ela, não resolvia, ela era muito babaca sabe. Então assim, peguei nojo de Exatas, tal. E comecei a ter um pouco mais de afinidade com História, com Geografia, que foi crescendo, crescendo ao longo dos próximos anos.

R: Você falou desta professora que mandou o recado, é essa que você se refere na entrevista, que você disse que ela é “legalzinha”? Da sexta série?

M: Essa da quinta série era legal, a Eunice era legal. A da sexta série também era, mas a que mandou o recado foi da quinta. E até a oitava série foi a mesma da sexta, que não era tão boa quanto a da quinta mas era legal. E olha só, teve a da sétima no meio, então... eu até consegui não detestar tanto a Matemática na oitava, quando voltou a da sexta mas já não era a mesma coisa.

R: A da sexta que voltou na oitava também era de Matemática?

M: É o seguinte: tem a Eunice na quinta, que foi a do recado positivo. E a da sexta, que era uma de cabelo pintado de ruivo, não vou lembrar o nome dela agora, que era, vamos dizer, não era a Eunice mas era legal, eu consegui manter o gosto por Matemática. E teve a Ana na sétima, que foi uma tragédia ferroviária. E teve de novo a da sexta, na oitava, então resgatou um pouquinho, mas eu já tinha perdido... o bonde já tinha desandado. Mas dá para dizer que ela era legal essa da sexta e da oitava. Mas até quinta era “legalzona” (risos). Essa era bem legal.

R: Você falou também do seu professor de Geografia, que vários assuntos que ele passou te ajudaram no vestibular, mas você falou que ele não gostava de você. Por que você acha isso, que ele não gostava de você? Como era sua relação com ele?

M: Era o André, se eu bem me recordo. Era um cara bem alto de cabelos encaracolados e tal, aquela coisa meio bicho grilo sabe, aquele visual. Ele era assim, um professor, nossa, bem legal, bem acima do nível dos outros. E foi uma coisa interessante, né, porque eu vinha da sétima série com aquele desastre, como eu disse, ferroviário, de Matemática. E isso aí é que nem política, não tem lacuna: sai a Dilma vai ter que entrar o Temer, vai ter que entrar o Rodrigo Maia, vai ter que entrar alguém, não tem lacuna. A mesma coisa aí: alguma afinidade eu ia ter com alguma coisa porque eu gostava de estudar. Alguma coisa teria que canalizar a minha atenção. E na sétima série eu não gostava de nada, até comecei a ter um pouquinho de afinidade com Humanas, mas não gostava de nada, estava muito de mal com a escola. Na oitava, esse cara me fisgou, a didática dele era legal, os temas, né, que aí eu já estava mais politizado, né. E ele detestava o PSDB, já começava a afinidade (risos). Só que ele era PSTU, então a coisa era mais... um pouco diferente. Mas assim, acho que ele não gostava muito de mim porque eu... talvez porque eu fosse muito quieto, ele gostava mais de quem falava mais. Não é tanto... não é que ele me odiava ou me perseguiu, só que não... eu percebia que ele me subestimava, que ele não botava tanta fé, eu percebia isso aí, sabe. Então assim, mas eu gostava. Bom, ele pode achar o que ele quiser de mim, o importante é o que ele me ensinou. Eu achava muito legal o que ele falava de Geopolítica, da questão do G20, o porquê o Brasil não estava, eu achava aquilo... e ele vinha lá de trás [de tempos atrás, na História] para explicar, e eu achava legal. Então aí eu comecei a ter mais afinidade com Humanas, tá, tanto é que nos outros anos, já no ensino médio, eu não tive professor de Geografia à altura dele. E

não é que ele me perseguia e tal, essa Ana dá para dizer que perseguia, ein, nossa, que mulher chata. Mas o André não chegava a isso, ele só tinha assim... ele não... parece que ele me subestimava um pouco, ele achava ruim que eu não participava muito oralmente, então ele me colocava nota mais ou menos, mesmo que eu soubesse de cor as coisas que ele ensinava. É isso.

R: Entendi. Sobre a FUVEST de novo, você falava que era um assunto que até aparecia no ensino médio, mas como “aquela coisa”, mais distante, parece. Você pode falar um pouco mais sobre como era isso, sobre como era tratada essa questão do vestibular?

M: Um assunto que aparecia bem, esse dá para dizer que aparecia legal no ensino médio, já mais para o final: o ENEM. O ENEM era bem discutido. O ENEM... e ficaram de raivinha com a gente porque o Felipe Silveira, na época, tirou uma nota ruim no ENEM. E ficaram: “não, porque vocês foram muito mal”. E foi muito mal principalmente em Exatas. Mas olha: eu praticamente não tive Química, praticamente não tive. Tinha professor que não era da área, três anos do ensino médio, ein, três, poderia ter pelo menos um professor de Química em três anos, tinha professor que vinha como substituto, às vezes professor readaptado e tal, pegava lá o livro que o “picolé de chuchu” [referindo-se ao governador do estado] dava para ele: “olha, vou copiar aqui [simula escrita na lousa]” e [dizia] “vocês copiem, gente, eu vou dar visto depois, vou dar ponto positivo. Eu nem sabia o que era aquilo. De tanto copiar, eu lembro que o carbono, eu acho que era o carbono, faz quatro “tracinhos” [ligações com o hidrogênio], esse tipo de coisa aí, de tanto copiar. Mas quando eu fiz aqui a prova da FUVEST foi um desastre, eu não acertei uma, acho, de Matemática, acho que de Química um pouquinho mais, mas no chute, eu só descartava as mais absurdas, né: “ah, isso aqui não é. O carbono fez três “tracinhos”, não é, essa opção não é.” Eu ia pela... tirando as mais absurdas, né, três ligações não era. Mas a gente praticamente não teve, sabe, e aí a gente foi mal em Exatas no ENEM e vieram culpar os alunos.

R: E FUVEST então, não era muito falado.

M: FUVEST, como eu te disse, de vez em quando falavam, sabe, assim, era uma coisa que “quem sabe... se você estudar muito, fizer muito cursinho, trabalhar bastante para fazer cursinho, quem sabe daqui a dez anos vocês não passam na USP?” Mas era muito... porque era uma coisa assim, a gente já... “não é para vocês”, sabe? Eu te falei que eu ouvia esse tipo de formulação lá: “na USP vocês não vão passar, mas... mas você tem chance na Antônio Bandeira, vocês tem chance em concurso. Um aluno meu do ano passado passou em um concurso para a prefeitura.” Esse era o tipo de exemplo deles de sucesso, no Felipe Silveira. USP? Não.

R: Entendi. Você mencionou uma agressão de uma professora ocorrida quando você estava na segunda série. Você se lembra exatamente o que e como aconteceu? Se importa de falar mais sobre isso?

M: Foi com a professora da segunda série que aconteceu.

R: E você se importa de falar sobre...

M: De maneira nenhuma. Isso eu tenho em comum com a Dilma, apesar de todos os defeitos dela, eu não tenho medo de falar não. Covardia, não. O que aconteceu foi o seguinte: essa professora da segunda série, ela estava aparentemente, é o que fecha esta lacuna porque não é

possível, de rolo com algum outro professor lá do andar de baixo. E ela pegou um livro meu, que eu tinha comprado, que era um livro de dinossauro, eu adorava aquilo, como eu adorava. Na época, eu assisti “Jurassic Park” mais de sessenta vezes, sem nenhum exagero, mais de sessenta, tá, seis, zero. Enfim, ela pegou o livrinho, que eu tinha paixão por aquilo, e falou “ah, vou emprestar para um professor”, ele devia gostar do tema também. E sumiu com esse livro, o cara pegou e sumiu com isso aí. E eu fiquei pensando: “eu vou para casa sem isso, ela vai me sumir com esse livro”. Ela falou que o professor ia ler o livro e tal e “ah, depois eu te passo”. Aí foi chegando no final [do dia] e foi me desesperando. “Como é que fica?” [perguntou à professora] Ela ficou brava! Ela me pegou pela... pela gola aqui e “meteu” a minha cara na janela na frente da classe inteira: “é ali que fica a classe dele, então você vai lá pegar! Vai você!” Aí teve que a minha mãe... porque eu contei isso aí, foi muito... porque eu nunca tinha visto isso acontecer. Inclusive depois, eu nunca vi acontecer uma coisa dessa com uma criança. Porque chegou na fronteira do físico, né, ultrapassou... eu nunca ouvi professor mandando aluno... [menciona algumas agressões verbais], nunca ouvi esse tipo de coisa, o que dirá agredir fisicamente. Eu já vi o contrário: aluno fazer isso com professor, mas também nunca vi aluno bater em professor. Parece que hoje acontece, infelizmente, alguns casos. Mas eu nunca cheguei a ver. Só vi isso aí uma vez, ultrapassar essa barreira do físico, e foi comigo. Por causa de um negócio desse! Aí eu fui lá, peguei o livro, o cara foi super de boa e tal, mas eu fiquei com isso atravessado na garganta. E acho que ela percebeu que fez bobagem porque assim... depois ela deve ter percebido que eu estava com uma cara muito séria, então ela deve ter pensado: “isso aí vai vazar” Ela fez uma cara de: “putz, ferrou”. E vazou, né, eu contei para minha mãe. A minha mãe é uma pessoa muito [profere um xingamento], tá, mas eu fiz uma novela tão grande, mas eu não menti nada, não inventei uma vírgula, que ela foi lá no outro dia ver o que era. Aí teve todo um... não chegou a ter grande “treta” mas ela foi lá. E ela chegou a falar com a diretora. E daí a um tempo, essa mulher, parece que ela estava grávida, mas ela tinha alguns meses ainda até tirar licença. Deram a licença dela antes.

R: E ela chegou a se explicar com a sua mãe?

M: Muito pouquinho, sabe, ah, não estão nem aí, muito pouquinho, ficou por isso mesmo. Ela pegou uma licença adiantada porque ficou um clima muito estranho, ficaram sabendo, ela [diretora] deve ter chamado alguns alunos em particular: “é verdade que fulana bateu?”, sem ela [professora] perto, deve ter tido algum papo desse aí. E aí eu sei que o resto do ano foi outra professora. Mas teve esse episódio aí, já pensou?

R: Entendi. Tem um outro momento em que você fala que na sétima série, você teve uma desilusão muito forte com a escola pública...

M: Ah, 2001 foi 2001, foi uma ano em que mudou muita coisa, foi um ano em que eu me aproximei muito do cinema, mudou muita coisa para mim, nossa. E eu passei a me dar conta do seguinte: “eu estou colhendo aqui...” porque eu culpava a professora, eu não deixei de culpar totalmente, você acha que eu não vou culpar essa mulher que me agrediu, foi culpa dela, poxa. Também não vou deixar de culpar a Ana por fazer aquele lixo de aula e ficar achando ruim ainda que vai tirar dúvida. Mas eu comecei a me dar conta do seguinte: eu já tinha sete anos na escola e eu via que no começo era melhor, eu fui vendo cair o nível de algumas coisas e “espera, tem alguma coisa maior que está determinando o rumo que a coisa está indo”. Aí eu fui ligando os pontos e tal e cheguei no governo. Então mudou muito a minha visão da escola pública e eu passei a nutrir um sonho, um sonho totalmente infantil, hoje eu vejo que não tinha possibilidade nenhuma, de estudar no Cássia Freitas [escola particular] . Eu não consegui, eu consegui depois empurrar a minha irmã para lá, mas com

aquela história, eu devo ter te explicado [aceno positivamente com a cabeça]. Mas isso era porque a minha mãe tinha feito um pouquinho, alguns anos no Cássia Freitas, e eu tinha aquela coisa em mente, de que era uma coisa muito melhor, que se eu chegasse para tirar alguma dúvida, a professora iria querer, que iriam passar mais conteúdo, que professor não iria faltar. Na escola pública faltava demais. Então eu passei a ter esse tipo de coisa e passei a culpar, em vez de só o professor ou só o resto dos alunos, eu passei a culpar o governo. Então mudou um pouco a partir daí a minha visão política, a visão que eu tinha de escola pública. Foi isso.

R: Certo. E aproveitando isso, essa questão do Cássia Freitas, que você falou na primeira entrevista que queria muito estudar no Cássia Freitas. Isso era por causa da sua mãe? Da experiência da sua mãe lá?

M: A minha mãe tinha passado alguns anos lá. Ela ganhou alguma bolsa de alguma coisa, e ela parece que chegou a fazer alguns anos no Cássia Freitas, mais ou menos naquela idade que eu estava, acho que da sexta para a oitava série que ela chegou a fazer. E ela falava que foi a melhor escola que ela estudou, sempre falava do que tinha lá, falava da parte chata também, que para ela não era chato, né, para mim é medonho de chato, que é aquela ligação com religião, aquela coisa toda. E eu ficava pensando, né. E aí ficava: “eu tenho que ir para lá, o ensino médio eu tenho que fazer lá” Alguns colegas meus estavam indo para escola particular, alguns que eu gostava, inclusive. E aí eu fiquei com isso. Mas não deu certo. Depois que eu fui conseguir fazer uma pressão grande para encaixar minha irmã, depois que eu passei no vestibular, que ela [mãe] ficou de consciência pesada, aquela coisa, e aí quis me recompensar materialmente. Mas eu não sou da “laia” dela, não sou da “laia da grana”. Falei: “quer me recompensar? Então põe minha irmã no Cássia Freitas, que para ela ainda dá tempo de não passar o que eu passei.” Aí fiz uma pressão grande e ela colocou a minha irmã no Cássia Freitas, ela ficou alguns anos lá.

R: Certo. Eu vou ler um pedacinho da transcrição da entrevista para você relembrar e entender a minha pergunta. Você está falando sobre seu desejo de sua irmã estudar no Cássia Freitas. Você diz o seguinte: “... eu me via como aquele cara que assim, ia ser ‘o quase’, não vai dar certo. Mas putz, se eu tivesse um incentivo legal desde o começo, eu poderia ter ido...” A que você se referia? Pode falar um pouco mais sobre isso?

M: Isso. Primeiro, como eu te disse, eu passei na USP no acaso. Foi. Não estudei nada, não li um... o que eu tinha lido de livro obrigatório lá, era dos trabalhos que eu vendia. “ah, vou ler isso aqui para ganhar uma grana. Vou fazer o trabalho de grupo de fulano de tal e ganhar uns trocos para comprar DVD, sei lá, para ir no cinema, né”. E aí eu vendo que eu passei desse jeito, eu pensei: “putz, se eu tivesse, desde o começo, tido uma escola legal, eu já iria chegar... achar que o vestibular era uma coisa para mim, teria me planejado para isso, estudado certinho, escolhido de modo totalmente consciente: ‘quero esse curso aqui’”. Sabe? Então eu via que eu fui “o quase”, mas quem sabe ela? Eu já tinha um pouco dessa mentalidade no fim do ensino médio: “eu não vou conseguir, mas para ela dá tempo ainda”. Então eu seria o cara que quase iria dar certo e para ela ia dar certo de fato. Para ela ainda dava tempo.

R: Você acha que se você tivesse tido acesso...

M: Sim, poderia ter escolhido, poderia ter ido para qualquer outra área. Mesmo que eu tivesse ficado na Biblioteconomia mesmo, que foi um curso que eu acabei gostando bastante,

inclusive. Mas eu poderia ter feito uma escolha mais consciente: “vou fazer esse curso aqui pensando na pós “tal” ou então pensando em concurso em “tal” área. Eu já teria feito uma coisa mais planejada, mais consciente e não no acaso como eu estou te dizendo, né.

R: Certo. Quando você falou das amizades que você fez na universidade, você falou que eram amizades bem diferentes das que você tinha no ensino médio. Como era isso?

M: Ah, primeiro que as pessoas daqui, não todas, claro, tinha gente de esquerda aqui. Eu falava: “Ah, vi um filme...” sei lá: “Laranja Mecânica”, “Taxi Driver”, a pessoa sabia o que é que era! Lá no ensino médio, se eu falasse de filme de dois ou três anos atrás, a pessoa já não sabia o que é que era, só filme novinho. Aqui não. Eu dizia: “ah, eu gosto de [Martin] Scorsese [diretor de cinema]” e a pessoa: “ Ah, Scorsese!” A pessoa sabia! Então eu tinha assunto para conversar com essas pessoas. Falava mal do Covas, a pessoa concordava. Eu fazia isso no ensino médio, a pessoa nem entendia direito. Aqui, o pessoal entendia. Então tinha essa diferença. Agora, passado esse tempo todo, eu estou quase para encerrar aqui o Doutorado, eu posso dizer também que ao longo do tempo, foi me decepcionando muita coisa que eu vi aqui, inclusive na área de Humanas, tá. Eu fui percebendo que por baixo daquela roupagem mais esquerda e tal, tem muito “coxinha”, tem muito elitista na área de Humanas, muita gente que ostenta, muito “filhinho de papai”, muita gente que vota no PSDB, muita gente que até vota em alguma coisa mais de esquerda, mas tapando o nariz, no fundo sabe? Não tem mais ninguém vendo, acha que está entre eles, tal: “Ih, mas esse bolsa esmola...” e não sei o que, e começa a falar, sabe? Eu vejo hoje o ambiente acadêmico de um modo geral como um ambiente extremamente vaidoso, do aluno ao docente, vaidoso “pra caramba”, um monte de gente que se acha o “esclarecido” e que acha que tem que ser... por ser “esclarecido”, por ser esse farol da humanidade, naturalmente ele tem que ser recompensado. Adivinha como? Ganhando vinte “pau” por mês, que absurdo. Que absurdo! Lá na UFSCAR estão ganhando vinte e dois. Mas podia ganhar mais dois, nunca está bom, sabe? E eu pensando: “podia ganhar mais a faxineira, que terceirizaram, né?” Enfim... então é um ambiente vaidoso, muito elitista, inclusive na área de Humanas, já te dei alguns exemplos do que eu ouvi, um ambiente mais ignorante do que acha que é, muito menos erudito do que esse ambiente realmente acha que é . E uma coisa que me surpreendeu, especificamente na área de Humanas, na de Exatas, eu já esperava: é um ambiente muito vira-latas, muito vira-latas, sabe? Só que o “viralatismo” de Exatas e de Medicina é um “viralatismo” dos Estados Unidos ou do Japão, lá que está a Ciência. O “viralatismo” de Humanas é um “viralatismo” voltado para a França, é lá que está a erudição. Então é assim: não está na Argentina, não está na Colômbia, não está no México. E eu já li tanto pesquisador bom desses países. Mas não, está na França. “Ai, como eu queria ser francês” [acadêmicos pensam], sabe? “Ai, eu fui para um tal congresso em Paris [fala com a pronúncia do idioma francês], saí da senzala e fui visitar a casa grande”. Isso em Humanas, em gente de esquerda, tá? Então, tive muita decepção com o ambiente acadêmico nesse aspecto também.

R: Pelo seu relato, é possível perceber que você foi um bom aluno, né. Eu gostaria de saber o que você acha que te mobilizou para continuar estudando e tendo um bom desempenho nos estudos?

M: Primeiro porque algumas matérias, eu gostava, algumas coisas eu gostava, te dei alguns exemplos: Geografia na oitava série, Biologia no ensino médio, que era um professor “coxinha”, deve ter adorado o golpe de ontem [referindo-se à aprovação do impeachment da presidente do país], dava [revista] Veja na sala de aula, sabe? Mas era um cara que era muito bom, tinha uma didática muito boa, tenho que reconhecer isso aí. Então tinha algumas

matérias que me físgavam, mas por incrível que pareça, muito do que me ajudou a me manter estudando foi tal foi a máfia dos trabalhinhos. Sabe, nunca que eu iria querer voluntariamente ler “A hora da estrela”, mas tal grupo ia ler. O meu grupo ia ler o “Vidas Secas”, mas o deles ia ler “A hora da estrela, por exemplo, mas as vezes não queriam ler, queriam fazer outras coisas e aí: “quanto você quer para fazer o trabalho da gente?”. “Ah, tá, dá tanto aí”. Aí eu tinha que ler, tinha que ir atrás do negócio, então acabava lendo, acaba... e não era só em Português, era em outras disciplinas também, algumas vezes até em Exatas. Então acabava aprendendo alguma coisa na marra para poder fazer o que? Mais uma vez o cinema me salvando, né, para tirar uns trocos para comprar DVD, sei lá, do “Jurassic Park”, que eu te falei que eu vi sessenta vezes, ou do Tarantino, do Scorsese, sei lá. Tinha que juntar dinheiro para isso aí, tinha que ir no cinema, então eu juntava “grana” com isso aí. E acabava aprendendo alguma coisa, muito do que me salvou, por incrível que pareça, foi isso. Fora que, nas disciplinas, sempre de Humanas, né, ou Biologia, no ensino médio, que eu acabava gostando de fato.

R: Entendi. Teve alguns períodos em que você morou com o seu avô. Você lembra quais foram esses períodos?

M: Olha, o meu avô, eu fui e voltei... minha primeira casa foi lá, segundo minha mãe e meu pai me relatam, morei lá por dez anos, depois fui para o Pontal [bairro], depois eu voltei e fiquei uns dois anos morando com o meu avô, depois eu fui para o Victor Hugo [outro bairro]. Esse foi o período mais difícil, foi um período de muita privação econômica, privação nível... minha mãe chegar em casa e falar: “olha, é o seguinte: tem tanto de arroz e tanto, sei lá, de batata, feijão não tem para hoje, vocês preferem almoçar ou jantar? Os dois não tem. E isso aqui tem que durar três dias. Vocês podem almoçar hoje e jantar amanhã, sei lá, vocês escolhem aí. Mas se vocês comerem tudo isso aqui hoje, vão ficar sem comer nada depois.” Aquilo dava para um dia, aí tinha que ficar a conta-gotas com a comida. Cortava a luz direto, sabe, não tinha dinheiro para colocar uma porta no banheiro, não tinha dinheiro para comprar uma cama. Foi um período nos anos 90. Aí depois voltei para o meu avô, fiquei mais um tempo lá, sempre foi o... o ancoradouro, né. E depois fui lá para a rua Natal, num apartamento, depois de uma “treta” enorme lá, só eu, fui em 2007, já na graduação. Depois fui para o meu avô de novo. E saí de lá no meio da copa de 2014, para morar com a minha esposa. Aí depois não voltei mais. Mas converso com ele ainda, hoje eu conversei com ele.

R: Na primeira entrevista, você mencionou um conflito que teve, que fez com que você precisasse sair da casa dele...

M: Espera, o conflito com o meu avô ou o conflito que me levou a ir para a casa dele.

R: O conflito que fez com que você precisasse sair da casa dele.

M: Foi em 2014. É o seguinte: eu comecei a namorar com a minha esposa em 2012, em maio, 19 de maio de 2012. Pouco tempo depois... ela também era pobre, era bolsista do PROUNI, na época era o Macunaíma [faculdade particular]. Hoje ela está atuando na área dela, felizmente, lá em Lusitânia. Ela também brigava com a mãe dela e a mãe dela meio que agredia ela, então eu falei: “vem para cá”, enfrentei a mãe dela porque eu sabia o que eu passava com a minha, levei ela para lá, para a casa do meu avô. O meu avô aceitou bem no início, eu contribuía com dinheiro, a linguagem é aquela, né, infelizmente. Aí tudo bem. Por alguns anos, manteve bem. Mas ela ficava desconfortável de estar ali junto com ele, ele é um velho muito turrão, muito teimoso, embora seja uma pessoa muito honesta, bem diferente da

minha mãe. E ele também começou a ficar meio incomodado com os hábitos dela, esse tipo de coisa, é que nem você morar com a tua sogra, vai ter problema, infelizmente. Até que teve um dia lá que ele xingou ela porque ela foi lavar a louça, sei lá. E eu estava no banheiro e eu ouvi, e aí ela começou a chorar, e eu fui lá tirar satisfação com ele porque quem está certo, está certo. Só que eu me excedi, não teve nenhuma agressão, nada disso aí, só que eu gritei “pra caramba”. Aí deu esse problema, foi na época da copa e já estava decidido, eu falei: “vamos fazer o seguinte: nós vamos mudar. Eu já estou com bolsa do doutorado, eu consigo bancar isso aí. Vai para a casa da sua mãe um tempo, só um tempinho, e eu vou atrás de casa para alugar.” Aí eu aluguei uma casa no Tarsila do Amaral [bairro], hoje eu não estou mais lá, e fui morar com ela. Só isso. Não teve nada a ver com o doutorado, não teve nada a ver com a minha mãe. Aí fui embora para morar com ela, depois ela passou num concurso e fomos embora para outra cidade. Hoje, o meu avô gosta dela, eles quase não se vêem mais, mas ele fala bem dela, ela também entende o lado dele, não ficou nenhuma mágoa maior, esse tipo de coisa não. Mas não tem nada a ver com o doutorado, não tem nada a ver com a minha mãe e... a priori, eu fico sempre meio com o pé atrás com isso aí, não tem nada a ver com grana. É isso, é isso aí.

R: E tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

M: Bom, acho que não.

R: Caso você se lembre de algo depois, é só entrar em contato.

M: Eu espero ter te ajudado. E... se dá para dizer mais uma coisa rapidinho, bem ligeiro, tá, por conta do golpe de ontem, que se concretizou ontem, eu estou muito preocupado com o que vai virar, tanto com a questão do ensino médio e fundamental quanto com o futuro da universidade pública, se é que ela vai continuar pública, se ela vai ser mais elitizada ainda do que ela já é. Então eu estou muito preocupado, muito apreensivo com relação a isso. O que dá para te dizer por enquanto é isso

R: Muito obrigada, então!

M: Imagina, espero ter te ajudado.

4.5 Larissa: “É tão bom saber! É tão bom aprender!”

Larissa, 32 anos, é estudante de um programa de Mestrado pertencente à grande área de Ciências da Saúde, em uma universidade pública no interior de São Paulo. Sua mãe, atualmente aposentada, anteriormente trabalhava como empregada doméstica, faxineira e também em casa, como costureira. Seu pai, falecido há nove anos, trabalhava em uma extinta indústria de tecidos da cidade, vindo posteriormente a trabalhar como pedreiro. Larissa afirma que nenhum de seus avós concluiu nem o ensino fundamental e acredita que tenham cursado até a quarta série, sendo que todos trabalhavam “na roça”. Ela possui uma irmã de 24 anos que concluiu o ensino médio e posteriormente realizou um curso técnico em enfermagem, profissão em que trabalha atualmente.

Durante praticamente toda sua trajetória escolar, Larissa estudou em escolas públicas, tendo cursado apenas a pré-escola em uma escola particular, dada a proximidade que esta ficava de sua casa, os seis primeiros anos do ensino fundamental em uma escola estadual de seu bairro e o restante, até o fim do ensino médio, em uma escola municipal da região central da cidade. Larissa se recorda da dificuldade da família para arcar com as despesas mensais e, no esforço para que ela pudesse realizar a pré-escola, que era paga, seu pai chegava a deixar de pagar algumas contas, como a da mercearia, por exemplo.

A estudante nos conta que desde a pré-escola, já gostava muito de realizar as atividades propostas:

Sempre amei, assim, ir para a escola, sempre foi uma coisa que... é... eu chegava, a lição do prezinho, eu lembro até hoje eu fazendo as serrinhas...sabe? A chuvinha... eu queria chegar e já fazer, assim, sempre gostei muito, nunca me lembro de ter chorado para ir na escola... minha irmã já deu um trabalhinho nessa fase já, mas eu sempre gostei. Eu lembro disso, que eu chegava e já queria fazer a lição porque... eu queria fazer mesmo, eu gostava de fazer.

Ela segue contando sua história e destacando o carinho especial que tinha pelas professoras, mencionando sua professora de Português, que a marcou especialmente por tê-la apoiado em um momento difícil. Larissa explica que se sentia culpada por ter deixado sua irmã mais nova cair no chão, episódio que a deixou muito sensibilizada, fazendo com que se apegasse muito a essa professora, havendo dias em que ela queria ficar na escola até mais tarde, junto a essa professora, que a acolhia, tentando tranquilizá-la: “... eu nunca mais esqueci essa professora, essa fase da escola me marcou bastante porque eu acho que eu me apeguei nessa professora”. Além disso, era também uma boa professora: “Ela era uma graça.

Na época dava tudo [todas as disciplinas], era a mesma professora que dava tudo. E ela era da terceira série, chamava tia Ana. Eu lembro muito dessa fase”. A estudante fala sobre o quanto gostava de estudar e afirma que sempre foi uma ótima aluna, inclusive auxiliando seus colegas de classe que demonstravam dificuldades: “... me apaixonava, assim, pelas professoras, sempre fui uma das melhores alunas, assim, porque você vê aquela coisa da professora falar, né, e sempre gostei muito de estudar [...] E sempre assim: chegava e já queria fazer a lição. A minha mãe: ‘Deixa para mais tarde, vamos almoçar’. E eu: ‘Não’, já queria fazer a lição”

Sobre essa mesma época, do ensino fundamental, Larissa relata um episódio que evidencia o seu apreço pelas atividades escolares: sua professora havia pedido um trabalho em grupo, em que deveria ser feita uma colagem de imagens de animais marinhos. Com dificuldade em encontrar as figuras, ela e sua amiga juntaram alguns trocados, pegaram um ônibus e se dirigiram à biblioteca. Lá, encontraram uma revista sobre ecologia com belas imagens e Larissa decidiu que, para que o trabalho ficasse bem feito, deveria fazer cópias coloridas que, à época, custavam caro. Assim, usou todo a “mesadinha”, no caso dez reais, que o pai lhe dava mensalmente, para tirar as cópias. “Mas sei lá, ficou lindo o trabalho, aquelas anêmonas, aquelas coisas todas coloridas. Então eu acho que eu sempre fui empolgada sabe, com as tarefas, com as coisas”.

A estudante nos conta que, cientes da baixa qualidade da escola do bairro, a família conseguiu transferi-la para uma nova escola na sétima série, localizada no centro da cidade, onde ela afirma ter encontrado dificuldades para acompanhar o conteúdo, que realmente estava além do que havia aprendido na escola anterior. A maior evidência dessa diferença foi o fato de que na escola em que estudava anteriormente, Larissa nunca havia tido aulas de Inglês, embora de acordo com a legislação, essa disciplina devesse ser oferecida desde a quinta série. Ou seja, Larissa tinha dois anos de atraso em relação aos conteúdos dessa disciplina e, portanto, teve muita dificuldade em acompanhar, ficando desesperada com sua primeira nota abaixo da média exigida. Não obstante o desespero, foi em busca de comprar livros didáticos usados na intenção de estudar em casa sozinha para que conseguisse recuperar sua nota, o que conseguiu rapidamente. Entretanto, ela afirma que até hoje tem um tipo de “trauma” com o inglês. Ela nos conta ainda que gostava de todas as disciplinas, mas especialmente de Química e de Biologia, cujos conteúdos dominava com certa facilidade, a ponto de oferecer auxílio aos seus colegas que tinham dificuldade nestas áreas.

Embora não tenha precisado trabalhar fora de casa, na época em que cursava o ensino médio, Larissa precisou assumir a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelos cuidados

com a irmã mais nova quando o pai adoeceu e sua mãe passou a trabalhar fora. Entretanto, a estudante afirma não ter sido “um peso” na sua rotina e explica que fazia normalmente suas atividades escolares. Todavia, ao terminar o ensino médio, Larissa sabia que teria de trabalhar, pois segundo ela, essa era a “cultura” de sua família, na qual, ela se recorda, não se falava sobre curso superior. Desta forma, visando a inserir-se no mercado de trabalho, a estudante planejava fazer um curso técnico, mas sabia que, para pagar o curso, teria que conseguir um emprego. Nessa época, recebeu na escola um folheto de propaganda de curso técnico em farmácia e decidiu que faria este curso. Ela nos conta que, devido à religião da qual fazia parte, sofreu forte pressão da mãe, que também praticava a mesma religião, e dos líderes da organização religiosa para que não desse continuidade aos estudos após a conclusão do ensino médio, sendo esta uma prática comum entre os membros para que pudessem dedicar mais tempo à pregação dos seus princípios. Entretanto, ao invés de ceder a esses apelos, Larissa afastou-se da organização e prosseguiu seus estudos.

Conseguiu emprego em uma escola de informática e matriculou-se no curso, passando então a trabalhar durante o dia e frequentar o curso técnico de farmácia no período noturno. Na escola em que fazia o curso técnico, conheceu e se apaixonou pelo seu professor, que, coincidentemente, foi novamente seu professor algum tempo depois, durante a graduação e que, após a sua formatura, veio a tornar-se seu marido. Já no segundo mês do curso técnico de farmácia, surgiu a oportunidade de estagiar na sua área de formação e, apesar de saber que a bolsa que receberia pelo estágio seria menor do que o salário que recebia na escola de informática, Larissa, contra a vontade dos pais, deixou o emprego e, após passar por um processo seletivo, assumiu o estágio em uma farmácia, julgando ser essa uma boa chance para inserir-se no mercado de trabalho em sua área. A entrevistada nos conta que sua rotina era bastante cansativa, pois trabalhava o dia todo e ia diretamente para o curso, precisando pegar dois ônibus no final das aulas para chegar a sua casa à meia noite e acordando cedo novamente no dia seguinte.

Antes mesmo de concluir o curso técnico, Larissa passou de estagiária a contratada na mesma farmácia onde realizava seu estágio e passou, então, a desejar fazer a graduação na mesma área, objetivo para o qual recebia o incentivo de sua empregadora. A estudante afirma que, como não tinha condições financeiras de pagar a mensalidade de uma faculdade privada, ponderou que deveria fazer um cursinho na tentativa de ingressar em uma universidade pública. Assim, ela trabalhava o dia todo e ia à noite para o cursinho. Após um ano de estudo, ela prestou o vestibular para duas universidades, mas não foi aprovada, apesar de terem faltado poucos pontos para isso. Ao ponderar sobre este fato, Larissa lamenta e

afirma que se pudesse ter se dedicado somente aos estudos durante a realização do cursinho, provavelmente teria um resultado melhor no vestibular e ingressado em uma universidade pública. Entretanto, seu desejo de cursar o ensino superior mantinha-se aceso.

Em seguida, soube que havia uma vaga de emprego na farmácia-escola de uma universidade privada da cidade, onde, segundo ela, eram oferecidas bolsas de estudo para os funcionários. Vendo ali a chance para finalmente cursar o ensino superior, a estudante fez processo seletivo e foi aprovada, dando início ao seu trabalho naquela universidade.

Larissa relata que gostava muito do emprego, pois lá tinha contato com os estudantes da graduação em Farmácia daquela universidade. Após dois anos, ela conseguiu a bolsa de estudos e iniciou o curso. Entretanto, ao invés de Farmácia, ela começou a cursar Biomedicina, pois à noite ainda não era oferecido aquele curso. Sua intenção era não protelar ainda mais o tão desejado ingresso na universidade: “[pensou] ‘Eu vou começar a Biomedicina porque eu já vou estudando’, olha a cabeça, ‘as disciplinas são mais ou menos as mesmas, eu não fico parada e eu adianto algumas disciplinas’”. “E aí comecei Biomedicina, fiz um ano de Biomedicina.” Após esse período, pediu transferência para o curso de Farmácia, que havia passado a ser oferecido no período noturno.

Também na graduação, seu desempenho era muito bom e ela afirma nunca ter tido dificuldades, sobretudo no primeiro ano, em disciplinas como Química e Biologia, facilidade que ela atribui à base forte que adquiriu durante o cursinho. A estudante explica também que sempre estudou bastante e que, em época de prova, ela chegava da faculdade à noite e ainda estudava, todos os dias, um pouco por noite. Essa capacidade de estudo ela utilizava a seu favor, dando aulas para seus colegas de turma e logrando com isso, arrecadar algum dinheiro, que a auxiliava naquela que foi a sua maior dificuldade durante a graduação: a financeira. A iniciativa partia dos próprios colegas de graduação, que conheciam a facilidade de Larissa nas disciplinas e solicitavam que ela os auxiliasse:

Na verdade, assim, o pessoal se oferecia: “Ai, Larissa vamos? A gente te paga. Você não dá aula para a gente?” E começou assim, na verdade. E aí, por exemplo, tinha uma professora de Química que ninguém entendia o que ela falava e aí eu conseguia explicar de um jeito que eles entendiam, eles pediam aula daquela... era Química Analítica [nome da disciplina], a I e a II, e aí a gente fazia assim, aos sábados eu dava essas aulas. Eu me achava, né (risos). Porque aí eu conseguia um dinheirinho e ficava toda feliz, era o que me salvava.

No terceiro ano da faculdade, a estudante recebeu um convite para trabalhar com uma amiga que estava abrindo sua própria farmácia. Larissa relata que decidiu aceitar a proposta tendo em vista que o salário que receberia seria maior do que o que recebia na universidade,

e ainda seria acrescido a esse salário o valor da mensalidade do curso de farmácia. Desta forma, perder a bolsa de estudos por deixar de trabalhar na universidade não seria um problema. Ao sair do emprego na universidade, sua bolsa foi cancelada e a estudante passou a pagar normalmente a mensalidade do curso e a trabalhar na farmácia. Segundo ela, esta decisão acabou se revelando, posteriormente, como a melhor opção que poderia ter feito, tendo em vista que a farmácia da universidade foi fechada e, se ele tivesse continuado lá, teria perdido o emprego e a bolsa.

Após um ano trabalhando na farmácia da amiga, apesar de muito satisfeita e realizada, a estudante teve a oportunidade de prestar um concurso público e não desperdiçou a chance: foi aprovada e começou a trabalhar como técnica de farmácia em um hospital público da cidade. No início, ela conciliou os dois empregos e a faculdade, mas começou a ficar difícil manter as três atividades e ela decidiu, então, deixar a farmácia onde trabalhava e assumir o cargo tendo em vista a menor carga horária e a estabilidade proporcionada por um emprego público. Sendo assim, Larissa seguiu trabalhando como técnica de farmácia em um hospital e fazendo a graduação no período noturno.

Dois anos após ter se formado, surgiu um novo concurso, desta vez para farmacêutico no mesmo hospital em que trabalhava. Larissa foi aprovada novamente neste concurso e iniciou seu trabalho como farmacêutica no hospital. Em seguida, começou a trabalhar também como farmacêutica responsável em uma indústria de uma cidade da região, passando a acumular, portanto, dois empregos. Nesta época, Larissa ficou grávida e decidiu deixar o trabalho na indústria, ficando somente no hospital.

A entrevistada afirma que seu desejo de fazer pós-graduação surgiu após ter ingressado na universidade:

Sempre quis fazer pós-graduação porque depois que eu fui para a faculdade... me apaixonei... sabia? Na faculdade, eu dava aula particular, sabe? Para os alunos que tinham dificuldade em Química, e sempre... vi que eu queria dar aula [...] Eu sempre tive assim, não sei se também por ver o Thiago, meu marido, dando aula e eu sempre admirei isso e eu sempre achei que eu tinha o dom para dar aula”.

O desejo de dar aula antecede até mesmo o ingresso na graduação, remontando ao final do ensino fundamental e também ao ensino médio, quando seu intento era cursar Biologia e se tornar professora desta disciplina: “Eu cheguei a prestar Biologia na Unesp, mas eu não passei. Mas era para dar aula, eu queria dar aula de Biologia. Depois, quando eu fui para a farmácia e foi acontecendo tudo isso. Mas, eu sempre, eu sempre quis dar aula”. Porém, com uma criança pequena e trabalhando fora, seu desejo de cursar a pós-graduação

precisaria esperar um pouco mais. Quando seu filho já estava com um ano e meio, ela começou a trabalhar no centro de terapia intensiva para crianças do hospital, onde trabalhavam médicos que também eram docentes da USP, à qual o hospital é ligado. Na ocasião, ela pensou: “Bom, agora ou eu faço ou eu desisto”.

Começou, então, a dialogar com uma docente sobre seu desejo de cursar a pós-graduação e sobre a possibilidade de ser orientada por ela. A professora achou interessante a ideia de Larissa, que estava relacionada ao trabalho que desenvolvia no hospital, e solicitou que fizesse um projeto. Surpresa, a estudante acreditava que teria a orientação da docente na escrita do projeto, o que não ocorreu. Mas, mesmo assim, Larissa escreveu o projeto sozinha e apresentou-o à professora, que, satisfeita, orientou apenas algumas pequenas mudanças antes de submetê-lo ao processo seletivo do programa de Mestrado.

O próximo passo então seria o exame de proficiência em Inglês, grande temor da estudante devido ao já mencionado “trauma” em relação a esse idioma. Mesmo já tendo feito um curso preparatório e possuindo o certificado, já que ela prestara o exame logo ao sair da graduação com a intenção de já ingressar no mestrado, decidiu fazê-lo novamente, uma vez que sua nota não havia sido satisfatória na sua opinião: 7. Para ela, alcançar uma nota maior seria importante, pois já pensava em fazer Doutorado e sabia que, se obtivesse uma nota mais alta, poderia aproveitá-la futuramente no processo seletivo, sem precisar se submeter ao exame de proficiência novamente, uma regra do programa. Além disso, tendo em vista que a prova de conhecimentos específicos, já no processo seletivo para o Mestrado, seria em inglês, o curso preparatório também seria útil neste sentido.

Aprovada no exame de proficiência em inglês e com o projeto pronto, Larissa fez também a prova escrita e foi aprovada em todas as fases do processo seletivo. O ingresso no Mestrado foi para ela a realização de um sonho, um desejo que tinha desde que concluiu a graduação, mas que, por contingências da vida, ainda não havia podido realizar: “Mas aí deu tudo certo, nem acreditei quando eu passei na prova, foi muito boa essa sensação porque era isso que eu queria”.

Devido ao fato de ter um filho pequeno e seu emprego no hospital, foi bastante difícil para Larissa conciliar seus estudos do Mestrado com todas as suas outras atividades, chegando a ficar doze horas fora de casa, deixando seu filho na escola e também com a avó: “Comecei a morar na USP!”. Porém, ela tem conseguido se organizar para seguir neste caminho da vida acadêmica, tão cara a ela. Indagada sobre seu sentimento em relação ao Mestrado, apesar das dificuldades, ela enfatiza:

Não, eu adorei! Nossa! Eu já tinha ideia de um monte de projeto, tanto que agora é... eu oriento os aprimorandos e os residentes da Farmácia porque todo ano tem aprimorando e residente. E eles, os que têm interesse, estão comigo lá na farmácia do CTI Pediátrico [local onde trabalha] e eu oriento o TCC [Trabalho de Conclusão de Curso]. Então, eu já estou orientando TCC. Teve um TCC que eu orientei e agora a gente levou o trabalho para o congresso brasileiro que foi em Salvador em junho e a gente ganhou como o melhor trabalho apresentado no congresso.

Ao que parece, Larissa está começando sua carreira acadêmica antes mesmo de concluir o Mestrado. E de forma muito bem sucedida, compartilhando seu conhecimento com outros estudantes e ensinando-os o quanto “é bom saber”, o quanto “é bom aprender”.

4.6 Entrevistas na íntegra.

1ª Entrevista

L: Bom, a primeira experiência que eu tive acho que foi no prezinho, né, naquela época minha mãe não trabalhava, meu pai trabalhava, a gente sempre teve muita dificuldade financeira, mas tinha o prezinho particular que era do lado, na rua de trás da minha casa e eu fui para o prezinho. Sempre amei ir para a escola, sempre foi uma coisa que... é... eu chegava, a lição do prezinho eu lembro até hoje eu fazendo as serrinhas, sabe? A chuvinha... eu queria chegar e já fazer. Sempre gostei muito, nunca me lembro de ter chorado para ir na escola... minha irmã já deu um trabalhinho nessa fase, mas eu sempre gostei. Aí quando eu fui para a primeira série, né, do ensino fundamental, eu fui na escola do bairro mesmo, uma escola estadual e sempre me apaixonava pelas professoras, sempre fui uma das melhores alunas porque você vê aquela coisa da professora falar... assim, né [expressão de encantamento], e sempre gostei muito de estudar. Só que a gente sempre teve um conceito de que aquela escola era fraca porque era mesmo... né... uma escola ali do bairro... Eu tinha uma tia que os filhos dela estudavam no Antônio Nóvoa [escola municipal da cidade onde se localiza o campus] que já era uma escola municipal que se tinha a impressão de que era uma escola... um ensino mais forte. E essa minha tia conseguiu a minha transferência para o Antônio Nóvoa quando eu estava da sexta para a sétima série, então eu entrei no Antônio Nóvoa na sétima série. Isso foi uma mudança muito grande porque realmente lá na escola estadual eu não tinha Inglês até a sexta série, quando eu entrei no Antônio Nóvoa eles já tinham desde a quinta e o que eu sempre tive de nota tudo lá, as melhores notas na escola estadual, quando eu cheguei no Antônio Nóvoa, eu vi que eu não consegui, assim, pelo menos em Inglês eu tive uma dificuldade muito grande, eu nunca tinha feito curso extracurricular de línguas, nada, e aí foi o meu primeiro D [nota], foi a minha primeira nota vermelha na sétima série, no Antônio Nóvoa, em Inglês. E eu fiquei desesperada! Aí eu peguei os livros, eu comprei os livros usados das outras turmas e estudava sozinha em casa e consegui acompanhar, mas eu sempre tive dificuldade mesmo em Inglês. E consegui acompanhar. Eu sempre gostei de Biologia, sempre fui apaixonada pela professora de Biologia, pelas matérias... Quando eu entrei no colegial, né, que se falava, que foi o primeiro, o segundo e o terceiro, fiquei... continuei no Antônio Nóvoa e a gente estudava em casa [ela e os colegas da escola], a gente fazia grupinho em casa para estudar, sabe? Eu sempre ensinava as pessoas. Os outros alunos, eles iam na minha casa para poder aprender Química, Biologia e sempre foi muito bom, eu sempre gostei de ensinar. Aí terminando... só que eu percebi que... nunca meu pai, minha falou: “Ah, o que você vai fazer?”, sabe? Não tinha essa cultura, então nunca ninguém falou assim: “Ah, você pensa em fazer uma faculdade?”. Não, não se conversava sobre isso. Aí eu estava terminando o terceiro colegial no Antônio Nóvoa e eu queria fazer um curso Técnico porque eu sabia que eu teria que trabalhar já, então a cultura era essa: terminar e ir para o mercado de trabalho. E aí entregaram um panfletinho sobre curso Técnico em Farmácia, eu achei legal, conversei com a minha mãe, eu falei: “Bom, eu vou procurar emprego e se eu conseguir eu vou pagar o curso Técnico” e foi isso que aconteceu, eu consegui o emprego numa escola de informática saindo já do terceiro colegial e comecei a fazer curso Técnico em Farmácia à noite, então eu trabalhava durante o dia. Esqueci uma parte! Quando eu estava no... não, isso foi depois... não, está certo. Eu trabalhava durante o dia e fazia o curso Técnico de farmácia. Aí já no segundo mês que eu estava no curso Técnico de farmácia, teve a oportunidade de um estágio por aquele CIEE [Centro de Integração Empresa Escola] e eu fui na entrevista e uma dona de farmácia [estabelecimento comercial] fez uma dinâmica e me escolheu para fazer estágio, só que era assim, na época eu ganhava setecentos reais na Bill Gates que era a escola de informática, o estágio era tipo, duzentos! Era uma bolsa auxílio, mas mesmo assim, eu fiquei com muita

vontade de ir e fui até contra os meus pais porque eles acharam um absurdo, né, eu parar de ganhar os setecentos, mas é que eu queria alguma coisa já na área, falei: “Não. Eu vou!”, então eu fui. Trabalhava o dia todo, saía de lá e ia para o curso técnico, chegava em casa meia noite porque eu sempre morei na periferia, lá no Maria do Nascimento [bairro da cidade onde se localiza o campus], pegava dois ônibus. Terminando o curso técnico eu já sabia que eu queria a faculdade e nesse meio eu fui contratada mesmo como auxiliar de farmácia, como Técnico de Farmácia nessa farmácia, que eu comecei como estagiária e aí eu sabia que eu queria a faculdade e a minha patroa, a dona da farmácia na época, ela me incentivava muito: “Não, você tem que fazer, vamos fazer”, aí eu pensei: “Como eu não tenho condições de pagar uma faculdade, eu vou fazer cursinho”. Então eu terminei o curso técnico que foram dois anos, aí eu comecei um cursinho no Dom Casmurro [escola particular da cidade onde se localiza o campus]. Trabalhava na farmácia e fazia cursinho. Fiz o cursinho um ano e não passei. Eu prestei a USP e a Unesp. Na Unesp foi por pouco, mas eu não passei. Nisso, teve uma vaga de emprego na Professor Renato Álvarez [faculdade particular da cidade] e eu sabia que quem trabalhava na Professor Renato Álvarez, tinha uma bolsa para fazer a faculdade, aí eu: “Não, eu vou... tentar” e consegui. Me contrataram lá na CE [estabelecimento pertencente à faculdade] da Professor Renato Álvarez e lá na farmácia escola era muito legal porque os alunos que faziam Farmácia, faziam estágio lá, então eu tinha esse contato com os alunos o tempo todo. E aí no segundo ano que eu estava trabalhando lá, eu comecei a faculdade, consegui uma bolsa e comecei a faculdade e fiz a faculdade com metade desse... do tempo da faculdade foi com essa bolsa. Quando eu estava no terceiro ano de faculdade, uma amiga, uma... pessoa que estava abrindo uma farmácia me convidou para trabalhar nessa farmácia e se dispôs a pagar o dobro do que eu ganhava na farmácia escola para poder... para eu conseguir pagar a faculdade. Ela cobriu a minha bolsa, além do meu salário para poder... para eu poder... começar a montar a farmácia com ela e eu fui. E... só que aí eu trabalhei um ano lá e prestei o concurso para o HC [hospital da cidade onde se localiza o campus] de técnico de farmácia e passei. E aí como era uma coisa pública, mais estável, que era uma carga horária menor, eu fui para o hospital de Técnico de farmácia e depois eu passei no... no outro concurso que teve aqui, que eram trinta horas. Esse primeiro era quarenta horas e esse segundo era trinta horas.

R: Também como Técnico?

L: Como Técnico.

R: Sua bolsa não era integral?

L: Na época que eu estudava na... que eu trabalhava na Professor Renato Álvarez era integral, aí quando eu saí, eu perdi, aí eu pagava. Quando eu estava no último ano que eu mudei por causa do concurso, eu consegui o FIES [Fundo de Financiamento Estudantil]. Então eu fiz dois anos, os dois últimos anos eu tive o FIES da faculdade, aí eu passei aqui [hospital] como técnico... acabei a faculdade, eu estava aqui e... depois eu passei no concurso, no segundo ano eu passei no concurso para farmacêutico aqui. Aí no segundo ano que eu estava formada eu passei no concurso de farmacêutico e comecei a trabalhar de farmacêutico aqui e como farmacêutico numa indústria em Luísa [cidade do interior paulista]. Sempre quis fazer pós-graduação porque depois que eu fui para a faculdade... me apaixonei... sabia... Na faculdade eu dava aula particular, sabe, para os alunos que tinham dificuldade em E [disciplina do curso] e sempre... vi que eu queria dar aula, mas acabei assim, você entra no mercado de trabalho, você começa a ganhar melhor, então eu era responsável por uma indústria farmacêutica em Luísa nos dois seguintes anos que eu me formei e trabalhava aqui, então não tinha condições de fazer pós-graduação. Aí eu engravidei, deixei o emprego lá de Luísa e fiquei só aqui como farmacêutico, mas sempre sabendo que eu queria fazer a pós-

graduação. Aí agora, depois que o meu filho já estava com um aninho e meio e comecei a trabalhar no CTI aqui do hospital. E conheci os docentes... e vi que eu tinha oportunidade de... fazer a pós-graduação pela Faculdade de Medicina e aí eu conversei com a orientadora, ela falou que estava disposta a me orientar, a gente fez o projeto e eu consegui passar na prova. Agora em... janeiro desse ano, na verdade foi dezembro, comecei agora em janeiro. É isso (risos).

R: Legal. Você é nascida aqui mesmo?

L: Sou nascida aqui.

R: E qual a escola que você falou que...

L: Eu estudei na Araci Mendonça, que era a do bairro que eu morava, do ensino... até a sexta série.

R: E depois você passou até o fim no Antônio Nóvoa?

L: No Antônio Nóvoa que foi municipal até o terceiro colegial.

R: Você comentou que sempre gostou dos professores e tal, que se davam bem e nessa coisa de gostar dos professores tem algum especial que você se lembra?

L: Tem, eu me lembro muito da professora de Biologia, da época do Antônio Nóvoa, que ela sempre falava que eu tinha que estudar... sabe? Que eu tinha jeito para a coisa e... na faculdade, o meu marido era meu professor e a gente acabou assim... ficando juntos, né... na verdade ele me deu aula no curso técnico e a gente se apaixonou e tudo... começamos a namorar, nos casamos quando eu me formei e ele foi meu professor também, acho que me inspirou também no meio do caminho, acho que... (risos), me deu a força que eu precisava (risos).

R: Esse... você comentou do momento de mudança da escola para o Antônio Nóvoa que foi um pouco... um pouco traumático, assim. Mas você, depois você disse que comprou os livros, tal, depois você conseguiu acompanhar?

L: Sim... sim. Depois eu consegui acompanhar no final... não fiquei de recuperação, nada, não...

R: Nunca teve recuperação?

L: Não... não.

R: E na graduação também, você...

L: Na graduação também não, graças a Deus eu sempre tive boas notas, nunca peguei exame... dp [dependência]... nunca. E sempre trabalhando, né, eu sempre trabalhei, mesmo na graduação, isso acho que me atrapalhou. Se eu tivesse tido oportunidade de fazer o cursinho só estudando, eu tenho certeza que... talvez eu teria conseguido fazer a graduação numa escola pública. Mas assim, eu acho que pelo incentivo que eu não tive... por todo o contexto familiar, social, eu acho que eu consegui muito porque hoje olhando, você vê que os pais hoje

em dia eles incentivam a criança a estudar e na minha época não... comigo não foi assim.

R: Você falou isso, que seus pais não incentivavam muito, que não tinha essa conversa sobre fazer faculdade. E na escola, como era? No ensino médio também não tinha isso?

L: Não... não tinha [pausa].

R: O que você acha que te incentivou a fazer a graduação?

L: Eu acho que foi quando eu caí no mercado de trabalho, que eu vi que era aquilo que eu queria porque eu trabalhava como auxiliar, mas eu queria ser uma farmacêutica. E... o mercado mesmo de trabalho acho que foi o ponto e eu gostar de estudar, eu acho que eu sempre tive isso de... de querer estudar, de não querer parar mesmo. Eu lembro que quando eu terminei o ensino médio eu fiquei meio depressiva: “O que eu vou fazer agora?”, sabe? Fiquei um pouco... Parecia que não tinha o que estudar, o que fazer. Por isso que fui, eu fui fazer o técnico e foi técnico em farmácia porque era a opção que tinha ali, mas não foi que: “Ah! Eu escolhi”, eu acho que foi meio que o destino mesmo.

R: No ensino médio, você não trabalhava?

L: Não.

R: Você falou que sempre era uma boa aluna, sempre foi uma boa aluna... tinha alguma disciplina da qual você gostava mais ou alguma coisa na escola que você gostava mais ou que você gostava menos?

L: Olha, eu nunca gostei de Educação Física e Educação Artística, mas eu sempre gostei muito de Biologia, Química, eram as minha matérias preferidas. Matemática eu não gostava muito, mas eu... conseguia me virar, sabe? (risos)

R: Você comentou que até ajudava os outros alunos, é isso?

L: Isso, é! Sempre, desde que eu me lembro, eles iam fazer trabalho em casa, prova a gente estudava juntos, sempre... caderno para estudar, eles pegavam o meu caderno para poder xerocar para estudar... era sempre assim.

R: Disciplina que você tinha mais dificuldade, mais facilidade você já falou, né...

L: Uhum.

R: Sobre os professores. Você comentou que lá na pré-escola você gostava de fazer as atividades, isso continuou acontecendo ao longo das outras séries?

L: Continuou.

R: Você continuou gostando de fazer...

L: Continuei.

R: E seus pais, como que eram em relação a isso?

L: Então, eu nunca me lembro...

R: Assim... Como que era a participação dos seus pais na sua vida escolar?

L: Eu nunca me lembro do meu pai numa reunião de pais, meu pai sempre foi um ótimo pai, sempre trabalhou muito. Meu pai faleceu muito novo, quando eu estava na graduação, ele faleceu, tanto que, é... eu acabei me comprometendo financeiramente, tive que pegar ajuda do FIES porque eu não tinha ajuda deles, financeira, então era só o meu trabalho mesmo. Mas a minha mãe, ela sempre ia nas reuniões, mas eu sempre é... ela nunca me cobrou nada, então sempre as professoras falavam: “Ah, ela é boa aluna, tal” e estava de bom tamanho, eles nunca me cobraram nada, só que eu sinto que eles nunca... por não ter essa... essa visão, eles nunca incentivaram alguma coisa a mais. E foi assim. Nunca conversavam sobre a graduação, sabe? Uma profissão...

R: E como que era a sua relação com os seus colegas de sala, era boa?

L: Era boa.

R: No ensino fundamental e Médio e depois na graduação?

L: É... sempre foi boa, mas assim, quando eu fui para o Antônio Nóvoa eu tive uma aproximação maior daquela... e acho que, pela fase da adolescência também, aí eu comecei a ter os grupinhos, a sair num aniversário, alguma coisa. Antes disso eu era muito caseira. Mas era boa, assim, sempre tive amigos, amigas, que até hoje a gente conversa, mas uma coisa também que me marcou é que quando eu estava no ensino médio é... eu tenho uma irmã que foi... oito anos mais nova que eu e quando ela nasceu, eu cuidava dela, na verdade porque minha mãe passou a ter que trabalhar, meu pai ficou doente e eu tinha que chegar da escola, eu estudava de manhã no Antônio Nóvoa, tinha que chegar da escola, eu tinha que fazer comida, lavar a roupa, passar a roupa, limpar a casa, cuidar da minha irmã e fazer as coisas da escola. Então, assim... mas eu nunca achei que era um peso na época que eu estava passando, sabe? Eu fazia... mas hoje eu vejo que, por exemplo, para o meu filho, eu acho que eu não... Quando ele estiver no ensino médio se preparando para um vestibular, ele não vai fazer essas coisas... Saber fazer sim, mas não ter aquela responsabilidade de fazer janta todos os dias, cuidar do irmão. Eu acho que eu tive isso porque minha mãe não teve outra alternativa, né.

R: E são você e sua irmã só ou você tem mais irmãos?

L: Só... só nós duas. Minha irmã não fez graduação, ela fez curso técnico de enfermagem. Ela não... não continuou estudando... uma pena.

R: E... uma pergunta específica. O que a entrada na universidade significou para você? E na pós-graduação? Qual o significado das duas coisas para você nesses dois momentos?

L: Tá. Eu acho que na graduação foi um sonho. Foi um dos melhores dias da minha vida quando eu fiz o vestibular, quando eu consegui a bolsa e eu me vi na graduação, foi... era algo, assim, um sonho mesmo que eu estava realizando... e a partir dali mudou tudo, minha visão, sabe, de... de sociedade, de mundo... de oportunidades... eu tive muitas oportunidades depois da graduação e agora na pós-graduação eu estou amadurecendo muito, sabe? Assim, vendo que foi a melhor coisa, as melhores escolhas que eu fiz, a independência financeira...

tudo mesmo.

R: Esse processo de quando você decidiu [fazer a pós-graduação]... quanto tempo você ficou entre a graduação e entrar na pós?

L: Eu terminei a graduação em 2010 e eu prestei a pós no ano passado 2014. Quatro anos.

R: E esse processo seletivo para você entrar na pós, como que foi? Foi tranquilo?

L: Olha, de novo a dificuldade do Inglês. Como eu nunca tinha feito Inglês, é... quando eu terminei a faculdade, eu comecei um curso de Inglês, mas acabei trabalhando em dois empregos e não continuei o Inglês, então eu tive que retomar tudo isso, fiz o Inglês preparatório para a prova do TEAP [exame de proficiência] e agora eu estou fazendo um Inglês regular porque é uma dificuldade minha, mas é... com relação à prova teórica, assim, eu não tive grandes problemas, foi tranquilo, mas o que mais pegou foi a proficiência, no Inglês mesmo. Eu acho que foi... sabe aquele... impasse, aquela dificuldade, que é um bloqueio eu acho que eu tenho com Inglês, é um bloqueio (risos). Agora, tanta coisa que a gente tem que ler em Inglês que eu já estou superando isso, estou ficando mais normal (risos)!

R: E como que foi a reação dos seus pais, da sua irmã, da sua família, quando você ingressou na universidade e depois quando você ingressou na pós? Eles entendiam? Como que era?

L: É... quando foi, é... eu ingressei na graduação... meu pai ficou muito feliz, eu lembro que ele vibrou, ele comemorou, ele ficou todo orgulhoso até antes quando eu fiz o curso técnico. Eu falo que a formatura do meu curso técnico significou muito para mim porque como na formatura da graduação meu pai já não estava vivo, meu pai sentiu aquela emoção no curso técnico, ele me deu um anel de formatura que eu uso até hoje, que é o defarmacêutica, que é do curso técnico, mas meu pai ficou muito orgulhoso, até hoje as pessoas falam: “Nossa, seu pai sentia tanto orgulho de você e ficou tão feliz com a sua entrada na faculdade...” foi muito... muito bom. Agora, na pós-graduação eu sinto que a minha mãe acha um absurdo ainda, sabe? Porque ela fala assim: “Você tem filho! Você está deixando o seu filho!”. E assim, a gente fica em conflito mesmo porque eu tenho que fazer as disciplinas, eu tenho que ficar aqui um tempo maior e: “Ah, você ainda vai estudar? Nessa altura do campeonato? Para quê?”, sabe? O meu... meu marido ele é professor universitário, ele fez a faculdade, fez mestrado e doutorado também, ele... a família dele não tinha condições nenhuma e ele foi com a garra e a coragem. E aí, acho... eu sinto que a minha mãe acha isso, ela fala assim: “Para quê fazer mais uma coisa, estudar mais, sofrer mais?”, sabe? Tanto que eu nem posso contar muito com ela, de deixar meu filho, tento ser independente, ele fica na escolinha meio período, o outro período eu tenho uma pessoa que me ajuda em casa e a gente vai se virando eu e meu marido porque... a gente [ela e a mãe] não se entende muito.

R: Seu marido te apoia então?

L: Meu marido me apoia. Me apoia muito!

R: Sobre o histórico escolar e a trajetória profissional dos seus pais e dos seus irmãos. Sua irmã, né, no caso...

L: Tá. A minha irmã, ela também sempre estudou em escola estadual e ela fez o curso técnico de enfermagem e hoje ela trabalha no hospital I [hospital particular] de enfermeira, técnica. A

minha mãe ela terminou, ela fez só até a sétima série e começou a trabalhar de... em casa de família olhando criança, limpando casa. Aí quando ela se casou ela parou de trabalhar e depois quando eu era maiorzinha, que eu tinha os meus seis anos, ela voltou a trabalhar de costureira em casa mesmo e depois de faxineira, minha mãe sempre trabalhou de faxineira. Agora ela parou de trabalhar, mas durante a minha trajetória ela sempre trabalhou. O meu pai, ele fez até a oitava série e foi trabalhar de... na Célia Dias, uma empresa de tecidos que tinha aqui, indústria. E aí depois ele começou a trabalhar de pedreiro e trabalhou sempre de pedreiro, em construtora.

R: Você está com quantos anos?

L: Trinta e dois.

R: Qual semestre que você está no curso?

L: Eu estou no segundo semestre.

R: E... hoje a sua profissão...?

L: Éfarmacêutica.

R: E você trabalha como farmacêutica aqui no hospital?

L: Trabalho comofarmacêutica.

R: Você tem alguma ideia da renda familiar?

L: Minha e do meu marido?

R: É, então... essa é uma questão...

L: É...

R: Porque, na verdade, quando você entrou na graduação, você ainda morava com os seus pais.

L: Morava.

R: Você tem uma ideia, assim, de como era isso?

L: De quanto era? Olha...

R: Aproximado.

L: Minha mãe, eu lembro, ela ganhava uns oitocentos reais. O meu pai, ele ganhava uns dois mil no máximo, assim. Uns dois e oitocentos, no máximo, a renda.

R: E quando você entrou na pós, você acha que era a mesma coisa? Ou na pós você já estava...

L: Então, na pós eu já estava casada, então já é diferente, meu marido ganha uns dez mil reais hoje, eu ganho uns três ou quatro, mas... porque já era nós, já casados, mas antes não.

R: Você tem ideia da escolaridade dos seus avós? Profissão, o que eles faziam, a ocupação deles...

L: O meu avô ele era... ele trabalhava na roça, os dois avós, todos eles era na roça mesmo e eu acho que eles não tiveram... acho que devem ter parado na quarta série... Nenhum teve... nem o ensino médio, nem meu pai teve, minha mãe...

R: Você estudou todo o ensino médio em escola pública? E você estudava durante o dia?

L: Sim, eu estudava é... quando eu estudava lá no meu bairro, até a sexta série, era de manhã. Quando eu consegui a vaga no Antônio Nóvoa foi à tarde a sétima e na oitava série porque de manhã era muito concorrido lá e ela conseguiu para mim à tarde. Depois no primeiro, segundo e terceiro eu fiz de manhã. Eu ia de manhã.

R: Uma pergunta um pouco ampla, mas você responda bem à vontade. De tudo que você aprendeu na sua trajetória escolar, incluindo a sua experiência na graduação e na pós, quais são as coisas que você consideraria mais importantes?

L: Eu acho que o esforço, eu acho que sem esforço eu não teria conseguido, eu acho que ninguém consegue, né, principalmente uma pessoa que não teve uma condição muito... social, assim. E eu acho que... a vontade de aprender, de descobrir coisas novas, de conseguir se tornar uma pessoa melhor, de deixar uma coisa melhor para os filhos, para o meu filho. Então hoje é ele que me inspira e a minha independência financeira porque hoje eu sei que mesmo se eu me separar do meu marido, eu tenho condições de ter uma vida melhor, de me manter. E tudo que eu aprendi, que eu tenho aprendido, nada pode mudar isso, o conhecimento... Então eu posso perder tudo, mas o conhecimento intelectual ninguém tira de mim, então isso é muito bom. A realização profissional, hoje onde estou, eu estou realizada, sabe? Profissionalmente.

R: E nessa sua trajetória, o que você acha que contribuiu ou o que mais contribuiu ou várias coisas talvez... que contribuíram para que você fizesse a pós?

L: Eu acho que... eu me senti um pouco acomodada nesses quatro anos. Teve a maternidade... e... a pós-graduação eu sempre vi como, talvez pela experiência do meu marido, como a oportunidade de outros horizontes... de ser professora... tanto que agora eu já recebi uma proposta para dar aula para o ano que vem... então assim...

R: Na universidade?

L: Na universidade. Então, eu acho que eu tinha noção desses horizontes, de talvez um dia poder sair daqui e ficar só dando aula que é uma coisa que eu gosto. Acho que foi isso o que mais me motivou, eu vou fazer porque eu vou ter condições de dar aula.

R: Essa era... era um diálogo comum entre você e seu marido?

L: No começo não, mas tem se tornado mais comum porque aqui a carga horária é muito puxada, né, eu faço praticamente... todos os dias eu fico oito horas e duas vezes na semana eu faço doze horas direto. E ainda tem os finais de semana que a gente cumpre escala de

revezamento, então eu sempre achei que com a pós-graduação, se eu conseguisse pegar algumas aulas, além de me realizar, poder às vezes fazer um intercâmbio, alguma coisa no futuro, é... eu ia ter mais tempo para o meu filho, eu ia poder trabalhar em horas... menos... talvez me motivou...

R: Você fala é... fora? Vontade de estudar no exterior?

L: Fora. É, tenho vontade de... tanto eu quanto o meu marido, de ir para fora, de ficar um tempo fora. E a pós-graduação é um caminho, mas eu acho que mesmo agora eu penso nisso, em poder trabalhar menos e fazer uma coisa que eu vou estar realizada, que é dar aula.

R: E mesmo com todas essas dificuldades, de ter um filho, de ter que trabalhar, você continuou gostando de estudar e continua gostando de fazer pós?

L: Continuo... continuo (risos). Nossa, eu fico... quando eu aprendo, que eu estou: “Gente, é tão bom saber isso! É tão bom aprender!”. Eu continuo... não é fácil, mas é gratificante.

R: É... tem alguma coisa que você acha que eu... que seja importante falar que eu tenha deixado de perguntar, que eu tenha esquecido?

L: Tem uma coisa que me marcou e que eu acho que de repente você pode até acrescentar na sua pesquisa. O meu pai não porque meu pai é... [sobre] religião. Meu pai sempre foi católico, a minha mãe também, só que em determinado momento a minha mãe mudou de religião e se tornou testemunha de Jeová. E eu ia com ela, só que quando eu quis ir para a faculdade, isso não era incentivado na religião, sabe? A minha irmã, ela é da religião, da testemunha de Jeová e eu percebo que ela não fez a graduação por isso, porque ela já teve algumas oportunidades melhores, porque eu sempre falava para ela: “Juliana, você tem que fazer...”, sabe? Como meu marido está inserido na faculdade como professor eu falei: “Eu consigo um desconto para você... você tem que fazer...”, só que a religião sempre limitou isso, não que eles falam: “Olha, vocês não podem fazer!”, mas não existe um incentivo em se fazer. Quando eu fui fazer o curso técnico, que eu estudava à noite, eu tive uma resistência, sabe, da religião.

R: Tem a ver com você ser mulher ou não?

L: Não. É uma coisa mesmo... que eles acham, por exemplo, é... eu comecei a estudar à noite e eu vou perder as reuniões da igreja, sabe? Eu vou para um lado mais secular, mais... e aí eu senti muito isso, tanto que eu saí da religião. Eu saí, eu me desassociei, a minha mãe ainda é junto com a minha irmã e eu percebo que eles não incentivam o ensino. Eles incentivam até o ensino médio, não incentivam a graduação, a pós-graduação, é uma outra visão e eu acho que da minha mãe eu não tive incentivo por isso mesmo, na época e até hoje. Agora, o meu pai não, meu pai acho que por ele não ter mesmo... uma base... ele mesmo... uma cultura. Mas a minha mãe eu sinto que a religião influenciou muito, e a minha irmã também porque a minha irmã já é de uma geração que deveria ainda mais ter acesso. Ela é oito anos mais nova. E foi isso, isso foi determinante dela não fazer a graduação para se dedicar a igreja. Eles fazem aquela pregação de casa em casa e ela é pioneira, eles chamam de pioneira a pessoa que se dedica exclusivamente à pregação, deixa de trabalhar, deixa de estudar, para se dedicar. O que para ela lá dentro é uma pessoa, né, que está sendo dedicada, só que ao mesmo tempo ela está deixando de estudar, de fazer essa trajetória normal. Então acho que isso é uma coisa interessante, sabe? Porque eu acho que deve ter muitas religiões que não incentivam, que limitam um pouco.

R: Você parou de frequentar a religião quando você estava na...?

L: No técnico. Quando eu fui para o técnico. Já no técnico, eu lembro que quando eu comecei, que eu falei que ia estudar à noite, os líderes lá, os anciãos lá de dentro, acharam um absurdo, me chamaram para conversar como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada e eu passei a ser vista como uma pessoa que estava indo para o mundo, que estava fazendo alguma coisa errada, que estava deixando de ir às reuniões. É porque aí você começa a estudar, se envolve nos estudos e eu senti essa resistência, mesmo da minha mãe. É que tinha o meu pai que incentivava um pouco mais, mas a minha irmã que pegou uma fase... que ela era mais nova... eu acho que ela foi totalmente influenciada por isso, pela religião, em não fazer. Porque eu lembro que eu falei: “Juliana, eu consigo uma bolsa para você fazer Enfermagem na J [universidade particular da cidade]”, sabe? É... e hoje ela passa por dificuldades financeiras, ela e o marido, eles não têm uma graduação, eles vivem... o marido dela vive perdendo o emprego... passando por dificuldade financeira, sendo que se ela tivesse feito... ainda mais Enfermagem, que é uma coisa que ela gosta, ela estaria empregada, tranquilinho, daria para ela continuar na religião, ter um salário melhor, conseguir, uma qualidade de vida melhor, mas não teve jeito. Eu ainda tenho esperança que um dia ela... (risos) acorde, mas, por enquanto...

R: Você não voltou mais?

L: Não. Não voltei.

R: E seu pai te incentivava, você fala que sua mãe era meio resistente, mas seu pai te incentivava, tanto que você falou que ele ficou orgulhoso... tal... tanto no...

L: No técnico, quanto na graduação. Foi.

R: Ele faleceu quando? Desculpe, se não quiser falar...

L: Tudo bem. Ele faleceu em 2006 com quarenta e dois anos.

R: Ele nem pegou sua formatura, que você falou?

L: Não, ele não pegou.

R: Muito bem, acho que por enquanto é isso.

L: É isso? (risos)

R: A não ser que você queira falar mais alguma coisa.

L: Não, acho que é só isso mesmo.

R: Então muito obrigada, Larissa.

L: De nada, imagina. Foi um prazer. É gostoso falar dessas coisas, né (risos).

2ª Entrevista

R: Então, como tinha te falado quando conversamos, esse segundo encontro é para alguns esclarecimentos e alguns aprofundamentos sobre o que você já falou na entrevista anterior. Então, para começar, eu queria te perguntar se você lembrou de alguma coisa do nosso primeiro encontro até hoje que você não tenha falado, que você gostaria de contar...

L: Não. Acho que não, acho que eu falei tudo.

R: Tá certo. Então eu gostaria que você falasse mais sobre algumas coisas que você falou no nosso primeiro encontro. No início da primeira entrevista, quando você estava contando sobre sua história escolar, você comentou que a sua família passava por dificuldades financeiras, que era bastante difícil, mas você comentou também que você estudava numa escolinha privada.

L: Sim.

R: Por acaso você se lembra, você saberia explicar qual era o custo? Qual era o custo dessa escola, como a sua família arcava com as despesas dessa escola, você se lembra se se falava sobre isso, se você ouvia algo, ou se você ouvia depois já de maiorzinha, porque você era menor... você se lembra de alguma coisa nesse sentido?

L: Eu tinha na época seis anos, mas eu acho que na época não era alto o custo não. Pelo que eu escutava eles comentando, mas eu lembro, por exemplo, que meu pai deixava de pagar algumas coisas para pagar a escolinha. Tipo... a gente tinha... a mercearia do bairro que a gente tinha conta. E aí eu lembro do meu pai comentar das dificuldades de conseguir arcar com essas contas todo mês. Então ia marcando na caderneta naquela época e ele falava: “Nossa, não consigo pagar!” Então assim: eu lembro que era apertado, mas eu acho que era bem barato a escola não era de alto custo. [pausa]

R: Era uma escola que ficava pertinho da sua casa...

L: Era. Era na rua de trás da minha casa, chamava Jardim Encantado. E era só prezinho mesmo porque na época não tinha jardim. Então eu fui um ano antes de entrar na primeira série. Aí na primeira série eu já fui para entrar na escola estadual do bairro.

R: A sua mãe trabalhava nessa época?

L: A minha mãe, quando eu era menorzinha, ela trabalhava costurando em casa, então... eu lembro que ela costurava camiseta, depois teve uma época que eu já era maiorzinha, eu tinha uns oito anos, ela costurava calça plástica, na época, para bebê, lembra disso? (risos)

R: Ah, sim. (risos)

L: Então ela sempre trabalhou em casa, ela vendia “Hinodê” [cosméticos], ela vendia umas panelas a vapor, então ela trabalhava informalmente para ajudar. E ela ia de bicicleta nos bairros vizinhos entregar as coisas, eu ia com ela. Mas aí não era nada registrado. Meu pai trabalhava numa empresa que era a “Célia Dias”, na época. E ele trabalhava meio período nessa empresa ou à noite nessa empresa e durante o dia ele trabalhava de pedreiro. Então as

ruas da minha casa, da casa da minha mãe, todas foram o meu pai... era COHAB né, e aí eles iam reformando e ele ia pegando esses serviços. Era assim.

R: E nessa época a sua irmã era menorzinha, ela não ia na escola ainda?

L: Não, a minha irmã nasceu quando eu tinha oito anos, estava na segunda para terceira série, aí que ela nasceu.

R: Então era só você na escola?

L: Era só eu.

R: Entendi. E você também comenta que desde a época da pré-escola você gostava de fazer as atividades, você fala que gostava de fazer as serrinhas, as chavinhas e que você chegava da escola e já queria fazer essas atividades. Você fala que é uma coisa que você se recorda bastante e que a sua irmã até deu um pouquinho de trabalho nesta época, mas que você não, que você sempre gostou da escola. Eu queria que você pudesse falar um pouquinho mais dessa época, como era, como eram essas atividades...

L: Tá. Eu lembro disso, que eu chegava e já queria fazer a lição porque... eu queria fazer mesmo, eu gostava de fazer. Teve um episódio, quando a minha irmã tinha alguns meses, eu estava cuidando dela e eu deixei ela cair no chão. Assim, minha mãe estava fazendo janta e era aquela fase que a criança chora muito, de três a quatro meses. Eu estava com ela no colo e ela caiu e fraturou o crânio. Então esse foi um trauma! Isso foi na terceira série e aí eu me sentia culpada porque eu achava que eu tinha derrubado a minha irmã, ela ficou internada no Romeo Melo [hospital], ficou uns três dias, inchou a cabeça dela porque ela fraturou o crânio, né. Tinha possibilidade de fazer cirurgia e eu sofri muito, foi uma época que eu sofri muito. Eu me apeguei muito a uma professora, ela se chamava tia Ana, que era uma professora de Português, então eu ia para escola chorando, então eu me apeguei muito nela. Então eu lembro que tinha alguns dias que eu queria ficar até mais tarde na escola para não ir para casa, sabe? E ela me falava: “Depois você vai lembrar disso e você vai achar graça”. E ela que me deu uma força. Mas assim, eu sempre fui assim, chegava em casa, eu queria fazer a lição. Se tivesse prova, eu estudava antes, uma semana antes porque já ia ter prova na outra semana, sabe? Eu acho que eu era “CDF” eu lembro disso. E eu lembro dessa fase que foi muito triste, foi um mês mais ou menos que a minha irmã ficou, depois graças a Deus ela não precisou fazer a cirurgia, mas foi difícil, eu me culpava, as pessoas iam em casa e eu achava que eu era culpada, que eu tinha derrubado a minha irmã sabe? Porque eu estava segurando ela assim [mostra com as mãos como segurava a irmã] porque ela gostava de ficar assim meio que sentadinha para frente, olhando para frente assim. E ela deu aquele impulso sabe, e eu não segurei, também eu era criança, né, oito anos. E ela foi para o chão com tudo, bateu a cabeça no concreto. Mas eu nunca mais esqueci essa professora, essa fase da escola me marcou bastante porque eu acho que eu me apeguei nessa professora. [pausa]

R: E era uma boa professora também?

L: Era, ela era uma graça. Na época dava tudo [todas as disciplinas], era a mesma professora que dava tudo. E ela era da terceira série, chamava tia Ana. Eu lembro muito dessa fase. E sempre assim: chegava e já queria fazer a lição. A minha mãe: “Deixa para mais tarde, vamos almoçar” e eu: “Não”, já queria fazer a lição.

R: E você tinha acompanhamento para fazer essas atividades ou você fazia sozinha?

L: Eu lembro que a minha mãe sentava do meu lado, mas eu fazia sozinha. Nem precisava, assim. Eu lembro de um trabalho da quarta série que era assim: recortar figuras do mar, tipo, de animais do mar. Eu tinha uma amiga da minha rua, a Suzana, que a gente era... era um trabalho em grupo e aí a gente não achava as coisas, aí a gente foi para a biblioteca, achou uma revista dessas de Ecologia e eu queria porque queria colocar as figuras coloridas. Então tinha uma mesadinha que meu pai me dava... assim, era muito pouco, mas eu lembro que a gente fez uma vaquinha eu e ela, pegamos o ônibus, fomos lá na Virgílio Santos [rua da cidade] que tirava xerox colorido na época, era caríssimo o xerox colorido! E eu gastei a mesada toda (risos) para tirar xerox e fazer esse trabalho. Minha mãe ficou muito brava porque, imagina, tirar xerox colorido desse tanto [de figuras] para fazer um trabalho, mas sei lá, ficou lindo o trabalho, aquelas anêmonas, aquelas coisas todas coloridas. Então eu acho que eu sempre fui empolgada sabe, com as tarefas, com as coisas.

R: Então seu pai te dava um dinheirinho mensal, é isso?

L: Ele dava, ele dava tipo dez, quinze reais.

R: E você gastou os quinze reais em xerox colorido...

L: Gastei no xerox colorido para fazer um trabalho bonito (risos). Cada coisa, né.

R: Legal, quer dizer que você realmente gostava. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre o significado que teve para você o ingresso na universidade. Como foi quando você iniciou o curso? O que você sentiu? Se você sentiu alguma dificuldade ou não...

L: Na graduação, né. Quando... o que me ajudou muito foi que eu fiz um ano de cursinho antes, fiz cursinho no Dom Casmurro. Eu trabalhava o dia todo na farmácia e fazia o cursinho à noite, então eu acho que me deu uma boa base para a graduação. Então as primeiras disciplinas, Química, Biologia, eu tive mais facilidade no primeiro ano, aquelas “basiconas” [disciplinas]. Mas assim, eu não tive dificuldades, eu sempre estudei muito, eu chegava, por exemplo, da faculdade, e eu estudava todo dia um pouquinho quando ia ter prova... então eu não tive dificuldade, não. A dificuldade maior foi financeira por ter sido... [particular] eu tive que pagar uma parte, até eu conseguir a bolsa foi uma fase difícil, mas de dificuldade escolar acho que eu não tive não, assim, não me lembro de ter tido. Tem aquelas... algumas... que são mais pesadas, né, mas eu dava até aula para a turma, então a gente marcava assim todo sábado e era uma maneira de eu conseguir... que eu tinha, para arrecadar um dinheiro para me ajudar.

R: Ah, você...

L: Eu cobrava (risos). Então, eu usava estrutura da escola, da faculdade, porque lá no Professor Renato Álvarez [faculdade particular] a CE [estabelecimento pertencente à faculdade] era lá na rodoviária, então não sei se você já entrou naquela sala da rodoviária, são dois andares, é como se fosse um sobrado e tinha uma sala de aula em cima e a farmácia funcionava sábado, domingo porque era CE. Só que eu trabalhava de segunda à sexta, então eu marcava as aulas lá porque tinha lousa, tinha tudo e eu cobrava, cobrava tipo, dez reais por pessoa e iam seis alunos, então já era sessenta reais naquele sábado sabe? E todo sábado eu dava aula.

R: Ah, entendi, eu pensei que fosse algo como um grupo de estudo.

L: Não, era... eu dava aula e cobrava. Na verdade, assim, o pessoal se oferecia: “Ai, Larissa vamos? A gente te paga. Você não dá aula para a gente?” E começou assim, na verdade.

R: Porque todo mundo sabia que você tinha facilidade.

L: É. E aí, por exemplo, tinha uma professora de Química que ninguém entendia o que ela falava e aí eu conseguia explicar de um jeito que eles entendiam, eles pediam aula daquela... era Química Analítica, a I e a II, e aí a gente fazia assim, aos sábados eu dava essas aulas. Eu me achava, né (risos). Porque aí eu conseguia um dinheirinho e ficava toda feliz, era o que me salvava.

R: Interessante.

L: Foi o que me salvou, além da bolsa porque eu ganhava muito pouco [dinheiro].

R: Nessa época, você fazia o estágio ou trabalhava na farmácia?

L: Então, foi quando... porque eu fiz um ano de Biomedicina. Eu fiz o técnico, aí eu fiz um ano de cursinho. O técnico foram dois anos e meio, aí quer dizer, eu já perdi meio ano porque acabou no meio do ano e eu não comecei nada. Fiz mais um ano de cursinho, aí abriu à noite no Professor Renato Álvarez a Biomedicina e não abriu a Farmácia, que era o que eu queria. Só que eu falei: “Eu vou começar a Biomedicina porque eu já vou estudando...”, olha a cabeça, “as disciplinas são mais ou menos as mesmas, eu não fico parada e eu adianto algumas disciplinas”. E aí comecei Biomedicina fiz um ano de Biomedicina.

R: Ah, você não tinha comentado da primeira vez...

L: É, eu esqueci de falar isso. Eu fiz um ano de Biomedicina e aí depois que eu transferi para Farmácia. E foi quando eu consegui a bolsa na Biomedicina já, a bolsa da faculdade, porque eu trabalhava na faculdade, a gente entrou com o pedido e eu consegui a bolsa.

R: Você trabalhava na farmácia já?

L: Na farmácia, na farmácia escola, que era na rodoviária.

R: Então, depois de um ano na Biomedicina, você começou Farmácia.

L: É, eu pedi a transferência, aí eu comecei Farmácia, dispensei algumas disciplinas que eu já tinha feito na Biomedicina, tipo Anatomia, que a Biomedicina tem até uma carga maior, então dispensou. E aí eu fiz Farmácia noturno até o quarto ano. No quinto ano, eu passei no concurso do HC de técnico. E aí era para trabalhar à noite, então eu fazia noturno, doze por trinta e seis [jornada de trabalho de doze horas, seguidas por 36 horas de folga]. E aí eu transferi a faculdade para o dia, então eu terminei a minha faculdade no dia, fazendo durante o dia, eu trabalhava à noite e fazia durante o dia.

R: Durante a graduação, teve uma história de que você começou trabalhando na CE da faculdade e depois teve uma pessoa que convidou você para ir trabalhar na farmácia dela...

L: Isso, foi. Foi no terceiro ano, que eu fiquei... eu fiz um ano de Biomedicina trabalhando na farmácia escola, mais um ano de Farmácia também trabalhando na farmácia escola, um ano e meio mais ou menos. Aí em 2006, porque eu comecei Biomedicina em 2004, então 2006 foi o ano que meu pai faleceu, que teve essa mudança. Porque tinha uma aluna da USP que tinha feito estágio comigo na farmácia e ela estava indo montar uma farmácia. [interrupção]. Então aí ela tinha feito estágio comigo há muito tempo quando eu trabalhava numa outra farmácia. Quando eu estava no técnico, eu trabalhava nessa farmácia do Gramado de Campos [bairro da cidade] e essa moça que era da USP, tinha feito estágio lá na farmácia. E ela estava sendo contratada numa farmácia nova que ia abrir, que a moça veio de Minas Gerais para abrir uma farmácia aqui, a “Hortência” [nome do estabelecimento comercial] ali na avenida Rio Verde. E aí precisava de uma pessoa com experiência e tal, e aí ela lembrou de mim e falou para dona: “Ela é uma pessoa muito boa, que trabalha há muito tempo”. E elas me procuraram para trabalhar e lógico, eu pensava que... jamais tinha pensado em sair da farmácia escola porque eu tinha bolsa da faculdade né, só que quando eu vi a farmácia, assim, eu me apaixonei porque, até hoje, é uma das melhores de Guarani [cidade onde se localiza o campus]. A farmácia era toda estruturada, era tudo novinho, tudo perfeito, de acordo com as novas normas reguladoras, assim, era meu sonho. E aí ela chegou para mim e falou: “Olha, Larissa, eu me comprometo em cobrir o que você ganha e pagar a sua faculdade”. Então na época, um técnico de farmácia ganhava mil reais e ela me propôs um salário de três mil reais, então era muito tentador. E eu estava naquela fase, meu pai estava doente, eu precisando de dinheiro. E ainda tinha a possibilidade de eu conseguir o FIES e ficar com um salário maior para ajudar em casa, aquelas coisas. Aí eu falei: “Ah, quer saber, eu vou”. Criei coragem e fui, e foi um sonho porque aí eu fui com ela para São Paulo para a gente comprar as coisas para a farmácia, montamos tudo, foi um sonho, sabe? Conseguir este emprego. Era tudo novinho, eu era super valorizada, sabe? Embora eu não fosse farmacêutica ainda, mas ela me considerava, era como se fosse, então foi muito bom. E foi melhor ainda porque dois anos depois a farmácia escola fechou, então se eu tivesse ficado na farmácia escola eu ia perder a bolsa de qualquer jeito, assim, ia ser mais para o final, mas eu ia perder e talvez eu ficaria sem emprego. Então foi muito bom, acho que Deus pôs a mão. Aí eu só saí dessa farmácia por causa do concurso porque o concurso, a carga horária era bem menor e aí tinha já, né... era uma coisa mais estável e aí eu fui. Mesmo assim, no começo, eu fiquei no hospital e lá. Eu fiquei no hospital lá e na faculdade. E estudando, estudando. Eu fiz as três coisas em uma época.

R: Nossa, determinada, ein?

L: Ah, eu acho que é fase viu, porque passa essa fase, agora eu só estou regredindo (risos). Mas na época foi assim.

R: Entendi. E a relação com os professores da graduação era boa?

L: Foi, foi boa. [pausa]

R: E com os colegas, como era?

L: Ahã, sempre foi muito tranquilo, assim.

R: Certo. E quando você foi aprovada no processo seletivo para o mestrado, como foi? O que você sentiu, o que significou para você...

L: Então, olha, eu me formei em 2010, aí eu me casei, em 2010. E aí eu comecei a trabalhar no hospital e na indústria de Luísa [cidade do interior paulista], então assim, eu trabalhava de manhã em Luísa e à tarde no hospital, não tinha tempo para nada, né. E começo de casamento, tal. Em 2013... Em 2012 eu engravidei, que foi dois anos depois que eu tinha formado e eu estava nessa vida louca de dois empregos. E aí eu falei: “Não, eu tenho que desacelerar por causa do bebê” e aí fiquei só no hospital e em 2013 ele nasceu. Então demorou mais dois anos, que aí ele já estava maiorzinho, eu já tinha estruturado uma pessoa para ficar aqui [em sua casa] e a escolinha. E como eu estava já trabalhando no CTI, eu tinha contato com os docentes, né. E eu sempre tive vontade de fazer mestrado.

R: E essa ideia do mestrado, como ela...

L: Eu sempre tive assim, não sei se também por ver o Thiago, meu marido, dando aula e eu sempre admirei isso e eu sempre achei que eu tinha o dom para dar aula. E eu sabia que a única maneira seria... tanto que assim, quando eu estava na oitava série e ensino médio, eu queria dar aula de Biologia, eu pensava em fazer Biologia. Eu cheguei a prestar Biologia na Unesp, mas eu não passei. Mas era para dar aula, eu queria dar aula de Biologia. E depois, quando eu fui para a farmácia [onde trabalhava] e foi acontecendo tudo isso. Mas eu sempre, eu sempre quis dar aula. E aí lá no CTI, em 2015, eu falei: “Bom, agora ou eu faço ou eu desisto”, porque... já com filho, tudo, e aí eu comecei a ter contato com os docentes, e vi que era possível tentar, lá pela Faculdade de Medicina, e aí eu conversei, eu tive uma ideia de um projeto, assim, do nada, eu falei: “Bom, vou fazer isso”, é um trabalho que eu estou fazendo, é uma coisa nova, eu medi o impacto desse trabalho lá no CTI, da atuação de um farmacêutico, que é uma coisa nova no Brasil, no CTI, aí falei com a docente responsável, ela achou legal a ideia e falou para eu fazer o projeto, falou: “Ai, faz”, sabe? Não me ajudou em nada do projeto, falou: “Ai, faz o projeto, aí a gente conversa” e eu pensava: “Não, ela vai ter alguma ideia, né”. Não. Aí eu peguei, sentei e fiz o projeto, mandei para ela, ela falou: “Ficou legal”, a gente fez algumas mudanças e eu falei: “Bom, agora é a prova, né”. Como eu já tinha feito curso preparatório do TEAP [exame de proficiência em língua estrangeira] quando eu tinha terminado a graduação, em 2010, porque a minha ideia era prestar o mestrado saindo da graduação, só que como apareceu essa oportunidade em Luísa, que era uma indústria, então era uma coisa muito legal. Eu pensava até em fazer o mestrado pela P [departamento da USP], nessa área da indústria, se eu ficasse lá. Mas depois, como eu optei em ficar no hospital né, e já era uma coisa que eu tinha ideia de fazer em 2010 e acabei protelando porque trabalhando em dois empregos é impossível.

R: Já pensava em fazer na USP inclusive.

L: Pensava, já tinha até ido, como é uma indústria que os sócios são da USP, eles tinham... um dos professores, que é o professor Otávio, ele tem um laboratório, nessa parte de Química Básica aqui, ele trabalha aqui, então eu acabava utilizando os equipamentos lá do laboratório, eu tinha esse contato com os alunos, com estagiário, então era uma coisa que eu queria fazer, pensava em fazer, e aí já tinha essa ideia que foi só protelada, mas demorou... demorou quatro anos.

R: Mudou o projeto...

L: É, mudei tudo, mudou a ideia, mas já era uma ideia, já era isso que eu queria, e aí eu pensava: “Ai meu Deus, eu não vou passar na prova”, né, porque a prova do departamento é em Inglês, além do TEAP, da proficiência, né, a prova é em Inglês, e aí eu falei: “Bom...”, fiz

o curso às pressas de novo, falei: “Não, vou fazer”, o Thiago falava que “não, você não tem que fazer de novo, você já fez”. E eu falei: “mas eu fiz já tem mais de três anos...”

R: Você fez o curso, mas não fez a prova, foi isso?

L: Eu fiz o curso e fiz a prova do TEAP.

R: Você já tinha o certificado?

L: Já tinha certificado, só que eu não tinha ido tão bem, eu tinha tirado 7 e alguma coisa, 7,5 eu acho e assim, a nota é 7, mas estava na “beiradinha”, falei: “Não, eu vou fazer de novo porque já fica para o doutorado...” e depois, eu precisava estar com tudo fresco, fiquei com medo de não passar na prova, né, que era em Inglês. E eu fiz de novo, fiz seis meses de curso de novo e passei.

R: Nossa! A prova de seleção é em Inglês!

L: A prova de seleção era em Inglês e eu sempre tive dificuldade em Inglês!

R: Você comentou isso!

L: Porque assim, eu nunca fiz um curso extracurricular de inglês, os cursos extracurriculares que eu fiz foi de informática, que eu lembro, datilografia primeiro (risos), que era assim: minha mãe achava que eu tinha que fazer datilografia para ir arrumar emprego porque o objetivo era arrumar emprego, não era estudar. Então com treze anos eu fiz datilografia, depois eu fiz informática e era só, nunca tinha feito Inglês, então eu tinha medo do Inglês e tenho medo até hoje, de falar, eu não falo em Inglês, eu tenho muita dificuldade de falar. Agora eu quero começar um curso “traquilinho”, sem pressa para conseguir falar, para tentar ir para fora um dia... Mas aí deu tudo certo, nem acreditei quando eu passei na prova, foi muito bom essa sensação porque era isso que eu queria.

R: Fazer pesquisa, essas coisas...

L: É.

R: E aí você começou... como foi conciliar o mestrado...

L: Então, foi difícil porque além do trabalho... bebê... mas eu consegui. Igual você falou, a gente tem que reduzir algumas coisas, então os plantões remunerados eu reduzi no período da disciplina, eu comecei a ganhar menos, né, mas consegui fazer. Então eu reduzi os plantões e fiquei assim, seis horas... eu ficava o dia todo no hospital, lá na Faculdade de Medicina eu fazia as disciplinas e trabalhava.

R: O bom é que era próximo, né.

L: É! Era próximo, foi o que ajudou. Foi isso que ajudou, mas eu ficava o dia todo fora como se eu estivesse trabalhando o dia todo, né. Às vezes doze horas, e deixava ele [seu filho] com a minha mãe e na escolinha.

R: Começou a morar na USP (risos).

L: É! Comecei a morar na USP (risos). Exatamente!

R: Mas mesmo assim, com essa dificuldade você gostou?

L: Não, eu adorei! Nossa! Eu já tinha ideia de um monte de projeto, tanto que agora é... eu oriento os aprimorandos e os residentes da Farmácia porque todo ano tem aprimorando e residente e eles, os que têm interesse, estão comigo lá na Pediatria e eu oriento o TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], então eu já estou orientando TCC. Teve um TCC que eu orientei e agora a gente levou o trabalho para o congresso brasileiro que foi em Salvador, em junho, e a gente ganhou como o melhor trabalho apresentado no congresso.

R: Mas você orienta não oficialmente?

L: Não, a gente como farmacêutico, a gente pode orientar lá na Farmácia. Orientar o TCC deles. Não como docente, como farmacêutico mesmo, então... tem saído uns trabalhos bem legais.

R: Seu Lattes está cheio (risos)!

L: É, então, tem que... (risos) tem que engrossar o Lattes (risos).

R: Bom, você falou que quando você terminou o ensino médio, você já pensava em continuar estudando e que você queria fazer o curso técnico. E... o que você acha que te mobilizou, que incentivou você a continuar estudando, tendo um bom desempenho nos estudos? Como você comentou, o objetivo na época, na família, não era estudar, era trabalhar, mas mesmo assim você terminou o ensino médio, você já sabia que queria continuar estudando, coisa que veio a fazer, que era no caso o técnico da história do panfletinho e tudo mais. O que você acha que te mobilizou, que você queria tanto continuar a estudar?

L: Então, eu acho que um pouco... porque assim, eu não tinha também... para falar assim: “Ah, é uma experiência que eu via as pessoas da minha família...”, para falar: “Ah, é porque eu queria ganhar mais e...”, sabe, não era nada disso. Eu fico pensando também porque assim, não era nada que eu falava: “Ah, eu quero estudar para melhorar minha condição”, eu acho que tinha isso um pouco, mas era intuitivo, né, mas assim, não tinha ninguém da minha família que tinha... alguma pessoa próxima que tinha feito isso e tinha sido bem sucedido. Eu acho que era... ah, não sei. Acho que foi destino e vontade de estudar mesmo, de não parar, eu acho que me dava um desespero de parar, de parar de estudar, tanto que eu peguei um panfletinho e fui no (risos)... no primeiro curso que eu vi, mas acredito que era mesmo essa vontade de não parar e de tentar. Eu acho que eu tive sempre essa vontade de dar aula, sempre tive, então eu acho que eu pensava assim, dar aula em algum curso... de dar aula um dia, acho que isso sempre foi meu objetivo.

R: Você comentou que você conheceu o seu marido no... ele foi seu professor no técnico.

L: No técnico, mas aí a gente começou a se relacionar no cursinho, assim. No técnico ele foi meu professor, eu acho que eu já gostava dele, já tinha uma coisa, mas a gente só se falava. Aí a gente começou a sair, de ir no cinema, quando eu estava no cursinho.

R: Cursinho?

L: Depois do técnico eu fiz um ano de cursinho.

R: Cursinho pré-vestibular?

L: Pré-vestibular.

R: E ele foi seu professor lá também?

L: Não, lá não.

R: Ah, tá.

L: Lá, não.

R: Depois vocês retomaram contato?

L: É, aí nós retomamos contato.

R: Entendi.

L: Aí foi lá que... no cursinho a gente começou a namorar, então quando eu comecei a faculdade, a gente só namorava.

R: Ah, entendi.

L: A gente só namorava, mas era assim, um namoro muito difícil porque ele fazia o doutorado, [quer dizer] o mestrado, ele não tinha carro em Guarani, ele morava no fundo da casa de uma senhora ali na Tarsila do Amaral [bairro da cidade], então assim, a gente se via sábado a tarde para ir no cinema e a gente não tinha muito tempo juntos porque eu trabalhava, ele dava aula já na Escola Técnica, para curso técnico, e no Colégio Niápolis [escola particular da cidade]. Então foi assim, a gente namorou muito tempo, mas foi muito tempo distante, foi um namoro bem distante, depois que ele conseguiu comprar um apartamento e ficar mais tranquilo que a gente se aproximou mais, mas era um namorinho, assim, meio bobo, sabe (risos)? Porque ele só estudava, ele estava no final de semana na universidade porque ele fez aqui, mestrado e doutorado. E durante a semana, ele estava dando aula à noite, eu estava no cursinho... então foi bem difícil o começo.

R: Esse contato com o mestrado, você acha que foi por meio dele ou você já conhecia, já tinha noção do que era um mestrado, queria fazer...?

L: Não, acho que foi por meio dele porque eu queria dar aula, mas eu não tinha ideia do que tinha que fazer... Aí eu acho que foi por meio dele, só que ele nunca assim: “Não, você tem que fazer”, sabe? Tanto que quando eu me formei e comecei a trabalhar, a gente não ficava conversando sobre isso: “Ah, você tem que fazer o mestrado”, então eu lembro que eu chegava e falava assim: “Ah eu acho que eu vou fazer... porque vou ter essa oportunidade na indústria, aí eu quero me aprofundar...” E nessa época ele até me incentivou: “Não... qualquer coisa... só que você tem que escolher porque não dá para fazer tudo...” Então não dava para eu ficar no hospital, na indústria e fazer o mestrado. Então acho que foi isso o fim [finalidade] do mestrado.

R: E onde que o seu marido fez a graduação, o mestrado, o doutorado?

L: O Thiago fez a graduação em Araras [cidade do interior paulista]. O Thiago também foi muito difícil para ele estudar, nem sei como ele conseguiu porque na família dele também ninguém estudou e... ele sofreu um acidente quando ele tinha treze anos, um acidente muito grave de carro, que ele ficou um ano sem andar, com colete de gesso. E ele trabalhava em farmácia desde os oito anos de idade. E aí depois que ele sofreu o acidente, ele continuou trabalhando e ele ficou com umas sequelas, uma deficiência na perna, ele manca de uma perna. E ele continuou trabalhando em farmácia lá em Taquaritinga [outra cidade do interior paulista] e aí ele resolveu que ia fazer cursinho, que ele ia fazer faculdade, aí ele tentou, ele fez dois anos de cursinho e não conseguiu também ingressar em escola pública [universidade]. Aí ele prestou em Araras e conseguiu passar lá, só que era particular, então ele trabalhava. Ele passou num concurso do banco lá de Araras, de digitador, então ele trabalhava à noite para conseguir pagar a faculdade, só que o dinheiro não dava. Então ele conheceu um amigo lá que levou ele para morar com ele, na casa dos pais dele, aí ele fez em Araras Farmácia e Bioquímica.

R: Fez duas graduações?

L: Não, era junto. Era... antigamente era junto. Era um ano a mais e saía como Bioquímico e podia ser Biomédico hoje. E aí ele prestou o aprimoramento do HC e veio para Guarani porque ele passou, veio fazer o aprimoramento e tinha uma bolsa. E no aprimoramento tem aquela questão das aulas, você dava umas aulinhas. E aí o dia em que eles viram ele dando aula, a orientadora dele falou: “Não, você tem que dar aula!” E aí chamaram a orientadora dele para dar uma aula na Escola Técnica, ela falou: “Não, eu vou te mandar um aluno meu”, e mandou ele para dar aula! E aí o Thiago, ele tem muito dom para aula e gostaram dele, contrataram ele na Escola Técnica e a partir daí só quis dar aula, então ele terminou o aprimoramento, tentou o mestrado aqui na Faculdade de Medicina e não passou, aí ele tentou na Farmácia aqui da USP, passou, conseguiu passar com a mesma orientadora na Toxicologia e Farmacologia, aí ele fez mestrado e doutorado.

R: Tudo na Farmácia.

L: Tudo na Farmácia. E assim, sempre sem dinheiro, sempre andando de ônibus, pagando... tendo que morar em república, então foi difícil também para ele. Quando eu o conheci, ele estava no mestrado nessa fase. Que ele dava aula em curso técnico, que foi quando ele deu aula para mim.

R: Ah, entendi.

L: Eu acho que eu me aproximei dele porque quando eu fui... eu acho que eu falei na primeira entrevista que eu trabalhava em uma escola de informática e aí apareceu o estágio remunerado...

R: Sim, que era menos [o salário]...

L: É! Que era menos! E eu fui conversar com ele. Eu fui pedir a opinião dele, o que ele achava que eu deveria fazer... ele me incentivou, então aí que a gente começou uma amizade,

além de professor a gente começou a conversar muito e foi... e aconteceu, a gente se aproximou.

R: Então do que eu tinha para te perguntar era isso, não sei se tem mais alguma coisa que você queira dizer que eu não tenha perguntado...

L: Não...

R: Então tá bom. Obrigada.

4.7 Patrícia: da Casa da Ciência para o mundo da pesquisa científica

Patrícia, 25 anos, é estudante de um programa de Mestrado pertencente à grande área de Ciências Biológicas. Em sua graduação, a estudante cursou Licenciatura e Bacharelado em Biologia. Quando ingressou na universidade, sua mãe havia estudado até a oitava série do ensino fundamental. Patrícia nos conta que, devido ao seu contato com a universidade, incentivou a mãe a prestar o ENEM – Exame Nacional do ensino médio - para obter o certificado de conclusão desse nível de ensino. Tendo trabalhado como vendedora, secretária, caixa de supermercado e também informalmente, vendendo doces e pão de queijo, a mãe da estudante exerce hoje a função de agente líder (um tipo de supervisora) dos inspetores escolares e funcionários da limpeza de uma faculdade particular, onde ingressou trabalhando na limpeza. Já de posse do certificado de conclusão do ensino médio, recebeu o incentivo de Patrícia para dar continuidade aos estudos. Como funcionária da faculdade, tinha direito a uma bolsa de estudos parcial e, assim, iniciou a graduação à distância em Pedagogia, que está cursando atualmente. Seu pai estudou até a sétima série do ensino fundamental. Aposentado por invalidez devido a um AVC - acidente vascular cerebral - passou a trabalhar informalmente, fazendo alguns serviços de mecânico e motorista de caminhão, mas sempre de forma intermitente, em virtude de alguns transtornos mentais decorrentes do AVC. Patrícia tem dois irmãos, um de 23 anos, que cursa Administração em uma faculdade particular, e um de 12 anos, que está no sexto ano do ensino fundamental.

Durante toda sua trajetória escolar, Patrícia estudou em escolas públicas, tendo cursado a primeira e a segunda série em escolas estaduais e, da terceira a oitava série em uma escola municipal, retornando a uma escola estadual no ensino médio.

Patrícia considera nunca ter sido uma boa aluna e nos conta que tinha muito sono durante as aulas. Por conta das sequelas do acidente vascular cerebral, seu pai, por vezes, apresentava comportamentos problemáticos, que afetavam o cotidiano e também as noites de sono da estudante, prejudicando seu desempenho na escola já que, além de não fazer as atividades, ela dormia na sala de aula. Para ela, a compreensão de uma de suas professoras a esse respeito foi de extrema importância. Como conhecia a situação que a estudante enfrentava em casa, esta professora relevava os momentos em que ela adormecia, diferentemente dos outros professores, com os quais esse fato acabava gerando atritos. A solidariedade desta professora parece ter sido tão significativa para Patrícia que até na apresentação do seu trabalho de conclusão de curso da graduação, a referida professora estava

presente, além de ter sido mencionada nos agradecimentos da estudante. Patrícia destaca que a amizade entre elas perdura até hoje.

Ao relembrar sua educação básica, a estudante afirma nunca ter sido uma aluna muito aplicada, raramente realizando tarefas e trabalhos escolares ou estudando em casa para as provas. Entretanto, ela relata ter tido apenas pequenos problemas com suas notas, o que ocorreu quando já estava no ensino médio, ocasião em que tirou uma nota baixa em uma prova de Biologia, na qual acertou apenas uma questão. Sendo assim, apesar de não se dedicar tanto, Patrícia tinha um bom desempenho. Ao refletir sobre isso, a estudante tem dificuldades de chegar a alguma conclusão e argumenta que, durante o ensino fundamental e também no Médio, parecia tudo “muito fácil”. Em um segundo momento, porém, ela atribui tal facilidade ao seu apreço por algumas disciplinas: “mas eu acho que... não sei, por exemplo, Matemática... Matemática da escola, Física, eu nunca tive problema porque eu gostava, eu acho que eu gostava, então eu entendia fácil.” Patrícia lembra ainda que gostava muito de ler, hábito adquirido e incentivado por sua professora de Português:

Uma coisa muito importante também, que eu esqueci de falar da professora de Português, é que ela incentivava muito a gente a ler [...] porque em casa, minha mãe, meu pai, não têm o hábito de ler, de ler principalmente, nada! [...] E foi com essa professora de Português que eu criei o hábito de ler e foi... foi até muito bom porque eu lia muito, sempre li muito.

Desta forma, vemos que apesar de todas as dificuldades enfrentadas em casa com o problema de saúde do pai, Patrícia continuava tendo um bom rendimento na escola. Nem mesmo o sono persistente e a consequente perda de parte do conteúdo das aulas na escola pareciam afetar negativamente o desempenho da estudante no que diz respeito a suas notas. Ela não conseguia estudar em casa e às vezes, nem mesmo na escola e, ainda sim, tinha bons resultados. O apreço que a estudante nutria pelos saberes escolares, especialmente relacionados a algumas disciplinas parece ter sido um facilitador na construção de uma trajetória escolar bem sucedida, não obstante todas as dificuldades enfrentadas.

Quando cursava a oitava série do ensino fundamental, Patrícia foi convidada por sua professora de Ciências a participar do programa “Adote um Cientista”, um programa educacional que desenvolve atividades relacionadas a esta disciplina, é promovido pela Casa da Ciência, que fica dentro do *campus* da USP. O referido programa recebe estudantes e professores da cidade e região em reuniões semanais com pesquisadores da Universidade de São Paulo, que falam sobre temas específicos de suas linhas de pesquisas desenvolvidas na universidade. O programa tem como objetivo aprimorar a cultura científica nas escolas,

despertando o interesse dos jovens na área de ciências por meio de discussões, realização de pequenos experimentos e pesquisas de campo. Ela nos conta ainda que esse convite não foi feito para todos os alunos da sala, mas somente para alguns, aparentemente os que se destacavam mais, demonstravam mais interesse ou chamavam mais a atenção desta professora, entre os quais estava nossa entrevistada.

A inserção de Patrícia no programa parece ter sido de grande importância em sua trajetória, tendo em vista que, além de relatar muita satisfação em participar do programa, ela explica que tinha contato com professores pesquisadores da universidade e por isso, já tinha o desejo de também ser uma pesquisadora, embora ainda não soubesse quais caminhos deveria seguir para isso. Os saberes científicos compartilhados no programa despertavam grande interesse em Patrícia. A estudante nos conta que permaneceu no programa durante cinco anos, até quando já estava fazendo o cursinho pré-vestibular e lembra ainda que o programa oferecia lanche e vale-transporte e salienta que, sem isso, provavelmente sua participação seria inviável. Ela relata que as atividades lá realizadas, tanto as aulas expositivas quanto as práticas, eram muito instigantes e despertavam de tal forma o seu interesse, que, mesmo diante do habitual sono, no programa ela nunca dormia:

Acho que lá eu não dormia porque o jeito que eles abordavam tudo era muito mais dinâmico, então sempre tinha gente perguntando um monte de coisa, sempre tinha... era professor dando aula e tinha duas pessoas que trabalhavam no programa que ficavam perguntando para um, perguntando para outro, questionando, fazendo umas brincadeiras, então era engraçado, então o fato de ser engraçado é uma coisa que te ajuda muito a não dormir...

A estudante explica que a composição do grupo era bastante heterogênea, com participantes de escolas públicas e particulares, de faixa etária também variada e havia rotatividade entre os estudantes. Ela nos conta que uns ficavam mais tempo, outros menos e que, entre os cinco chamados pela sua professora, por exemplo, somente ela permaneceu durante um longo tempo, assim como aproximadamente outros dez estudantes vindos de outras escolas. As atividades realizadas também eram diversificadas, sendo que havia palestras dos docentes sobre as pesquisas por eles desenvolvidas, que eram assistidas por todos os estudantes, grupos de estudo por temas, onde os alunos eram reunidos em menor número e, além das discussões, faziam também experimentos em laboratórios. Durante o tempo que permaneceu no projeto, Patrícia participou de grupos com temas de estudo variados, além de teatros, onde faziam a montagem, a interpretação e tudo mais. Curiosamente, um dos grupos de estudo que ela menciona em seu relato tratava do mesmo tema que estuda hoje em seu Mestrado. Patrícia descreve o programa como algo muito

fascinante, que despertava não somente o seu interesse como o da maioria dos estudantes que participava do programa:

Todo mundo achava muito... tipo, não tinha quem não gostasse. Mas é muito legal mesmo o jeito que eles abordam, assim, é realmente uma capacidade muito intrínseca deles assim porque eu nunca, eu nunca vi assim alguém igual o pessoal de lá, sabe de... cutucar, sabe, sabe quando... eu não sei explicar direito, mas sabe... de cutucar a pessoa a pensar, fazer com que os alunos pensem, fiquem incomodados, sabe, uma coisa assim.

Patrícia esclarece que a metodologia utilizada no programa era bem diferente da que existia na escola. Além das palestras, dos pequenos grupos de estudo, dos experimentos em laboratório e dos teatros, ela nos conta que eram bastante incentivados a escrever, fazer anotações, elaborações dos temas discutidos e construção de painéis, só para dar alguns exemplos. O programa tem também como proposta convidar os egressos a planejarem e executarem atividades junto aos atuais participantes, convite aceito por Patrícia com muita satisfação. Ela nos conta que recentemente, regressou ao programa, agora coordenando um dos grupos. Em uma das ocasiões, ela deu uma palestra sobre o tema de pesquisa do seu Mestrado, em outra deu um minicurso com dez aulas, e realizou também experimentos com os estudantes, além da montagem de maquetes e da confecção de esquemas e modelos em massa de modelar. A estudante descreve a experiência como muito gratificante e que a fez recordar de como se sentia quando era uma das participantes do programa:

É muito legal porque tipo, é um negócio... dá para lembrar como você era antes e ver como você é agora. E dá um nervosinho assim, é bem difícil na verdade. Mas foi bem legal, dá para ver como os alunos gostam de aprender essas coisas de uma maneira diferente, quando você insere alguma prática, alguma coisa assim, igual como eu era antes, dá para ver nos alunos você, assim, antes. Eles ficam vendo aquilo e: “nossa, que legal”, ficam imaginando possibilidades, é muito legal.

Patrícia começou a trabalhar logo após terminar o ensino fundamental, na secretaria da escola em que havia cursado esse nível de ensino. Ela nos conta que cursava o ensino médio no período da manhã e trabalhava à noite, das 18:00 às 23:00, ressaltando que o trabalho era tranquilo e até mesmo divertido. Sendo assim, nesta época, que correspondeu aos três anos do ensino médio, ela estudava de manhã, ia para a Casa da Ciência à tarde duas vezes por semana e trabalhava à noite.

Apesar de todas essas atividades, Patrícia não se refere a nenhuma dificuldade de desempenho durante o ensino médio, embora também não faça menção a nenhum aprendizado específico no que se refere aos conteúdos escolares, ou mesmo algum fato, situação ou pessoa que tenha marcado sua trajetória escolar de alguma forma. Aparentemente,

foi uma época bem descontraída: “No ensino médio, assim, as amizades foram as coisas mais legais que eu consigo... eu não consigo lembrar de uma coisa que eu aprendi no ensino médio, de ensino, mas... eu ria muito, sempre (risos)! Eu dormia até a hora do recreio, depois do recreio até meio dia eu ficava rindo (risos). Era ótimo!”

Porém, ao concluir o ensino médio, Patrícia começou seu sinuoso caminho em direção à universidade. Assim como relatado por Antônio e Marcos, ela nos conta que o vestibular não era um assunto corrente na escola, onde a prioridade era o ENEM. Entretanto, na ocasião em que o diretor de sua escola foi até as salas de aula falar a respeito do ENEM, ele acabou mencionando também o vestibular da FUVEST, explicando que era oferecida a isenção da inscrição aos estudantes de escola pública. De forma aparentemente despretensiosa, a estudante realizou o ENEM e prestou também o vestibular para Engenharia Aeronáutica, mas não conseguiu a aprovação:

E prestei a FUVEST, Engenharia Aeronáutica, porque eu gostava desses negócios de... tinha essa ideia de ser piloto da Aeronáutica e aí... prestei para Engenharia Aeronáutica porque eu gostava de avião, umas coisas assim (risos). Só que aí eu não cheguei nem perto de passar, né, acho que a nota de corte era setenta e quatro e eu devo ter acertado, sei lá, quarenta e cinco, na época, uma coisa assim, bem longe.

Não tendo conseguido a aprovação, decidiu fazer um curso preparatório para o exame. Porém, para pagar o cursinho, Patrícia precisou trabalhar e conseguiu emprego como garçoneiro em um restaurante, cumprindo o horário das três da tarde às três da manhã. Desta forma, a estudante tinha apenas três horas de sono, já que precisava acordar às seis da manhã para frequentar o cursinho. Após um mês, Patrícia explica que essa rotina tornou-se insustentável, que sentia muito sono e dormia durante as aulas, não conseguindo tirar proveito do curso. Sendo assim, decidiu abandonar o trabalho e passar a estudar no período da tarde, contando com o apoio financeiro da mãe, que pagou as mensalidades do cursinho durante cinco meses. Durante a realização do cursinho, ela prestou a prova para a Academia da Força Aérea, mas por poucos pontos, não obteve a aprovação, tendo conseguido nota em todas as disciplinas, exceto em Física, o que a deixou triste, já que passou muito perto de ingressar na Academia e se tornar piloto de caça, que era sua aspiração.

Foi neste mesmo ano que conheceu Moacir, que viria futuramente a se tornar seu marido. Segundo Patrícia, devido ao namoro, ela acabou novamente não estudando tanto quanto achava que deveria e, acreditando estar desperdiçando dinheiro, voltou a trabalhar durante o dia, como telemarketing, em uma companhia telefônica e passou a estudar no período da noite. Após três meses, com dificuldades em conciliar trabalho e estudo, a

estudante optou por abandonar o cursinho. Ao final deste ano, ela decidiu prestar o vestibular da FUVEST para o curso de Biologia, conseguiu passar para a segunda fase, mas não alcançou resultado suficiente para ser aprovada na segunda.

No ano seguinte, ela decidiu, juntamente com Moacir, estudar por conta própria com os materiais que já tinha. Ela nos conta que recebeu muitas críticas advindas da família devido à sua opção por ficar somente estudando, sem trabalhar, críticas que eram ainda mais fortes em relação ao namorado, segundo ela “por ser homem”. Para a família, a preocupação era o casamento e como fariam para manter-se financeiramente sem trabalhar. Entretanto, tais críticas não impediram que se dedicasse aos estudos, mas ela explica que seu foco foram as disciplinas de Química e Biologia.

Desta forma, mesmo sem ter feito cursinho, conseguiu ser aprovada em vários vestibulares, bem como teve ótimo resultado no ENEM, que lhe renderia uma vaga pelo SISU em uma universidade federal ou pelo ProUni, através de bolsa de estudos em uma universidade particular caso não alcançasse seu principal objetivo, a Universidade de São Paulo – USP. Tendo ficado na lista de espera pela FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular, que realiza o exame vestibular da USP, iniciou a graduação na UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, onde havia sido aprovada na primeira chamada. Porém após duas semanas, foi chamada para matrícula na USP, onde iniciou o curso.

Apesar de mencionar algumas dificuldades em Matemática, a estudante afirma nunca ter ficado com notas abaixo da média e considera que sempre teve um desempenho muito bom. O bom rendimento que obteve durante toda a educação básica sofreu um abalo ao ingressar na graduação, não no que se refere às notas, mas em relação à dificuldade em lidar com o volume de estudos que deveria realizar. O trabalho que a estudante passou a desenvolver no laboratório como parte de sua iniciação científica ocupava uma parte grande de seu tempo, de forma que Patrícia precisou trancar a licenciatura do curso, formando-se apenas no bacharelado. Atualmente, ela está cursando as disciplinas referentes à licenciatura, concomitantemente ao mestrado, o que tem gerado novamente um acúmulo de atividades e ocasionou, inclusive, um desentendimento com seu orientador, que não aprova essa situação e chegou a cogitar a possibilidade de retirar a bolsa de fomento da estudante por conta disso. Entretanto, até o momento, seu orientador tem permitido e ela tem conseguido levar adiante os estudos e obter bons resultados.

Um desses resultados foi o trabalho que a estudante foi apresentar, ao final da graduação, em um congresso internacional, onde fez uma apresentação oral em inglês, apesar

de nunca ter feito algum curso sobre o idioma. A naturalidade com que ela fala que aprendeu o inglês é impressionante: “Foi o Inglês da escola que foi muito melhorado porque você é obrigado a ler artigo e como você vai lendo muito artigo você vai, põe lá no *Google* tradutor, procura, vai assimilando isso de alguma forma.” Na mesma época em que fez essa apresentação, aconteceu também a prova da seleção para o Mestrado e, juntamente com isso, estava vencendo o prazo para a entrega do relatório final referente à bolsa que iniciação científica que recebia da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. A estudante afirma ter sido “uma loucura”, mas conseguiu realizar todas as atividades com sucesso, tendo inclusive conseguido o primeiro lugar na seleção do Mestrado, o que lhe rendeu uma das duas únicas bolsas de estudos oferecidas pelo programa já logo no início do Mestrado. Posteriormente, enviando seu projeto de pesquisa para uma agência de fomento, conseguiu uma bolsa ainda melhor. Destarte, embora faça constantemente referência faz ao sono e à dificuldade de concentração, Patrícia demonstra bastante capacidade de trabalho e estudo quando em face de algum objetivo.

No momento de nosso último encontro, a estudante estava aguardando o resultado de um pedido de bolsa de estágio de pesquisa no exterior, relacionado ao seu projeto de Mestrado, pelo qual mostrou-se bastante ansiosa e animada. Ela nos conta que ao ler um artigo desta pesquisadora, notou que havia uma relação com o seu projeto do mestrado e teve a iniciativa de entrar em contato com a professora e expor sua ideia de projeto, que parece ter agradado bastante a pesquisadora, uma vez que esta colocou-se à disposição de Patrícia para recebê-la em um de seus laboratórios, na cidade de Marselha, na França. Em um único dia, mesmo sem o apoio de seu orientador, a estudante escreveu rapidamente um projeto e enviou para a pesquisadora, bem como providenciou todos os documentos solicitados e estava, à época, apenas esperando o resultado.

Indagada sobre o que mais contribuiu para que realizasse a pós-graduação, Patrícia menciona o seu contato com os pesquisadores da universidade na época em que participara do programa educacional de Ciências e também o fato de ter feito iniciação científica desde o ingresso na graduação, estando assim, já direcionada para a pesquisa, acrescentando ainda o seu apreço pelo trabalho de pesquisa no laboratório. “É porque é uma coisa que eu gosto muito, sabe, apesar de todos os problemas que tem, da pressão e tudo mais. É uma coisa que eu gosto muito”. A estudante demonstra ainda a intenção de prosseguir nos seus estudos na pós-graduação, cursando o doutorado, porém em outra faculdade, tendo em vista o fato de estar um tanto quanto “saturada” do trabalho no mesmo laboratório.

Embora tenha cogitado a possibilidade de realizar o doutorado no exterior, Patrícia explica que desistira da ideia devido ao exame de proficiência em inglês exigido pelas universidades, no qual ela acredita não ter condições de ser aprovada devido à sua dificuldade de concentração. Ela lamenta o fato de as universidades exigirem um exame tão rigoroso e de custo tão alto, já que acredita que se fosse submetida a uma entrevista, comprovaria que consegue se comunicar em Inglês, uma vez que já o faz com um colega de laboratório com quem trabalha.

Sendo assim, dada a impossibilidade de cursar o Doutorado no exterior, a estudante vislumbrou outra alternativa: fazer seu Doutorado em outra faculdade dentro da USP mesmo e, atualmente tem frequentado aulas de uma pesquisadora, cujos estudos despertaram o seu interesse. Visando a ter contato com esta linha de pesquisa, na qual deseja desenvolver seu projeto de doutorado, ela tem assistido às aulas apenas como ouvinte, sem o conhecimento de seu orientador, que possivelmente não aprovaria tal situação devido à grande quantidade de atividades que Patrícia já tem a fazer, dada a concomitância entre o Mestrado e a Licenciatura. Mas a estudante tem um objetivo e, ao que parece, não vai desistir dele.

Se a Casa da Ciência foi para Patrícia uma janela para o conhecimento científico, o ingresso na universidade e na pós-graduação tornou-se uma porta para o caminho da pesquisa científica, que ela não vai deixar ser fechada.

4.8 Entrevistas na íntegra

1ª Entrevista

P: Ok. Começando. Vamos começar do prezinho então. O que eu lembro do prezinho, não lembro muita coisa, mas... eu fiz o prezinho numa escola no Kaiowá, Guarani-Kaiowá [bairro da cidade onde se localiza o campus], na época chamava Ubirajara e aí... Ah! Não sei o que eu posso te contar muito de lá, assim, era... que eu lembro, era uma escola muito boa, no prezinho, na época do prezinho, eu consegui aprender a ler no prezinho, eu não fiz o pré I, eu entrei direto no pré II que tinha o pré I, pré II e pré III. Eu entrei direto no pré II e aí [fui para] pré III. E acho que foi no pré III que eu consegui aprender a ler e a escrever. E lógico que aí na primeira série que aprendi mesmo de fato, mas eu, eu lembro da minha mãe na verdade, falar, eu não lembro de ter aprendido.

R: E lá era pública?

P: Era da prefeitura, isso. E depois na primeira série eu continuei numa escola do Kaiowá [bairro] também, que era estadual... era estadual. Na verdade, eu passei por duas escolas lá no Kaiowá, na primeira série eu comecei no Raoni que é uma escola que é estadual, e aí eu passei para... para o Inã, que é uma outra escola estadual. Eu fiz a primeira série nessas duas escolas, metade e metade. A segunda série, eu praticamente não fiz, eu comecei a segunda série, mas aí eu sofri um acidente, eu caí do telhado (risos), e quebrei o tornozelo de um jeito muito feio, fiquei um ano praticamente com gesso e aí eu praticamente não fui na segunda série inteira. E nisso a gente mudou de bairro e é onde eu moro hoje, até hoje, que é no Taiguara [bairro da cidade onde se localiza o campus], que é tipo... USP... Taiguara, terrível (risos) [referindo-se à distância entre a universidade e sua casa]. E aí lá eu comecei a estudar, a partir da terceira série já, eu nem sei como que funcionou isso na verdade, porque eu não concluí a segunda série mesmo, eu concluí assim, que eu acho que a professora deve ter dado uma nota... não sei como funcionou.

R: Você não frequentou?

P: Mas eu não frequentei. Não. Eu frequentei o começo, acho que foram uns dois meses, assim, acho que foi fevereiro, é... depois carnaval, março, abril, aí eu sofri o acidente e não fui mais na escola. E aí eu comecei na terceira série, nessa escola do Taiguara, que é uma escola municipal, que chama EMEF Araci Amana. Nessa escola, eu fiz da terceira até a oitava série, fiz o ensino fundamental todo nessa escola, e... o ensino fundamental é uma das partes que eu me lembro, assim, de bastante coisa, claro, que eu tive professores muito marcantes na verdade, que alguns professores de lá eram muito bons, muito bons mesmo. Então eu tinha um professor de Ciências, até a quinta série eu tinha professor de Ciências, chamava Erê, que inclusive ele fez graduação aqui, na USP, que era muito bom que... que... aquela coisa de professor bom, de alguma forma te ajuda a gostar de alguma coisa, no caso... no meu caso foi Ciências. Também tinha uma professora de Português que era muito assim, muito excelente, e

não só como professora, mas como amiga porque eu sempre tive muitos problemas em casa, e aí, tipo, ela e também outros professores, sempre entendiam muito bem esses problemas porque de muitas formas afetava minha vida escolar porque... Ai, não sei se é para falar todas as coisas (risos)...

R: Por favor. Pode contar o que quiser.

P: Ok. É... meu pai, ele era aposentado porque ele sofreu um acidente quando ele tinha vinte e oito anos, de moto, e quebrou a clavícula, coisa de boa, só que não colou direito. A clavícula ficou pressionando uma artéria e atrofiou e ele teve um AVC [acidente vascular cerebral] por conta disso, o que afetou uma parte do cérebro. E ele recuperou vários dos movimentos físicos, a maioria na verdade, não tem quase nenhuma sequela, mas acarretou de ele ter vários problemas de cabeça, várias crises nervosas... coisas, é... desenvolvimento de Transtorno Obsessivo Compulsivo... várias coisas, e nisso eu era... eu era bem pequena. E minha mãe sempre trabalhou, e ele depois que sofreu esse acidente não parava em serviço nenhum, então ele ia, fazia serviço de motorista de caminhão, de mecânico, mas nada em que ele parasse, então minha mãe sempre teve um emprego contínuo e ele não. E quem ficava em casa com ele, era eu e meu irmão, é... que tem... meu irmão, ele é dois anos mais novo que eu, nessa época meu irmãozinho, que é o caçulinha, ainda não tinha nascido e nós dois que ficávamos com meu pai, e meu pai tinha essas crises nervosas assim... que era um negócio muito de louco, que ele queria se machucar, que ele... batia a cabeça na parede... eu já fiquei... já segurei faca na mão do meu pai muitas vezes assim, muitas vezes, e isso me atrapalhava muito na escola, querendo ou não. É... eu tentava fazer com que não me atrapalhasse, mas me atrapalhava muito, não fazia as coisas, na verdade eu nunca fui muito boa aluna, enfim. E essa professora de português, Iúna, ela foi uma das pessoas assim, essenciais para que eu conseguisse passar por esse processo na escola e como eu era mais velha, então tipo, meu irmão que era mais novo, saía correndo e ficava eu e meu pai, e... [pausa] Bom, aí de... uma outra professora também que me marcou muito foi uma outra professora de Ciências que eu tive da sexta até a oitava, Poti, que ela conhecia um projeto aqui na Casa da Ciência do Hemocentro, e ela perguntou para os alunos quem tinha interesse de participar, e aquela coisa, eu gostava de Ciências, mas tipo, não tinha nada para fazer à tarde (risos), “vamos fazer!”, aí eu comecei a fazer na oitava, eu estava na oitava série quando comecei a fazer, esse curso aqui, o curso, eu não sei se você já conhece?

R: Não...

P: Não? Chama “Adote um Cientista”, depois se você tiver oportunidade de conhecer, eles trabalham muito com o pessoal de escola pública... é um negócio muito legal e é muito bom! Muito bom! No curso... eles têm um... os alunos de pós-graduação que dão aula, dão curso, então é um contato muito direto com a ciência assim, de maneira muito fresquinha e que eles fazem ser muito didático. Então, ao mesmo tempo que são coisas que você não entende na hora, depois tem umas aulas que vão te ajudando a entender tudo aquilo que você foi vendo, tem experimentos, inclusive eu participei de dois teatros que a gente fez, que a gente foi apresentar na Semana Nacional de Tecnologia, em Brasília... foi super legal, assim, e isso, o

fato de eu ter participado da Casa da Ciência foi o que me fez fazer Biologia, foi isso que me fez fazer Biologia, tentar fazer Biologia. No ensino médio, depois que eu saí da oitava série, eu fiz no Aquira [escola estadual de ensino médio da cidade onde se localiza o campus], que é no centro, não sei se você conhece, conhece? [aceno positivamente com a cabeça]. Aí eu fiz lá do... Na verdade, eu fui para uma outra escola porque do ensino fundamental, eles já passam a matrícula direto para uma outra escola, que no caso foi o Itagiba [escola estadual da cidade onde se localiza o campus], não sei se você conhece, é lá no começo da Avenida Bolívia assim, para a direita, fica... tem uma escola lá que é essa Itagiba e eu fiquei praticamente todo o primeiro ano do colegial lá. E aí depois eu consegui vaga no Aquira e mudei para o Aquira, no centro, que... eu achava que... era uma escola melhor, na época, para tentar passar no vestibular, alguma coisa, mas assim, eu pensava muito... muito pouco em prestar vestibular nessa época. Ainda não... não tinha essa ideia de: “Ai, com certeza, quando eu terminar o terceiro colegial, vou prestar o vestibular.” E... eu tinha ideia de fazer várias coisas na verdade, mesmo pensando em Biologia porque eu fiz o curso na Casa da Ciência desde a oitava série até o cursinho, assim, então eu fiquei uns cinco anos lá, na Casa da Ciência. E aí no ensino médio, eu tive alguns professores bons, mas assim, nada de muito marcante no ensino médio. Tinha um professor de Química que era muito bom... tive vários professores bons sim, mas assim, eu nunca fui uma aluna muito prodígio e eu sempre tive muito sono! Muito sono (risos)! Sério! Eu não sei se é porque, por conta dos problemas em casa, eu sempre... eu desenvolvi muito minha audição, assim, de perceber alguma briga, algum tom de voz mais elevado, para tentar resolver alguma coisa, entrar no meio, sei lá, então desde sempre, eu sempre dormi tarde, ouvindo, tentando ouvir.... até que eu... ou eu dormia porque eu estava muito cansada ou porque eu achava que estava realmente tudo bem, aí eu dormia. Mas... então, eu sempre dormi tarde, sempre tive muito sono, e eu sempre estudei de manhã, então... eu dormia praticamente, no ensino médio, até na hora do recreio, assim, dormia...

R: Dormia na sala...

P: Dormia na sala. Dormia. E aí depois não dormia mais, mas assim (risos) dormia bastante, então o sono sempre foi uma coisa ruim na sala de aula para mim também, até na graduação. Eu melhorei agora, agora eu melhorei porque não está tendo jeito de dormir mais, acabou a mamata (risos), mas... que mais? Daí no ensino médio, fiz até o terceiro colegial, aí eu pensava em fazer várias coisas na verdade, eu pensei em prestar Arquitetura, que é uma coisa que eu gosto muito de fazer, porque minha mãe gosta muito de fazer... minha mãe desenhou a planta da minha casa, por exemplo, que a gente mora. Minha mãe, ela gosta de desenhar e ela gostava de desenhar planta, não que ela tenha feito alguma coisa assim... nenhum curso, nada, e eu gostava de desenhar também por conta da minha mãe e gostava de desenhar planta também, igual ela, então... até hoje, na verdade, eu... é *hobby* ficar tentando desenhar planta de casa, é legal! E aí eu também pensei em fazer Arquitetura, só que na época eu não prestei Arquitetura porque precisava ter feito um curso técnico, tinha uma... não era uma prova só, direto, de conhecimentos gerais, tinha uma prova específica para prestar Arquitetura, eu acho que até hoje tem, até esquisito isso eu acho.

R: Em outra cidade você ia prestar?

P: Ia... ia prestar em São Carlos [cidade do interior paulista]. Aí... não prestei Arquitetura. Aí eu queria também... ser piloto de caça (risos)! Mas eu prestei até a prova da Força Aérea para... uma vez, mas isso eu já estava no cursinho já, que eu prestei prova da Força Aérea, mas acabei não passando por conta de Física, o resto eu passei, mas Física me derrubou, tinha uns pontinhos que eu não consegui. E aí por conta disso, de querer ser piloto, eu pensei em prestar Engenharia Aeronáutica [curso de graduação], que foi o que eu prestei assim que eu saí do ensino médio, que foi a Fuvest que eu fiz só, não fiz nenhum outro, fiz acho que o ENEM, fiz o ENEM e a Fuvest, e aí não passei, claro, porque a nota de corte era altíssima, de Engenharia Aeronáutica, era bem... bem alta mesmo, e não passei. Aí eu fui fazer o cursinho depois que eu saí do ensino médio. Ah, é verdade, no terceiro colegial eu também sofri um acidente (risos), eu fiquei mais ou menos uns quatro meses sem ir na aula, foi o acidente de bicicleta que eu sofri que eu tenho essa cicatriz, não sei se você já viu?

R: Nunca reparei.

P: Que eu tenho uma super cicatriz... [mostra a cicatriz]

R: Ah, agora que eu estou vendo!

P: Que eu também não fui na aula nessa época, fiquei de atestado um bom tempo. Assim que eu saí do ensino médio, aí eu pensei em fazer cursinho, como eu não passei em Engenharia Aeronáutica... Assim, até que não foi tão ruim a minha nota, mas a nota de corte era muito, era muito alta, acho que era tipo, bem perto da nota de corte de Medicina, e eu acertei cinquenta e alguma coisa tipo, que era uma nota de corte de Biologia. E nisso eu continuei, sempre... desde a oitava série fazendo curso aqui na Casa da Ciência, que era toda terça e quinta, e eles pagavam o vale transporte... então tipo, não tinha problema nenhum, não precisava, tipo... dava lanche, então eu sempre vinha, nunca precisei, se precisasse talvez da minha mãe ter dinheiro para me dar, talvez eu não teria feito, provavelmente eu não teria feito porque lá em casa sempre foi muito apertado por causa desse lance do meu pai, porque meu pai, ele aposentou, quando ele aposentou eu acho que eu já estava no segundo ano do colegial, quando ele aposentou. Então, antes disso era um salário mínimo da minha mãe e os bicos que ele fazia, então, foi bem... E... que mais? Aí no cursinho... eu decidi fazer cursinho, e aí para fazer o cursinho, é... eu decidi trabalhar porque eu não queria que minha mãe pagasse o cursinho porque... por conta de ser apertado para ela, eu não queria, aí eu comecei a trabalhar em um restaurante japonês, de garçom, para tentar pagar o cursinho, mas eu não consegui trabalhar e fazer o cursinho porque era à noite, então eu queria fazer o cursinho de manhã. E aí eu entrava no serviço mais ou menos umas três horas da tarde e saía do serviço as três da manhã e aí tipo, foi um mês terrível, que... que eu não consegui.

R: Você ia dormir três horas da manhã e tinha que acordar às cinco?

P: É. Para ir.

R: Entendi.

P: Então foi um mês que eu não conseguia, assim, acabei que metade do mês eu dormia no cursinho, que eu não conseguia... eu usava os livros, mas também não estava conseguindo estudar os livros porque... aí, não sei, eu sempre tive... acho que o meu irmão tem a mesma coisa, mas a gente, não sei se eu posso dizer que é preguiça, não é preguiça, mas assim, a gente tem um desânimo muito grande de estudar (risos), não sei se é preguiça, eu chamo de preguiça, às vezes é (risos)... Mas... sabe uma coisa de você não conseguir ficar estudando, eu acho que é falta de hábito porque a gente nunca teve hábito, assim, de ficar estudando. Eu mesma nunca fiz uma lição de casa, não fazia lição de casa, não fazia trabalho... então tipo, as notas, as minhas notas sempre foram baseadas em... em... prova e em trabalho que eu gostaria de fazer e aí eu fazia, mas fora isso, nunca tive o costume de fazer. Então eu acho que a falta do hábito ajudou nisso. Uma coisa muito importante também, que eu esqueci de falar da professora de Português, é que ela incentivava muito a gente a ler. De alguma forma foi assim que eu comecei a ler porque em casa, minha mãe, meu pai, não têm o hábito de ler, de ler principalmente, nada! Minha mãe agora, mais ou menos, fazendo a faculdade, mas... o hábito de ler assim, a gente não tem. E foi com essa professora de Português que eu criei o hábito de ler e foi... foi até muito bom porque eu lia muito, sempre li muito. Histórias, não ler coisas assim, notícia ou livro, mas é... literatura mesmo, histórias, entendeu? Mas eu lia bastante, foi uma coisa boa também. Que mais...? Tá! Aí no cursinho foi onde eu conheci o Moacir [seu marido atualmente], que aí a gente, de alguma forma, “varzeou” muito o cursinho quase que inteiro (risos). Na verdade, a gente se conheceu bem no começo do cursinho, aí tipo, foi... a gente estudava pelos livros, mas assim, as aulas a gente via, mas eu sempre tive o problema do sono, impressionante! Eu não conseguia ficar acordada por muito tempo, então perdia parte do cursinho. Hã... que mais [pausa longa]? É... no final do ano, a gente decidiu parar de fazer o cursinho de tarde e trabalhar e fazer o cursinho à noite. Aí a gente começou a trabalhar na J [empresa da cidade], eu e ele, e a gente começou a fazer o cursinho à noite, só que... isso de trabalhar e fazer o cursinho era uma coisa assim que não... não rendia. Como a gente percebeu que a gente estava gastando dinheiro à toa, a gente parou. Então aí a gente não prestou nada nesse ano porque... a gente... nem... sabia que a gente não ia passar, sabe? Pelo... Mas assim, a gente devia ter testado, ter... prestado porque talvez a gente conseguiria passar, mas a gente não... não prestou nada. E aí o ano seguinte inteiro, a gente ficou estudando em casa por conta própria com os livros do Capitu [escola particular e cursinho da cidade], a gente pegou todos os livros do Capitu e ficou estudando em casa. Ele estudou muito! Porque ele é uma pessoa muito dedicada e tal e eu tinha esses problemas que eu tenho. Eu... tentava estudar o tanto que dava, mas assim, o desânimo de estudar era uma coisa muito frequente em mim, que eu tinha. Então eu praticamente estudei Química e Biologia nos livros, sabendo que eu ia prestar F já, nessa altura. E... o resto eu não estudei. E Português, os livros da Fuvest eu li, foi isso que eu estudei para a prova. O Moacir estudou História, estudou tudo assim, eu não estudei quase nada. Aí, no final do ano, a gente ficou estudando esse ano inteiro e aí a gente prestou. A gente fez o ENEM, fez a Fuvest, fez a Unesp, fez a Unicamp. Na verdade, a Unicamp era a última, era a última prova da segunda... a gente passou tudo, todas elas a gente passou para a segunda fase, a gente ficou super feliz. E aí a gente fez a segunda fase da Fuvest, fez a da Unesp. E a segunda fase da Unicamp, a gente estava assim tão de saco

cheio de prova que a gente falou assim: “Quer saber? Não vamos!” E a gente não foi fazer a segunda fase da Unicamp (risos). Era só... Licenciatura em F, não era Bacharel, e a gente queria fazer Bacharel na época, na época a gente nem entendia direito qual era a diferença entre Bacharel e Licenciatura, entendia mais ou menos, a gente achava que Bacharel era para pesquisa, Licenciatura era para dar aula e só, eram duas coisas separadas, a gente não tinha ideia que podia ser diferente, que você podia fazer pesquisa também fazendo Licenciatura, por exemplo, então a gente acabou não indo. E aí de primeira eu passei na Unesp que eu fiquei em décimo nono, o Moacir ficou em terceiro, “nerd”, e aqui eu não passei de primeira, o Moacir passou em décimo aqui na USP e eu fiquei em... setenta e dois, a minha colocação, foi um vestibular que... setenta e dois. E... eu fui fazer Unesp, eu fiquei acho que uma semana na Unesp, que eu tinha passado lá, ele passou aqui, eu fui fazer lá e ele ficou aqui. E aí eu fiquei umas duas semanas lá que foi até sair as listas de chamada, que foi na última chamada que teve nesse ano, foi na terceira chamada de 2011 que aí eu consegui entrar na... aqui. Aí eu saí de lá e vim para cá na terceira chamada, a última da terceira chamada! Pensa só (risos)!

R: Sorte!

P: Sorte! E... na graduação, isso é uma coisa muito boa na verdade porque apesar da gente ter estudado em escola pública o tempo todo nosso período escolar... apesar do meu problema em estudar, o meu sono e tudo mais, tanto ele quanto eu, a gente sempre conseguiu ser um dos melhores alunos da sala, mesmo. Assim, comparando, né, porque na minha sala era eu e ele de escola pública só, o resto era todo mundo de escola particular. Então a gente conseguiu se sair muito bem, eu acho (risos). E... os professores da graduação, ah! A maioria deles são muito bons, tem também aqueles que tipo... que é, você sabe: “não ‘tô’ nem aí”, dão aquela aula bem ruim, não querem saber de nada, só querem saber de ferrar aluno, essas coisas assim. E publicar! Publicar é importante! E... mas assim, o curso de F foi... sempre quando eu... eu entrei no... a gente entrou no laboratório no primeiro... no segundo mês do primeiro ano para fazer iniciação científica, então assim que a gente entrou na graduação, a gente entrou no laboratório. Pior coisa, nunca faça isso (risos)! Que é o laboratório onde a gente está até hoje. Porque de certa forma isso ocupou muito do nosso tempo, a gente poderia ter aproveitado de uma forma melhor a graduação porque como a gente entrou na pesquisa muito cedo e ali na Medicina, que é um lugar que suga sua alma porque, tipo, a gente, por exemplo, parou de fazer Licenciatura. A gente poderia ter terminado os quatro anos porque quando a gente entrou, era Bacharel e Licenciatura, a gente poderia ter terminado os quatro anos, Licenciatura e Bacharel, e a gente só terminou Bacharel porque no terceiro ano a gente decidiu trancar a Licenciatura para poder ir mais no laboratório, por exemplo. E a gente já ia bastante porque o curso aqui de F é integral, então a gente ia depois das seis [horas] no laboratório e ficava até às onze... Então sempre foi uma correria no laboratório, aquela coisa que você sempre dá demais e a pessoa sempre quer muito mais, né, essa história do laboratório. E... a gente sempre pensou em fazer... quando... ah, eu sempre ficava pensando: “Ah, nossa, devia ter feito Farmácia”, porque era muito melhor para o laboratório, mas depois de um tempo no curso de F foi assim, o melhor curso que eu poderia ter escolhido para fazer na minha vida porque... não só por uma formação acadêmica, mas foi aqui que mentalmente eu me formei. Como cidadã, como tudo, sabe? Foram algumas pessoas ali, uma professora em

especial, não sei se você conhece, a Maiara? Todo mundo conhece a Maiara. A Maiara, por exemplo!

R: Só de nome. Ela é super militante, né...

P: Ela é! Então... todo mundo conhece ela, né? Ela é ótima! Nossa, ela principalmente, assim, é uma das pessoas que é responsável pela minha formação como cidadã, como... porque eu como... crítica, para pensar em alguma coisa como pessoa pensante mesmo, sabe? Então esse curso, assim, foi o que abriu a minha mente para essas coisas, então eu nunca teria escolhido fazer outro, foi a melhor escolha que eu poderia ter feito, foi ter feito F aqui. E... que mais...? Ah! No mestrado... aí quando a gente acabou o Bacharel, a gente decidiu: “Ah! Agora a gente vai fazer o mestrado e Licenciatura junto, ao mesmo tempo, aí a gente termina a Licenciatura, que faltam dois anos, e o mestrado, que é de dois anos, ao mesmo tempo!”, que é o que está sendo bem complicado de fazer (risos)!

R: Você está fazendo a Licenciatura e o mestrado?

P: Que é o que está sendo difícil!

R: Nossa...

P: Mas... e meu orientador ele é totalmente contra, do nível... assim, que... deu até briga já. Porque... quando eu fui fazer... porque a gente fez a iniciação inteira, a graduação inteira de iniciação nesse laboratório, foram quase quatro anos só de iniciação científica e eu consegui participar de dois artigos, assim, foi... a gente trabalhou bastante, ele também...[o marido], então foi uma coisa muito boa, mas a gente perdeu muito da graduação, a gente devia ter terminado a Licenciatura junto, não devia ter feito o que a gente fez. E aí na minha entrevista para o mestrado, porque tem a prova do mestrado... Nossa, aliás, era uma loucura porque era tipo assim, eu tinha que apresentar uma apresentação oral em inglês, na época meu inglês era bem ruim na época, há um ano atrás, melhorou bastante. Eu tinha que apresentar... é... minha apresentação era em um congresso, em inglês, em uma semana. Na próxima semana, eu tinha que entregar meu relatório final da FAPESP, que a gente sempre teve bolsa FAPESP, na iniciação científica, então tive que entregar meu relatório final, e dali uma semana, tinha que entregar minha monografia, então... E depois da monografia, a gente tinha a prova do mestrado, tipo, na semana seguinte, então foi assim: pá! Foi um monte de coisa, a gente ficou quase louco. A mesma coisa ele. Ele só não tinha a apresentação oral, só, que eu tinha, mas o resto foi uma loucura, inclusive a monografia, a gente escreveu em dois dias. A gente ficou dois dias praticamente, quarenta e oito horas sem dormir escrevendo a monografia. A gente quase teve um “piripaque” de tão doido que a gente ficou, mas deu certo (risos)! Mas deu certo! Aí foi, tipo, tudo: tá, tá, tá! Tudo em fileira. E aí teve a prova do mestrado, que a gente passou de primeira, inclusive ele... eu passei em primeiro lugar, ele passou em segundo lugar, a gente foi bem. Na verdade, na prova ele passou em primeiro lugar, só que aí tinha análise de currículo e aí eu acabei ficando em primeiro lugar. E isso foi muito bom porque só tinham duas bolsas disponíveis e foram as bolsas que a gente pegou porque era por colocação. A

gente teve que brigar, na verdade, para ser nossa, porque era por colocação, só que quem matriculava primeiro, ganhava. E como a gente ia colar grau, tipo, daqui quinze dias [após a data de início das matrículas], a gente tinha que esperar quinze dias para pegar a... o documento, o certificado ou declaração e aí se matricular. E aí as pessoas que já estavam certo ali, que já tinham passado em outras colocações, iam fazer matrícula e iam ficar com a bolsa e, tipo, a gente ficou: “Não, a gente não pode ficar sem bolsa!” E nessa época a gente já era casado e eu não... não dependo nadinha, assim, da minha mãe, até porque minha mãe, coitada, tem tipo... os “n” problemas dela e... Então a gente tinha que ganhar a bolsa, ou eu ou ele e aí... a gente acabou ganhando nós dois. Assim, foi uma coisa muito boa porque a bolsa que tem disponível é do CNPq. Depois a gente mandou [pedido de] bolsa para a FAPESP, aí eu acabei ganhando a FAPESP e o Moacir continuou ganhando bolsa do departamento e... aí na entrevista do mestrado, eu falei que eu ia continuar fazendo Licenciatura e meu professor estava na entrevista e ele não falou nada. Só que depois deu um problema, que ele não queria... porque ele queria que eu perguntasse para a FAPESP se eu posso fazer Licenciatura junto... porque senão ele iria pedir para cortar a minha bolsa da FAPESP... então foi uma... uma loucura! E a gente sempre trabalhou muito, sabe, lá no laboratório. Tipo, fazendo Licenciatura ou não, a gente ia continuar trabalhando muito, não ia mudar meu desempenho no laboratório. Mas eu briguei com ele agora e estou fazendo Licenciatura, e o Moacir também. E é uma coisa assim, que a gente não vai abrir mão de fazer, a gente vai fazer, mas está sendo muito difícil por conta de conciliar os estágios que são à noite, que inclusive a gente ainda não começou por causa da loucura, das aulas. Inclusive, a gente tem uma disciplina que é de Didática [disciplina da Licenciatura] esse semestre. A professora... é louca! Louca! [risos] Ela... ela pede muita coisa e a gente não está dando conta. Muita coisa, tipo, resenha de dois textos toda a aula, textos de quinze páginas, eu tenho que ler mil artigos por semana e ainda ler o texto, isso é um negócio que está... a gente está ficando doidinho. Então por isso a melhor coisa que a gente fez foi começar a fazer exercício porque você não tem ideia de como ajuda. Se a gente não estivesse fazendo exercício, eu estaria pirada. Mais pirada.(risos)

R: Você tem o certificado, então, da graduação, mas como Bacharel?

P: Bacharel, é. A gente têm diploma de Bacharel e agora a gente vai terminar, junto com o mestrado, a Licenciatura. E aí vamos ter o diploma de Licenciatura.

R: Entendi. Em que ano você está do mestrado agora?

P: Eu já entrei no segundo ano já. Vou acabar juntinho, tem mais esse ano de Licenciatura, acaba e aí acaba o mestrado também.

R: Você qualificou já?

P: Não, vou qualificar ainda. Mas acho que é isso. Mas se tiver alguma coisa que tiver faltado (risos)...

R: Então, deixa eu te fazer umas perguntas. Você falou que quando você estava na primeira série, você estudou parte em uma escola e depois mudou. E essa mudança foi por conta de quê?

P: Eu não tenho ideia! Eu sempre... eu lembro e eu acho muito estranho, na verdade, porque eu comecei a estudar no Raoni e na metade da primeira série, eu comecei a ir no Inã... Eu acho, eu acho, mas não tenho certeza, que minhas primas estudavam no Inã e aí minha mãe quis me trocar para ficar na mesma escola que elas, para ficar mais fácil de buscar ou levar porque minha mãe sempre trabalhou e meu pai é uma pessoa que não se pode contar até hoje. Então tipo... isso.

R: Entendi. E... é... você não mudou de escola, desculpa, de casa?

P: Não, nessa época não.

R: Você morava no Kaiowá?

P: No Kaiowá. A gente morava no fundo da casa da minha avó, que é mãe do meu pai, nessa época.

R: Tá. A sua mãe, você falou que a sua mãe sempre teve trabalho, né? Um trabalho contínuo...

P: A minha mãe, ela sempre ficou bastante tempo em um lugar, ela trocou de emprego umas quatro vezes, mas assim, sempre com um longo tempo de trabalho.

R: E do que ela já trabalhou, você lembra?

P: Lembro. Minha mãe, o primeiro emprego que eu lembro, não o primeiro emprego dela, mas o que eu lembro, é que ela trabalhava em uma loja de... ela sempre trabalhou bastante com vendas porque ela fala muito bem, assim, ela é toda... ela trabalhou em uma loja de tecido chamava Moama, ali no centro. Ela trabalhou bastante tempo como vendedora ali, eu não sei te dizer quanto tempo, mas foi bastante tempo, depois dessa loja ela trabalhou em um consultório médico como secretária desse consultório médico, bastante tempo também, depois disso ela trabalhou no mercado... no supermercado Jandir como caixa, bastante tempo também e depois do Jandir ela... começou... entre um desses [trabalhos], ela passou um tempo vendendo coisas, é... com carro na rua... doce, essas coisas assim, queijo... Até hoje ela vende ainda, mas ela passou... Inclusive, quando eu estava na primeira série, eu lembro que ela vendia pão de queijo de bicicleta.

R: Ela fazia?

P: Não, ela pegava pronto e vendia. A melhor lembrança da infância é estar na bicicleta indo para a escola comendo pão de queijo (risos)!

R: Você ia junto com ela?

P: Ela me levava e me buscava de bicicleta.

R: E já ia comendo um pãozinho de queijo.

P: Já ia comendo pão de queijo (risos).

R: Ah, que delícia.

P: Era bom aquele pão de queijo.

R: Você comentou do... dos professores, né, que você tinha professores muito bons no... no ensino fundamental e você mencionou a professora de Português. Você falou que ela foi essencial e tal... você disse que ela foi essencial nesse sentido da sua família? Com seus familiares e tal?

P: Sim. Porque ela sempre foi, além de professora, sempre foi muito amiga dos alunos, e... tipo... ela entendia muita coisa, da minha mãe conversar com ela e ela sabia dos problemas em casa, então ela deixava passar muita coisa. Por exemplo: ela me deixava dormir, que era uma coisa que às vezes alguns professores implicavam muito e... e como eles implicavam, eu também implicava, então eu não era uma pessoa fácil na escola, então... eu não... não que eu chegasse a desrespeitar, sabe, mas eu não... não aceitava. Porque... fazer o quê? Eu estava com sono e eu queria dormir. Pronto. Eu não ia faltar da escola, então era uma coisa que era ruim. E já ela não, sabe? Como ela já sabia de todas as coisas, então ela entendeu muitas coisas, assim. E ela me deu aula praticamente até a oitava série, da quinta à oitava série, então foi... uma coisa contínua, inclusive ela veio na minha apresentação de monografia... então foi uma “choraiada”... (risos). Foi horrível na verdade porque no final eu coloquei o *slide* de agradecimento e não consegui falar, comecei a chorar (risos)... não conseguia falar, aí foi terrível porque quatro anos com... a minha... imagem de pessoa malvada foi “para o saco” (risos)... com aquele choro.

R: Ah, você tinha uma imagem de pessoa malvada?

P: De durona. Foi tudo “para o saco”!

R: E ela soube que você entrou, então, acompanhou a sua graduação?

P: Sim, sim. E até hoje a gente tem contato. Ela, inclusive, faz Pedagogia aqui agora, ela entrou em Pedagogia aqui.

R: Que legal. É... e teve mais algum outro professor que você...

P: Do ensino fundamental? A Poti, a Poti que foi a que me trouxe para a Casa da Ciência, mas apesar disso, a gente não tem mais contato. Eu tenho ela no *Facebook*, por exemplo, assim,

tenho vários professores no meu *Facebook*, mas a gente não conversa muito. Tem minha professora de Inglês do ensino fundamental, que também era muito boa. Praticamente... o meu Inglês eu devo a ela porque eu nunca fiz curso nem nada, então... ela era muito boa mesmo. No ensino fundamental, isso.

R: Você fez uma apresentação oral em inglês com o seu Inglês da escola?

P: É (risos)! Assim, está certo que eu montei, montei a fala, decorei, mas assim, meu inglês melhorou muito. Foi o Inglês da escola que foi muito melhorado porque você é obrigado a ler artigo e como você vai lendo muito artigo você vai, põe lá no *Google* tradutor, procura, vai assimilando isso de alguma forma. E também, eu e o Moacir sempre assistimos muita série que... que ajuda muito, nossa, ajuda muito na verdade porque... a maneira como você fala... inclusive esse moço do Chile [referindo-se a um estudante do mesmo laboratório que o seu] que está aqui agora, e a gente só conversa em inglês porque ele não entende muito bem. E aí eu vejo o quanto eu sei falar e eu achava que eu não sabia. O quanto a gente sabe, assim, por lembrar... às vezes eu lembro, você vai falar, vem a palavra na cabeça porque você já escutou em algum lugar, aí você vai falando.

R: É, você fala assim, que você até pensava em prestar o vestibular e tal, mas que pensava pouco.

P: Sim.

R: E por que, assim, pouco?

P: Falta de contato. Falta de contato, assim, total! O contato que eu tive com faculdade, universidade, foi aqui na Casa da Ciência, que tinha os pesquisadores que vinham, aí alguns dos meninos que fizeram a Casa da Ciência, prestaram faculdades e passaram, também vinham, voltavam e diziam: “Ai, a gente fez...”, uma coisa assim. Então acho que foi isso porque eu, por exemplo, sou a primeira da minha família que se forma. Primeira. Ninguém da minha família ainda é formado. Agora tem umas primas minhas que estão fazendo faculdade agora também... mas da minha família por parte de pai eu sou a primeira, primeira! Da minha família por parte de mãe também, mas tem mais gente agora fazendo. Então falta de contato total!

R: Então em casa você... essa coisa de fazer faculdade, prestar vestibular...

P: USP eu nem sabia o que era no ensino fundamental.

R: Então não era um objetivo dentro de casa falar sobre isso, falar sobre universidade, tal...

P: Não, não... nunca foi.

R: E na escola? Como que era tratado esse assunto, o vestibular?

P: No ensino fundamental quase nunca era tratado. Eu não lembro de ter sido tratado alguma vez. No ensino médio, eu lembro do diretor ir e falar: “Ah, gente, o ENEM... o ENEM...”. O ENEM para mim era a única prova... (risos)... Falava do ENEM. Mas... eu lembro que foi o professor, o... diretor foi falar da inscrição da Fuvest... e aí foi porque eu fiz, mas eu fiz por: “Ah! Vou prestar, vou ver o que é essa prova” (risos). Mas assim, sem muita consciência do que fazer ali, o que era o quê... sem muita... noção.

R: É... eu estava lembrando que você falou que dormia na sala e você falou que os professores implicavam, né, em geral, eles implicavam?

P: É, em geral.

R: E isso atrapalhava seu desempenho?

P: Atrapalhava porque... eu não sei se...

R: Em termos de êxito, tá?

P: Não, isso não... Eu dormir? Não. Isso nunca. Isso não atrapalhava.

R: Porque você estudava...

P: Não também. Era que... não sei. ensino fundamental, ensino médio sempre pareceu muito fácil. Na faculdade é que o negócio apertou um pouco, tem que estudar. Mas sempre pareceu tudo muito tranquilo, assim, isso nunca atrapalhou. Eu lembro, na verdade... eu não sei se nunca atrapalhou. Eu sempre tirei nota muito boa, nunca tive problema com nota. No ensino fundamental... não, no ensino médio é que eu tive alguns pequenos problemas com nota, foi, por exemplo, inclusive em Biologia. O primeiro ano do ensino médio e o segundo ano eu tive um professor de Biologia que eu adorava, tipo, a gente é... estudava... estudava assim, prestava bastante atenção na aula dele que era... não me dava sono. No terceiro ano, eu tive uma parte de Biologia que eu já não me interessava muito e a professora também não era muito legal, então eu não estava nem aí e... acabou que eu... teve uma prova que eu tirei [nota] 1, assim, 1 porque eram dez questões e eu acertei uma, que eu tirei 1, que foi a questão que eu sabia porque eu tinha aprendido aqui na A. Então, tipo assim, eu escrevi... inclusive foi um episódio assim, muito engraçado. Porque eram dez questões, era tipo, cada uma de uma parte e essa questão de biologia celular, que era o que a gente estava aprendendo aqui. E aí eu... aqui eu não dormia, por exemplo, tem umas coisas assim... E aí essa questão, eu escrevi tudo o que eu aprendi aqui, e aqui era muito mais do que ela tinha dado na escola, era muito mais aprofundado porque a gente aprendia com os pesquisadores. Então, realmente aqui é um nível muito de graduação, de pós-graduação também, inclusive. Então eu escrevia, assim, praticamente... eu li a prova inteira, eu só sabia aquela. Eu escrevi praticamente uma folha inteira aquela questão, eu escrevi detalhadamente, eu pensei assim: “Vai que a professora dá um dez só por causa dessa questão, deixa eu escrever tudo! Ela me deu 1! Mas foi engraçado

porque ela me chamou para conversar com ela porque ela não entendeu, né (risos), acho que ela ficou... coitada... porque o outro professor meu, ele sabia que eu fazia esse curso aqui, a gente conversava, ela não. Porque ela sempre foi meio chatinha. E aí então foi muito engraçado, ela falou: “Nossa, então...”, aí ela me chamou eu falei: “Ah! Você está me chamando porque eu tirei 1 na prova e tal...”, aí ela falou: “Na verdade não, na verdade não é por isso, na verdade eu queria saber da onde você tirou tudo isso aqui que está escrito na última questão?” E aí eu acabei falando para ela daqui e tudo mais, mas foi engraçado.

R: Ela ficou surpresa?

P: Ela ficou surpresa.

R: [A professora deve ter pensado] “Como ela não responde nove questões, e uma ela responde tão fácil?”

P: É, as outras eu respondi assim, nada, errei tudo, porque eu não sabia mesmo, porque eu não tinha prestado atenção, porque eu não tinha... e também, engraçado, que eu não me importava, tipo, eu nunca falei: “Ai, quero tirar nota boa”. Sempre tirava nota boa, mas nunca foi uma coisa que: “Ai, eu estou muito preocupada em tirar nota boa”. Nunca me preocupei porque eu também nunca tive muita cobrança em casa, nunca tive: “Você tem que ir bem na escola”, sabe? Nunca foi uma coisa... “Você não leva uma advertência, por favor”, mas nunca... sei lá, era uma coisa meio assim.

R: Você saiu do ensino médio e já direto você prestou o vestibular, foi isso?

P: Foi, que eu prestei Engenharia Aeronáutica e aí eu não passei, e aí eu decidi fazer o cursinho. O cursinho eu decidi fazer na verdade porque tinha um amigo meu que fazia, para prestar, aí eu falei: “Ah, vou fazer um cursinho também, vai que eu passo fazendo cursinho”.

R: Aí você falou que você começou o cursinho, trabalhando e aí parou. Quanto tempo foi isso? Um mês?

P: Um mês.

R: E depois, quando você parou, você continuou com o cursinho?

P: Continuei, só que continuei à tarde, que era metade do preço, que aí minha mãe que começou a pagar para mim.

R: Ah, tá. Aí sua mãe pagava e você só estudava à tarde. Você fez o extensivo? Fez um ano todo?

P: Não. A gente parou com cinco meses mais ou menos, foi quando eu comecei a trabalhar e fazer à noite, a gente mudou. E aí eu fiz mais três... mais um mês e aí eu decidi parar de vez o

cursinho e como eu tinha todos os livros, que eu tinha pegado todos os livros do Capitu [escola particular e cursinho da cidade], foi por onde a gente estudou depois no outro ano, tudo.

R: Quando você começou e aí depois você mudou para a tarde, era no Capitu também?

P: É, tudo foi no Capitu.

R: Tudo foi no Capitu.

P: Ah! Uma coisa que eu ia te falar, que... no terceiro colegial... no primeiro, no segundo e no terceiro colegial, eu fiz... eu participei do CIEE [Centro de Integração Empresa Escola]. Eu trabalhava na escola onde eu estudei no ensino fundamental, na secretaria, à noite. Então do primeiro ao terceiro colegial, das seis [horas] da noite até às onze, porque eu ficava na EJA [Educação de Jovens e Adultos], eu ficava na secretaria da escola.

R: Você recebia uma bolsa?

P: É. O valor acho que era trezentos reais.

R: Daí nessa época do ensino médio, você trabalhava à noite, é isso?

P: É, uhum. Era à noite, no supletivo, eu ficava na secretaria do supletivo.

R: E todo o tempo do ensino médio?

P: Todo o tempo do ensino médio.

R: E era tranquilo? Como que era esse trabalho?

P: É, era muito legal, assim, eu sempre gostei, era uma coisa... era divertido, não tinha tanta coisa para fazer, era mais mexer com papel... é... histórico... várias coisas assim, coisas de secretaria mesmo, mas era legal porque eu conhecia todo mundo da escola, então era um ambiente que eu não saí depois que eu me formei [no ensino fundamental], fiquei ali durante o ensino médio inteiro, basicamente.

R: Então na verdade, você só teve, é... você saiu do ensino médio, teve um ano só de cursinho?

P: Um ano só de cursinho.

R: E... aí você já entrou?

P: Não.

R: Porque você foi para fora, você falou.

P: Eu fiquei... Eu fiz um ano de cursinho, e aí depois no outro ano, a gente decidiu não fazer cursinho, a gente não prestou o vestibular no final do ano de cursinho porque a gente achou que a gente não ia passar.

R: Ah, e nem tentou?

P: A gente nem tentou. É... a gente passou o outro ano inteiro estudando em casa. Em casa, sem trabalhar, nem nada, só estudando, até acabar. Eu não... (risos)

R: Ainda não estavam casados?

P: Não. Não, a gente casou faz dois anos. A gente já estava na graduação já.

R: E aí então vocês ficaram esse um ano estudando, prestaram...

P: Estudando, e aí a gente prestou e aí passou.

R: Ele passou aqui e você lá?

P: Lá na Unesp, é.

R: Você... então, quando você prestou Engenharia Aeronáutica, era em outra cidade?

P: Era em São Carlos.

R: Você já pensava em ir para lá ou não pensava sobre isso, como ia se manter...

P: Não pensava. (risos)

R: (Risos)

P: Na verdade não, não sei, eu nem... nem passava na minha cabeça. O que eu ia fazer? Se eu passasse mesmo, na verdade eu estava mais com a ideia de que eu não ia passar, então eu nunca cheguei a pensar: “Ah e se eu passar?” (risos). Nunca tinha pensado.

R: E quando você foi para a Unesp, foi em que cidade mesmo?

P: Jaboticabal, é aqui pertinho.

R: Você ficou quanto tempo lá?

P: Fiquei duas semanas estudando lá.

R: E aí você ia como?

P: Eu ia e voltava de ônibus.

R: Ah, tá.

P: Eu não cheguei a morar lá nem nada.

R: E esse, esse ônibus como que era? Era público, você pagava?

P: Pagava. Era... era... pegava um ônibus ali da rodoviária, parecia um ônibus de cidade mesmo.

R: Ah, um ônibus de linha, não era desses fretados.

P: É. Um ônibus de linha.

R: Entendi.

P: E aí eu ia e voltava todo dia.

R: E aí te chamou aqui...

P: Chamou aqui e eu vim.

R: Você veio. O seu pai ele aposentou por invalidez?

P: Foi.

R: Por conta do... por causa do acidente?

P: Foi.

R: Entendi.

P: Demorou muito tempo para ele aposentar. Demorou sete anos depois que minha mãe entrou com o processo.

R: É... você falou que não se lembra de fazer trabalho, lição de casa, essas coisas... porque os professores não pediam ou você não gostava de fazer?

P: Não fazia. Não fazia. Não era uma rebeldia nem nada, era mais um... aí, não tinha por que fazer, entendeu? Muitos deles não passavam [lições de casa], mas os que passavam eu não fazia.

R: Isso desde lá do ensino fundamental?

P: Desde sempre. Até porque minha mãe, como ela sempre trabalhou, ela nunca fez lição de casa comigo, então isso foi uma coisa que eu ou fazia sozinha ou eu não fazia, e ela nunca foi em reunião, muito assim, ia uma vez, então tipo... eu não fazia, não fazia e ficava por isso mesmo.

R: E os professores, quanto a isso, como eram? Você tinham problemas com isso?

P: Não. Mais ou menos. Eles não davam a nota. Porque tudo era... tinha a nota da lição de casa, tinha nota de não sei quê. Eu lembro que tinha até um deles que chegou e me falou: “Ah, mas você não vai ficar com essa nota aí” [nota que receberia caso tivesse feito a lição] e eu: “Ah, tudo bem”.

R: Você vai perder essa nota, aí você...

P: “Tudo bem”. Assim.

R: Entendi. E aí então você passou um mês trabalhando naquela época e depois voltou a trabalhar, foi isso?

P: É, passei um mês trabalhando no restaurante japonês...

R: Não, e depois?

P: Aí eu trabalhei na J [empresa da cidade]. Foi no finalzinho do ano, eu trabalhei três meses na J, aí a gente decidiu parar com a J, parar com tudo, com o cursinho... e estudar só em casa com os livros do K.

R: Entendi. Quando você falou da... da questão do Bacharel e da Licenciatura, que vocês não sabiam muito bem o que era e achavam que Licenciatura era para dar aula e Bacharel era para fazer pesquisa. E por quê? Você já pensava, nessa época você já pensava em fazer pesquisa?

P: Eu já pensava por conta daqui porque era... eu tinha na verdade, a interação maior que eu tinha era com pesquisador que vinha dar aula, então tinha gente que estava fazendo mestrado, tinha gente que estava fazendo doutorado, então eu já tinha a ideia já de fazer F para a pesquisa nessa época.

R: E o Moacir?

P: O Moacir, ele começou a fazer [o programa educativo do campus] aqui comigo também, depois que ele me conheceu.

R: Ah, tá.

P: Eu trouxe ele para fazer aqui também, falei: “Vamos fazer, é legal”(risos)

R: Ah, legal. Muito bem. Aí na graduação você comentou sobre a professora Maiara, né? E.. mais algum professor? Você teve aula com a professora Maiara?

P: Tive.

R: Mas ela não te orientou?

P: Não.

R: Foi só professora.

P: É mais o contato mesmo com a pessoa, não é nem com a professora, com a pessoa.

R: Na graduação, mais algum professor que você se lembra?

P: Rudá também, não sei se você conhece o Rudá. O Rudá... Teve professores muito bons também, Ivair... mas assim, para esse fato da minha formação, foi mais a Maiara.

R: Essa formação que você fala como cidadã, que você comentou...

P: Sim.

R: Você, hoje você mora... hoje vocês são casados e moram juntos? E moram separados da família ou não?

P: A gente mora... minha mãe ela... na mesma... Tem uma rua de cá e outra de cá [faz os gestos], minha mãe ela morava aqui, aí ela conseguiu comprar essa casa do fundo, e aí ela pegou parte da garagem para ela e fechou a casinha, e aí a gente mora ali. Não é a mesma casa, mas é... muito perto.

R: É no mesmo terreno.

P: Mesmo terreno.

R: E você tem irmãos, você falou? Quantos?

P: Tenho dois irmãos.

R: E como são eles em termos de estudo? O que eles estão fazendo ou fizeram?

P: O meu irmão é... que é dois anos mais novo que eu, ele sempre foi muito igual a mim. Então nunca fazia lição de casa, nunca... mas ele sempre foi bem na escola também, sempre... mais ou menos igual a mim. Ele fez ProUni quando ele saiu do ensino médio, passou em Administração e ele foi fazer em Tulipa [cidade do interior paulista] pelo ProUni. Só que, por conta do desânimo que eu e ele temos, a gente tem essa mesma coisa. Eu não sei se é por conta dos problemas com o meu pai... não sei... algumas coisas a gente acaba tendo alguns problemas, tanto eu quanto ele. E ele... acabou parando de fazer Administração. Ele parou, trancou, saiu, e aí ele começou a trabalhar com o sogro dele. O sogro dele tem uma... uma empresa de construção de pista [rodovia]... de pista, sabe essas coisas de pista? Umas construções meio doidas aí, e aí o sogro dele... está muito bem, assim, com essa empresa e ele começou a trabalhar com o sogro dele. E aí ele virou gerente lá... da empresa... e aí...

R: Pista que você fala é rodovia?

P: É de rodovia, umas coisas de construção de rodovia, assim. E aí agora ele está fazendo R [curso de graduação], só que ele paga. Ele não quis prestar nem nada e ele paga na S [faculdade particular da mesma cidade onde se localiza o campus] para fazer. O sogro dele é... aumentou o salário dele porque ele está fazendo... então ele está fazendo agora. Eu acho que, como ele está fazendo meio que junto com o sogro, soma uma coisa para ele estudar, sabe? Então ele faz. Está fazendo certinho, assim, até onde eu sei.

R: Ele é casado?

P: Não.

R: Só namora?

P: Só. Na verdade agora é ex-sogro porque ele não está mais namorando com a filha do patrão. (risos)

R: (risos) E o outro?

P: E o pequenininho, o Cauã, ele tem onze anos, onze ou doze, doze, acho que é doze, doze. Ele está no sexto ano agora. Mas o Cauã, ao contrário de mim e do meu irmão, ele tem dificuldade na escola. Ele... os problemas em casa, apesar de mais leves, continuam basicamente os mesmos. Só que, eu não sei, se como eu e meu irmão, a gente... como era só eu e meu irmão, sozinhos, pequenos, a gente acabou desenvolvendo uma... uma... força... uma maturidade maior, não sei. E como agora as coisas são um pouco melhores, mas ainda não são tão legais e meu irmão tem a gente, então eu acho que ele ficou mais... ele não... não sei. Ele não teve essa maturidade que a gente acabou tendo que ter, então, não sei, ele tem dificuldade na escola, ele faz lição de casa, mas porque eu fico sempre em cima da minha

mãe. Por exemplo, eu que sempre vou na reunião de pais dele, eu que tenho que fazer ele ler, eu tenho que fazer lição de casa com ele, então, tipo, várias coisas que eu tento fazer com ele, mas ele tem um pouco de dificuldade, assim, agora ele está melhorando, sabe? Mas ele estava com bastante dificuldade até o ano passado. Engraçado que das férias do final do ano passado para esse ano agora na escola, ele deu uma melhorada que nem... muito boa, assim, a leitura dele... o jeito que ele está escrevendo, agora assim, deu uma melhorada muito boa, mas ele estuda na escola que eu estudei no ensino fundamental, que meu irmão também estudou.

R: É... Na sua trajetória, nessa sua trajetória escolar, o que você acha que mais contribuiu para que você realizasse a pós-graduação?

P: A gente sempre trabalhou... como a gente fez iniciação científica muito cedo, acho que assim, quando você faz F, é um negócio muito “do mal” porque você não tem muita opção na vida (risos).

R: A não ser fazer pesquisa.

P: (risos) Ou você vai fazer pesquisa ou você vai dar aula. Como a gente ainda não tinha terminado a Licenciatura e a gente estava trabalhando com pesquisa já, no laboratório, já tinha um projeto meio engatilhado, a gente decidiu prestar o mestrado e continuar trabalhando na pesquisa. É porque é uma coisa que eu gosto muito, sabe, apesar de todos os problemas que tem, da pressão e tudo mais. É uma coisa que eu gosto muito e... mais isso, assim, isso eu não... Mas F é uma coisa que não te dá muita opção, assim, ou pesquisa ou é aula, né, aí você escolhe.

R: E de tudo que você aprendeu nessa sua trajetória escolar, incluindo sua experiência na graduação e agora aqui na pós, quais são as coisas que você considera, assim, mais importantes?

P: Pergunta profunda, né, essa (risos)?

R: Não exatamente ligada ao ensino, pode ser, que nem você falou, como cidadã...

P: Olha, eu acho que foi isso. De verdade, acho que isso foi o que eu considero mais importante porque a Patrícia que entrou na graduação e a Patrícia que saiu da graduação é outra, completamente diferente.

R: Nesse sentido de... cidadania, de consciência social...

P: Sim, isso. Que é uma coisa que a gente acaba não pensando muito, ainda mais... querendo ou não... não... não tendo em casa o costume de incentivar certas coisas.

R: De reflexão, você fala?

P: Sim.

R: Você falou do seu desempenho na escola que você não gostava de estudar e tal, mas você ia bem. Mas assim, do que acontecia na escola, do que você mais gostava?

P: De matérias e tal?

R: Ou do que acontecia na escola. Amizade... professores...

P: Olha, no ensino fundamental eu gostava muito de Matemática, gostava bastante de Matemática, eu ia muito bem em Matemática e... e no ensino médio... e também das amizades, né porque as amizades sempre... No ensino médio, assim, as amizades foram as coisas mais legais que eu consigo... eu não consigo lembrar de uma coisa que eu aprendi no ensino médio, de ensino, mas... eu ria muito, sempre (risos)! Eu dormia até a hora do recreio, depois do recreio até meio dia eu ficava rindo (risos). Era ótimo!

R: Se divertia na escola (risos)...

P: É, era ótimo!

R: Entendi. E do que você menos gostava?

P: Na escola? Nossa! Do horário, acho, de ir para escola, sempre estudei cedo, mas apesar de eu nunca querer estudar de tarde porque eu achava ruim também, então não tinha um meio termo para mim: à tarde achava muito ruim estudar, então nunca quis estudar à tarde, então sempre estudei de manhã. Mas também o horário sempre foi muito ruim para mim por conta do meu sono, porque acordar às seis horas da manhã todos os dias, sempre era um caos, era horrível.

R: E em relação às disciplinas, assim, o que você lembra?

P: Olha, no ensino fundamental eu não gostava de História porque a professora era muito ruim, mas era uma coisa que eu: “Ah! Não gosto de História!” Não tinha uma coisa que eu não gostava, assim, que eu falava: “Ah, agora é a aula disso!”. Exceto História, por causa da professora (risos). E no ensino médio... no ensino médio... também não, sempre gostei de tudo, assim, nunca não gostei de alguma disciplina... alguma coisa.

R: E você não tinha nenhuma que você tivesse mais facilidade, mais dificuldade?

P: Eu gostava muito... eu sempre gostei muito de Matemática, assim, Matemática eu sempre tive bastante facilidade, mas foi uma coisa que, assim, aqui na graduação: BUM! Nada de facilidade de Matemática! E eu não sei se é porque os professores daqui da F são péssimos! Nossa! De Matemática.

R: Da área de Matemática?

P: É. Nossa, eu não sei, mas assim, dei uma tropeçada aqui em Matemática, que era uma coisa que eu sempre ia muito bem na escola, mas... O que mais? Biologia era uma coisa que eu sempre gostava bastante. Física, apesar de gostar muito de Matemática, eu não gostava muito de Física, assim, sei lá, mas eu gostava de todas as matérias, assim, geral.

R: Aqui na graduação como que era? Como foi o seu desempenho?

P: A gente [referindo-se também ao marido] foi muito bem, viu, eu considero que... eu fechei com... o Bacharel eu fechei com a média oito, média ponderada, então, eu considero que eu fui assim, muito bem. Estou feliz com... o resultado.

R: Você comentou uma coisa que... lá, quer dizer, na Casa da Ciência, você não dormia ou tinha sono e na escola tinha, você faz alguma relação entre a diferença entre como era o ensino lá e aqui?

P: Pode ser que na escola eu dormia porque sempre era de manhã.

R: Ah, tá!

P: Então, pode ser porque meu sono estava mais forte, mas eu também já dormi em várias aulas à tarde aqui na graduação, por exemplo. Acho que lá eu não dormia porque o jeito que eles abordavam tudo era muito mais dinâmico, então sempre tinha gente perguntando um monte de coisa, sempre tinha... era professor dando aula e tinham duas pessoas que trabalhavam no programa que ficavam perguntando para um, perguntando para outro, questionando, fazendo umas brincadeiras, então era engraçado, então o fato de ser engraçado é uma coisa que te ajuda muito a não dormir...

R: E na época do ensino fundamental e no ensino médio como que você se relacionava com o tipo de atividade que era proposta pelos professores dessa época?

P: As atividades eram sempre muito as mesmas, né, não era uma coisa que variava muito. Eu lembro, na verdade, de um professor que levava a gente no laboratório, uma vez, que era o laboratório que tinha no Aquira [escola estadual de ensino médio], mas...era aula na lousa, basicamente, não tinha uma diversificação da... Então tinha gente que era aula na lousa, mas era uma aula muito boa na lousa, então era bom, mas... era aula na lousa, basicamente.

R: E como que era a sua relação com os colegas da época da escola, ensino fundamental e Médio?

P: Olha, eu sempre tive um círculo pequeno de amigos, sempre, desde o pré, eu acho, no ensino fundamental também sempre tive um círculo muito pequeno, no Médio também, mas

desses... é... a maioria desses círculos pequenos, eu conservo até hoje, então... é uma coisa boa eu acho.

R: Você tinha poucos amigos, mas isso não era um problema...

P: Não, eu também nunca me importei com isso também, nunca.

R: Agora uma pergunta mais ampla ainda, que nem você falou: “Ah é super profunda essa!” (risos)...

P: Ai meu Deus.

R: O que a entrada na universidade significou para você?

P: Olha, fiquei muito orgulhosa de mim, de verdade, apesar de... de, por exemplo, ter passado aqui na terceira chamada que seja, eu passei aqui, eu passei na Ufscar, eu passei na Unesp, eu passei na Unila...

R: Essa parte você não me contou...

P: É que era pelo ENEM, no Sisu, então teve várias coisinhas assim. Pelo ProUni, eu passei numa outra... Então, tipo, eu fiz várias, aplicações, vamos dizer, eu e o Moacir e depois a gente conseguiu escolher o... Então eu fiquei muito orgulhosa, assim, porque... apesar de nunca ter tido dificuldade na escola... de não... sempre tem uma limitação, sempre tive a limitação na hora de estudar, assim, então quando eu passei aqui, por exemplo, nossa, eu fiquei muito feliz porque eu estudei muito pouco! Tudo bem que eu passei na terceira chamada, a última da terceira chamada, mas acabei entrando e eu estudei muito pouco mesmo para ter passado na Fuvest... porque você tem que estudar muito mais! Foi um golpe de sorte, na verdade, eu ter entrado na F porque eu fiquei... são quarenta vagas, eu fiquei em setenta e dois, então foram...

R: Teve bastante desistência.

P: Teve bastante desistência, então eu entrei com um golpe de sorte também, aqui na USP em si, nas outras eu consegui passar já de primeira, mas aqui, a Fuvest é um negócio complicado. Eu lembro que na segunda fase era Física, Matemática... era Física, Química... Física, Química e Biologia na segunda fase. No terceiro dia, que era o específico, aí nos outros dias eram distribuídas as outras matérias. Eu lembro que Física e Matemática, que era uma coisa que eu ia muito bem na escola, que eu fazia de boa, eu deixei a prova em branco! As duas! Eu não fiz. Não consegui fazer! Umas coisas muito... muito... Nossa! Não sei quem conseguiu fazer, na verdade. O Moacir conseguiu fazer alguns [exercícios], por exemplo, mas nem todos porque ele também achou que estava muito difícil, mas assim, parece que é feito para o aluno de escola pública não passar, sabe? A segunda fase, ela é feita para o aluno de escola pública não passar. Feita! Porque é muito... é muito diferente a abordagem, a Fuvest é terrível, uma

prova terrível! Passa quem treina ela durante o ensino médio inteiro pelo menos, que é um treino na verdade. Hoje eu vejo que se eu prestasse para I [curso de graduação altamente concorrido], eu passava porque eu sei o jeito de estudar, o jeito de fazer a prova, sabe? É uma... infelizmente é um sistema completamente injusto que só entra... [pausa longa]

R: Exclui...

P: Exclui todo mundo! Aí você vê pelo ENEM, né que “botaram” aí para... agora “botaram” o ENEM e não preencheu praticamente quase nada das vagas pelo ENEM porque “botaram” a nota lá na p*** que pariu! Vai ter “piii” na gravação (risos).

R: E a entrada na pós, o que significou para você?

P: Olha, na pós... Eu fiquei muito feliz de ter passado no mestrado porque foi tão corrido para estudar e é uma prova difícil também. A gente... era o... não sei se você conhece o Alberts [livro referência para estudos do seu curso], um livro de Biologia Celular, é tipo a bíblia da Biologia Celular. Não conhece? É desse tamanho (mostra em gesto a grossa espessura do livro)! E era o livro que caía na prova. Inteiro!

R: Só isso! (risos)

P: Só isso! (risos) Mais nada. E... e assim, não tive tempo de estudar o livro. A gente estudou o que a gente sabia pelas aulas de T que a gente teve na faculdade, então foi uma mistura de tudo. E o tempo que eu tive foi de ler as legendas das figuras, foi isso que eu fiz, a legenda das figuras, eu e o Moacir. Foi isso que deu tempo, foi com isso que a gente foi para a prova e deu tudo certo, mas... então eu fiquei feliz.

R: Mas vocês ficaram em primeiro e em segundo lugar!

P: Né? A gente ficou muito feliz, de verdade a gente ficou muito feliz de ter passado, mas como a gente estava muito acostumado com... basicamente eu estou trabalhando exatamente o mesmo tanto que eu trabalhava quando fazia graduação, então não foi uma coisa que mudou muito, assim, então... eu só tenho menos aulas, mas continuo trabalhando praticamente igual, então não tive tempo para parar para pensar se eu pudesse ter ficado feliz de passar, não parei para pensar o que significou assim, de uma forma mais... mais ampla igual foi no caso da graduação.

R: E como foi a reação dos seus pais e do seu irmão no caso, né, quando você ingressou na universidade e depois na pós?

P: Minha mãe, ela sempre... a forma de apoiar dela sempre foi, tipo, confiando. Nunca... que nem, nunca... sempre achou... ela nunca ficou muito no meu pé na escola, por exemplo, porque ela meio que... para ela nunca precisou [ficar no pé dos filhos], por isso, e... e como ela também tinha... trabalhava, tinha meu pai que era tipo filho para dar trabalho, então assim,

como a gente não dava trabalho é uma coisa que ela não se atentava, mas ela ficou muito feliz porque... ficou feliz, mas tipo, não surpresa, sabe? Meu pai já é tipo uma pessoa que falava assim : “Ah, vocês não vão passar, desiste disso, nossa, pára com isso, não sei o quê”, sempre... mas que quando passei, também ficou muito feliz, ficou surpreso, mas... é isso assim.

R: E na pós?

P: Na pós a mesma coisa, acho que a mesma coisa.

R: Bom, sobre as expectativas de projetos e conversas familiares com relação à escola você falou que não tinha isso.

P: Não.

R: Sobre a história escolar e a trajetória profissional dos seus pais e irmãos. Você já falou do seu irmão, né? Da sua mãe...

P: Minha mãe ela... eu falei onde ela trabalhou, né, hoje em dia... aí ela entrou na limpeza desse... ela trabalhou um tempo numa salgaderia também, ela trabalhou... nossa, minha mãe, daqui um... ela é super nova, minha mãe tem quarenta e cinco anos... quarenta e quatro... Gente, sempre fico na dúvida! Mas ela, acho que daqui dez anos, cinco... com sete anos de trabalho minha mãe deve aposentar, não sei como é que funciona, mas minha mãe tem muito tempo de registro na carteira, mais de vinte anos, assim, certeza. Mas... ela trabalhou na salgaderia um tempo... aí ela entrou no Macunaíma [faculdade particular da mesma cidade] na parte da limpeza, aí do... ela resolveu fazer faculdade lá no Macunaíma mesmo.

R: E como foi essa trajetória escolar dela? Ela saiu... depois do ensino fundamental, voltou? Como foi?

M: Ela fez até o... a oitava série normal, no período escolar normal, depois ela foi trabalhar, casou, teve os filhos, no caso eu e meu irmão, aí por minha conta, por causa da minha... do meu contato com o vestibular, com a faculdade, eu convenci ela a fazer o ENEM para pegar o ensino médio...

R: O certificado?

P: O certificado do ensino médio, ela fez, passou, conseguiu e aí, né, quando ela começou a trabalhar no Macunaíma na parte da limpeza, o Macunaíma dava 50% da bolsa e aí ela resolveu fazer. Eu disse que ela tinha que fazer mesmo e aí ela começou a fazer O [curso de graduação] lá no Macunaíma por causa dos 50% da bolsa que ela ganha por ser funcionária. Aí da parte da limpeza ela passou para ser agente, que é tipo uma supervisora, tipo uma inspetora assim, e agora ela passou para agente líder que aí agora ela toma conta das inspetoras e da parte da limpeza. E faz... está no terceiro ano já da graduação.

R: E essa graduação que ela faz é presencial ou a distância?

P: É a distância, só que tem um dia na semana que ela tem que ir.

R: E aí ela paga metade?

P: Paga metade.

R: Entendi.

P: O que acaba sendo baratinho, assim, se não me engano deve ficar uns duzentos reais no máximo.

R: Você está no... terceiro semestre é isso?

P: Da...

R: Da pós.

P: Da pós é.

R: Você recebe bolsa agora?

P: Sim.

R: FAPESP?

P: FAPESP.

R: Desde o início da graduação?

P: Desde do...

R: Da pós, desculpa.

P: Da pós? Eu comecei a receber a bolsa do CNPq, aí eu mandei o projeto para FAPESP, e aí eles aceitaram o projeto, aí eu passei a receber a FAPESP.

R: Você sabe da escolaridade dos seus avós, de pai e de mãe?

P: Tenho. Tenho. Todos eles não passaram da quarta série. Todos eles, alguns até a terceira... outros até a primeira... mas todos eles sabem ler e escrever, exceto uma avó minha que mais

ou menos, às vezes ela escreve umas coisas bem erradas, fica até engraçado (risos), mas ela sabe ler e escrever, mas ela escreve bem errado, assim.

R: E você sabe o que eles faziam antes de se aposentar, o trabalho?

P: Sim. Minha avó por parte de pai, ela sempre... antes ela trabalhava na roça, mas aí vindo para cá, depois que ela casou, ela fazia bolo para vender, bala, bala de coco, sabe? Ela trabalhou com essas coisas, vender essas coisas, costura... e meu avô por parte de pai, ele era marceneiro, foi uma coisa que ele aprendeu desde criança e se tornou marceneiro. Por parte de mãe, meu avô era padeiro, eu lembro, mas ele abriu uma empresa de táxi - nada a ver, né? - uma empresa de táxi e... mas sem cabeça nenhuma, meu avô tinha... ele acabou perdendo a empresa de táxi e agora ele não... não ganha... não pagou muito tempo o INSS, então nem aposentar, ele não aposentou, ele ganha um auxílio, mas agora ele não faz mais nada. E a minha avó por parte de mãe, que eu me lembre, ela nunca trabalhou e ela sempre teve um pouco de problema de cabeça, assim, ela já foi internada no Mario Luís [hospital psiquiátrico], assim, já levou choque na cabeça, umas coisas assim, mas hoje em dia ela está bem, está meio doidinha... É isso, eu ajudava a vender bolão, coisas assim, sabe? Bolão ou gelinho, não sei, eu chamo de bolão, mas é... é isso assim.

R: E hoje você tem... o que você pensa para o seu futuro?

P: Nossa. A gente pensa em fazer o doutorado depois do mestrado. E, na verdade, a gente pensa em fazer não aqui, pensa em fazer fora do Brasil.

R: Ah tá.

P: Porque já deu essa USP (risos)! Eu não aguento mais essa faculdade [onde se encontra seu laboratório], já cansei daquele lugar, preciso de novos ares (risos). E aí a gente está pensando em fazer fora. Se a gente não conseguir fazer o doutorado fora, a gente vai fazer aqui, mas em outro laboratório, a gente não vai ficar no mesmo laboratório.

R: Você já tem uma ideia de onde vocês vão fazer?

P: Se não for aqui, lá fora eu tenho. Não quero ir para os Estados Unidos isso é uma coisa que eu sei (risos)! Eu acho que eu quero ir para Alemanha, estou procurando ainda pesquisadores que eu... que eu quero fazer alguma coisa lá, mas eu gostaria de ir para a Alemanha e... e aqui eu estava pensando em uma professora da Farmácia, mas ainda nem... nem li muito bem a linha de pesquisa dela, só fiquei sabendo de alguma coisa.

R: Tem alguma coisa que você gostaria de contar que eu não te perguntei, que você acha que tenha sido importante na sua vida, não só escolar, mas sim na sua vida toda que eu não te perguntei...

P: Acho que eu te contei tudo, acho.

R: Então está bom.

P: Se eu lembrar de alguma coisa eu mando pelo e-mail (risos).

R: Então muito obrigada.

2ª Entrevista

R: Então como a gente tinha conversado, esse encontro é para alguns esclarecimentos e aprofundamentos sobre algumas coisas que você já falou no nosso primeiro encontro e também para você falar se de lá até hoje aconteceu alguma coisa diferente que você gostaria de contar. Ou alguma coisa que você tenha esquecido de contar na primeira entrevista.

P: Então, o BEPE [Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior] , não sei se você já ouviu falar, é da FAPESP, a FAPESP banca tudo para você ir [para o exterior]: a mensalidade, a passagem, eles dão auxílio instalação e seguro saúde. Aí então você tem que mandar um projeto e aí se eles aceitarem - tomara que eles aceitem - (risos), eu mandei ontem, aí dá certo de ir para a França, num centro de pesquisa lá em Marselha. Tem praia (risos). Você tem ideia que eu nem pesquisei no *google* ainda porque não deu tempo de... tanto que eu estou nessa correria de... na verdade, era para a Bélgica, mas ela [docente responsável] tem dois laboratórios: um na Bélgica, em uma universidade da Bélgica, e tem esse nesse centro de pesquisa na França. Só que ela mora na França e ela é muito mais ativa no laboratório da França, aí então ela falou que era melhor ir para lá. O que dificultou um pouco, porque para a Bélgica, não precisa de visto, mas para a França precisa.

R: E como você conheceu essa docente?

P: É... para desenvolver esse projeto... foi lendo um artigo dessa pesquisadora que eu percebi que dava para fazer algumas coisas relacionadas ao meu projeto de mestrado e aí a gente mandou e-mail para ela e ela foi super receptiva e perguntou o que eu precisava, que ela mandaria. Na verdade, ela foi super legal porque ela falou que estava em um congresso nos Estados Unidos e que ela tinha achado a ideia super legal e que ela ia voltar dia 14 de setembro e aí a gente podia marcar um *skype* para conversar melhor. Só que como eu vi esse negócio do tempo, eu falei: “ se eu ainda for conversar com ela dia 14 de setembro só, não vai dar tempo” Porque eu tenho que sair dia 1 de outubro, então até escrever tudo, mandar para a FAPESP para a FAPESP analisar, não ia dar tempo. Aí eu mandei um e-mail para ela falando, explicando esse problema, e daí ela: “não, tudo bem, eu já conversei com a secretária aqui. Pode falar quais os documentos que você precisa e eu te mando”, Aí ela me mandou todos os documentos, eu escrevi o projeto em um dia, rapidinho, um projeto de dez páginas, nossa, “camelei”, fiquei o dia inteiro escrevendo esse projeto. E aí ontem eu consegui mandar, consegui anexar todos os documentos, que a FAPESP é uma burocracia do “caramba”. Ela teve que se cadastrar no site, sabe, aquele sisteminha? E colocar um monte de dados lá dela, tipo... tudo: formação, tudo, é uma lista de coisa para preencher, que eu falei: “nossa, ela gostou mesmo do projeto!” Porque imagina: é uma pessoa ocupada, que podia falar “ai, não vou...” mas ela preencheu tudo, e aí deu tudo certo, a gente mandou ontem. Agora está em análise lá na FAPESP.

R: “A gente” que você fala é você e seu orientador...

P: É. Não que ele esteja muito animado.

R: Ah, não?

P: Não, aliás, ela me ajudou mais do que ele.

R: A escrever?

P: Não... Por exemplo, ele foi para um congresso no Chile. E lá ele mandou um e-mail para ela falando que talvez ele ia demorar um pouco para responder os e-mails porque estava em um congresso no Chile. E tipo... não é ela que está precisando dele, é a gente que tá precisando. E ela em uma conferência nos Estados Unidos mandando tudo que ela podia mandar super rápido. E ele falando que talvez demorasse para responder os e-mails porque estava no Chile. Eu falo: “não, não dá”.

R: E mais alguma coisa?

P: Não, só isso. Dia 30 agora eu vou me qualificar, então eu tenho que fazer a minha qualificação e dia primeiro pegar um avião, se der certo (risos). Eu vou qualificar lá, vou ficar lá uma hora dando uma aula... se passar, né, porque se não passar, o problema é maior (risos), mas acho que eu passo sim. E aí dia primeiro, eu já tenho que estar pegando o avião, nem sei que horas. Então eu tenho que preparar essa aula de qualificação ainda, que eu ainda não preparei.

R: Mas o texto da sua qualificação está pronto?

P: Não, ainda não está pronto. A qualificação é uma aula, lá no meu programa é uma aula de algum tema para a graduação.

R: Mas você não tem que entregar um texto?

P: Não, não tenho que entregar nada.

R: Para qualificar, você dá essa aula então.

P: Eu dou uma aula de uma hora, como se fosse para a graduação, mas é para uma banca. Aí a banca decide se eu passo ou não. E aí tem um documento da banca. A qualificação não é a dissertação, é uma coisa anterior à dissertação, tipo, se eu não qualificar, eu não posso terminar o mestrado, eu tenho que estar qualificada. No Doutorado lá, é uma aula para a pós-graduação e um artigo. E aí depois você defende a sua tese. Mas no Mestrado, é uma aula de graduação só, você não tem nada para entregar.

R: Aí depois, você já entrega o texto definitivo na defesa...

P: É. Aí depois, na defesa, é a aula e a dissertação. É uma aula sobre o seu trabalho. Na qualificação, você pode dar aula de qualquer tema de biologia celular para graduação ou você pode escolher alguma coisa relacionada ao seu trabalho. Eu escolhi replicação do HIV, por exemplo, que é uma coisa que tem um pouquinho a ver com o meu trabalho.

R: Entendi. Então eu vou perguntar algumas coisas sobre a primeira entrevista, tá. Tem um momento em que você estava falando sobre como era tratado o assunto vestibular pela escola. Aí você comenta que se falava muito sobre o ENEM, mas que não era comum falarem sobre a FUVEST. Aí você explica que um dia o diretor foi falar sobre a inscrição da FUVEST e você decidiu prestar, mas sem muita consciência do que fazer, de como era, sem muita noção. Você se lembra se essa foi a primeira vez que você teve contato com esse assunto de FUVEST ou se alguma outra vez antes você já tinha ouvido falar disso?

P: Eu já tinha ouvido falar antes, no projeto [educativo do qual participava], porque como era aqui na USP, e tinha vários pesquisadores que davam aula para a gente e que tinham se formado aqui, então de alguma maneira... só que o curso ali, ele não era voltado assim para o vestibular, a gente tinha... às vezes acabava tendo contato com a informação de que tinha vestibular da USP e tal. Mas é isso: já tinha tido um contato aqui.

R: E aí na escola, como é que foi? Você lembra como foi que eles falaram?

P: Na escola, eu lembro que o diretor foi na sala para falar: “olha, vai ter inscrição, quem é de escola pública, tem que se inscrever para não pagar a taxa de vestibular”. Aí eu fiz tudo, me inscrevi também nisso, para não pagar.

R: E você conseguiu a isenção?

P: Consegui. E foi isso, ele falou tudo isso, foi falar do ENEM e já falou disso tudo.

R: E você falou que tinha um amigo que fazia cursinho e que por isso você decidiu fazer o cursinho também.

P: Sim, é, ele é primo do Moacir [marido] até. Foi daí que eu acabei conhecendo o Moacir no cursinho. Fazia uns dois anos que ele fazia já para prestar a FUVEST. E aí eu fiquei enchendo o saco da minha mãe e fui lá fazer o cursinho. Ai eu conheci o Moacir e danou tudo (risos). Atrapalhou tudo (risos)

R: Ah, mas vocês passaram.

P: Ah, depois, né. Se tivesse estudado mais, tinha passado antes. (risos)

R: O fato de você ter frequentado ao projeto parece ter sido bastante importante na sua trajetória escolar. Você até mencionou que isso fez você querer prestar Biologia E você comentou que foi através de uma professora sua, que você teve contato, que você conheceu o projeto. Então, eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre como foi isso, como ela chamou você para participar. E também quanto tempo você ficava lá, como eram as atividades desenvolvidas, o que você aprendia...

P: Essa minha professora era uma professora de Biologia da oitava série, ela já tinha participado de algum projeto com a coordenadora desse outro projeto. E aí na época eu gostava muito de Biologia, e ela chamou não só eu, mas mais uns cinco alunos da minha sala para irem até lá no projeto. E aí ela foi no primeiro dia com a gente, depois ela não foi mais. A gente continuou indo, inclusive o projeto dava o dinheiro do ônibus, então isso era uma coisa que ajudava muito, na verdade, para eu ir. Aí lá dava o dinheiro do ônibus e então a gente ia. Era de terça e quinta e era das duas [horas da tarde] às seis. A gente passava a tarde

inteira lá, e geralmente tinha lanchinho, então era outra coisa que ajudava bastante. E as atividades, na verdade, foram bem variadas durante os cinco anos que eu fiquei lá, eu fiquei bastante. No começo, era bem esquema de palestra, que a gente tinha, era algum pesquisador daqui [USP] ou até de fora que ia dar uma palestra para os alunos de algum assunto relacionado à ciência de uma forma... até de trabalho de pesquisa de doutorado, de mestrado, só que de uma forma mais suave, mais didática. Até tinha aluno de... eu era da oitava no começo, mas tinha aluno de sexta série, era um negócio bem variado, sabe, tinha aluno do ensino médio, então era bem variada aí a faixa de idade dos alunos. E aí começou a ter grupos, e eu participei de um grupo que estudava T. [mesma área em que hoje faz sua pós-graduação] e a gente já começou a fazer experimento nos laboratórios do projeto. E não era só de T, eu participei de grupo de Física também que a gente fazia alguns experimentos também. Então ao longo do tempo eu fui participando de várias coisas. Participei de três teatros, era um tema, a gente montava tudo, foi atrás de figurino, de fazer mesmo, inclusive a gente foi apresentar no... como é o nome? C... ai, um Congresso Nacional de pesquisa que tem em Brasília, a gente foi duas vezes apresentar o teatro lá em Brasília. Isso foi uma coisa que foi tudo pago pelo projeto, com o dinheiro da pesquisa que eles têm. Então foram vários projetos que a gente foi trabalhando, inclusive uma coisa que não sei se eu tinha falado da outra vez, mas o projeto tem uma coisa muito legal, de chamar ex-alunos para fazer alguma coisa. E aí a gente participou esses dias, esses tempos, nem lembro se foi antes da primeira entrevista, acho que foi depois da entrevista, não tenho certeza. Chamaram para participar de grupos igual eu participava, coordenando o grupo. Então aí eu fiz um minicurso tipo de dez aulas de T. [tema] para os meninos. Já dei uma palestra lá sobre o meu trabalho de mestrado. E do mesmo jeito também, para essas faixas etárias variadas.

R: Eles chamam e vocês vão voluntariamente...

P: Sim. Aí até... esse ano, eles já chamaram para o ano que vem, aí eu não sei se eu vou poder ir.

R: E você gostou dessa experiência?

P: É muito legal porque tipo, é um negócio... dá para lembrar como você era antes e ver como você é agora. E dá um nervosinho assim, é bem difícil na verdade. Mas foi bem legal, dá para ver como os alunos gostam de aprender essas coisas de uma maneira diferente, quando você insere alguma prática, alguma coisa assim, igual como eu era antes, dá para ver nos alunos você, assim, antes. Eles ficam vendo aquilo e: “nossa, que legal”, ficam imaginando possibilidades, é muito legal.

R: Você também fez alguma coisa nesse sentido mais prático ou foi mais palestra e aula expositiva mesmo?

P: Eu dei palestra, e aí no minicurso, a gente fez visualização de célula, a gente montou uma maquete, a gente fez um trabalho com massinha, foi legal, foi bem legal.

R: E esse material todo tem lá?

P: Na verdade, eu peguei alguma coisa do laboratório também.

R: Entendi. Então, todos os alunos que a professora chamou foram?

P: Foram. Ela chamou... foi uma escolha pontual, ela chamou só alguns, foi mais por afinidade dela mesmo. E dos cinco, eu e mais um menino só, que foi mais de duas vezes, que continuou indo. Os outros três não. E aí esse outro também parou depois de um tempo. Então ficou só eu, dos que foram comigo. Inclusive eu levei minha prima, mas aí ela foi algumas vezes e parou também. Porque esse projeto é um negócio meio aberto, né, e aí eu chamei minha prima para conhecer, para ver como é que era. E ela poderia continuar, todo mundo que eu chamei, poderia continuar. Inclusive o Moacir [marido], fui em que levei ele para participar, e ele participou de um teatro. A minha prima foi, mas acabou não continuando, ela foi em... acho que em uns sete encontros e depois não foi mais.

R: Então tinha bastante atividade prática lá.

P: Tinha, mas também tinha muita aula também, não era só prática não, tinha muita aula. A gente escrevia, a gente era muito incentivado a escrever. Inclusive eles tinham uma jornalista que trabalhava lá no projeto. Na verdade, lá no projeto, eles têm uma capacidade impressionante de... de perguntar, sabe quando... tem o pessoal que está dando aula e eles [docentes pesquisadores da universidade], que participam ativamente do projeto, eles param a aula e perguntam: “ah, gente, vocês conseguem lembrar desse conceito?” E aí eles fazem uma analogia assim super boa, eles tem uma didática incrível assim, uma coisa incrível assim, não sei nem te explicar. E eles sempre falam para a gente escrever, levar anotação. Então sempre tinha alguma coisa escrita para a gente entregar. Não que fosse algo assim obrigatório, nada valia nota, mas era uma coisa bem legal. Tinha também o mural, que era para a apresentação dos trabalhos. Então esse negócio de massinha que a gente fez, quando eu dei aula, os alunos apresentaram no mural. Então tem toda uma... os alunos acabam de alguma forma entrando bem assim no conteúdo para estudar porque depois eles tem que fazer uma apresentação, sabe. Eles têm uma responsabilidade, não é só ir lá, assistir e não fazer nada.

R: E como era a composição do grupo de estudantes que participava do projeto? Eram todos de escola pública, tinha também de escola particular, como era?

P: De tudo, tem estudante de escola pública, tem estudante de escola particular também, tem de outra cidade, tem um pessoal que vinha de outra cidade, que a prefeitura dava ônibus para eles virem. Mas a maioria era da escola pública, na minha época. Agora, parece que tem uma quantidade um pouco maior do pessoal de escola particular, mas na minha época era mais da pública, era um ou outro da particular. Eram poucos.

R: Atualmente, quando você voltou lá...

P: Eu percebi que tinha uma escola lá, um grupo de alunos de uma escola particular lá. Não era gato pingado que nem era na minha época, de uma escola ou outra, que acabava alguém chamando, alguém conhecido. Agora tá diferente, parecia que tinha um grupo de uma escola específica daqui de Guarani, eu nem lembro qual.

R: E tinha um grupo que era mais frequente, mais permanente, ou era variável?

P: Tinha um grupo que tipo... ficou um tempão igual eu fiquei, um grupo assim de umas dez pessoas, mas tinha bastante variação assim. Mas tinha um grupão, umas dez pessoas principais que ficou um tempão.

R: Quantas pessoas eram?

P: Olha, eu acho que deve ter, no programa, umas cem pessoas, uns cem alunos, é bastante.

R: E vocês conversavam entre si sobre o projeto, sobre as atividades desenvolvidas, comentavam o que achavam um com o outro, como era a impressão geral?

P: Sim. A gente tinha os grupos, né, porque como eram divididos os grupos... às vezes a gente tinha palestra onde tava todo mundo, mas na maioria das vezes, tinha cem alunos, mas tinham os grupos menores de umas áreas, de uns temas específicos. E aí a gente não se encontrava tanto, mas entre os grupos, todo mundo achava muito... tipo, não tinha quem não gostasse. Mas é muito legal mesmo o jeito que eles abordam, assim, é realmente uma capacidade muito intrínseca deles assim porque eu nunca, eu nunca vi assim alguém igual o pessoal de lá, sabe de... cutucar, sabe, sabe quando... eu não sei explicar direito, mas sabe... de cutucar a pessoa a pensar, fazer com que os alunos pensem, fiquem incomodados, sabe, uma coisa assim.

R: Então essa impressão que você tinha, você acha que era geral?

P: É, eu acho. Até porque era uma coisa muito diferente da escola, né. E até, sei lá, seu amigo ir e você ir por conta do seu amigo, te ajuda a gostar depois de um tempo, sabe? Às vezes você vai meio que: “ai, estou indo porque meu amigo está indo”. Mas depois de um tempo, você acaba gostando.

R: Você falou que nunca foi uma boa aluna. E que você não fazia algumas das atividades que os professores exigiam, que as vezes você dormia na aula, mas que apesar disso você sempre teve boas notas. Eu gostaria de saber: a que você atribui esse bom desempenho? Como você vê essa questão de que apesar de não se dedicar tanto, você continuava tendo um bom desempenho escolar?

P: Olha, eu juro para você que eu não tenho ideia. Eu não tenho ideia assim para te falar, sem brincadeira, porque eu lembro realmente que eu nunca estudava, tipo estudar para prova... Meu irmãozinho, ele está na... no sexto ano, e eu percebo assim que não sei se sou eu, que hoje tenho uma consciência no sentido de “nossa, eu tenho que fazer o Fernando estudar e fazer as lições de casa e aprender”, eu tenho essa consciência porque a minha mãe, tipo... do mesmo jeito que era comigo, é com ele. Então não sei se sou eu que tenho essa consciência e acabo de alguma forma, fazendo ele fazer as coisas, que aí eu vejo como ele tem... ele tem muita dificuldade. Mas às vezes eu também tinha essas dificuldades de alguma forma, mas sei lá, não consigo te... saber assim se eu ia bem porque era fácil ou se hoje na escola dele também é mais difícil e por isso que ele tem um pouco mais de dificuldade, eu não sei te falar, de verdade. Mas, por exemplo, eu já tirei nota... apesar da maioria das minhas notas serem boas, eu já tirei nota ruim em prova, por exemplo, teve uma prova de Biologia que eu tirei [nota] 1, assim. E o 1 que eu tirei era porque eu acertei uma questão de um negócio do projeto, assim, a professora até me chamou para conversar, mas essa era a única coisa que eu sabia e foi o que eu pus, mas eu acho que... não sei. Por exemplo, Matemática... Matemática da escola, Física, eu nunca tive problema porque eu gostava, eu acho que eu gostava, então eu entendia fácil.

R: Então você geralmente ficava com a explicação que se dava em sala e fazia a prova, sem precisar estudar mais...

P: É... e as provas não... não sei se... se eram tão difíceis também. Mas acabou que foi isso, deu certo de passar em tudo, mas assim... hoje não sei se sou eu que fico enfiando na cabeça do meu irmão essa preocupação toda: “não, tem que fazer lição”. Às vezes eu fico pensando: “nossa, eu não fazia lição e fico fazendo o menino fazer lição” (risos). Que injustiça! (risos). Sério, eu fico pensando: “nossa, eu não fazia coisa nenhuma e aí fico dando sermão no menino, tadinho.” (risos)

R: (risos) Talvez porque de repente ele não tenha notas boas como você tinha...

P: É, então, ele tem umas notas bem médias assim, bem... cinco, seis. Agora ele está melhorando mais, mas você sabe que, eu não sei, eu acho que vai muito do professor, não sei. De alguma forma, eu tive uns professores muito bons, assim. Eu não sei, por exemplo, quando ele estava no terceiro ano, ou quarto ano, não sei, as professoras queriam passar umas coisas de Geografia, História, eu não sei, eu não acho que devia ter muito isso, da maneira que é dado, porque aquilo não entrava na cabeça dele: Cabral, as coisas do descobrimento do Brasil, aquilo não entra na cabeça de criança que está no quarto ano, não entra. Provavelmente também não entrou na minha, mas... ou era dado de uma forma diferente, não sei, bem “simplona”, mas não sei, parece que eles não... não sei te dizer, acho que... complicado demais, sei lá. E aí por isso que acho que às vezes ele tem dificuldade, na minha época não tinha, né, eu acho. Eu lembro de na quarta série ter Português e Matemática, claramente, e de vez em nunca, assim, alguma coisa de Geografia e História. Não era todo um livro de História e Geografia que você tinha que estudar, isso aí começou foi na quinta série, quando você começa a ter mais professores, um negócio assim.

R: Certo. E depois que você ingressou na graduação, como foi o seu desempenho? Você comentou até que você “deu uma tropeçada” em Matemática, que você teve um pouco de dificuldade nesta disciplina. Então eu queria que você falasse um pouco mais sobre como foi o seu desempenho quando você entrou na graduação e sobre essa “tropeçada” que você mencionou.

P: Nossa, a Matemática de escola é linda, comparada à Matemática que você tem que aprender aqui. E aí foi uma... eu dei uma tropeçada mesmo porque como... eu sempre tive problema de dormir, sempre. Agora melhorou bastante, nossa, sem brincadeira, não sei o que aconteceu, faz uns... uns dois anos, aliás, eu acabei a graduação, entrei no Mestrado e aí eu parei de dormir, assim, nas coisas, nas palestras, parei, não sei o que aconteceu, melhorei (risos), aí que evolução (risos). E aí eu sempre, por exemplo, aula é um negócio que me dá muito sono se não for legal. E as aulas de Matemática daqui, eu não... eu sempre tive professor legal de Matemática [na escola], professor bem legal, sabe, animado, que fala umas coisas legais e... e aqui eu dormia na aula de Matemática. E aí tipo... para estudar... este é que é o meu problema: eu tenho que prestar atenção na aula porque... estudar depois, para mim, como nunca foi um costume, é muito difícil, tipo... eu faço tudo para não estudar, para não ter que estudar.

R: Fora da sala, fora da aula...

P: É, nossa, ter que ficar estudando. Então acho que isso foi uma coisa bem ruim da faculdade. Eu tinha que estudar, não tinha jeito. Apesar de eu ter me saído muito bem, tipo, eu tenho uma média ponderada muito boa, nunca tive nenhuma dp [dependência], mas ter que estudar era... nossa, aquela coisa de ter que passar a noite inteira estudando um dia antes da prova. E fazer a prova e depois alguém perguntar: “o que era aquilo?” e você: “não, não sei,

esqueci”. Porque eu só estudei para a prova. Então Matemática foi meio difícil porque eu dormia na aula e aí depois perdia, eu perdia o que era e teve que... eu tive que estudar bastante para tirar uma nota razoavelmente boa na prova.

R: Mas você nunca ficou abaixo da média...

P: Não.

R: Então essa “tropeçada” que você falou é porque você passou a ter que estudar fora da aula?

P: É. Porque eu tive dificuldade e deu medo a dificuldade. Porque eu falei: “nossa, agora eu reprovo, então vamos estudar”. Porque como eu nunca tive problema com Matemática, foi meio tipo: “ah, Matemática, fácil” Só que não (risos). Foi isso.

R: Entendi. E nas outras disciplinas, foi mais tranquilo ou também tinha essa questão da dificuldade de ter que estudar fora da aula?

P: Nas outras disciplinas, apesar... algumas... é que os professores de Exatas aqui da USP é uma “disgrama”, eles são muito assim... ruins. Nossa, sem brincadeira! As outras disciplinas os professores eram melhores, então eu ficava acordada mais tempo durante a aula, isso ajudava. Mas nossa, os professores de Exatas, aqui nessa USP, ainda mais para dar aula na F [sua graduação], nossa, eles são péssimos. Tipo eles acham que se eles pegarem e botarem um macaco no meio da história... tipo: “um macaco andou quinze quilômetros...”, ele está facilitando, mas não, não está. (risos). Não! Aonde que X. [um das disciplinas da sua graduação]... era para ser X, mas era aula de Física, só que eles colocavam exemplos de animais, tipo: “um sapo entrou num elevador e o elevador desceu à velocidade de...” Eles faziam isso e a gente ficava: “não tem nada de X isso aqui, eles não estão fazendo Física para a F [sua graduação]”. Era Física, só que eles colocavam bichinhos. Tipo: “um macaco lançou uma bola e a bola fez uma trajetória...” (risos). Sabe umas coisas assim, era muito ridículo, é muito ridícula a X daqui.

R: Certo. No seu relato, é possível perceber que você e o Moacir sempre foram muito parceiros nos estudos, nas decisões a serem tomadas no cotidiano da graduação e da pós. Mas e a relação com os outros colegas, como era?

P: Ah, acho que a gente sempre teve uma relação muito boa com todo mundo assim.

R: Mas a sua relação com os outros colegas, além do Moacir, como era?

P: Ah, era boa assim.

R: Era mais próxima, era mais distante, você costumava ser mais próxima dele?

P: Não, porque a gente apesar de tipo... a gente é muito “não casal” quando está perto dos outros assim, quando a gente está entre amigos, a gente é muito mais amigo do que um casal, então isso nunca foi um problema assim, a gente sempre teve os amigos. Tem um grupo mais próximo, da sala, e tem um grupo mais distante, mas isso a gente sempre se deu bem com o pessoal, a relação era boa. Quem conhece a gente num grupo assim de amigos, acha que a gente é amigo, não acha que a gente é casal.

R: Trabalhos em grupo, por exemplo, vocês faziam como?

P: A gente fazia com o nosso grupinho ali de sempre. Quando era de dois, fazíamos nós dois, quando era uma dupla, que era mais fácil, né, porque a gente estava sempre junto. Mas se não, quando era em grupo, a gente fazia em grupo, mas a gente tava sempre no mesmo grupo. Tinha uma vez ou outra que a gente estava em grupo diferente porque como a gente sempre anda junto, então era mais fácil ir os dois para o mesmo lugar. Então a gente sempre tentava ficar no mesmo grupo. Uma coisa que foi bem chata foi um trabalho que a professora quis escolher o grupo e aí a gente caiu em grupo separado. E daí foi um saco porque ou ele tinha que me levar ou eu tinha que ir de ônibus porque como eu não dirijo moto, às vezes ele na podia. Quando a gente estava no mesmo grupo, a gente combinava um horário que os dois podiam, mas quando era grupo separado, às vezes eu podia e ele não, e aí eu tinha que andar de ônibus. Não que seja ruim, mas dá uma preguiça, depois de tanto tempo andando de moto, dá uma preguiça lascada de andar de ônibus, moto é tão rapidinho para ir e para voltar. Nossa, essa professora, que ódio que deu quando ela quis fazer isso. E fora que foi... ela quis fazer uma coisa assim: “vocês vão ver como vai ser legal vocês trabalharem com outros grupos que não são da linha de amizade de vocês”. Ai, foi uma porcaria! Foi uma porcaria porque eu caí num grupo de umas meninas da sala muito chatinhas, nossa, meu Deus do céu, tudo tinha que ser do jeito delas, muito nerdizinhas, sabe aquele tipo de pessoa que não tem vida? Você olha e a pessoa vive estudando. Não é porque a pessoa é inteligente e tira dez sempre, é que a pessoa não tem vida, só faz aquilo, sabe, uma coisa bem doentia assim, nossa. E era muito chato porque assim, enquanto eu estava acostumada no grupo da última hora, tipo: “ah, gente, vamos marcar...” Daí a gente marcava tipo duas horas e ficava até as cinco fazendo nada e aí depois começava o trabalho (risos). Era um grupo completamente diferente, sabe, tinha que... ai, era tudo muito chato e tudo tinha que ser determinado... teve um texto que elas mudaram o meu texto inteirinho, aí eu falei: “eu não faço mais nada nesse trabalho, vocês podem fazer. Vou perder meu tempo para vocês mudarem tudo? Então vocês fazem”. Nossa, foi horrível, eu morri de ódio.

R: E depois, quando vocês entraram na pós, como era essa relação com os colegas?

P: Ah, como a gente entrou no mestrado no mesmo laboratório, então continuou o mesmo esquema.

R: Eram os mesmos colegas? Ou eram outros?

P: Então... com o pessoal da pós, eu posso dizer que a gente é meio distante. Quando teve as disciplinas, a gente conheceu bastante pessoas que entraram junto com a gente na pós. E aí a gente fez uma amizade assim de cumprimentar, de conversar às vezes, mas ali na pós, a gente é meio distante do pessoal da pós-graduação, a gente é mais próximo assim do nosso laboratório, de algumas pessoas assim. Mas a gente é mais distante, eu não sei se é porque... ai não sei se é porque como a gente... nossa, não sei, o esquema de trabalho desse laboratório é totalmente diferente do esquema de trabalho dos outros laboratórios, pelo menos para a gente, assim. A gente sempre trabalha muito no laboratório, então acaba que a gente tá sempre no laboratório, então, não sei, não abre muito para a gente fazer mais amizades. Então realmente ali na pós a gente é meio distante do pessoal que entrou, por exemplo, no mestrado junto com a gente.

R: Mas nada conflituoso também.

P: Não, nada conflituoso. A gente conversa quando tem oportunidade, marcaram até uma festinha aí esses dias, mas aí eu não fui porque era sessenta reais por pessoa! Falei: “amigo, aqui é cento e vinte, né [o valor para o casal]. Complica! Não, muita coisa sessenta reais” Aí eu não fui por causa do valor. Falei: “nossa, gente, o que vocês estão querendo fazer? Já organizei festa com dez reais por pessoa!” (risos).

R: Certo. Eu gostaria de compreender um pouco melhor como foi o processo para você entrar na graduação. Você disse que assim que saiu do ensino médio, você prestou Engenharia Aeronáutica e aí depois, quando você já fazia o cursinho, você fez a prova da Academia da Força Aérea. São coisas diferentes...

P: São.

R: E depois você prestou F...

P: (risos) O maior rolo (risos)

R: (risos) Eu queria que você pudesse localizar melhor no tempo, quando, quantos e quais vestibulares você prestou, quanto tempo você fez de cursinho antes de conseguir a aprovação... esse momento assim, como foi.

P: Tá. Então, no terceiro colegial, eu prestei a FUVEST só e o ENEM. Mas o ENEM, eu nem sei porque é que eu fiz o ENEM porque na época... não sei, eu fiz o ENEM mas não fiz nada com o ENEM, foi um negócio assim, eu fiz não sei para que (risos). E prestei a FUVEST, Engenharia Aeronáutica, porque eu gostava desses negócios de... tinha essa ideia de ser piloto da Aeronáutica e aí... prestei para Engenharia Aeronáutica porque eu gostava de avião, umas coisas assim (risos). Só que aí eu não cheguei nem perto de passar, né, acho que a nota de corte era setenta e quatro e eu devo ter acertado, sei lá, 45, na época, uma coisa assim, bem longe. Aí como eu não atingi a pontuação, eu pensei: “ah, o Carlinhos [amigo] fez cursinho, eu também vou fazer cursinho”. Aí no ano seguinte, acabei de fazer o terceiro colegial, fui fazer cursinho à tarde no Objetivo, isso era em 2009. Aí eu conheci o Moacir, aí atrapalhou o cursinho (risos) porque a gente não estudava mais depois que a gente começou a namorar. Aí, em 2009, a gente... é... prestou a prova da Academia da Força Aérea, fazendo o cursinho, e aí a gente não passou também.

R: Essa prova é um vestibular?

P: É... é como se fosse um vestibular

R: É para ingressar em uma graduação...

P: É como se fosse. Você sai... é tipo... Barro Branco, você sai com uma certa patente já, na Aeronáutica. Então dependendo do que... ali em Pirassununga, você poderia ir para a infantaria, para a intendência, que é uma parte mais administrativa da Aeronáutica. A infantaria é como se fosse um exército da Aeronáutica. E para piloto, que é para pilotar caça e outros aviões. Então, não era... não é uma faculdade, eu não sei o que era, não sei como que é, porque você sai com patente na... na Aeronáutica, mas eu sei que você tem que estudar muito, sabe, tinha várias disciplinas, é como se fosse uma faculdade, mas não é. Você não sai formado em nada, você sai com uma patente.

R: Ah, tá. Não é uma graduação em tal coisa...

P: Não, não é. Ao contrário da Engenharia Aeronáutica que, por exemplo, tinha no ITA, que era uma graduação em Engenharia Aeronáutica. Aí a gente prestou essa prova em Pirassununga, a gente não passou, mas a gente não passou por muito pouco.

R: Ele também prestou?

P: Ele também prestou, ele era maior sem ideia, tudo que eu prestava, ele prestava (risos). Aí ele também não passou e foi por muito pouco. Tinha que tirar cinco, mais de cinco em todas as quatro provas. Era Português, Matemática, Física e Inglês. E tinha que tirar mais que cinco na média. Então, na média, eu lembro que eu fiquei com 7.5, só que em Física, eu fiquei com 4.7 e aí não passei. Fiquei triste. E ele foi a mesma coisa, só que no Inglês, que ele ficou com 4.8, uma coisa assim, foi por muito pouquinho que a gente não passou. Mas a gente prestou só essa vez, a gente até ficou de prestar depois de novo, mas aí a gente resolveu estudar para prestar outra coisa. Isso em 2009. Aí lá para agosto, eu acho, a gente trocou o cursinho para o noturno para trabalhar, que foi quando a gente começou a trabalhar de telemarketing, nossa, um inferno. Enfim, a gente ficou três meses trabalhando de telemarketing e fazendo o cursinho à noite. Só que, nossa, o cursinho à noite, a gente fazia muito... mais “meia-boca” ainda do que a gente já estava.. porque estava namorando. Então acabou que nesse ano, a gente prestou só a FUVEST, eu prestei Biologia e ele prestou... nem lembro o que ele prestou, mas acabou que eu passei para a segunda fase, ele também, mas aí da segunda fase a gente não passou. Aí a gente resolveu que ao invés da gente pagar cursinho o ano inteiro de novo, que a gente já não tinha mais dinheiro também, como a gente tinha os livros, a gente resolveu estudar em casa. E aí ele estudou bastante em casa, eu nem tanto. Eu estudei Química e Biologia só, não estudei mais nada. A gente só ficou estudando. Foi uma época bem assim... difícil, porque meu pai “enchia o saco”.

R: Ele “enchia o saco” por que?

P: Porque ele queria que a gente trabalhasse, eu e o Moacir. [o pai dizia] “Ai, como é que vocês vão casar desse jeito, sem trabalhar?” Eu nem tanto, mais o Moacir. O Moacir tinha que estar trabalhando, sabe, uma coisa assim, por ser homem, isso. Mas ele estudou bastante, até que ele passou em décimo em F aqui. Eu não, eu passei em setenta e dois (risos). Mas passei, tá bom (risos). Eu entrei na terceira chamada aqui, não foi na primeira. Aí no ano de 2010, então, a gente prestou de novo. Aí a gente prestou de novo e aí a gente prestou tudo, né, tudo quanto é coisa: a gente prestou UNESP, UNICAMP, FUVEST, fez o ENEM para o PROUNI, UFSCAR, o SISU... e... uma outra universidade de Foz do Iguaçu, a UNILA, a gente prestou também. E a gente passou em tudo, foi muito legal. Ah, menos na UNICAMP porque era a última prova da segunda fase que a gente tinha que fazer e a gente estava muito cansado, aí: “ah, não vamos não”. (risos) E aí a gente passou em tudo. Na UNESP, eu passei direto, na primeira chamada. E ele passou aqui e na UNESP. Aí ele veio para cá e eu, de todas as outras, a UNESP era a mais perto, aí eu fui para a UNESP. Mas eu fiquei lá duas semanas, foi o tempo de fazer a primeira e a segunda chamada, na terceira eu vim para cá.

R: Agora, um esclarecimento: você comentou que você “brigou” com seu orientador para continuar fazendo a licenciatura junto com o Mestrado, né? E aí você comentou que agora está fazendo e que, inclusive, está um pouco difícil de conciliar as coisas. E o seu orientador, como está lidando com isso? Como está isso neste momento?

G: Ah, ele finge que nada está acontecendo.

R: Ele não cortou a sua bolsa...

G: Não.

R: Mas ele também não concorda...

G: É, não concorda. Ele disse que aceitou, mas não concorda. Inclusive eu estou até me preparando para uma nova batalha porque a disciplina de licenciatura esse semestre é de quarta-feira de manhã, das oito ao meio dia. E é a última. E aí acaba, aí eu me formo na licenciatura, graças a Deus. Só que é no horário da reunião do laboratório. Aí a gente tentou fazer o maior “trelelé” para mudar a reunião sem falar da disciplina. Porque tem um aluno de iniciação científica que não participa porque ele tem aula, tem disciplina da graduação neste horário também. E aí a gente tentou mudar reunião com base nisso, a gente tentou, né... mas só sei que ele no final: “ah, eu não quero, eu gosto da reunião na quarta-feira de manhã e a reunião vai ser na quarta-feira de manhã e aí esse aluno não vem, fazer o que?” E quem tiver disciplina da pós, porque tem uma disciplina da pós para os alunos que entraram agora, que vai cair na quarta-feira de manhã, aí estão liberados da reunião até terminarem a disciplina. E aí a gente “se ferrou” porque aí eu vou ter que falar: “eu não vou poder participar da reunião também, se você não quiser mudar, porque eu tenho aula da licenciatura e eu não vou faltar”. Pronto. Aí vai dar o “bafafá” de novo, segunda-feira isso vai acontecer. Aguarde! (risos)

R: Ele não vai gostar.

G: Ah, certeza, porque ele falou que a nossa prioridade é o mestrado e que se isso interferisse de alguma forma no mestrado, ele não iria aceitar. Então, né, já viu, nossa, estou até juntando um saco de paciência para... (risos) aguentar.

R: Fora isso, as outras atividades você está dando conta de fazer?

G: Ah, tem que dar, né, tem que dar, não tem jeito. Inclusive agora eu estou fazendo uma disciplina da pós, um negócio super legal, escondido porque se ele souber, nossa, meu Deus, vai ser o fim: “além da licenciatura, está fazendo disciplinas que não deveria fazer!” E eu estou fazendo porque eu quero fazer doutorado com essa moça, essa professora.

R: Você está fazendo disciplina sem ser necessário?

G: É, estou fazendo como ouvinte, eu não me matriculei, mas eu estou fazendo, eu estou participando de tudo, mas eu não estou matriculada. É que eu estou pensando em mudar, é lá na Farmácia o laboratório dessa professora, aí no Doutorado eu vou fazer com ela porque... já deu (risos). Ah, é muito tempo, né, nossa, isso não é muito bom. Eu fiz iniciação científica quatro anos lá, estou fazendo mestrado há dois anos, são seis anos no mesmo laboratório, os problemas vão ficando muito maiores, sabe, do que... sabe aquelas coisas que você achava chato? Hoje está insuportável. Então é muito... nossa.

R: Mas você tinha comentado algo sobre fazer Doutorado fora...

G: Ai, eu tinha. Mas acabou que, eu não sei se por falta de conhecimento, experiência minha mesmo com esse assunto, a gente acabou não encontrando nada que desse para fazer. Porque

como a gente não tem TOEFL, isso é uma porcaria, e eu nem vou fazer TOEFL, porque certeza que não passo. Eu nunca fiz curso de inglês, para começar, então não dá para fazer o TOEFL porque é uma prova... E é uma prova que exige um nível de concentração que eu não tenho capacidade e ela custa quatrocentos dólares, então não tem condição de pagar uma prova dessa para reprovar. Então acabou dificultando isso de fazer doutorado fora. Tudo tem que ter esse TOEFL, nada a pessoa confia que você vai conseguir entender elas e que elas vão conseguir te entender. Tinha que ser assim, né, fazer uma entrevista, ver se a pessoa fala. Porque assim, a gente conseguiu, sabe aquele TOEFL do Ciência sem Fronteiras? [aceno negativamente com a cabeça]. Então, o Ciência sem Fronteiras tem uma prova de TOEFL, só que é um TOEFL diferente, não é um TOEFL que eles aceitam, é um TOEFL que as universidades com o convênio do Ciência sem Fronteiras aceitam para alunos do Ciência sem Fronteiras. Então é um TOEFL diferente, e bem mais fácil. E aí a gente conseguiu fazer esse TOEFL, a gente foi fazer. Renata, que ódio: a prova de áudio, para você escutar, era um som que a moça colocava, era tipo um textinho de uma pessoa conversando, duas pessoas conversando e aí tinha as perguntas no papel que você tinha que responder, a respeito daquela conversa. E era tipo um minuto para você responder cada questão. E na hora do áudio, sem brincadeira, umas três vezes, eu viajava! Eu não conseguia prestar atenção no áudio! Tinha uma hora que eu falava assim: “Filha da mãe, presta atenção no áudio que você está fazendo uma prova!” E eu falei: “gente, imagina se eu fosse fazer o TOEFL mesmo?” Que é muito mais caro! E é super assim também, um áudio e você tem que entender. Eu não ia ter, sabe, eu não tenho capacidade de concentração numa prova assim, não consigo... me concentrar, eu viajo na maionese. E aí não... sabe uma coisa monótona, um áudio, você está lá prestando atenção, mas de repente você não está mais, um negócio que tipo: “gente, o que está acontecendo, eu tenho que prestar atenção ali” (muitos risos). Nossa, era horrível (risos). E aí eu falei: “não tenho condição de fazer TOEFL, eu não tenho essa capacidade de concentração para fazer um TOEFL, não dá.” Aí a gente acabou desistindo dessa ideia porque a não ser que a gente achasse um laboratório que aceitasse a gente sem o TOEFL, coisa que é muito difícil porque não é nem questão do laboratório, é a universidade de que pede, né. Ai, muito complicado. Agora, com esse BEPE [bolsa de estágio de pesquisa no exterior], por exemplo, que eu estou tentando fazer, talvez abra uma oportunidade, assim, de fazer um doutorado fora, mas eu não sei, porque também teria que ser junto com o Moacir também. Porque seis meses é uma coisa, mas um doutorado é muito. Não dá. Mais fácil seria se a gente conseguisse alguma coisa junto mesmo... E como era nós dois também, isso também dificultou porque a gente tinha que conseguir alguma coisa pelo menos na mesma cidade, pelo menos no mesmo país, sei lá.

R: Entendi. Bom, o que eu tinha para perguntar era isso. Você teria alguma coisa que você gostaria de falar, que eu não tenha perguntado ou que você gostaria de destacar da sua história, que você ache interessante...

G: Não. Só “Fora Temer” (risos)

R: (risos) Primeiramente....

G: Só para deixar gravado aqui, “primeiramente, fora Temer! E por último, fora temer também” (risos).

R: (risos) Então está bem. Muito obrigada novamente pela sua participação, pela sua colaboração.

G: Que isso. Desculpa os transtornos, a demora. Foi ótimo.

R: Imagina, muito obrigada!

4.9 Gabriela: do desejo de ascensão social ao desejo de transformação social

Gabriela tem 27 anos e é estudante em um programa de Mestrado pertencente à grande área de Ciências Sociais Aplicadas. Quando ingressou na graduação, sua mãe havia estudado até a oitava série do ensino fundamental e é funcionária na Polícia Civil, onde trabalhou inicialmente como carcereira e, atualmente, executa serviços administrativos. Gabriela nos conta que foi após ingressar neste emprego que sua mãe voltou aos estudos e concluiu o ensino médio. Seu pai concluiu o curso de técnico de contabilidade, porém, nunca exerceu esta profissão. Durante a infância da estudante, seu pai exercia a função de encarregado de um grupo de trabalhadores rurais e concomitantemente, trabalhava à noite na lanchonete da família. Posteriormente, veio a empregar-se como motorista de caminhão, função que exerce até hoje. Gabriela tem uma irmã de 25 anos, que também fez graduação na Universidade de São Paulo.

Diferentemente das outras histórias aqui relatadas, Gabriela teve uma trajetória escolar bastante linear, sem interrupções ou necessidade de rupturas e retomadas. Ela estudou da primeira à terceira série em sua cidade natal, no interior do estado de São Paulo. Já nesta época, apesar de destacar-se pelo bom desempenho escolar, Gabriela teve sua primeira percepção das diferenças sociais que a circundavam:

Eu me sentia prestigiada por ser uma das melhores alunas, reconhecerem que eu era uma boa aluna. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia um pouco de preconceito em relação a crianças que eram filhas de pessoas com condições financeiras melhores na cidade. Isso é uma coisa, assim, que é uma lembrança clara para mim: me sentia um pouco diferente das outras pessoas, das outras crianças que também eram boas alunas, mas tinham pais mais ricos, tal, um tratamento até diferente, digo, dos professores.

Quando estava na quarta série, mudou-se para a cidade em que se localiza o *campus* da universidade, onde terminou o primeiro ciclo do ensino fundamental. Ela relata ter tido neste primeiro ano na cidade, um pouco de dificuldade em adaptar-se ao novo ambiente, aos novos colegas, etc, mas afirma que, apesar disso, continuou mantendo seu bom desempenho. Na sequência, cursou o segundo ciclo, da quinta à oitava série em outra escola, sendo ambas estaduais. Ao fim do ensino fundamental, prestou um concurso de bolsas e conseguiu um desconto de 80% em uma escola particular, onde realizou todo seu ensino médio.

A estudante recorda que sempre foi uma boa aluna, que prestava muita atenção às aulas e gostava bastante de estudar, demonstrando desde cedo responsabilidade em relação às tarefas escolares. Ela nos conta ainda que seus pais sempre incentivaram e falaram da importância dos estudos.

Gabriela tem uma visão bastante crítica acerca das escolas públicas que frequentou, afirmando que logo percebeu que embora a infraestrutura não fosse tão ruim, a educação estava sucateada. A entrevistada explica que era uma das poucas alunas que prestavam atenção às aulas, ao passo que a maioria não demonstrava interesse, bem como os professores que pareciam estar desmotivados. Ela nos descreve um ambiente bastante caótico, em que alunos entravam e saíam o tempo todo da sala de aula, e menciona o fato de um professor chegar a dar aulas alcoolizado. Outra situação descrita pela aluna é em relação a uma professora de Matemática que, durante o ano todo, a única atividade por ela proposta era copiar textos e questões do livro didático. Apesar disso, a estudante salienta que continuava se dedicando aos estudos, já que nessa época, ao final do ensino fundamental, começou a entender o que era cursar uma faculdade após a conclusão da educação básica e passou a levar esse desejo consigo:

Mas eu sempre me dediquei bastante porque eu esperava, sei lá, continuar estudando, fazer uma faculdade... nessa época que começou... que comecei a entender o que era fazer uma faculdade depois terminar a escola, então eu comecei a me motivar um pouco por isso e... sei lá, ter uma trajetória diferente dos meus pais, ascender um pouco mais na vida economicamente. Mas, ao mesmo tempo, achava... ficava triste com a situação da escola, de eu não poder estudar mais por causa desse sucateamento, né, da... alguns professores não davam uma boa aula e etc. Mas estudava bastante, assim, com o que eles me davam, nunca fiz... não tive outras aulas para suplementar o ensino nem nada.

Quando sua irmã estava na quarta série, soube através da escola pública em que estudava da possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos em uma escola particular, mediante a participação em um concurso de bolsas. A irmã teve um bom resultado no referido concurso e conseguiu uma bolsa integral. Assim, como já mencionado, quando Gabriela chegou à oitava série, decidiu também submeter-se ao exame e concorrer a uma bolsa. Pelo seu desempenho no concurso, ela conquistou uma bolsa de 80% e passou então a estudar na mesma escola particular que a irmã. O ingresso nesta escola foi o segundo encontro de Gabriela com a desigualdade social e ela explica que se sentia deslocada, como se aquele não fosse o seu ambiente social. Ela se recorda de um sentimento de inferioridade e de “injustiça do mundo”, afirmando perceber a diferença entre condições sociais dela e dos outros alunos da escola:

No começo era... me sentia meio que inferior [...] Eu percebia que tinha coisas que eu gostaria de fazer e não poderia pela falta de dinheiro para fazer aquilo especificamente. Tinha um pouco de sentimento de, sei lá, injustiça do mundo, me senti... ah, assim, não sei, não sei explicar direito, mas acho

que é sentir certa inferioridade. me sentia um pouco diferente porque aquelas pessoas tinham pais que trabalhavam em profissões diferentes, tinham condições de vida diferentes, tiravam férias de forma diferente, iam viajar, se vestiam com roupas diferentes, com tênis diferentes, coisas bem materiais mesmo. Então eu sentia que não tinha a mesma vida que elas. Então, inicialmente, foi um choque por perceber que a gente estava em mundos um pouco, né, diversos.

Não obstante esse “choque da questão social” como ela mesma chama, Gabriela ponderou que estar estudando em uma escola particular era uma oportunidade de ter acesso ao ensino de boa qualidade, o que poderia lhe garantir ou dar maiores chances de ingresso em uma universidade pública. Tendo isso em mente, ela foi gradativamente, como define, “se adaptando” e explica que “este foi um problema que foi sendo resolvido internamente mesmo”. Mesmo com bolsa de estudos, era difícil para a família manter as duas filhas em uma escola particular e a estudante relembra que, embora não lhes tenha faltado as condições básicas de alimentação, higiene e vestuário, era preciso planejar muito bem cada gasto e viver com o orçamento sempre apertado, sem muitos lazeres ou viagens, por exemplo. Ela ressalta que, todavia, seus pais nunca reclamaram e sempre deixaram claro que fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para que as filhas pudessem estudar.

Sendo assim, quando conseguiu a bolsa de estudos na escola particular, Gabriela já sabia até mesmo qual curso pretendia fazer e começou a estudar com mais afinco ainda, já se preparando para o vestibular.

Então eu passei a me dedicar ainda mais aos estudos porque, sei lá, o conteúdo era mais... um pouco mais profundo, né, tinha aulas certinho, diferentemente da escola pública. Então eu me dediquei mais, já tinha toda essa preocupação minha e da escola desde o primeiro colegial com o vestibular, então eu já comecei a me preparar. Nessa época eu já tinha a ideia de prestar Direito, é... ideia que surgiu, sei lá, de ver filmes, novelas, essas coisas, porque... como na minha família não tem ninguém com ensino superior, então não foi que eu me inspirei em algum pai, tio, nem nada, sei lá, foi da cultura popular mesmo do que era ser advogada ou juíza. Então durante o ensino médio, estudei, eu estudava bastante estudava quase que diariamente, fazia todas as atividades, sempre fui assim, muito certinha, de cumprir cronograma da escola.

A preocupação da estudante com o vestibular era tanta que ela relata ter se sentido angustiada com o tempo que ela despendia em atividades domésticas, já que como sua mãe trabalhava fora o dia todo, era ela quem se responsabilizava por essas tarefas. Ela acreditava que isso a colocava em desvantagem em relação aos seus concorrentes que, em melhores condições econômicas, podiam dedicar-se integralmente aos estudos. Entretanto, ao refletir sobre essa questão em um segundo momento, ela ponderou que essa teria sido uma preocupação exagerada de sua parte, uma vez que ela apresentava bons resultados nos

simulados realizados pela escola e também conseguiu a aprovação no vestibular, posteriormente.

O curso que Gabriela almejava não existia ainda na cidade e, por isso, ela decidiu prestar o exame para o *campus* mais próximo que havia, em uma cidade da região, na Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho – UNESP. Todavia, a estudante teve dificuldades em adaptar-se às viagens diárias, bem como ao curso que, em sua avaliação, não tinha boa qualidade e também encontrava-se “sucateado”, como as escolas públicas que frequentara. Após dois meses frequentando a universidade, recebeu a notícia de que a Universidade de São Paulo – USP – passaria a oferecer, no *campus* de sua cidade, o curso que pretendia. Destarte, decidiu abandonar a UNESP e prestar novamente o vestibular, dessa vez para USP. Após a aprovação, Gabriela iniciou o curso e afirma ter ficado muito satisfeita, tanto com a qualidade do curso quanto com as oportunidades que a realização deste sonho poderia trazer. Para ela, o ingresso na graduação significaria ter a chance de construir uma vida financeiramente mais confortável que a de seus pais e que ela mesma tivera na infância:

Significou... acho que a possibilidade de ir ascender socialmente e economicamente, principalmente. Para mim, entrar na universidade, além de, assim... eu gostava muito, achava que eu ia gostar muito de Direito [graduação cursada] e que, nossa, era a minha cara, queria muito fazer isso. Além disso, de satisfazer esse sonho de fazer uma faculdade de Direito, significava que eu poderia ter um bom salário, ter uma estabilidade econômica boa depois que eu me formasse e fazer coisas que meus pais não tinham condições de fazer ou de possibilitar que eu fizesse.

Já na faculdade, a estudante relata novamente sua percepção acerca da diferença de sua situação econômica em relação aos demais alunos. Em um curso no qual as rendas familiares dos estudantes estavam entre as mais altas do *campus*, essa diferença se tornava ainda mais flagrante do que as que ela já tinha vivenciado até então, havendo casos que surpreendiam pelo comportamento dos estudantes, que faziam questão de ostentar essa condição social. Porém, ela explica que isso já não lhe causava sofrimento, sobretudo porque ela já havia tido vivenciado uma situação parecida na transição do ensino fundamental para o ensino médio, quando ingressou na escola particular.

Durante a graduação, começou a participar de um grupo de estudos e pesquisa, experiência que fez com que ela desenvolvesse o gosto pela pesquisa e, convidada pela docente responsável, decidiu fazer iniciação científica, mesmo sem ter bolsa para tal. Essa professora, que veio a ser sua orientadora na iniciação científica e também no Mestrado, marcou de forma bastante significativa a trajetória da estudante:

Eu acho que o momento que mais me marcou, assim, que foi decisivo para as decisões que eu vim a tomar, foi realmente ter contato com a minha orientadora, que foi a minha orientadora de iniciação e que continua sendo orientadora do mestrado. Porque foi uma pessoa que sempre me incentivou a buscar todas as oportunidades que eu tive e ela mesma me deu algumas oportunidades de viajar para o exterior para fazer período de pesquisa, para participar de Congresso. Ela que me incentivava a prestar esse doutorado em Pisa, então é uma figura assim muito marcante na minha trajetória acadêmica e profissional desde a metade do curso de graduação, isso acho que é o mais significativo.

Concomitantemente, devido à necessidade de ter alguma renda, Gabriela realizava um estágio no qual tinha uma relação um pouco difícil com seu chefe. Motivada pelo seu apreço pela pesquisa e incentivada por sua orientadora da iniciação científica, a estudante resolveu submeter um projeto de pesquisa a uma agência de fomento, da qual passou a receber uma bolsa de estudos, podendo então abandonar o trabalho no estágio. Ao desenvolver seu trabalho de conclusão de curso, reafirmou sua afinidade com a pesquisa e, desde então, passou a ter o desejo de realizar um Mestrado. Contudo, em razão de ainda não serem oferecidos estudos em nível de pós-graduação em sua cidade, ela precisou esperar mais um ano e meio, já que não tinha condições financeiras de ir para outra cidade. Porém, durante este tempo, Gabriela manteve o contato com a universidade, participando de projetos de um docente de outra faculdade.

Tão logo foi aberto o processo seletivo, a estudante inscreveu-se e foi aprovada para ingressar no Mestrado. Além do fato de gostar muito de pesquisar, outra questão influenciou Gabriela a optar pela pós-graduação. Se o ingresso na graduação significou a esperança de ter uma vida financeira mais confortável, o ingresso na pós-graduação veio acompanhado da desconstrução dessa meta. Em suas palavras: “Ah, na pós-graduação eu desconstruí tudo isso [...] Acho que eu também não tenho tanta ambição quanto eu tinha quando eu entrei na graduação [...] o que eu busco mais é fazer algo que me dê o mínimo de prazer e não simplesmente trabalhar em algo pra receber o dinheiro”. Ela nos conta que algumas características de sua área de trabalho a deixaram bastante decepcionada, dentre as quais o conservadorismo e o formalismo excessivo, que fizeram com que ela desistisse de prestar concursos para atuar em carreiras públicas financeiramente muito promissoras. Convicta da necessidade de mudanças de posicionamento nessa área, a estudante nos conta que passou a acreditar no poder da educação como ferramenta de transformação. Em sua avaliação, ao ser uma docente no ensino superior de sua profissão, teria a oportunidade de incentivar a reflexão dos estudantes, os futuros profissionais que poderiam realizar as mudanças que ela acreditava serem necessárias.

Então eu achei que... que dentro da universidade, eu poderia exercer uma função legal de tentar mostrar para aquelas pessoas que ainda estão se preparando para entrar neste mundo, um lado problematizado do mundo e não a visão tradicional hiper conservadora do Direito. Então talvez tentar plantar algumas sementinhas ali na educação, no ensino, para que quando aquelas pessoas saíssem e se tornassem advogadas, juízas, promotoras, defensoras, etc., talvez tivessem um olhar um pouco diferente do atual, né, que a gente vê nessas instituições. Então não sei, acho que eu passei a acreditar mais nesse potencial.

Todavia, para ser docente em uma universidade pública, Gabriela sabe que precisa cursar o Doutorado. Devido à sua condição econômica, ela só conseguirá fazer isso se puder contar com o auxílio de uma bolsa de estudos. Preocupada com os recentes cortes de investimento nessa área, a estudante demonstra insegurança em escolher esse caminho, já que necessita ter uma fonte de renda para manter-se, tendo em vista que seus pais não possuem recursos para tanto. Prestes a concluir o Mestrado, Gabriela está se preparando para um processo seletivo de Doutorado em uma universidade de Pisa, na Itália, que oferece bolsa de estudos caso ela seja aprovada. Caso contrário, a estudante precisará interromper os estudos de pós-graduação e pretende trabalhar. A questão social novamente se impõe na vida da estudante e se interpõe entre ela e seu objetivo, mas ela esclarece que mesmo enquanto estiver trabalhando, não perderá seu foco e estará refletindo sobre alguma solução para que possa retomar os estudos e dar continuidade à almejada carreira acadêmica.

Ainda deixando suas marcas na vida de Gabriela, sua origem social, outrora motivadora apenas do desejo de ascensão individual, doravante converteu-se em uma força motriz para a transformação social por meio da educação, caminho que ela pretende seguir dando continuidade aos estudos de pós-graduação.

4.10 Entrevistas na íntegra

1ª Entrevista

G: Eu vou tentar falar com o máximo de detalhes que eu conseguir, mas eu não sou uma pessoa que conta muita história, então depois você pode perguntar mais. Eu acho que eu entrei na pré-escola com quatro anos e... eu era uma criança muito tímida, principalmente na pré-escola, né... quatro a seis anos. Mas sempre fui boa aluna, muito quieta, prestava atenção, gostava de estudar. Então, eu me lembro desde essa época de já ter... já ter certa responsabilidade sobre tarefinhas que a professora passava, coisas assim, sem precisar de muita cobrança dos pais. Eu lembro sempre dos meus pais incentivarem a estudar, assim, falando da importância, mas nunca foi com muita cobrança e nem foi um incentivo... Ah, não era uma coisa do tipo “você precisa ser grande e fazer faculdade” ou algo assim, como eles... Minha mãe na época só tinha até a oitava série, ela foi fazer o ensino médio depois, terminar com supletivo. O meu pai teve até o ensino médio, então, como nunca fizeram faculdade, não era uma coisa que estava muito presente, nunca esteve, então as lembranças que eu tenho da pré-escola é isso: muita timidez e também... estudava, gostava de estudar. A partir do primeiro ano do ensino fundamental, continuava uma criança um pouco tímida, mas isso foi melhorando um pouco e sempre fui uma das melhores alunas, me dedicava bastante, era aquela criança que prestava atenção, tinha bastante foco, tinha alguns colegas, tal. E eu estudei até o terceiro ano do ensino fundamental, comecei do quarto, eu morava numa cidadezinha aqui... mais ou menos aqui perto, a noventa quilômetros, chamada Lagoa Verde [cidade do interior paulista]. É uma cidade bem de interior, então uma das lembranças que eu tenho é que, como as professoras conheciam os pais de todo mundo, de todas as crianças, é... eu me sentia prestigiada por ser uma das melhores alunas, reconhecerem que eu era uma boa aluna. Mas, ao mesmo tempo, eu sentia um pouco de preconceito em relação às crianças que eram filhas de pessoas com condições financeiras melhores na cidade. Isso é uma coisa, assim, que é uma lembrança clara para mim: me sentia um pouco diferente das outras pessoas, das outras crianças que também eram boas alunas, mas tinham pais mais ricos, um tratamento até diferente, digo, dos professores; nada assim muito discriminatório, mas senti alguma diferença. E aí no quarto, no começo da quarta série, a gente se mudou para Guarani [cidade onde se localiza o campus], é... senti um pouco de dificuldade pela mudança de ambiente, né, novos amigos, nova escola, senti uma diferença na metodologia de ensino por serem professoras diferentes, mas, assim, sofri um pouco porque eu achava que não estava conseguindo acompanhar bem, mas acho que era só uma impressão e uma preocupação, sei lá, uma dificuldade de lidar com essa mudança porque meu rendimento continuou bom, continuei sendo uma boa aluna mesmo nesse ano. Acho que era mais uma coisa do sentimento mesmo, de angústia. É... aí na quinta série eu mudei de escola, né, porque a escola que eu estudei na quarta série aqui em Guarani era só até a quarta série. Aí da quinta até a oitava, eu estudei na mesma escola. Você gostaria que eu falasse o nome das escolas? [aceno que sim com a cabeça] Ah tá! Na quarta série foi no Dona Maria Aparecida e da quinta até a oitava, no Felipe Silveira, no Pablo Picasso [bairro da cidade onde se localiza o campus] e... nessa fase, da quinta à oitava, eu me sentia um pouco deslocada porque eu era uma das únicas alunas (risos) que prestava atenção e estava interessada nas aulas e tal. Como a... eu já percebia que a

educação estava meio sucateada nessa escola, era muita bagunça, aluno saindo e entrando, às vezes eram professores que já estavam desmotivados, não ligavam muito para isso. Mas eu sempre me dediquei bastante porque eu esperava, sei lá, continuar estudando, fazer uma faculdade... nessa época que começou... que comecei a entender o que era fazer uma faculdade depois de terminar a escola, então eu comecei a me motivar um pouco por isso e... sei lá, ter uma trajetória diferente dos meus pais, ascender um pouco mais na vida economicamente. Mas ao mesmo tempo, achava... ficava triste com a situação da escola, de eu não poder estudar mais por causa desse sucateamento, né, da... alguns professores não davam uma boa aula etc. Mas estudava bastante, assim, com o que eles me davam, nunca fiz... não tive outras aulas para suplementar o ensino nem nada. Ah! Eu fiz um curso de Inglês durante a sétima e oitava série numa escola privada de Inglês, foi isso. Aí na... quando eu estava na sétima série... eu tenho uma irmã mais nova, dois anos mais nova que eu... é... quando eu fui para a sétima, ela foi para a quinta série, ela tinha feito um concurso de bolsas no Capitu [escola particular da cidade onde se localiza o campus] e conseguiu uma bolsa integral. Então na quinta série dela, eu estava indo para a sétima série no Felipe Silveira, ela foi para o Capitu. Então eu comecei a ter como meta também quando eu chegasse na oitava, fazer esse concurso de bolsas para que eu pudesse fazer o ensino médio numa escola privada e poder estudar melhor para o vestibular. Aí eu fiz isso, então oitava série eu prestei, consegui 80% de desconto e fui para o ensino médio no Capitu, aqui em Guarani também. E a minha irmã continuou estudando lá também durante todo o tempo durante o ensino médio. Aí, eu parei de fazer Inglês que eu fazia porque como tinha que pagar uma parte da mensalidade da escola, não dava para os meus pais arcarem mais com o curso de Inglês e... a partir de então eu passei a me dedicar ainda mais aos estudos porque, sei lá, o conteúdo era mais... um pouco mais profundo, né, tinha aulas certinho, diferentemente da escola pública. Então eu me dediquei mais, já tinha toda essa preocupação minha e da escola desde o primeiro colegial com o vestibular, então eu já comecei a me preparar. Nessa época eu já tinha a ideia de prestar Direito [curso de graduação], é... ideia que surgiu, sei lá, de ver filmes, novelas, essas coisas, porque... como na minha família não tem ninguém com ensino superior, então não foi que eu me inspirei em algum pai, tio, nem nada, sei lá, foi da cultura popular mesmo do que era ser advogada ou juíza. Então durante o ensino médio, estudei, eu estudava bastante, estudava quase que diariamente, fazia todas as atividades, sempre fui assim, muito certinha, de cumprir cronograma da escola... Aí no terceiro colegial, eu prestei... o único vestibular que eu prestei foi o da Unesp porque o curso de Direito [sua graduação] da Unesp é em Franca [cidade do interior paulista], que era aqui perto. E na USP, até então, não tinha aqui em Guarani, só em São Paulo. Então eu tinha um pouco de medo de mudar para São Paulo, uma cidade muito grande, caótica, mas, além disso, tinha a questão da... que eu não poderia me... seria difícil para os meus pais arcarem com os custos de eu morar em São Paulo, então eu pensei que na Unesp daria para viajar todo dia, seria mais tranquilo. Aí eu prestei, passei, comecei o curso, só que não... no começo eu não estava me adaptando bem porque achei muito “zoneado” o curso (risos). É... repetindo essa história de quando eu estudei na escola pública, né, que muitos professores não apareciam, sei lá, parecia que também estava meio sucateada... meio sucateado o curso da Unesp. Mas comecei a me adaptar. E também essa coisa de viajar, ir e voltar todo dia com o ônibus, às vezes dificultava um pouco os estudos porque eu queria ficar lá para ir na biblioteca, fazer alguma outra atividade... e era difícil. Aí, eu tentei me adaptar

porque esse ônibus era um ônibus locado pelos alunos, era um grupo de alunos de Franca, então você pagava uma mensalidade, era um ônibus fretado, né. Aí tentei me adaptar, às vezes voltando com ônibus de linha normal, voltando mais tarde para casa... que aí poderia passar mais tempo na universidade. E aí quando eu comecei a me adaptar um pouco com isso, foi dois meses depois mais ou menos, surgiu a notícia de que estava abrindo o curso de Direito aqui na USP de Guarani. Aí eu pensei em prestar, aí eu falei: “Ah! Vou trancar o curso da Unesp, vou prestar, que eu acho que em Guarani vai ser mais tranquilo, de estar na cidade...” E também tinha aquela visão de que: “Ah! A USP é melhor, a melhor universidade do país” e não sei quê, aí eu falei: “Ah! Vou trocar de universidade”, mas não dava para trancar na Unesp. Como era o primeiro semestre, eu precisaria fazer um ano inteiro do curso até trancar e achei que não seria viável eu estudar para o vestibular de novo e continuar o curso. Então eu abandonei. Se não desse certo na Fuvest, eu ia voltar para a Unesp com o currículo cheio de reprovação. Era o plano, mas eu acreditava que eu conseguiria passar. Aí eu estudei, estudei sozinha mesmo, peguei o material do terceiro ano do ensino médio e estudei de abril ou maio até o final de janeiro do outro ano que é quando é a segunda fase da Fuvest e passei aqui. Ah! E também tem uma coisa que esqueci de falar: quando eu estava no terceiro colegial, eu prestei... eu estudava no Capitu já, né, no ensino médio, mas eu prestei o concurso de bolsas para o cursinho, caso eu não passasse [cursinho oferecido pelo mesmo colégio particular]. E eu consegui uma bolsa integral do cursinho. O coordenador do cursinho falou: “Não, mesmo que você passou [no vestibular], faz a matrícula [no cursinho], vai que você precisa para alguma coisa”. Eu fiz a matrícula e fiquei matriculada no cursinho mesmo sem frequentar. Mesmo eu tendo saído da Unesp para prestar a Fuvest, eu não quis fazer as aulas do cursinhos, as aulas regulares, porque eu achei que seria melhor eu estudar em casa com o meu material. Como eu já tinha tido aulas no terceiro ano e sempre acompanhei bem, eu achava que assistir aula seria um pouco de perda de tempo porque era um conteúdo que eu já tinha visto. E eu já tinha o material, preferi estudar sozinha. E aí, eu só fui para o cursinho para fazer o período de revisão. Aí eu... tinha bolsa, então não pagava nada, aí eu fui fazer o período de revisão. Aí foi isso: eu passei na Fuvest e comecei o curso aqui em Guarani. Aí entrei na graduação em 2008, gostei bastante, era... achei um pouco puxado porque os dois primeiros anos do Direito são integrais. Além disso, tinha algumas dificuldades porque era primeira turma, a gente não tinha nem prédio nem nada, questões de infraestrutura, estavam contratando professor ainda, mas achei ótimo, tal, estava super feliz, fiquei super contente e satisfeita com o curso (risos). Diferentemente da sensação que eu tive com a Unesp. E... gostava muito do curso, tinha, assim, a ideia de quando terminasse, prestar concurso para ser juíza. Fiz os dois primeiros anos, que eram integrais, aí o terceiro ano, é quando o pessoal começa fazer estágio. Eu comecei a fazer alguns estágios, mas eu me desiludi completamente e aí veio a crise com o curso porque eu comecei a fazer... o primeiro estágio foi num escritório. Mas eu cheguei a ir só dois dias no estágio porque era um escritório que trabalhava para banco e o meu serviço era muito braçal, era simplesmente abrir alguns arquivos, ver que parte do processo era aquilo e anexar no sistema deles. Aí não gostei, saí, aí arranjei um outro estágio logo em seguida na E [órgão público federal] que era bem braçal, mas eu tinha oportunidade de pensar um pouquinho a mais, fiquei duas semanas, só que... deu um problema com... com a contratação porque não tinha um convênio que precisava entre a universidade e o F [órgão público estadual]. Acabei saindo, falei: “Ah! Deixa! Vou me

dedicar um pouco mais aos estudos.” E na mesma época surgiu a oportunidade de eu integrar um grupo que estava tentando ir para o projeto Rondon, que é um projeto do Ministério da Defesa, tal, que você fica algumas semanas, duas semanas em algum município pobre, faz algumas atividades, algumas oficinas com a população. Então, como eu estava desiludida com o curso, já não sabia se eu gostava, o que eu queria fazer, não gostei dos estágios, tinha muita expectativa de quando eu comesse a trabalhar de gostar muito, e não gostei. Então eu fui tentar coisas alternativas: fui para o Rondon em julho de 2010, que foi o terceiro ano da faculdade e consegui uma bolsa de um projeto de extensão sobre I [tema de pesquisa da entrevistada] e... que a gente tinha um grupo de estudo, eu às vezes acompanhava algumas atividades na J [órgão público onde o tema de pesquisa da entrevistada é parte de suas responsabilidades], então comecei a fazer algumas coisas diferentes. E então na metade do terceiro ano eu comecei a receber bolsa, né, consegui esse projeto e a partir de então sempre recebi alguma coisa, o que ajudou bastante para poder pagar minhas próprias coisas, tal, não ter que pedir mais dinheiro em casa... É... assim, porque em casa nunca teve nenhum grave problema financeiro, mas... ah, devido a não ter uma renda muito alta, eu não tinha nem um notebook por exemplo. Meus pais compraram um notebook para mim e um para a minha irmã quando eu estava no terceiro ano exatamente. Antes, a gente tinha um computador velho, um desktop que a gente usava, tal e... o que é um pouco ruim para os estudos (risos), mas dava para se virar. Bom, então aí no terceiro ano eu fui para o Rondon, consegui esse projeto de extensão e... no Rondon, a professora que coordenou o nosso grupo era uma professora nova na faculdade e... ah, sentiu muita empatia, assim, comigo, a gente se deu bem no projeto e ela me convidou para fazer parte de um grupo de pesquisa que ela estava montando com outros dois alunos que eram bolsistas. Eu comecei a frequentar sem receber nada, mas participava das discussões e ela começou a me orientar a fazer uma iniciação científica informalmente mesmo, não era nenhum programa formal, não tinha bolsa, mas comecei a escrever, a estudar. Aí no... e continuei com ela, a gente se aproximou muito, no quarto ano eu consegui um estágio na K [outro órgão público estadual], aí eu saí do projeto de extensão, fiz o estágio durante o ano todo, que tinha uma boa bolsa... e também porque eu tinha que fazer um tanto de horas, era obrigatório no currículo do curso, fazer dois semestres de estágio. Então eu cumpri esses dois fazendo estágio remunerado. Durante, então, esse quarto ano que eu fiz o estágio, no segundo semestre eu pensei... estava assim, um pouco... cansada um pouco já do estágio, a relação com meu chefe era um pouco difícil, ele era uma pessoa difícil, embora eu gostasse muito desse estágio, estava satisfeita. Mas eu gostava muito de fazer pesquisa, aí eu decidi escrever um projeto de iniciação científica e mandar para a FAPESP e... minha orientadora sempre incentivou bastante e tal, aí eu mandei, então assim que eu saí do estágio, eu terminei o estágio em novembro, em dezembro foi concedida a bolsa de iniciação da FAPESP. E... então, aí eu parei o estágio. Junto com o estágio, eu já fazia iniciação, aí eu parei e fui fazer a iniciação com bolsa. Junto com... que a iniciação eu ia entregar como meu trabalho de conclusão de curso, como meu TCC. Então no quinto ano, eu fiquei fazendo isso... é... e já tinha desistido do projeto inicial, de quando eu entrei na faculdade, de prestar concurso. Como eu gostei muito de pesquisar e tal, e eu tive sempre incentivo da minha orientadora, acabei pensando em fazer pós-graduação. Aí quando... e durante a faculdade, assim... fui uma boa aluna, não era... não estava, eu acho, entre os cinco ou dez melhores porque tinha muita gente muito dedicada no curso. Eu me dedicava um tanto razoável,

poderia me dedicar mais mas, enfim, mas era uma boa aluna. E terminei a graduação, só que ainda não tinha aberto processo seletivo de mestrado aqui em Guarani, não tinha aberto o mestrado ainda. E eu não tinha prestado em São Paulo pelas mesmas razões que eu não tinha prestado inicialmente vestibular em São Paulo: pela cidade e também pelas questões financeiras, de como eu me manteria lá. Então eu fiquei um ano e meio trabalhando aqui na USP mesmo, com alguns professores ajudando em atividades administrativas, eles me pagavam... uns *freelances* mesmo. Entrei em um projeto do marido da minha orientadora, que é professor na L [uma das faculdades da USP]. É... entrei nesse projeto, durante esse tempo, comecei a trabalhar com ele, que aí... ele era remunerado mas não era bem uma bolsa. De acordo com o que... a gente entregava os produtos, eles mandavam os pagamentos para a gente. Então, eu recebia de tempos em tempos um valor razoável e fiquei me virando para poder prestar o mestrado quando abrisse aqui. Aí... abriu, eu fiz o processo seletivo e entrei no mestrado em 2014, em agosto de 2014. Então foi um ano e meio depois de terminar a graduação.

R: Mas na primeira tentativa você já entrou...

G: Já, já entrei, na primeira tentativa. Sou da primeira turma do mestrado também. E... agora eu estou quase terminando, termino em agosto desse ano, que são só dois anos de mestrado. Voltou a crise também... se... se eu quero continuar nessa carreira ou não. Porque... acho que... alguns problemas assim, que eu enfrento, que me fazem ter dúvida sobre isso. É que é muito tempo investido para construir essa carreira e... com baixo retorno. Acho que... não tem um salário fixo, então... por exemplo, eu sempre quis sair de casa, mas eu nunca tinha conseguido, eu nem tinha bolsa no mestrado. Então, bem difícil... não ter um trabalho, né, um trabalho remunerado, com carteira assinada, não ter um salário para poder me manter, né, para construir uma vida mais independente. Então são alguns conflitos que eu tenho em relação à pós-graduação porque o que eu quero mesmo... o que eu queria, pelo menos... Agora, eu tenho um pouco de dúvida... é... seguir uma carreira acadêmica. Estou em dúvida, mas acho que eu continuo seguindo nisso, estou terminando o mestrado agora. Nos últimos meses, eu dei algumas aulas num curso de especialização, aulas remuneradas. Consegui uma bolsa da CAPES a partir do meio do mestrado, a partir de junho do ano passado, junho de 2015, então as coisas melhoraram, possibilitaram que eu saísse de casa, da casa dos meus pais, e fosse dividir apartamento com outras estudantes agora em janeiro. E no momento, estou na fase final do mestrado, estou me preparando para um processo seletivo de doutorado em Pisa, na Itália. Porque tem bolsa, então daria para eu me manter tranquilamente se desse certo. E é um doutorado bem focado na área que eu estudo, mas se não der certo, eu acho que eu vou interromper um pouco os estudos de pós-graduação. Terminando o mestrado, eu vou trabalhar e depois eu penso se eu vou prestar o doutorado ou não porque devido a não poder contar com o auxílio financeiro dos meus pais, eu não posso entrar em um doutorado sem ter uma bolsa e no momento está muito difícil isso, né, no país teve muitos cortes de bolsa. Então não dá para eu me sustentar no doutorado sem ter alguma outra fonte [de renda].

R: Esse doutorado em Pisa é um programa da universidade de lá?

G: De lá. Assim, eles têm bolsas, então se der certo, se eu passar, eu não preciso contar com o apoio dos meu pais porque a bolsa é o suficiente para eu me manter e tudo mais. Eu não tenho que pagar pelo curso, aí se esse der certo, tá ok. Se não der, aí que não... que não dá para eu prestar outro doutorado agora porque eu não quero, não sei como me virar financeiramente, é mais ou menos isso. Não sei se eu deixei de falar alguma coisa.

R: Então... eu vou te fazer algumas perguntas mais específicas, sobre o que você falou mesmo.

G: Tá.

R: São questões que eu fui anotando aqui. É... a pré-escola que você fez era pública?

G: Era pública.

R: É... você falou que vem lá de Lagoa Verde né?

G: Isso.

R: E depois se mudou para cá. Você só tem uma irmã?

G: Uma irmã.

R: E ela fez O [curso de graduação da USP], né, que você estava falando... [antes de iniciar a entrevista]

G: É, ela começou dois cursos de M [uma das áreas do conhecimento], aqui na USP, mas saiu e depois foi fazer O, aqui também. Terminou recentemente.

R: E ela estudava na escola particular desde a quinta série?

G: Desde a quinta série.

R: Por conta da bolsa?

G: Isso.

R: E nessa época você não fez o... não prestou o concurso de bolsas?

G: Não fiz porque eu não fiquei sabendo, não sabia que existia isso quando eu estava na quarta série, eu não sabia dessa oportunidade.

R: Certo. Você comentou que você já esperava fazer faculdade, você tinha intenção de fazer faculdade. Isso era um assunto que surgia, que era comum na sua casa ou na escola? Como que você teve essa ideia de fazer faculdade?

G: Entendi. Não, na escola não. Como eu estudava no ensino fundamental em escola pública, não era muito comum para as pessoas que também não tinham pais que tinham feito superior, então não era... o estudo não era voltado para isso e nem as pessoas pensavam muito sobre o que fariam, iriam fazer ou não. Em casa, eu não me recordo muito bem, mas eu acho que essa vontade assim de ter planos, de fazer faculdade, tanto meus quanto da minha irmã, surgiu mais da gente do que dos meus pais. Eu acho que... pensando agora, eu acho que também eu tive um pouco de influência da minha irmã porque como ela entrou na escola privada antes de mim... na escola privada, isso é falado desde sempre, né. Então desde a quinta série ela já... já se ouvia isso. Então acho que ela acabou comentando sobre isso, me incentivando também a ter essa vontade.

R: Você falou do sucateamento da escola, né. Gostaria que você falasse um pouco mais, como era? Você falou que alguns professores não apareciam... E as salas de aula, como eram? Queria que você falasse um pouquinho mais.

G: É... durante o ensino fundamental, né?

R: É, na escola pública, que você comentou.

G: É... já era assim: cada professor dava uma matéria diferente né, eu sentia que alguns levavam bastante a sério, tinham um planejamento de aula, faziam questão que os alunos estivessem prestando atenção e tudo mais, se esforçavam, davam uma boa aula. Mas eu tive experiências de... por exemplo, um professor de Português, que é uma disciplina, né, uma matéria muito importante na formação, é... ele não ligava... todo mundo, todo mundo mesmo, com exceção de mim e no máximo mais uma ou duas pessoas, ficava conversando e saindo e entrando na sala o tempo todo. Somente eu e mais uma ou duas pessoas prestavam atenção no que ele estava falando. Mas parecia que ele nem se importava muito com isso. Assim... ou se se importava, não fazia nada em relação a isso, continuava falando no meio da gritaria. E era o professor que sempre.... eu estudava no período da tarde nessa época de quinta a oitava série, era o professor que sempre chegava cheirando a álcool. Então, acho que vários problemas, né, o professor que está meio alcoolizado numa sala de aula que todo mundo está gritando... Então, muitas limitações na aula e no aprendizado. Além disso, não havia muitos incentivos fora de aula, como... existia uma biblioteca... a infraestrutura da escola, eu achava que era boa: as carteiras não eram muito estragadas, tinha bastante carteira nova, prédio reformado, isso eu acho que era ok. Tinha uma biblioteca, só que era uma biblioteca que os alunos não tinham incentivo a usar. Muitos alunos nem entravam lá. É... não tinha outras atividades... [pausa]

R: Havia uma pessoa que ficava nessa biblioteca?

G: Havia, havia uma pessoa que ficava na biblioteca. Eu não lembro... eu acho que a biblioteca não ficava aberta o tempo todo, não me recordo. Mas eu acho que não. Tinha alguns horários limitados que ficava aberta e que os alunos poderiam ir pegar livros. Só não tinha muito esse costume, eles não tinham muito esse costume. Então tinha... eu me lembro desse caso desse professor. Foi muito emblemático para mim também uma outra professora, de Matemática, que o semestre... o ano todo, as atividades em aula eram: copiar a apostila. O que não fazia sentido algum você copiar apostilas. E resolver os exercícios, mas copiando tudo o que estava escrito, ela simplesmente não dava aula. E esses acho que foram os casos mais emblemáticos. Alguns professores eram bons, outros davam aula... não eram tão assim, que não estavam nem aí, mas era aquela coisa bem limitada: mandava a gente fazer muita atividade sozinho, sem dar apoio, às vezes... outros mandavam copiar também algumas coisas da apostila, copiar mapa, alguns mapas, coisas assim, desenhar o mapa... (risos). Então assim, eu tentava tirar proveito disso, mas limitava um pouco os estudos. E é meio nesse sentido que eu acho que era muito sucateado. Eu, como eu tinha interesse, eu me dedicava. Mas eu via que todo mundo, todos os meus colegas... ah, não tinham interesse. E essa estrutura também não incentivava com que tivessem, tiveram uma formação muito deficitária.

R: E você se lembra se você tinha professores de todas as disciplinas?

G: Ah, é, às vezes faltava, aí tinha o que a gente chamava de aula vaga, né, ficava no pátio esperando a próxima aula, às vezes saía mais cedo e isso acontecia com frequência, acho que toda semana, pelo menos uma ou duas aulas a gente acabava não tendo. Nunca faltou um professor assim: “não tive uma disciplina”, isso nunca aconteceu. Mas sempre o professor da disciplina faltava algumas vezes, isso era comum.

R: Entendi. E... antes de entrar na Unesp, você não fez cursinho?

G: Não, eu passei direto do terceiro colegial.

R: Aí depois você frequentou o cursinho só naquele período que você falou para poder fazer a revisão para poder prestar o vestibular daqui...

G: Isso.

R: Você comenta da sua desilusão com a profissão, com os estágios, quando você começou a fazer estágios, daí você falou que era porque lá o seu trabalho era braçal, não tem a ver com a profissão mesmo?

G: Na época tinha a ver com isso, na época foi isso. Depois, quando eu estava no penúltimo ano, eu fiz um estágio que eu gostava muito. Mas assim, o motivo por que eu não presto um concurso público é... eu não gosto muito da estrutura do N [área de atuação da entrevistada], o... os P [espaço físico de atuação dos profissionais da área], eu acho um ambiente super agressivo e a questão da formalidade, uma formalidade muito grande, as pessoas vivem de aparência e eu não tenho muita paciência. Eu acho que eu acredito um pouco mais na

Educação, em tentar fazer algo melhor na universidade pública. Acho que é mais ou menos isso.

R: Certo. Então a bolsa que você tinha era da universidade ou era do estágio remunerado?

G: Primeiro eu tive bolsa da universidade, que era de um projeto de extensão. Aí depois eu comecei estágio e bolsa do estágio mesmo, da K, eles que pagavam.

R: E agora você está com bolsa?

G: Agora eu estou com bolsa da CAPES, desde a metade do mestrado para cá. No começo eu não tinha.

R: E nessa sua experiência, em toda sua trajetória escolar, teve algum momento que você considera mais significativo, mais importante, que te marcou mais?

G: Que me marcou de que forma?

R: Positiva ou negativamente, alguma lembrança forte, também pode haver mais de um momento.

G: Em toda a trajetória? [aceno positivamente com a cabeça]. Deixa eu pensar... [pausa longa]. Não sei, eu acho que o momento que mais me marcou, assim, que foi decisivo para as decisões que eu vim a tomar, foi realmente ter contato com a minha orientadora, que foi a minha orientadora de iniciação e que continua sendo orientadora do mestrado. Porque foi uma pessoa que sempre me incentivou a buscar todas as oportunidades que eu tive e ela mesma me deu algumas oportunidades de viajar para o exterior para fazer período de pesquisa, para participar de congresso. Ela que me incentiva a prestar esse doutorado em Pisa, então é uma figura, assim, muito marcante na minha trajetória acadêmica e profissional desde a metade do curso de graduação, isso acho que é o mais significativo. É... [pausa] além disso.... não lembro de nenhum outro episódio que tenha marcado.

R: Ok. Você comentou que viajou para o exterior...

G: Sim.

R: E você foi...

G: Eu viajei... quando eu estava no quarto ano, eu fui para Moçambique, fiquei dez dias, fui fazer um período de... nessa viagem foi para fazer uma pesquisa sobre R [outra temática de pesquisa] em Moçambique, fazer um estudo comparativo com o Brasil porque a faculdade... a minha orientadora e outra professora tinham acabado de firmar um convênio entre a USP e uma universidade de lá e aí tinha uma verba de internacionalização, aí fui eu e mais uma colega de turma com essa verba e mais um dinheiro que a minha professora disponibilizou,

que é uma verba para as atividades dela na universidade. E no ano passado eu fui para a Alemanha participar de um congresso.

R: Que tinha a ver com a sua iniciação científica?

G: Sim.

R: Em Moçambique também?

G: Em Moçambique mais ou menos.

R: E agora, na Alemanha, sim?

G: Sim, tem a ver com o meu trabalho.

R: Certo. É... na época de você prestar vestibular, como foi? Foi tranquilo? Você sentiu alguma falta, alguma deficiência no seu estudo, ou você já estava bem preparada, como que foi isso para você?

G: Eu acho que eu estava preparada sim. Como eu fiz todo o ensino médio na escola particular e sempre estudei, eu acho que estava preparada. Eu senti um pouco de deficiência em relação ao Inglês e... porque assim, eu tinha feito dois anos já num curso, né, privado. Mas parei, então ficava com um pouco de receio se daria certo no vestibular ou não. Mas acho que foi um pouco tranquilo. Uma coisa que pensei agora: na época do vestibular, eu achava que eu estava preparada, mas me... tinha um pouco de receio de não dar certo porque... se eu tivesse que fazer cursinho, tal. E aí me angustiava um pouco o tempo que eu perdia, por exemplo, em tarefas domésticas, de ter que limpar a casa, ter que cozinhar. Assim, isso me angustiava, eu pensava: “meus concorrentes não tem que fazer isso, por ter uma condição financeira melhor e todo o dia deles, eles podem dedicar ao estudo e eu tenho que gastar várias horas...” E isso me angustiava.

R: Porque sua mãe trabalhava e você tinha que fazer essas coisas...

G: É, minha mãe... meus pais sempre trabalharam, então eu e minha irmã... não tinha nenhuma diarista nem empregada doméstica, então era a gente mesmo que fazia o trabalho. Minha mãe também, mas eu e a minha irmã também, então eu gastava muito tempo com isso.

R: E a transição do ensino fundamental para o Médio, de uma escola pública para uma escola particular, como foi para você? Como você sentiu?

G: É... eu acho que... acho que foi tranquilo. No começo, eu tive um pouco de medo se eu conseguiria acompanhar devido a ter estudado antes numa escola pública. Tive dificuldade com algumas disciplinas, que foram muito deficitárias durante todo meu ensino fundamental, por exemplo: História. Então era uma coisa que é... isso me dava uma angústia para o

vestibular: História. Porque foi uma matéria que eu nunca tive bem dada, nem mesmo na escola particular. Eram professores meio ruins, tive um pouco de azar, então é uma matéria que eu não entendia, não gostava porque eu não entendia direito, então eu ia bem na média. Diferentemente de outras, em que eu ia um pouco melhor. Acho que foi um pouco de angústia nisso, em algumas disciplinas que eu era... tinha menos conhecimento. Mas foi tranquilo, consegui acompanhar bem, tive um pouco de choque da... da questão social. Vim de uma escola pública, em que as pessoas em geral tinham uma condição financeira inferior à minha ainda, que já era uma condição financeira simples. E ir para uma escola particular, em que as pessoas tinham uma condição financeira bem mais elevada, eu me senti um pouco deslocada, como se fosse, sei lá, se aquele ambiente não fosse o meu espaço. Mas assim, os amigos, interagi bem, então acho que foi mais um choque inicial.

R: Você comentou que foi quando você conheceu a sua orientadora, né, você começou a pensar em fazer a pós-graduação. O que você acha que contribuiu mais, assim, no seu desejo de fazer a pós-graduação?

G: Uma das coisas é que quando eu estava no... acho que último ano da graduação, foi quando minha irmã começou a fazer Pedagogia. Então ela começou a discutir muito comigo questões de educação e tudo mais. E eu fui criando um interesse muito grande em relação à educação, de perceber a importância, de ler coisas a respeito, de ver como a educação era algo importante para a mudança social, mudança do mundo. Então eu acho que isso contribuiu muito, junto ao interesse que eu já tinha por pesquisa. Então acho que foram as duas coisas que me fizeram ver que eu tinha o perfil para pós-graduação. E junto também a “não quero prestar concurso e trabalhar no P” [espaço físico de atuação dos profissionais de mesma área que a entrevistada] (risos). Porque eu não gosto de P, gosto muito mais do ambiente da universidade, essa... existe uma aproximação melhor entre as pessoas, é um ambiente mais saudável, mais agradável. Foram esses fatores.

R: E de tudo que você aprendeu na sua trajetória escolar, incluindo sua experiência na graduação e também na pós, quais são as coisas que você considera como mais importantes?

G: Assim... de coisas que eu estudei?

R: Não necessariamente, pode ser também de coisas que você aprendeu com outras pessoas, com relação à sociedade ou à sua visão de mundo...

G: Ah eu acho que com certeza, com certeza foi essa questão da educação, de ver a influência que o professor ou professora tem na vida dos alunos, mesmo que a maioria das pessoas não sejam conscientes disso. O quanto influencia aquela visão de mundo que o professor passa ou deixa de passar, o quanto influencia na formação dos alunos e, conseqüentemente, depois quando eles vão para o mercado de trabalho, como influencia a atuação deles no mundo e, conseqüentemente, na sociedade. Isso... entender esse processo, ver o quanto era importante foi o que considero mais relevante.

R: Certo. E você comentou que o seu desempenho na escola sempre foi bom, né, já desde o ensino fundamental você era boa aluna?

G: Sim.

R: E como que era, você gostava? Do que você mais gostava, do que você menos gostava?

G: Desde o ensino fundamental ao ensino médio eu era muito boa aluna, sempre uma das melhores da turma. Mas... na escola pública, era a melhor. Não porque eu, intrinsecamente, seja melhor que os outros, mas como eu me esforçava, eu ia muito bem, aprendia muito bem e era, assim, acho que a melhor. No ensino médio, como tinha outras pessoas que estudavam também, estava entre o grupo melhor. E o que sempre gostei mais foram matérias... Português e matérias de Exatas. Curiosamente, eu prestei Direito, que não era de Exatas, mas eu sempre me destaquei muito em Matemática, Física e Química, era o que eu sempre gostei mais de estudar.

R: Aqui também você teve um bom desempenho? Na graduação?

G: Na graduação tive. Tive um bom desempenho, era uma boa aluna, não estava mais entre as melhores porque, sei lá, me dedicava um pouco menos e tinha muita gente boa, mas era uma boa aluna.

R: E você comentou que gostava mais das disciplinas ligadas às Exatas, né. E tinha alguma específica que você não gostava de jeito nenhum?

G: Alguma disciplina?

R: É.

G: História.

R: Ah, sim, História!

G: História eu não gostava. Mas depois de um tempo, eu fui perceber, com a maturidade, eu fui perceber que era porque eu não entendia. Quando eu comecei... na graduação só, a entender um pouco mais História, eu vi que era legal, mas na época eu odiava.

R: E você tinha alguma outra dificuldade além da disciplina de História?

G: Não, nenhuma.

R: E facilidade? Alguma que você gostava mais?

G: Especialmente Matemática e Química.

R: Eram bons professores?

G: Eram. A maioria era.

R: E como era sua relação com seus professores? Você se lembra de algum de forma mais marcante, além deste do... lamentável episódio... de chegar alcoolizado?

G: (risos) Eu tinha... tinha uma professora de Matemática que era... que além de ser muito boa, ela era muito próxima dos alunos, conversava bastante comigo, então eu senti que foi uma pessoa também que me incentivava... a estudar, com essa professora, era uma boa relação. Tive uma professora de Química também, com quem eu tive uma boa relação e também era uma pessoa que falava que eu tinha muito potencial, para eu continuar estudando, que eu ia muito bem em Química, tal. E... ah, mais dessas que eu lembro porque... serviram de incentivo, né.

R: E como que você costumava se relacionar com atividades que eram propostas pelos professores, tanto em sala quanto em casa? Como que era a relação com as tarefas escolares? Era comum o envio de tarefas para casa? Você gostava de fazer, era difícil, você tinha acompanhamento de seus pais? Como era isso?

G: Eu acho que eu nunca... nunca me importei com as tarefas de casa, me importar, assim, de não gostar. Fazia, entendia aquilo como parte do aprendizado. E não contava com a ajuda dos meus pais porque... porque eu conseguia fazer sozinha, não precisava. Mas se eu precisasse, eu acho que seria um pouco difícil também contar com a ajuda deles porque... Ah, eu acho... eles não conseguiriam... eu acho... é a minha visão, né, porque eu nunca pedi, mas como eles também se formaram em escolas públicas e saíram há muito tempo e não... trabalham com coisas ligadas a essas matérias da escola, eu acho que seria um pouco difícil para eles ajudarem, pela falta de contato.

R: E a relação com seus colegas de escola também sempre foi boa? Como era com os amigos?

G: Apesar de eu ser... eu era uma criança muito tímida, introspectiva. Apesar disso, eu tinha um grupo de amigos, conversava com outras pessoas e conseguia me socializar. Era mais um bloqueio inicial. Quando conhecia uma turma nova, demorava um pouco para... para começar a falar com alguém. Não sou de acabar de conhecer a pessoa e me sentir à vontade para conversar. Então tinha essa dificuldade inicial, mas eu fazia amigos com certa facilidade e tinha grupos de amigos, nunca tive muito problema. Às vezes era... na escola pública, principalmente, era um pouco “zoada”, chamada de “nerd” e coisas assim (risos), mas... coisa que acontece, né, coisa que é comum na escola pública, mas nada que me chateasse não. Acho que eu preferiria que não chamasse, mas não era assim um grande problema nem tinha raiva dessas pessoas, eram pessoas com quem eu conversava também, entendia como sendo só uma brincadeira de mau gosto.

R: Entendi. E além dos professores que você falou, teve uma pessoa mais significativa... fora da escola, que foi significativa na sua trajetória escolar?

G: Eu acho que não, não me lembro de ninguém.

R: Certo. E o que a entrada na universidade significou para você?

G: Significou... acho que a possibilidade de ascender socialmente e economicamente, principalmente. Para mim, entrar na universidade, além de, assim... eu gostava muito, achava que eu ia gostar muito de Direito e que, nossa, era a minha cara, queria muito fazer isso. Além disso, de satisfazer esse sonho de fazer uma faculdade de Direito, significava que eu poderia ter um bom salário, ter uma estabilidade econômica boa depois que eu me formasse e fazer coisas que meus pais não tinham condições de fazer ou de possibilitar que eu fizesse, como viajar para exterior, comprar coisas que eu queria, enfim, acho que essa questão financeira era bem relevante quando eu entrei.

R: E na pós-graduação?

G: Ah, na pós-graduação desconstruí tudo isso (muitos risos). Não, desconstruí em parte porque eu percebi que “ah, não vou ficar rica do dia para a noite” e também não... acho que eu também não tenho tanta ambição quanto eu tinha quando eu entrei na graduação. Acho que com a pós-graduação, é... acho, ainda, que eu consigo ter uma situação financeira melhor do que a situação familiar que eu tenho, né, dos meus pais. É... mas acho que é mais uma questão de... acho que é mais... o que eu busco mais é fazer algo que me dê o mínimo de prazer e não simplesmente trabalhar em algo para receber o dinheiro. Então a pós-graduação é mais isso: fazer algo que pode me deixar feliz, além de me dar um retorno financeiro razoável. Por isso que eu escolhi a pós-graduação ao invés de prestar outros concursos de Direito que pagam vinte mil reais por mês. Ainda assim, eu ainda prefiro a pós-graduação.

R: Entendi. E... como foi a reação dos seus pais e da sua irmã quando você ingressou na universidade e depois, quando você ingressou na pós?

G: Quando eu entrei ingressei na graduação, foi uma reação de muita felicidade e orgulho, né, de ter uma filha entrando numa universidade pública... entrando numa universidade, né, o que já era diferente porque é uma família que não tem pessoas formadas no ensino superior e, além disso, numa universidade pública, então assim, eles se sentiram muito orgulhosos e sempre apoiaram muito para que eu fizesse isso e seguisse o que eu queria. Para minha irmã, acho que também a questão de orgulho e, como ela já me disse, era meio que um exemplo também. E como ela é irmã mais nova, né, então acaba se pautando um pouco no que... no que eu fazia, assim, servia de incentivo, de exemplo para ela. Quando eu entrei na pós-graduação, acho que eles ficaram felizes também. Não tanto quanto quando eu entrei na graduação, né, que... sei lá, acho que é um processo um pouco mais intenso, uma mudança muito grande sair do ensino médio para a graduação, era uma coisa nova. Quando entrei na pós-graduação, acho foi uma felicidade por ver que eu estava conseguindo aquilo que eu

queria, que eu demorei um ano e meio para entrar entre a graduação e a pós, e eles viam, que eu me sentia angustiada de não ter começado ainda o mestrado, então acho que eles ficaram muito felizes por isso, por eu estar conseguindo algo que eu queria.

R: Mas você não tinha entrado só porque não tinha aberto o processo ainda, né?

G: É, e eu não prestei em outro lugar por motivos financeiros.

R: Sim. E como que era... você já falou um pouquinho, né, que não tinha muito, mas eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre o que eram essas expectativas, os projetos, as conversas familiares sobre escola, o que se falava sobre escola na sua casa, se se falava sobre dar continuidade aos estudos...

G: Desde quando criança?

R: Isso.

G: De dar continuidade aos estudos assim, de uma forma geral, meus pais sempre ressaltaram que era importante estudar, né, ter uma formação, mas nunca precisaram ressaltar demais porque eu e minha irmã sempre estudamos, então isso acho que funcionava de uma forma meio natural. Como a gente concordava com isso, eles não precisavam ficar repetindo. Então assim, eles sempre consideraram importante, sempre incentivaram, nunca mandaram a gente trabalhar em vez de estudar, nem nada assim. Falavam que o importante era que a gente estudasse que eles continuariam, né, sustentando a gente, até enquanto a gente estudasse. E... acho que o que tinha mais de conversa era o que partia de mim e da minha irmã para eles, contando das nossas expectativas, né, e coisas assim. Além disso, acho que o que partia mais deles foi durante a fase de vestibular e tal, que eles, sei lá, [tinham] ansiedade para saber o que a gente queria prestar... para mim isso era mais certo, para minha irmã não. Como ela tinha muitas dúvidas, desde o ensino médio, então acho que eles ficavam um pouco angustiados com isso, tentavam ajudar, mas não conseguiam direito porque... sei lá, o meu pai é uma pessoa muito ansiosa, então ele quer respostas rápidas, não consegue entender que a gente às vezes demora para tomar decisões. Minha mãe é mais tranquila, então acho que ela respeitava mais o tempo da minha irmã. Mas comigo foi mais tranquilo porque eu era mais decidida, eu tinha mais certo para mim que era aquilo e pronto. É mais ou menos isso que me lembro da relação com eles, assim, de conversar sobre estudo.

G: Você comentou que sua mãe fez o ensino médio depois. Você lembra mais ou menos quando foi isso?

R: Eu acho... foi depois que a gente já tinha se mudado para Guarani. Então, eu acho que eu devia ter uns onze ou doze anos de idade.

G: Então ela já tinha duas filhas e foi fazer o ensino médio?

R: Sim, e já trabalhava, ela já tinha acho que mais de trinta e cinco anos. Porque ela só tinha até oitava série, parou de trabalhar... parou de trabalhar, não, parou de estudar porque precisava trabalhar e aí só poderia fazer o colegial à noite. Só que o pai dela era muito rígido e muito... ah, enfim, impunha muitas coisas, muitos limites desnecessários e não deixava ela estudar à noite. Então, ela não conseguiu fazer o ensino médio à noite, só tinha a oitava série. E ela foi fazer só depois que a gente mudou para cá, quando ela já estava trabalhando e já tinha filhos.

R: E o seu pai?

G: Meu pai, ele fez no tempo regular, fez o ensino médio logo depois do ensino fundamental e acho que ele fez um técnico em contabilidade um ano ou dois, alguma coisa assim e... público também, que tinha na época, mas ele nunca trabalhou com isso.

R: E sua mãe prestou concurso...

G: Minha mãe prestou concurso. Foi um dos motivos que a gente mudou para Guarani. A gente já tinha família aqui, mas aí quando minha mãe passou no concurso é que a gente veio.

R: Entendi. Então os dois estudaram em escolas públicas?

G: Os dois estudaram.

R: Certo. E... quantos anos você tem?

G: Eu tenho 27.

R: Você está em qual semestre do curso?

G: Estou no quarto semestre, no último.

R: E atualmente você está estudando com bolsa, né?

G: Atualmente sim.

R: Você saberia dizer a escolaridade dos seus avós, a profissão, o que eles faziam?

G: Meus avós maternos: a minha avó, eu acho que ela fez até a terceira ou quarta série e ela era costureira. Meu avô, eu não sei a escolaridade dele... até a quarta série pelo menos, ele fez, eu acho que ele fez um pouquinho mais, mas não sei quanto mais, e ele trabalhava como padeiro. Já por parte de pai, a minha avó... eu não sei a escolaridade deles, mas acho que baixa também, deve ser quarta série, alguns anos mais que isso. Acho que nenhum tinha ensino médio, né, colegial na época. E aí minha avó paterna, ela era dona de casa, não trabalhava porque tinha alguns problemas de saúde em decorrência da diabetes, morreu super

jovem. E meu avô, ele trabalhava de motorista de caminhão, fazia entregas nacionais, tal. Todos já faleceram.

R: [O avô era motorista] Como seu pai?

G: Como meu pai, mas meu pai não trabalhou sempre nisso, meu pai começou a trabalhar como motorista depois que a gente mudou para Guarani. Até então, ele trabalhava como encarregado de uma turma [de trabalhadores] numa usina de cana-de-açúcar. E, além disso, tinha uma lanchonete onde ele trabalhava à noite. Então, assim, durante toda a minha infância, ele tinha dois turnos de trabalho: trabalhava na usina de manhã, de manhã e à tarde, e à noite na lanchonete. E aí minha mãe ajudava ele na lanchonete, não todos os dias, mas ajudava bastante e não tinha outro emprego remunerado.

R: Antes do concurso, ela não tinha?

G: Não, antes não.

R: E agora... quais são suas expectativas com relação a quando você terminar a pós?

G: É, se eu passar nesse doutorado na Itália, eu vou. E aí já começa em outubro desse ano. Então eu entrego a minha dissertação em agosto e aí logo em seguida, eu vou.

R: Você já qualificou?

G: Já qualifiquei. É... mas se não der certo, eu não sei, eu vou tomar decisões depois que eu entregar a dissertação. Acho que eu vou... inicialmente, vou tentar arranjar aulas para dar, um emprego como professora. Se não der certo, vou tentar arranjar qualquer emprego para poder me sustentar, e aí então eu penso no doutorado. Mas aí só para, no mínimo, para 2018, para 2017 acho que não, ainda não.

R: Certo. E tem mais alguma coisa, assim, que você queira falar?

G: Acho que não, acho que eu falei bastante. (risos)

R: Então tá bem. Muito obrigada pela disposição!

G: Imagina, se precisar...

R: Obrigada!

2ª Entrevista

R: Então, esse segundo encontro, como nós tínhamos conversado, serve para alguns esclarecimentos e alguns aprofundamentos sobre algumas coisas que a gente já falou na

primeira entrevista.

G: Tá.

R: Então eu gostaria de saber se de quando a gente conversou até hoje, você se lembrou de alguma coisa sobre a sua história escolar que você gostaria de falar.

G: Não, até quando você me mandou a transcrição da primeira entrevista para eu dar uma olhada, eu pensei se teria alguma coisa para acrescentar, mas não consegui me lembrar de nada.

R: Então eu vou pedir a você que você fale um pouco mais sobre algumas coisas que você já falou na primeira entrevista.

G: Ahã.

R: Então tem um momento da entrevista em que você está falando sobre você estar preparada ou não para o vestibular, aí você mencionou que te angustiava um pouco o tempo que você perdia com as tarefas domésticas. Você comenta até que os seus concorrentes, por terem uma condição financeira melhor, não precisavam fazer essas coisas e podiam dedicar todo tempo deles aos estudos, ao passo que você perdia várias horas do dia nessas tarefas. Então eu queria que você falasse um pouco mais como era isso, como você se sentia, se você acha que isso te afetou mesmo, como era isso para você?

G: É... eu acho que não me afetou, foi mais uma... uma preocupação excessiva que todo o clima do vestibular que as escolas criam: “ah, você tem que estudar até morrer para conseguir passar.” Então, eu acho que isso gera uma tensão excessiva nos alunos e nas alunas, e inclusive em mim também. E acho que por isso que eu me preocupava demasiadamente. Mas não acho que afetou, o meu rendimento foi muito bom, eu consegui estudar bem, consegui passar. Então eu acho que em relação aos resultados não teve problema. E... eu me sentia... assim, às vezes ficava com um pouco de... era medo mesmo de... sei lá, aquelas horas que eu gastava com atividades domésticas, se poderiam me prejudicar ou não. Acho que era mais receio pessoal.

R: Certo. Mas durante... por exemplo, quando você estava estudando, vocês tinham simulados e tal. E você se sentia bem nessas ocasiões com os resultados?

G: Com os resultados que eu tinha?

R: Sim, isso.

G: Sim, sim. Porque a todo o preparo foi bom, eu fiz muitos simulados, fazia provas em casa, uns simulados assim particulares, né, em casa, e o meu resultado era muito bom. Então acho que era uma preocupação desnecessária no meu caso.

R: Entendi. Então tem outro momento em que a gente está conversando sobre a transição da escola pública para a particular. E você fala que você sentiu um pouco de choque da questão social, você explica que se sentiu um pouco deslocada, como se aquele não fosse o seu ambiente social. Então eu gostaria que você pudesse falar um pouquinho mais sobre isso.

G: Ah, eu senti assim... foi algo inicial. Depois... depois eu me adaptei, não era mais um problema para mim, não me sentia desconfortável mais. Mas no começo era... me sentia meio que inferior. Hoje, é claro que hoje a minha percepção seria um pouco diferente, mas naquela época, ainda era uma questão bastante importante para mim essa questão econômica, assim. Eu percebia que tinha coisas que eu gostaria de fazer e não poderia pela falta de dinheiro para fazer aquilo especificamente. Tinha um pouco de sentimento de, sei lá, injustiça do mundo, me senti... ah, assim, não sei, não sei explicar direito, mas acho que é sentir certa inferioridade que, claro, é uma coisa social, hoje eu vejo dessa forma: eu sentia dessa forma porque a sociedade é toda estruturada para que a gente valorize o que as pessoas conseguem com o dinheiro, etc. Mas... me sentia um pouco diferente porque aquelas pessoas tinham pais que trabalhavam em profissões diferentes, tinham condições de vida diferentes, tiravam férias de forma diferente, iam viajar, se vestiam com roupas diferentes, com tênis diferentes, coisas bem materiais mesmo. Então eu sentia que não tinha a mesma vida que elas. Então, inicialmente, foi um choque por perceber que a gente estava em mundos um pouco, né, diversos. Mas eu acho que foi... foi muito relacionado ao medo inicial de estar entrando em um ambiente novo e que era muito diferente da escola anterior. Depois eu consegui lidar melhor com isso, fui percebendo que não é bem assim, que as pessoas têm condições diferentes, mas que tudo bem, que eu estava ali, estava estudando, era uma boa oportunidade e... se tudo desse certo, eu ia conseguir entrar em uma boa universidade, então foi um problema assim que foi sendo resolvido, internamente mesmo.

R: Das pessoas, você não sentia nada nesse sentido, dos colegas...

G: Não, nunca senti, acho que era algo meu mesmo. Nunca... pelo menos não que eu me recorde, nunca teve uma situação de discriminação, de alguém me olhar diferente ou falar alguma coisa, isso nunca, nunca passei por isso não.

R: Certo. E na universidade, como foi isso? Como você se sentiu quando ingressou na universidade?

G: Em relação a essa questão econômica, social?

R: Isso.

G: É... não aconteceu porque como eu já tinha passado por isso nessa transição do ensino fundamental para o ensino médio, e também acho que com uma maturidade, alguns anos depois, era algo que... era um fato dado: as pessoas têm condições sociais diferentes e... é... mais uma vez eu estava em uma camada de uma classe inferior porque, ainda mais no meu curso, Direito, aqui na USP, eu não sei se continua sendo, mas durante alguns anos, foi o curso com as famílias de maior renda do campus inteiro. Então, assim, são pessoas de poder aquisitivo muito superior ao meu. Mas não era algo com que... não era algo que me causava sofrimento pessoal. Não. Era algo mais objetivo que até hoje eu tenho, de olhar como o mundo é desigual. Lá na Faculdade de Direito, quase todo mundo tem carro desde o primeiro ano, e eu vejo que em outras faculdades, aqui mesmo da USP, que a situação é diferente. Eu vejo como as pessoas têm oportunidades diferentes, mas é mais uma análise externa, não é algo assim: “ah, porque eu estou sofrendo com isso”. Não, é só de problematizar, né, a sociedade em que a gente vive, mas não foi algo que me causou sofrimento nem nada não. Acho que foi mais tranquilo do que em relação à transição do ensino fundamental para o ensino médio.

R: E, igualmente lá no ensino médio, em relação às pessoas, você não sentiu isso?

G: Não, também não. Assim, uma diferença é que na universidade, pelo menos algumas pessoas da minha turma, ou de outras turmas, dava para perceber que... elas gostavam de ostentar mais a condição social delas, inclusive ressaltando o fato, com orgulho, de que era o curso com maior renda do campus. Mas não era algo em relação a mim (risos). Era algo elitista, assim, da turma, mas não era nada contra mim ou contra o grupo, não, era só uma ostentação, assim, mas também não era algo que me causava sofrimento pessoal. Só me causava indignação de alguém ter este tipo de comportamento e pensamento, mas nada pessoal mesmo.

R: Certo. E... quando você estava falando o que te motivou a cursar a pós-graduação, você mencionou que você gostava muito de fazer pesquisa. E aí você comentou sobre a sua iniciação científica e tal. Então eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre como foi essa sua entrada na pesquisa, do que você gostava...

G: Ah, tá. É... eu acho que eu só tinha mencionado na entrevista anterior que foi a minha atual orientadora que convidou para fazer parte de um grupo com outros dois alunos que ela estava começando a orientar. Então, inicialmente, a gente se reunia uma vez por semana para discutir textos com um olhar diferente do que era o olhar que a gente tinha dentro de sala de aula. Porque em sala de aula era simplesmente “ai, tenho que ler textos para estudar para a prova”, não era um olhar, assim, de problematização, de construção de conhecimento, e com este grupo a proposta já era diferente: era debater os textos, entender realmente o que se estava falando a partir destes textos. E a gente começou a pensar em possíveis temas de pesquisa e conversar sobre isso e foi mais ou menos assim que começou. Aí a gente pensou sobre um tema para escrever um artigo, inicialmente, e foi o que eu fiz. Depois, adaptei para fazer o TCC, que foi a iniciação, conjuntamente. E foi um interesse que foi, assim, sendo construído porque não foi simplesmente: “ah, eu me candidatei a uma bolsa de iniciação e entrei com tudo, assim, para começar fazendo pesquisa”. Começou mais como um debate de textos para pensar temas. E aí ir construindo e foi algo que... que me agradou bastante, assim, aquelas atividades, eu gostava, achava que eu aprendia muito com aquilo. Então foi algo assim bem gradual eu acho.

R: Tá certo. Sobre a sua opção profissional após a conclusão da graduação, você disse que você repensou a possibilidade de prestar concurso para juíza, explicando que o ambiente nos fóruns não te agradava muito, que você passou a acreditar mais na educação, em fazer algo melhor dentro da universidade pública. Então eu gostaria que você falasse um pouco mais sobre isso, sobre essa sua crença na educação e na universidade pública.

G: Essa minha crença na educação tem muito a ver essa minha mudança de... de desejo profissional, né. Eu desisti de prestar um concurso para juíza porque o Direito é uma área extremamente conservadora e isso é algo que me incomoda, parece que as pessoas meio que pararam no tempo e os posicionamentos jurídicos demoram muito para mudar. A sociedade muda muito mais rápido que os posicionamentos jurídicos e por isso a gente vê muitas decisões injustas realmente, algumas inclusive absurdas. Isso eu acho que permeia todo o sistema judiciário e é uma coisa que me desanima porque o sistema judiciário... sei lá, eu acho... eu parei de acreditar um pouco que como juíza ou como outro cargo, eu poderia gerar tanta transformação porque depende muito dos outros atores deste sistema. Não depende só do juiz, depende do advogado fazer uma boa defesa, apresentar bem o caso ou mesmo do Ministério Público cumprir bem a sua função, a função social que ele tem. Não que eu não

acredite que um juiz ou outro possa fazer transformações, não é isso, mas me desanimou, assim, foi... me desmotivou realmente. Ah, queria tentar isso dentro do Judiciário e... dentro da Universidade, eu acho que é onde começam... começa não, começa na família, mas, assim, eu acho que a universidade é um espaço importante na construção dessas pessoas que vão ser as pessoas que trabalham no Judiciário, com posicionamentos atrasados, assim, discriminatórios, machistas, racistas. Então eu achei que... que dentro da Universidade, eu poderia exercer uma função legal de tentar mostrar para aquelas pessoas que ainda estão se preparando para entrar neste mundo jurídico, um lado problematizado do mundo e não a visão tradicional hiper conservadora do Direito. Então talvez tentar plantar algumas sementinhas ali na educação, no ensino jurídico, para que quando aquelas pessoas saíssem e se tornassem advogadas, juízas, promotoras, defensoras, etc., talvez tivessem um olhar um pouco diferente do atual, né, que a gente vê nessas instituições. Então não sei, acho que eu passei a acreditar mais nesse potencial.

R: Entendi. Pegar as pessoas um pouco antes... (risos)

G: Um pouco antes, exatamente (risos). Acho que quanto antes pegar, melhor, estão um pouco menos consolidados todos esses valores conservadores.

R: Entendi, interessante. Sobre a bolsa que você teve na escola particular: mesmo tendo uma bolsa, a sua família tinha que arcar com uma parte dos custos para manter você e a sua irmã na escola particular, daí você comentou inclusive que o seu pai trabalhava em dois turnos. Então eu queria que você falasse um pouco mais sobre como era isso para sua família.

G: Não, o meu pai trabalhava em dois turnos antigamente, quando a gente morava em outra cidade ainda, eu era criança. Nesse período da... bolsa, não, ele trabalhava em um turno só mesmo.

R: E a sua mãe já trabalhava fora...

G: Já, já trabalhava.

R: E você lembra se se comentava sobre isso em casa, sobre como era arcar com estes custos?

G: Não, eles não... eu não lembro assim de muitos comentários, era algo que... não era assim um valor que sobrava no orçamento familiar, então que era, assim... que era tranquilo: “ah, não fez diferença passar a pagar isso”, mas também não foi algo que... que diminuiu nossa qualidade de vida ou nosso acesso a coisas como alimentação, vestuário, coisas da casa. Então era algo, assim, que só deixou o orçamento um pouco mais apertado, com menos possibilidades de gastar com coisas supérfluas, sei lá, viajar, gastar mais com roupas ou sair para comer. Mas não que impedissem essas coisas e não que tivesse causado alguma dificuldade financeira, realmente era só que deixava o orçamento um pouco mais apertado. Precisava, né, pensar melhor quanto gastar em cada coisa, mas não foi... assim, eles nunca reclamaram e, pelo contrário, eles sempre... assim, durante toda a vida, eles sempre deixaram claro que o que eles pudessem fazer para nos ajudar, para a gente ter uma carreira boa, ter uma vida boa, eles fariam. E que isso não era um sacrifício para eles, era algo que eles faziam por amor mesmo, por querer o nosso bem. Então nunca teve reclamação nesse sentido e nem reclamação no sentido de “nossa, está muito difícil de pagar a sua escola” isso nunca teve.

R: De qualquer forma, era um tipo de esforço, era um empenho deles na educação de vocês,

né...

G: Com certeza

R: E o que você acha que possa ter motivado eles a fazerem isso, você acha que era relacionado a isso que você acabou de falar, de querer o melhor para as filhas e tal?

G: Eu acho que sim, eu... eu não entendo muito bem a cabeça de mães e pais porque eu não sou mãe (risos). Mas a minha impressão é de que é isso de querer que a gente... ah, queria que a gente tivesse uma profissão de acordo com o que a gente quisesse e também que tivesse uma vida mais tranquila financeiramente. Mais uma questão de poder se dar mais luxo, de poder ter coisas que eles não tiveram, coisas também que eles não conseguiram nos dar, mais viagens... mas a gente quase não viajava na verdade (risos). Mas, assim, poder ter mais lazer, poder... não sei, ter certa... mais tranquilidade para viver, eu acho que era mais isso de querer o bem e querer que a gente tivesse acesso a outras coisas, acho que é isso.

R: Certo. E como foi que a sua irmã ou sua família soube da possibilidade de conseguir a bolsa de estudos na escola particular?

G: Foi na escola mesmo. Ela estudava no Dona Maria Aparecida [nome de uma escola estadual de ensino fundamental] aqui em Guarani, numa escola pública ali na Tarsila do Amaral e... mas pelo que eu me recordo, alguma professora falou para a sala, não só para ela, sobre a possibilidade. Eu não sei se foi o A [nome da escola particular onde conseguiram a bolsa de estudos posteriormente] que mandou a divulgação para o Dona Maria Aparecida para poder passar para os alunos ou se foi alguma professora específica que tinha essa informação e resolveu passar para os alunos, isso eu não sei, mas sei que foi algo que ela ficou sabendo diretamente na escola, que foi informado para turma.

R: Ah, entendi. A sua irmã também tinha a mesma bolsa que você, de 80%?

G: Não, ela tinha integral, ela não pagava nada, nem material nem nada.

R: E você estudava em outra escola nessa época? Você já tinha estudado lá?

G: Eu já tinha estudado no Dona Maria Aparecida até a quarta série.

R: Ah, porque lá só tem até a quarta, né?

G: É, só até a quarta. Eu tinha estudado, mas quando eu estava na quarta série, não fiquei sabendo disso nem fiquei sabendo se outras pessoas da minha turma souberam ou não, mas não houve essa divulgação que houve quando minha irmã estava na quarta série.

R: Entendi. Então depois a sua irmã já estava lá [na escola particular] e aí você mesma procurou, ou melhor, sua família mesma procurou a escola e aí você fez o concurso de bolsas...

G: Isso, a prova para a bolsa.

R: Certo. Você acabou de comentar agora que o seu pai, na época [em que foi estudar na escola particular], não estava trabalhando em dois turnos, mas anteriormente ele trabalhava

como encarregado de uma turma [de trabalhadores rurais] e tinha uma lanchonete.

G: Isso, exato.

R: E depois ele passou a trabalhar em quê?

G: Quando a gente se mudou para Guarani [cidade em que se localiza o campus], que eu tinha... ia fazer dez anos, ele começou a trabalhar de motorista e aí ele trabalha de motorista até hoje, em diferentes empresas ele já trabalhou, mas sempre como motorista, motorista de caminhão.

R: E sobre o trabalho da sua mãe, você comentou que ela prestou concurso. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre como foi, vocês moravam em outra cidade e aí ela prestou concurso e vocês vieram para cá, não foi isso? Nessa época, ela já tinha o ensino médio? Você se lembra disso?

G: Ela não tinha o ensino médio. Na época, esse concurso era. ... precisava ter só ensino fundamental. Porque eu me lembro que ela foi terminar o ensino médio depois que a gente já estava morando aqui.

R: Ah, entendi. Aí ela passou nesse concurso e começou a trabalhar nessa função [de carcereira]. E até hoje ela trabalha nisso?

G: Não, ela trabalhou muitos anos como... a função dela é carcereira, ela trabalhou acho que uns oito anos ou um pouco mais como carcereira mesmo, em cadeia, fazendo plantão e tudo mais. Depois, ela veio... antes ela trabalhava em outras cidades, aí ela viajava. Ela fazia plantões, então ela viajava umas três vezes por semana. Então aí depois de todo esse período, ela conseguiu vir para a Seccional da Polícia Civil daqui, que é a parte... ela trabalha na parte administrativa, ela trabalha no setor de pessoal. Então o cargo dela ainda é carcereira, mas agora ela exerce uma função administrativa.

R: Entendi. Bom, então era isso. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

G: Não. Caso você precise de mais alguma informação depois, pode me escrever.

R: Então tá ótimo. Muito obrigada, Gabriela!

G: De nada, imagina! Muito legal esse teu tema.

5. QUEM CONSEGUE CHEGAR LÁ: A DEDICAÇÃO, A FAMÍLIA E O TRABALHO NA VIDA DOS ESTUDANTES

Neste item, faremos alguns apontamentos sobre aspectos que acreditamos merecer destaque nas trajetórias analisadas, fazendo uma análise dos dados que obtivemos na realização de todas as entrevistas, colocando em relação os elementos presentes nas cinco trajetórias a que nos propusemos conhecer.

“A genialidade é 1% de inspiração e 99 % de transpiração”. Esta frase, cuja autoria é atribuída a Thomas A. Edison, que se tornou famoso pela invenção da lâmpada elétrica incandescente, foi repetida quase literalmente no relato de Antônio, um de nossos entrevistados: “Eu só confirmei aquela máxima que você pode conseguir qualquer coisa com noventa e cinco por cento de esforço e cinco de inteligência. Se você tiver os noventa e cinco de esforço, você chega onde você quiser, né. Você vai... você vai longe, assim”. Embora tenha sido mencionada somente por ele, ela parece fazer sentido, embora em níveis diferentes, para todos quase todos os outros estudantes, excetuando Patrícia, ao menos no que se refere à educação básica, situação que se modificou quando ela ingressou na graduação. Vejamos.

Ao examinar a trajetória escolar de Antônio, nos parece flagrante que ele sempre esteve em busca do conhecimento. Logo na quarta série, começa o que ele próprio denominou como sua “saga para estudar”, demonstrando o tempo todo aquilo que Viana (2000) qualifica como um querer e uma autodeterminação imbatíveis. Para frequentar a escola, desde os nove anos, Antônio acordava diariamente às cinco horas da manhã para que pudesse pegar o ônibus que os transportava para a cidade em que estudava, onde chegava às oito horas. Para agravar a situação, ele relata que algumas vezes o ônibus quebrava e os estudantes precisavam caminhar cerca de seis quilômetros a pé até a rodovia, onde aguardavam carona e, quando conseguiam, seguiam junto a motoristas desconhecidos até a cidade, chegando, por vezes, atrasados à escola. Algumas falas do estudante nos parecem bastante representativas de sua vontade e de sua perseverança em seguir estudando apesar das adversidades. Dentre essas falas, destacamos: “... mesmo com todo esse sofrimento, eu gostava”. Após ter passado por muitos obstáculos e ter ingressado em uma universidade pública, apresentou-se a Antônio um novo desafio: permanecer na universidade. As dificuldades econômicas enfrentadas pelo estudante desde a infância e durante o seu percurso até a universidade acompanharam-no em sua experiência no interior desta instituição. Com a família residindo em outra cidade, o estudante precisava arcar sozinho com as despesas de aluguel, alimentação, transporte, material didático, entre outras. Nesse sentido, o apoio oferecido pela universidade aos alunos que

apresentam insuficiência de recursos, do qual Antônio beneficiou-se, foi de grande importância para que ele pudesse manter-se estudando. Também para outros estudantes, a assistência estudantil é essencial para que se mantenham na universidade. A relevância deste apoio vem de longa data como nos mostra Portes (2005), em trabalho que faz uma retomada da história lenta e complexa dos auxílios prestados aos estudantes pobres na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, desde a criação da Fundação Afonso Pena, em 1927, até o surgimento e consolidação da Fundação Universitária Mendes Pimentel. Da mesma forma que na UFMG, na Universidade de São Paulo, é muito difícil imaginar como seria a vida dos estudantes pobres sem os auxílios prestados. Ultrapassando as limitações econômicas, eles conseguiram chegar a uma universidade pública,

Mas a permanência desse tipo de estudante em um curso superior, sempre ameaçada pelas más condições de fortuna – exigia mais do que o reconhecimento de seu direito de acesso. Exigia ações no sentido de que se propiciassem as condições de realização do curso. (PORTES, 2005, p. 117)

No caso de Marcos, em um momento em que critica a escola em que estudou – e que retomaremos mais adiante – ele fala da importância do esforço do estudante, mas em contraposição àqueles que, nascidos sob melhores condições econômicas, têm o privilégio de frequentar boas escolas, diferentemente dos estudantes das camadas populares, que precisam empreender esforços muito maiores para que consigam avançar em suas trajetórias escolares. Em suas palavras:

Porque tem muita gente lá [nas escolas públicas] que merecia mais, que é mais esforçado, que merecia mais estar aqui [na USP] do que muita gente que efetivamente está aqui e que não... que empurra tudo com a barriga desde a escola. Bando de filhinhos de papai e tal, mas como o ensino é muito bom, alguma coisa eles aprendem, o suficiente para passar [no vestibular] acima desses, né.

Já Larissa, convidada a refletir sobre o todas as coisas que aprendeu até o presente momento, assim como os outros dois entrevistados, destaca a importância do esforço, da dedicação e da perseverança indispensáveis aos estudantes das camadas populares que prolongam suas trajetórias escolares: “Eu acho que o esforço, né, eu acho que sem esforço eu não teria conseguido. Eu acho que ninguém consegue, né, principalmente uma pessoa que não teve uma condição muito... social, né.” A percepção de Larissa, bem como dos outros dois estudantes sujeitos da pesquisa está em consonância com o que avaliou Viana (2014), em sua pesquisa feita com alunos da UFMG que passaram pelo Programa Bom Aluno³, da cidade de

³ O programa oferece a estudantes de baixa renda selecionados pelo seu bom desempenho, condições

Belo Horizonte. A autora afirma que:

A escolarização dos jovens da investigação em pauta traz a marca da obsessão e dedicação pelo/ao estudo, contrapondo-se, por hipótese, a casos de desenvoltura, de aluno brilhante, na relação com o saber escolar. Todos os relatos recolhidos identificam uma mobilização sistemática, uma dedicação laboriosa dos jovens. (VIANA, 2014, p. 25).

Para Gabriela, a dedicação aos estudos revelava-se um desafio diante do cenário caótico descrito por ela no que se refere à sua escola durante o ensino fundamental, onde, como vimos, os alunos pareciam não ter interesse nas aulas e os professores demonstravam falta de motivação, chegando ao caso mais grave de trabalhar alcoolizado, episódio narrado por Gabriela. Apesar dessa situação desfavorável, a estudante continuava se empenhando no seu aprendizado, o que lhe rendeu um ótimo resultado ao final do ensino fundamental, quando participou de um concurso de bolsas em uma escola particular e conquistou uma bolsa de estudos integral, podendo, assim, passar a estudar nesta escola. Já na escola particular, passou a se dedicar ainda mais, aproveitando o enfoque que era dado ao exame vestibular para estar bem preparada para esta prova. Ao ingressar na graduação, continuou sendo uma boa aluna e passou a participar de grupos de estudos e a fazer iniciação científica.

Como mencionamos anteriormente, diferentemente dos outros estudantes, Patrícia descreve sua trajetória durante a educação básica de forma bastante tranquila, sem destacar grandes esforços para alcançar seus resultados que, entretanto, eram bons. Todavia, durante a graduação, essa situação se modificou bastante, uma vez que logo no primeiro ano, a estudante começou a trabalhar no laboratório e a receber bolsa de estudos, pela qual deveria prestar contas, demonstrando resultados e emitindo relatórios. O fato de sua graduação englobar bacharelado e licenciatura também fez com que ela precisasse dedicar-se aos estudos mais do que estava habituada a fazer, por vezes passando noites em claro para cumprir tudo que era necessário.

Esses esforços, a mobilização em relação à escola e a dedicação aos estudos são acolhidos e incentivados pelos pais, demonstrando uma valorização da escola pelas famílias, ainda que no limite das condições objetivas de que dispunham, que se evidencia nas trajetórias de Antônio, Gabriela e, mais timidamente, na de Larissa, como veremos a seguir.

No caso de Antônio, as enormes dificuldades enfrentadas e transpostas pelo estudante deixam claro que tanto ele quanto sua família valorizavam o conhecimento que, acreditavam,

poderia ser oferecido pela escola. Antônio ressaltava que apesar de seus pais terem frequentado a escola por pouco tempo, eles sempre procuraram investir na educação dos filhos, o que se materializava nos seus esforços para que os filhos não dependessem da escola pública local, que estava sempre em greve.

Gabriela também destaca que seus pais sempre se esforçaram para que ela, e também sua irmã, se mantivessem na escola, somente estudando, sem precisar trabalhar, o que nem sempre era muito fácil, sobretudo na época em que ela começou a estudar em uma escola particular, onde tinha uma bolsa de 80% de desconto. Além de ter que pagar os 20% restantes do valor da mensalidade, os pais ainda precisavam arcar com custos de material didático, uniformes e deslocamento. Entretanto, a estudante enfatiza que os pais nunca reclamaram de precisar manter o orçamento mais apertado por esse motivo: “pelo contrário, eles sempre... assim, durante toda a vida, eles sempre deixaram claro que o que eles pudessem fazer para nos ajudar, para a gente ter uma carreira boa, ter uma vida boa, eles fariam”.

Também no caso de Larissa, é possível depreender de seu relato que sua família buscava um ensino de boa qualidade para as filhas. A estudante nos conta que já na educação infantil, embora pagassem um valor irrisório, esse valor eventualmente fazia falta no orçamento familiar e havia meses em que deixavam de pagar a conta da mercearia para pagar a escola, que era particular. Mais adiante, ela explica que quando cursava os anos iniciais do ensino fundamental em uma escola estadual, havia um senso comum, no bairro, de que a escola local não tinha uma boa qualidade. Sua tia, cujos filhos já eram matriculados em uma escola municipal da região central, reconhecida como sendo de boa qualidade, conseguiu a transferência de Larissa para a referida escola quando ela estava terminando de cursar a sexta série. A não exigência de seus pais para que fosse trabalhar fora antes de concluir o ensino médio foi também um fator importante para Larissa, pouco comum para o seu meio social, como vimos no caso de Antônio e Patrícia, por exemplo, que precisaram trabalhar antes de concluírem a educação básica.

Destarte, podemos ver que a concepção de que não há investimento escolar das famílias pobres na escolarização dos filhos não é verdadeira, mas que esse investimento assume outras formas, como discutido por vários autores, como, por exemplo, Portes (2000) e Viana (2000), em artigos que já mencionamos anteriormente. Nesse sentido, podemos citar também o estudo feito por Lahire (1997), a que já nos referimos anteriormente, no qual procurou conhecer as “razões do improvável” bom rendimento escolar de algumas das crianças que participaram da pesquisa. Dentre essas crianças está Salima, filha de imigrantes argelinos. O autor descreve a estudante como um caso de “sucesso escolar”. O pai de Salima,

imigrante, lê pouco o francês e não sabe escrever nessa língua, ao passo que sua mãe é analfabeta. A despeito disso, cursando a segunda série do ensino fundamental, a estudante tem mantido um bom desempenho escolar. Atribuindo grande valor à escola, o pai de Salima lamenta não ter tido a oportunidade de frequentar essa instituição e incentiva seus filhos a estudarem. O autor afirma que Salima e o irmão sabem que agradam o pai com seu bom rendimento escolar e com as leituras que fazem para ele. Outrossim, embora não tenha instrução escolar, o envolvimento do pai de Salima na sua escolarização é demonstrado através da valorização das atividades escolares da estudante, o que parece ter tido um impacto positivo no seu desempenho.

Ainda no que se refere ao modo como as famílias dos estudantes entrevistados se relacionavam com a escolarização dos filhos, percebemos que nenhum dos três menciona existir auxílio para a realização das tarefas escolares ou um acompanhamento mais próximo dessas atividades. Entretanto, isso não significa que não se preocupassem com a vida escolar dos filhos, como também já demonstrou Portes (2000), em artigo aqui já citado. No estudo feito por Wilson Almeida (2014), sobre os desafios da permanência de estudantes com desvantagens sociais na universidade pública, foi observado que um elemento que perpassava os relatos dos dezessete pesquisados foi a existência de um ambiente familiar favorável à escolarização, expresso através do desejo de que os filhos atingissem os vários níveis de escolaridade, porém nunca em termos de imposição ou pressão. O pesquisador reflete que, nestas famílias, o estudo era ressaltado como algo de muito valor e afirma ainda: “Ou seja, na ausência de um capital cultural no sentido em que Bourdieu (BOURDIEU, 1998) propõe, sobretudo em sua forma incorporada, os pais procuravam manifestar em suas relações com os filhos uma conduta de valorização da escola.” (ALMEIDA, 2014, p.248)

Cabe lembrar, entretanto, que ao contrário do que observamos na história de Antônio, Gabriela e Larissa, não pudemos depreender do relato de Marcos, que houvesse essa mobilização da família em relação à escola, parecendo existir, inclusive, certo ressentimento em relação à falta desse incentivo, embora ele destaque o papel de um quebra-cabeças na sua alfabetização, que foi presenteado pela mãe antes que ele ingressasse na escola, bem como mencione a intervenção da mãe no episódio traumático com seu livro de dinossauros, vivenciado por ele na escola. Além de lembrar que a mãe tinha “um certo orgulho” dele e também que ela quis presentear-lo quando ele ingressou na universidade. Também no caso de Patrícia, essa preocupação da família não se evidencia, embora também não seja motivo de queixa da estudante. Ela explica que sua mãe não se preocupava com o seu desempenho e do irmão em termos de notas, mas exigia que tivessem um bom comportamento, não admitindo

que chegassem em casa com algum tipo de advertência, por exemplo.

Conquanto esse “trabalho escolar” (Portes, 2000), expresso na valorização da escola pelos pais, possa parecer pouco expressivo, no meio social de onde são provenientes nossos entrevistados, ele se revela bastante significativo.

Todavia, as condições materiais de existência dessas famílias impõem limites a elas e são poucos os estudantes desses meios que conseguem concluir o ensino médio sem nunca ter trabalhado. No caso de nosso estudo, vimos que Antônio começou a trabalhar ainda menino, Patrícia ao final do ensino fundamental, ao passo que Larissa o fez ao concluir o ensino médio. Apenas Marcos e Gabriela conseguiram dar continuidade aos estudos sem terem precisado trabalhar, embora isso só se tenha dado de forma natural para Gabriela, cujos pais não a pressionavam para ingressar no mercado de trabalho, uma realidade para todos os outros quatro estudantes, inclusive Marcos, que sofria bastante pressão da família para que ingressasse no mercado de trabalho, o que só não aconteceu de forma definitiva porque ele ficou apenas uma semana no emprego que conseguiu em uma casa de ração, e em seguida, conseguiu ingressar na universidade, onde passou a receber uma bolsa de estudos de iniciação científica e com esse dinheiro, passou a ajudar financeiramente em casa.

Como pudemos ver, o trabalho sempre esteve presente nas histórias dos estudantes por nós entrevistados, ora bastante precocemente, como no caso de Antônio, que desde a infância já auxiliava no trabalho na roça da família todos os dias, ora um pouco mais tardiamente, como aconteceu com Larissa, que passou a trabalhar fora de casa ao final do ensino médio, embora já fizesse todas as tarefas domésticas de sua casa, cuidando inclusive da irmã mais nova, desde menina, dado que a mãe precisava trabalhar fora. No que se refere a Marcos, vimos que a necessidade do trabalho era uma presença constante, que vivia rondando sua vida em forma da pressão exercida pela família para que se inserisse no mercado de trabalho. Todavia, vimos que, após a curta experiência na casa de ração antes de ter ingressado na graduação, ele tem conseguido, até este momento, manter-se estudando com as bolsas oferecidas pelas agências de fomento. O trabalho entrou na vida de Patrícia ao final do ensino fundamental, quando passou a trabalhar à noite na escola em que havia estudado. Apenas para Gabriela, o ingresso no mercado de trabalho não era uma exigência da família, embora ela precisasse fazer os trabalhos domésticos e cuidar da irmã tendo em vista que sua mãe trabalhava fora o dia todo. Mesmo não sendo um emprego, essas tarefas causavam certo desconforto em Gabriela, que acreditava não estar dedicando tempo suficiente aos estudos, estando em desvantagem em relação aos seus colegas de escola, que não precisavam despender seu tempo com essas atividades.

Tendo precisado trabalhar desde a infância, essa situação não mudou muito durante toda a trajetória escolar de Antônio. Recordemos que já na sétima série, ele chegara em sua casa receoso porque teria que pedir aos pais para não ir para a roça por três dias para dedicar-se a um trabalho escolar sobre a dengue, para o qual havia sido escolhido como representante pelo diretor de sua escola. Ele afirma, como vimos, que essa foi uma das poucas ocasiões em que teve a oportunidade de se dedicar somente aos estudos.

Lembremos que, para conseguir cursar o ensino médio em uma escola particular e se livrar das constantes e longas greves na escola pública, ele precisou trabalhar e nos conta que, por vezes, dormia na sala de aula, o que certamente prejudicava seu aprendizado, já que como vimos, ele afirma não se lembrar de algo que tenha, de fato, aprendido nesse nível de ensino. Quando se mudou para o interior de São Paulo, também em busca de trabalho, Antônio ainda teve que lidar com o desemprego durante três meses, após o que, conseguiu emprego no hotel, trabalhando durante a noite, ou seja, este estudante não pôde dedicar-se totalmente aos estudos quando decidiu prestar o exame vestibular. E mesmo após ter sido aprovado neste exame, o trabalho tornou-se um problema para o ingresso na universidade, devido ao horário que não conseguiria cumprir, problema que se resolveu quando ele pediu demissão e passou a contar com alguns benefícios da assistência universitária. Entretanto, no terceiro ano da graduação, Antônio começou a trabalhar o dia todo e relata que era bastante cansativo. Embora declare não ter se arrependido de trabalhar durante a graduação, ele nos conta que, assim como no ensino médio, às vezes dormia nas aulas, o que o deixou em dependência em uma disciplina na graduação.

A presença do trabalho nas trajetórias escolares prolongadas de estudantes das camadas populares também foi discutida em outros estudos, como, por exemplo, os de Viana (2000), Zago (2006) e Piotto (2007). Dentre as dificuldades vivenciadas pelos estudantes entrevistados por Viana, estava a de conciliar estudo e trabalho, como no caso de Catarina que, obrigada a fazer horas extras no trabalho para que não fosse demitida, muitas vezes via-se impossibilitada de comparecer às aulas, o que resultou em sua reprovação, na disciplina de Matemática, ao final da sétima série do ensino fundamental. Conquanto ressalte a heterogeneidade existente na categoria estudante e nas condições de trabalho dos estudantes brasileiros, ao afirmar que, nesse quadro, variam o tipo de atividade, a carga horária, a remuneração, entre outras coisas, Zago (2006) ressalta que conseguir concluir os estudos antes de inserir-se no mercado de trabalho é uma prerrogativa para poucos. Em seu estudo sobre as desigualdades no acesso e na permanência de universitários de baixo poder aquisitivo, todos os vinte e sete alunos entrevistados trabalharam durante o ensino médio, e

alguns já durante o ensino fundamental, como forma de garantir sua sobrevivência material. Da mesma forma, ao ingressarem no ensino superior, todos continuaram trabalhando.

A necessidade do trabalho também perpassa a história de Larissa. Vimos que quando ela recebeu na escola um folheto sobre cursos técnicos, planejou continuar estudando, mas sabia que teria de trabalhar. E mesmo ciente disso, decidiu conciliar o trabalho com a realização de um curso técnico em Farmácia, enfrentando diariamente uma extenuante jornada de trabalho durante o dia e estudo durante a noite. Desde então, Larissa sempre esteve trabalhando e estudando concomitantemente. Porém, mesmo conciliando trabalho e estudo, ela afirma sempre ter tido um bom desempenho, nunca tendo ficado em recuperação ou em dependência em nenhuma disciplina. Todavia, ao refletir sobre essa questão, ela considera ter sido um fato negativo, ponderando que preferia ter tido a oportunidade de dedicar-se somente aos estudos, sobretudo na época em que fez o cursinho para preparar-se para o exame vestibular. A estudante considera que se tivesse tido essa chance, provavelmente teria sido aprovada e ingressaria em uma universidade pública, diferentemente do que aconteceu na época.

Na trajetória de Patrícia, vimos que o trabalho passou a integrar sua rotina ao concluir o ensino fundamental, quando ela passou a fazer um estágio na escola onde havia concluído esse nível de ensino, trabalhando à noite na secretaria da escola. Assim, ela cursava o ensino médio de manhã, participava do projeto da Casa da Ciência à tarde e trabalhava à noite. Embora Patrícia não se queixe do trabalho que realizou nesse período, não é difícil perceber que com tantas atividades a serem realizadas, ela provavelmente não tinha tempo para dedicar-se muito aos estudos. Essa situação agravou-se mais ainda mais quando, ao final do ensino médio, Patrícia começou a trabalhar como garçonne para custear o cursinho preparatório para o vestibular. A cansativa jornada de trabalho que se estendia até as três da manhã tornou insustentável a conciliação entre estudo e trabalho, uma vez que Patrícia estudava de manhã e por isso, dormia apenas três horas por noite. Desta forma, ela decidiu abandonar o emprego e tentar continuar estudando, com o auxílio financeiro de sua mãe. Porém, desta feita, à tarde, período em que a mensalidade era menor e, assim, sobrecarregaria menos a mãe. Acreditando não estar estudando o suficiente e julgando estar desperdiçando o dinheiro da mãe, Patrícia deixou de frequentar o cursinho e fez uma nova tentativa de trabalhar e estudar, desta vez como telemarketing em uma empresa de telecomunicações durante o dia e frequentando o cursinho durante a noite. Novamente, não foi possível conciliar trabalho e estudo e a estudante desistiu da empreitada. Somente no ano seguinte, Patrícia decidiu dedicar-se somente aos estudos, fazendo isso em casa com o material didático que já

possuía. E, lembremos, foi quando tomou essa decisão que conseguiu a aprovação em vários vestibulares.

Assim como aconteceu com os estudantes entrevistados em nossa pesquisa, bem como nos estudos citados anteriormente, outro estudo que tratou do tema reafirma que o trabalho é algo bastante comum entre os jovens. Apoiados em dados da PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios, de 1997, Sampaio, Limongi e Torres (2000), constataram nesse estudo que, entre os jovens de 18 a 24 anos, a maioria trabalha. Assim, em 1997, entre as famílias que possuíam renda de até dez salários mínimos, às quais pertenciam 78,9% dos jovens, 76,3% dos rapazes e 41,4% das moças trabalhavam.

Essa condição de “trabalhadores-estudantes”, denominação utilizada por Hirano et al. (1987), é comum a outros estudantes das camadas populares e também foi encontrada no estudo feito por Almeida (2014), já referido anteriormente. O autor faz alusão ainda à pesquisa de Sposito e Andrade (1986), realizada com alunos de cursos superiores noturnos de uma escola particular, e que já encontrara estas mesmas características: “para este aluno do curso noturno, o trabalho é uma necessidade precoce determinada por motivos econômicos, ligados às estratégias de sobrevivência familiar cuja situação no mundo do trabalho delimita sua prática e, nesta, suas representações”. (SPOSITO; ANDRADE, 1986, p. 11).

Como pudemos observar, as trajetórias escolares dos estudantes por nós entrevistados apresentam aspectos em comum com as de outros estudantes das camadas populares, analisadas em outros estudos, aspectos que auxiliam na compreensão das condições que possibilitaram sua longevidade escolar. Porém, no que diz respeito ao nosso estudo, acreditamos existir outro aspecto em comum entre nossos entrevistados e que é o foco de nossa pesquisa: sua relação com o saber.

6. OS ESTUDANTES, A RELAÇÃO COM O SABER E O SABER ESCOLAR

Na busca por compreender as razões do sucesso e do fracasso escolares, Bernard Charlot e sua equipe iniciaram suas pesquisas se dedicando a analisar as relações e os sentidos que os estudantes estabelecem com a escola e com o saber. Reafirmando a existência da desigualdade social frente à escola, que se materializa na relação estatística entre origem social e sucesso ou fracasso escolar, tal como demonstrado nos estudos realizados, sobretudo, por Pierre Bourdieu, Charlot voltou o seu olhar sobre os casos que fugiam a essa regra, como por exemplo, ele mesmo e o próprio Bourdieu. Sendo assim, o sucesso e o fracasso escolares não estariam determinados apenas pela origem social, mas, sobretudo pelas experiências individuais e pelo sentido que o aluno atribui aos seus estudos.

Para se compreender determinada trajetória de escolarização seria preciso, em primeiro lugar, investigar as relações que o indivíduo estabelece com a escola e o saber. Seriam estas relações, e não as condições objetivas de existência, em si mesmas, que determinariam o grau de mobilização escolar dos indivíduos. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 91)

Essas pesquisas deram origem à noção de relação com o saber. As definições de relação com o saber propostas por Charlot apresentam certa variação e uma progressiva ampliação dessa noção, como poderemos ver em alguns exemplos que exporemos a seguir. Em 1982, Charlot afirmou: “Chamo relação com o saber o conjunto de imagens, de expectativas e de juízos que concernem ao mesmo tempo ao sentido e à função social do saber e da escola, à disciplina ensinada, à situação de aprendizado e a nós mesmos”. (CHARLOT, 2000, p. 80). Mais adiante, em 1992, ele propôs a seguinte definição: “A relação com o saber é uma relação de sentido, portanto, de valor entre um indivíduo (ou um grupo) e os processos ou produtos de saber” (CHARLOT, 2000, p. 80). Insatisfeito com essa última definição, que ele acredita não deixar clara a existência da “pluralidade” de relações, o autor procura ampliar a abrangência desta noção e propõe, ainda que de forma provisória, as definições que se seguem:

- A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender;
- A relação com o saber é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com “o aprender” e o saber;
- Ou, sob uma forma mais “intuitiva”, a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por

isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 80).

Charlot (2000) salienta ainda que, na verdade, a forma da definição de relação com o saber não é o mais importante, mas sim sua inserção em uma rede de conceitos. A ampliação da inserção da noção de relação com o saber nesta rede de conceitos fez com que a noção ganhasse cada vez mais espaço no mundo acadêmico e nas pesquisas científicas com os mais variados temas, alcançando bastante popularidade não só neste meio, mas até mesmo na mídia.

Entretanto, esse êxito não aconteceu sem custos para noção de relação com o saber, multiplicando seu uso, por vezes sob formas pouco atentas ao rigor teórico que a pesquisa científica exige, conforme afirma Rochex (2006). Com o objetivo de discutir e esclarecer os desafios teóricos, empíricos e sociais suscitados pela noção de relação com o saber, Jean-Yves Rochex, um dos pesquisadores que integravam a equipe ESCOL, que realizou a pesquisa que resultou no livro “École et savoir dans les banlieues... et ailleurs” (CHARLOT; BAUTIER; ROCHEX, 1992) registrou suas reflexões em um artigo publicado em 2006, do qual destacaremos algumas considerações que julgamos pertinentes também como balizadoras para o nosso estudo.

Já de início, o autor esclarece que o objetivo da equipe não era o de desmentir os estudos de Bourdieu no que se refere às correlações estatísticas entre origem popular e fracasso escolar, mas, a partir destes trabalhos, lançar os olhos sobre os casos mais incomuns de sucesso escolar apesar da origem social, usando uma perspectiva diferente, tentando “ir além das noções muito gerais de interiorização, de incorporação e até de condicionamento, com as quais Bourdieu se livrava algo apressadamente da questão da gênese do *habitus* que, nele, é bem mais explicativo do que explicado”. (ROCHEX, 2006, p. 640). Para a equipe, tratava-se, então, de desenvolver os estudos sobre relação com o saber tendo como base uma concepção de psiquismo regido também por leis próprias e não total e simplesmente moldado pela exterioridade. O pesquisador aponta as contribuições e os limites do trabalho realizado por eles, destacando a questão de não ter sido possível definir a gênese das relações com o saber nas práticas educativas e em modos de socialização familiar, que estão socialmente situados, continuando, portanto, a noção de relação com o saber mais explicativa do que explicada, assim como na crítica feita ao conceito de *habitus* de Bourdieu. Esses limites acabaram por gerar interpretações unilaterais e reducionistas, que repercutiram nos debates internos e nos rumos diferentes tomados pelos pesquisadores da equipe ESCOL a partir de

então. Assim, Bernard Charlot orientou sua pesquisa sobre os *lycées* profissionais pautado por uma reflexão mais ampla e de origem antropológica, na qual o interesse estaria voltado para os “processos pelos quais os indivíduos social e escolarmente subordinados põem o mundo em ordem e não aqueles pelos quais se constrói uma história escolar singular” (CHARLOT, 1997 *apud* ROCHEX, 2006, p. 642). Por outro lado, Elisabeth Bautier e Rochex dedicaram seus estudos à “*expérience scolaire des nouveaux lycéen*” (experiência escolar dos novos liceanos) investigando as condições de uma escolarização bem sucedida entre os jovens que passaram a frequentar os liceus franceses a partir da década de 1980. Assim, pode-se perceber que os pesquisadores seguiram rumos diferentes na orientação de seus estudos.

Tendo como base o estudo que realizou sobre as experiências escolares, Rochex (2006) faz uma reflexão acerca das exigências normativas próprias da escola que é condizente com o que postula a teoria histórico-cultural sobre o caráter específico das aprendizagens realizadas nesta instituição, compreensão também por nós partilhada.

Se é evidentemente necessário questionar os modos de funcionamento da instituição escolar e a parte que lhe cabe na produção das desigualdades sociais, desde a construção de seus currículos até as práticas comuns de seus agentes, não nos parece que, por isso, essas exigências devam reduzir-se inteiramente apenas ao registro do arbitrário e do elitismo e sejam dissolvidas no ácido de uma visão relativista radical, que corre o risco de negar toda necessidade e toda normatividade própria dos saberes e das técnicas intelectuais constitutivas da cultura escolar. De nossa parte, tememos que a legítima preocupação de Bernard Charlot de estudar e reabilitar as diversas formas e modalidades ‘não escolares’ do ‘aprender’ e da subjetividade dos jovens de ambientes populares o levem, por um lado, a subestimar o fato de que a heterogeneidade dessas formas e modalidades é origem de profundas desigualdades sociais, diante da escola, mas também diante do mundo social. (ROCHEX, 2006, p. 642)

Assim, não subestimando, tampouco negando a diversidade das aprendizagens que ocorrem nas várias esferas da vida humana, defendemos, tendo como base a teoria histórico-cultural, que em nossa sociedade, a escola, e os saberes nela compartilhados, tem um papel deveras importante no desenvolvimento psíquico dos sujeitos, papel do qual não podemos prescindir.

Se a relação com o saber de um estudante não é determinada pelas condições sociais em que vive e o sujeito desempenha um papel no desenvolvimento dessa relação, qual seria a relevância de cada uma destas dimensões? A teoria histórico-cultural nos responde que o homem é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e singular, tornando-se humano ao apropriar-se, graças à educação, do patrimônio cultural construído pelas gerações anteriores (VIGOTSKI, 2007). Por conseguinte, a relação com a escola e com o saber é social, por ser

construída no ambiente da família e em outros âmbitos da vida do estudante, sobretudo, na escola. Entretanto, é também individual, por ser elaborada ao longo de uma história pessoal. Ou, de modo mais claro:

Nem substância ou característica ligada ao indivíduo isolado ou a seu grupo social nem puro artefato construído pela instituição escolar isolada, a relação com o saber deve então ser pensada e estudada, numa abordagem relacional, como o produto de uma história e do confronto entre modos de socialização e universo de práticas de natureza necessariamente diferente. (ROCHEX, 2006, p. 644)

Na tentativa de escapar ao determinismo sociológico e destacar o papel do sujeito nesse processo, enfatizando que não há aprendizagem sem um sujeito que aprende, algumas interpretações acabaram por relegar a segundo plano a importância do conteúdo a ser aprendido. Todavia, é preciso ter claro que “não há aprendizagem sem objeto, sem conteúdo, e que este pressiona de fora para dentro a atividade de aprendizagem que, portanto, não provém inteiramente do sujeito, caráter socialmente obrigado que é uma das condições de sua historicidade. (ROCHEX, 2006, p. 647). Destarte, como continua a orientar Rochex (2006), a união harmoniosa de uma concepção forte de sujeito a uma concepção igualmente forte de objeto revela-se, portanto, como pré-requisito para que a noção de relação com o saber conserve o seu valor heurístico.

Com base no exposto, acreditamos que a progressiva ampliação das definições da noção de relação com o saber e a multiplicidade de fenômenos e aprendizagens diversas que ela passou a abarcar não nos parece contemplar de forma mais específica os aspectos que abordaremos aqui acerca da relação com o saber dos estudantes por nós entrevistados. Para tanto, retomamos e adotamos como referência uma das primeiras definições de relação com o saber elaborada por Charlot, que remonta a 1982, e já aqui transcrita. Acreditamos que nesta definição, o autor privilegia o sentido e a função social do saber e da escola, das disciplinas ensinadas e das situações de aprendizado.

E a esse conjunto de aspectos chamaremos aqui de relação com o saber escolar.

Vejamos agora de que formas a relação com o saber escolar se manifestou nas trajetórias dos estudantes entrevistados em nossa pesquisa.

A história de **Antônio**, estudante de pós-graduação da grande área de Ciências Exatas e da Terra, por exemplo, se mostra tão excepcional para o seu grupo social que, já na quarta série, ele era o único aluno a demandar escola em seu povoado. Para prosseguir nos estudos, precisou enfrentar muitas adversidades, iniciando já nesta época o que ele próprio denominou como sua “saga para estudar”. Precisando viajar todos os dias em condições

precárias e também ajudar no trabalho na roça da família, Antônio afirma que, mesmo assim, gostava de estudar. Na época em que cursou o ensino médio, para ter acesso a um ensino com um pouco mais de qualidade, o estudante enfrentava uma jornada de trabalho de oito horas diárias para pagar uma escola particular.

Embora o estudante afirme que sempre fora um aluno “mediano”, vimos que na sétima série, foi Antônio o escolhido para representar os colegas em uma gincana. Ele nos conta também que tinha facilidade em Matemática, geralmente tirando a nota máxima nessa disciplina, e afirma ainda nunca ter tido dificuldade em nenhuma disciplina: “Mas, não teve nenhuma... [disciplina de que gostasse mais]. Sempre tentei me interessar por tudo, sempre gostei de buscar conhecimento”.

Nessa busca de conhecimento, o apreço pela leitura parece ter tido um importante papel, inclusive chamando a atenção dos hóspedes que passavam pelo hotel em que ele trabalhava, a ponto de o incentivarem a ingressar na universidade pública existente na cidade. Além disso, o fato de Antônio, após uma jornada de oito horas de trabalho noturno, esperar por duas horas todos os dias até que a biblioteca municipal abrisse para que ele pudesse levar um livro para casa, e ainda, trocando de livro a cada dois dias, procurando por novas bibliotecas, também é representativo do valor que a leitura tinha para ele, e da sua relação com o saber escolar. Já na universidade, para suprir as lacunas deixadas pela baixa qualidade do ensino médio que cursara, é novamente à biblioteca que o estudante recorre na busca do conhecimento que a escola não lhe oferecera. Destarte, o apreço de Antônio pela leitura mostrou-se extremamente importante no desenvolvimento de certo autodidatismo, tanto na sua preparação para o exame vestibular quanto posteriormente, já na universidade, na retomada dos conteúdos do ensino médio cujo domínio era pré-requisito para o aprendizado de algumas disciplinas da graduação. Ciente de estar aquém de seus colegas de turma em relação a alguns conhecimentos exigidos, Antônio afirma que “engolia os livros” e que essa dedicação aos estudos rendeu-lhe um ótimo desempenho logo no início do curso, quando tirou a nota máxima em uma prova e uma das melhores notas em outra, na qual a maioria dos alunos obteve notas baixas. Ao refletir sobre a importância da leitura em sua história escolar, Antônio afirma que foi o hábito de ler que o colocou dentro da universidade. Relembremos aqui, sinteticamente sua fala a esse respeito, já citada no ítem 3, quando fizemos a apresentação do estudante:

Era uma válvula... acho que foi uma boa válvula de escape, assim, a leitura, acho que a leitura me colocou aqui [USP] dentro porque... acho que 2004, 2005, eu cheguei a ler uns duzentos livros em 2004, quase duzentos livros em 2005, nunca peguei gramática para estudar, mas eu lembro que quando

eu fiz a primeira fase da Fuvest, de vinte questões que tinham, eu acertei quatorze, dezesseis, alguma coisa assim, então foi uma coisa bem alta para Licenciatura em Química [graduação realizada]. E acabou me jogando para a segunda fase esses pontos em Português, foi quase metade do que eu precisava para ir para a segunda fase.

O fato de ter sido agraciado ao final da graduação com um prêmio, que é oferecido ao melhor aluno, também foi destacado pelo estudante como um momento importante em sua vida escolar, que, juntamente com outros, lhe deu confiança para prosseguir nos estudos e cursar a pós-graduação.

Se, a princípio, o ingresso na graduação e, posteriormente, na pós parece ter sido motivado pelo desejo de Antônio de melhorar suas condições econômicas, sobressaiu-se em seu relato, todavia, que apenas isso seria insuficiente para que ele enfrentasse e superasse todos os obstáculos encontrados durante sua excepcional trajetória escolar, na qual nos parece existir uma forte relação com o saber escolar, que foi intensificada e ressignificada após seu ingresso na universidade.. A satisfação de poder aprender cada vez mais, propiciada pela sua presença dentro da universidade, é evidenciada em mais uma de suas expressivas falas: “Ter a oportunidade. A oportunidade de ficar o dia inteiro pesquisando, lendo, conversando... essa... liberdade é... para mim foi... é... sensacional!”.

A importância de “ter a oportunidade”, como mencionado por Antônio, também nos parece fazer sentido na história de **Marcos**, estudante de pós-graduação da grande área de Ciências Humanas. Vimos em seu relato que o ingresso na Universidade de São Paulo transformou completamente as perspectivas de vida do estudante, que ansiava por conseguir um emprego em uma locadora de vídeo e, em seu mais ousado sonho, cursar alguma faculdade privada. Sobre seu ingresso na universidade, Marcos afirma ter sido um “divisor de águas”. Vista pelo estudante como “um Olimpo” (morada dos deuses, de acordo com a mitologia grega) que “paira sobre nossas cabeças”, a USP estaria fora do seu alcance. Estar agora dentro desta universidade, ocupando aquele lugar social que julgava ser reservado para uma pequena parcela da sociedade, foi e ainda tem sido motivo de grande satisfação para ele. O estudante explica que estudar nesta universidade parecia lhe conferir certo *status* e afirma ter sentido que as pessoas o viam e o tratavam de forma diferente ao saberem que ele estudava nesta instituição. Além disso, as viagens que ele passou a fazer para apresentar os trabalhos desenvolvidos na iniciação científica e, em seguida, no mestrado, conhecendo novos lugares e conversando com pessoas diferentes, a possibilidade de dialogar sobre assuntos tais como política e cinema, por exemplo, inexistente anteriormente, tiveram para o estudante um grande significado.

Retrocedendo um pouco na trajetória escolar desse estudante, podemos depreender de seu relato que sua forma de se relacionar com os estudos destoava da maioria dos alunos de sua escola, já que ele se incluía no grupo a que ele chama de “nerdizinhos”, o qual deixou de existir com a mudança dos amigos para uma escola particular, deixando-o, como disse, “isolado”. Essa diferenciação em relação à dedicação aos estudos e ao bom desempenho escolar acabou sendo rentabilizada pelo estudante de uma forma curiosa a partir do último ano do ensino fundamental, quando ele passou a ser remunerado para fazer trabalhos escolares para seus colegas. Para o estudante, isso era vantajoso não só pela pequena renda que obtinha, mas também porque ele acabava estudando mais e, por conseguinte, aprendendo mais, o que acredita também tê-lo ajudado no seu desempenho no vestibular, principalmente em relação à leitura das obras exigidas pela prova de literatura que faz parte deste exame. Instigado a falar sobre o que contribuiu para que ele cursasse a pós-graduação, Marcos destaca a influência de sua orientadora da iniciação científica, que, percebendo seu gosto pelo estudo e pela pesquisa, apoiou-o e incentivou-o a prestar o processo seletivo para o Mestrado. Já quanto ao seu ingresso no Doutorado, Marcos nos conta que, ao fim do Mestrado, na verdade estava pensando em se afastar do mundo acadêmico. Porém, explica ele, mudou de ideia porque gostava muito de pesquisar: “Mas, acabou que eu ainda gostava da... gostava muito, gosto muito de pesquisar”.

No caso de **Patrícia**, estudante de pós-graduação da grande área de Ciências Biológicas, a relação com o saber escolar, pelo menos durante a educação básica, parece não ter sido tão significativa em sua trajetória. Os métodos de ensino utilizados nas escolas pelas quais passou parecem nunca ter motivado nossa entrevistada a dedicar-se com mais afinco aos estudos. A rotina entediante das aulas, somada aos problemas pessoais que enfrentava em casa, faziam com que a estudante dormisse na sala. A despeito dessa situação, pudemos ver que ela sempre teve um bom desempenho nas avaliações e só teve um problema com nota durante toda a educação básica, em uma avaliação de Biologia na qual tirou nota um. Por outro lado, sua participação na Casa da Ciência é lembrada e destacada durante todo seu relato como tendo sido uma experiência altamente interessante, que a instigava a estudar, a pesquisar, a ter curiosidade, influenciando-a, inclusive, na sua decisão posterior de se dedicar à pesquisa científica. Diferentemente do que acontecia na escola, na Casa da Ciência, Patrícia jamais dormia. Ela relata, como vimos, que neste programa educacional, as atividades eram diversificadas e muito estimulantes, fazendo com que ela sempre se interessasse em participar dos encontros e se mantivesse no programa durante cinco anos. Interessante lembrar que a linha de pesquisa em que desenvolve atualmente seus estudos do Mestrado é a mesma de um

dos grupos de estudo dos quais participou durante o tempo em que permaneceu na Casa da Ciência. Curiosamente, também o mesmo tema da única questão que ela conseguiu acertar, em sua famigerada prova de Biologia do terceiro ano do ensino médio em que tirou a nota um a que nos referimos anteriormente, causando inclusive grande surpresa em sua professora, tendo em vista o nível de detalhamento de sua resposta, derivado dos conhecimentos adquiridos no grupo de estudos de que participava no programa.

O hábito da leitura também é mencionado por Patrícia como um diferencial na relação com o saber desenvolvida pela estudante, que afirma ter sido alfabetizada já na pré-escola. Ela explica que, em sua família, a leitura não era algo comum e que essa foi uma contribuição de sua professora de Português, que sempre a incentivou muito neste sentido: “E foi com essa professora de Português que eu criei o hábito de ler e foi... foi até muito bom porque eu lia muito, sempre li muito. Histórias, não ler coisas assim, notícia ou livro, mas é... literatura mesmo, histórias, entendeu? Mas, eu lia bastante, foi uma coisa boa também”.

As várias tentativas frustradas de ingresso no ensino superior parecem ter sido relacionadas mais à falta de tempo para estudar devida à necessidade de trabalhar do que propriamente a alguma dificuldade com os conteúdos escolares, uma vez que no momento em que decidiu abandonar o trabalho e se dedicar apenas à preparação para o vestibular, a estudante foi aprovada não somente em um, mas em vários exames.

Contudo, a aparente facilidade com que transitou pela educação básica teve fim quando a estudante ingressou na universidade, ocasião em que ela passou por um “período de estranhamento” relacionado à quantidade de aulas, ao volume de provas e trabalhos que deveria realizar, aos estágios obrigatórios, ao trabalho de pesquisa no laboratório, bem como ao nível de exigência destas atividades acadêmicas. Esse “período de estranhamento” é comum a outras trajetórias de estudantes universitários e é descrito por Coulon (2008) como uma fase da vida que traz para o estudante uma série de rupturas que agem como fatores limitadores ou como verdadeiros obstáculos, acarretando insegurança e desestabilidade. Confrontados com uma nova forma de organização do ensino, diferente da que estavam acostumados durante a educação básica, os novos universitários, de forma geral, sentem o impacto dessas mudanças ao ingressar na universidade. Para os estudantes das camadas populares, frequentemente provenientes de escolas com baixa qualidade de ensino, essas diferenças são sentidas de forma ainda mais forte, como relatado por alguns estudantes entrevistados no estudo de Piotto (2007), e como também aconteceu com Patrícia.

Em que pesem as dificuldades enfrentadas, Patrícia seguiu conseguindo bons resultados, como a seleção de seu trabalho para um congresso internacional, onde fez a

apresentação em inglês mesmo sem ter feito qualquer curso desse idioma durante toda a sua trajetória escolar. Além disso, a conquista do primeiro lugar no processo seletivo para o Mestrado, que lhe rendeu uma bolsa de estudos do programa, e a posterior seleção de seu projeto para ser financiado pela FAPESP, também podem ser citados como exemplos de bons resultados nos estudos.

O gosto e o interesse de Patrícia pelo saber relacionado à pesquisa científica fazem com que ela esteja sempre lendo sobre seu tema de estudo, e foi em uma dessas leituras que ela conheceu o trabalho de uma pesquisadora estrangeira e teve a oportunidade de realizar um estágio no exterior. Esse mesmo interesse levou a estudante a manter contato com uma pesquisadora de outra faculdade, onde já cogita realizar seu Doutorado. Mesmo com todas as obrigações que já tem a cumprir em seu Mestrado, ela já planeja dar continuidade aos seus estudos de pós-graduação e, para tanto, tem empreendido esforços na participação de aulas como ouvinte da disciplina pela qual é responsável sua possível futura orientadora.

No caso de **Gabriela**, estudante de pós-graduação da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, sua dedicação aos estudos, desde a mais tenra idade, mostrou-se como uma característica marcante de sua trajetória e de sua relação com o saber escolar, fazendo com que ela se destacasse desde cedo pelo seu bom desempenho e também que ela escapasse ao sinuoso percurso que caracterizou as trajetórias escolares dos demais estudantes entrevistados nesta pesquisa. Por conseguinte, ela teve, como vimos, uma trajetória escolar que fluiu de forma mais regular e tranquila. Ao final do ensino fundamental, Gabriela já pensava em fazer faculdade e ficava entristecida com a situação da escola pública, que não lhe oferecia ensino de boa qualidade. Sendo assim, ela resolveu fazer uso de seus conhecimentos e de sua capacidade de estudo para submeter-se a um concurso para obter uma bolsa de estudos em uma escola particular, onde conquistou o benefício de 80% de desconto, sem o qual não seria possível estudar nesta escola que, em seu entendimento, a prepararia melhor para o exame vestibular. Posteriormente, ao final do ensino médio, também devido aos seus bons resultados, a escola contemplou-a com uma bolsa de estudos integral, caso desejasse participar do cursinho, o que, no entanto, não foi necessário, uma vez que ela foi aprovada no vestibular para o curso de Direito já em sua primeira tentativa após a conclusão do ensino médio, o que evidencia também sua dedicação aos estudos.

A relação da estudante com os saberes abordados pela pesquisa científica foi desenvolvida durante sua participação em grupos de estudo durante a graduação e fortalecida no andamento da realização de sua iniciação científica. Embora tenha começado sua iniciação sem ter bolsa de estudos, novamente seu bom desempenho rendeu-lhe financiamento para sua

pesquisa, incluindo a realização de um estágio em Moçambique e a participação em um congresso na Alemanha, fatos relatados pela estudante como marcantes em sua trajetória.

A iniciação científica e o decorrente gosto pela pesquisa incitaram em Gabriela o desejo de cursar pós-graduação, que, segundo ela, foi construído gradativamente:

E foi um interesse que foi, assim, sendo construído [...] e foi algo que... que me agradou bastante, assim, aquelas atividades, eu gostava, achava que eu aprendia muito com aquilo [...] Porque em sala de aula era simplesmente “ai, tenho que ler textos para estudar para a prova”, não era um olhar, assim, de problematização, de construção de conhecimento, e com este grupo a proposta já era diferente: era debater os textos, entender realmente o que se estava falando a partir destes textos.

Assim, logo que surgiu a pós-graduação em sua área de interesse, ela se inscreveu no processo seletivo, foi aprovada e ingressou no Mestrado, pretendendo dar continuidade e cursar também o Doutorado.

O valor do saber e do aprender ficam evidentes em uma das falas de **Larissa**, estudante de pós-graduação da grande área de Ciências da Saúde, que já citamos aqui: “É tão bom saber! É tão bom aprender!”. Das histórias aqui apresentadas, acreditamos que a de Larissa seja aquela em que transparece mais claramente uma forte relação com o saber escolar. Logo no início de seu relato, ao relembrar a pré-escola, a estudante explicita seu gosto em realizar as atividades enviadas para casa: “E sempre assim: chegava e já queria fazer a lição. A minha mãe: ‘Deixa para mais tarde, vamos almoçar’, e eu: ‘Não’, já queria fazer a lição”. Um dos episódios em que fica evidenciado o apreço de Larissa pelos estudos foi quando, ainda na quarta série, precisou fazer um trabalho sobre ecologia. Como não tinha livros ou outras fontes de pesquisa em casa, precisou ir de ônibus até a biblioteca municipal, que ficava no centro da cidade. Determinada a confeccionar um belo trabalho, utilizou todo o dinheiro que havia ganhado de seu pai, dez reais que deveriam durar o mês todo, para pagar pelas fotocópias coloridas que enriqueceram seu trabalho e a deixaram muito satisfeita. Outra ocasião em que podemos ver a busca de Larissa pelo saber escolar foi quando ela foi transferida para uma escola da região central e onde, como vimos, sentiu muita diferença no ensino oferecido pela nova escola e relatou ter tido bastante dificuldade em Inglês, já que nunca havia tido aulas desta disciplina na escola anterior. Na ocasião, a estudante teve a iniciativa de adquirir livros usados dos alunos dos anos anteriores e estudar por conta própria o conteúdo e, assim, aprender os conteúdos de Inglês, recuperando rapidamente o baixo desempenho inicial que a deixara “desesperada”. Ela segue contando sua história e destacando o carinho especial que tinha pelos professores, dentre os quais ela destaca a professora de Biologia, que sempre a incentivou a estudar e pela qual era, em suas palavras,

“apaixonada”. Lembremos ainda que esse carinho, essa “paixão” tomou forma especial quando, emblematicamente, apaixonou-se e casou-se com um de seus professores. Seu relato remete-se frequentemente ao quanto gostava de estudar, afirmando que sempre esteve entre os melhores alunos, inclusive auxiliando seus colegas de classe que demonstravam dificuldades, tarefa que ela salienta que realizava com muita satisfação, sendo essa uma fala bastante presente no seu discurso: “Eu sempre ensinei os outros”, “Eu sempre gostei de ensinar”, o que já parece nos deixar entrever um desejo ainda latente de se tornar uma docente, desejo este manifestado posteriormente, quando ela conseguiu ingressar na graduação em Farmácia. Ela nos conta que os colegas se reuniam em grupos na sua casa para que ela os auxiliasse, ensinando os conteúdos que dominava, referentes às disciplinas de Biologia e Química, aquelas de que mais gostava, afirmando ainda: “Sempre foi muito bom”. Posteriormente, quando já estava na graduação, seu conhecimento destas disciplinas, já notabilizado entre os colegas, aliado à sua já reconhecida habilidade para ensinar tais conteúdos, rendeu uma renda extra à estudante. Fruto da demanda dos próprios colegas, Larissa organizava aulas aos sábados, tendo em vista que trabalhava a semana toda, para pequenos grupos, utilizando um espaço dentro da farmácia-escola da universidade em que estudava, novamente demonstrando muita satisfação com esta atividade. Embora os pais de Larissa tenham se esforçado para matriculá-la em uma escola considerada de boa qualidade, demonstrando empenho em relação à escolarização, tal empenho limitava-se à conclusão do ensino médio, de forma que o esperado pela família era que, ao término deste nível de ensino, a estudante ingressasse no mercado de trabalho. Ela nos conta que essa era a “cultura” familiar e que a possibilidade de prosseguir nos estudos e cursar o ensino superior não era um assunto discutido em sua casa e nem na escola. Ademais, em seu relato, Larissa fez questão de referir-se à religião praticada pela mãe como uma influência contrária ao seu desejo de prosseguir nos estudos. Conquanto não seja tema desse trabalho, esclarecemos que fazemos alusão a esse fato da trajetória pessoal de Larissa apenas com intuito de ilustrar como nem mesmo essa forte pressão fez com que ela desistisse de sua constante busca pelo saber, situação que teve um desfecho diferente no caso de sua irmã mais nova, que não deu continuidade aos estudos.

Ao falar sobre o significado do ingresso na graduação e, posteriormente, na pós, a estudante é bastante enfática na importância que isso teve em sua vida:

Eu acho que na graduação foi um sonho, assim. Foi um dos melhores dias da minha vida quando eu fiz o vestibular, quando eu consegui a bolsa e eu me vi na graduação. Foi... era algo, assim, um sonho mesmo que eu estava realizando... e a partir dali mudou tudo, minha visão, sabe, de... de

sociedade, de mundo... de oportunidades, eu tive muitas oportunidades depois da graduação, né. E agora na pós-graduação eu estou amadurecendo muito, sabe? Assim, vendo que... foi a melhor coisa, as melhores escolhas que eu fiz... a independência financeira... tudo mesmo, assim.

Outro aspecto que acreditamos merecer destaque diz respeito à grande capacidade de Larissa de dedicação aos estudos, que foi aprovada em todos os concursos e processos seletivos que prestou, o que acabava por garantir a ela uma situação financeira mais confortável que o comum para o seu grupo social, seja por lograr melhores rendimentos, seja por trabalhar menos horas por dia.

A fala que finaliza a primeira entrevista realizada com Larissa nos parece ainda mais representativa da sua relação com o saber escolar. Além de destacar a importância do esforço, da dedicação e da perseverança indispensáveis aos estudantes das camadas populares que prolongam suas trajetórias escolares, nossa entrevistada é categórica:

Eu acho que... assim... a vontade, né, de aprender, de descobrir coisas novas, de conseguir se tornar uma pessoa melhor [...] E tudo que eu aprendi, que eu tenho aprendido, assim, nada pode mudar isso, né. Conhecimento. Assim... então, eu posso perder tudo, mas o conhecimento intelectual... ninguém tira de mim, então isso é muito bom.

Tendo como referência a pergunta utilizada nos inventários de saber de Bernard Charlot, e que transcrevemos aqui: “Desde que nasci aprendi muitas coisas na minha família, na rua, na escola e em outros lugares. Dentre as coisas que aprendi, quais são as mais importantes? E agora, o que estou esperando?” (CHARLOT, 2002, p. 19), fizemos um questionamento semelhante, porém com enfoque na trajetória escolar, aos estudantes entrevistados nesta pesquisa, que foi o seguinte: “De tudo o que você aprendeu em sua trajetória escolar, incluindo sua experiência na graduação e na pós, quais são as coisas que você considera mais importantes?” Semelhantemente aos resultados encontrados por Bicalho e Souza (2014), Reis (2012) e Charlot (1999 *apud* REIS, 2012), onde a maioria dos participantes da pesquisa não mencionou, como relevantes em suas trajetórias, aprendizagens especificamente escolares, também os estudantes entrevistados neste trabalho não fizeram esse destaque. Neste estudo de Charlot (1999 *apud* REIS, 2012), 48% dos estudantes citou, como aprendizagens mais valorizadas, as relacionais e afetivas. De forma semelhante, ao serem questionados a esse respeito, nossos entrevistados não se reportaram a conteúdos escolares, mas sim a modos de ser e de agir e de conhecer o mundo.

Antônio, por exemplo, ressalta que suas progressivas conquistas no estudo o fizeram reafirmar sua crença na importância do esforço e da dedicação aos estudos, que redundaram na superação de suas próprias expectativas quanto ao seu desempenho acadêmico e o

auxiliaram a construir e a fortalecer a sua autoconfiança, possibilitando que ele pudesse traçar planos cada vez “mais ambiciosos”. Os resultados positivos de Antônio no primeiro ano da graduação mudaram a sua auto-percepção e se tornaram primordiais para que ele pudesse enfrentar os desafios que se seguiram.

Aqui, quando eu entrei... é... na primeira prova de Cálculo I eu tirei... três pessoas tiraram cinco, numa sala de quarenta, e eu fui um deles. E na mesma semana, em Química Geral, eu tirei dez, assim, então, foi outro susto para mim porque eu comecei com aquela coisa, falei: “Nossa, eu vou... nossa, acho que vou ser expulso daqui”, né. Eu não tenho base nenhuma”, né, “eu não vou passar do primeiro semestre, o pessoal aqui deve ser todo mundo super inteligente e tal!”, e aí eu... engoli o livro. Literalmente, assim! E foi um susto para mim quando eu tirei dez na primeira prova e tirei cinco numa prova de... de Cálculo que quase ninguém foi...[bem] “Espera aí! Olha!” Falei: “Olha que... que bacana, dá para eu... eu tenho chances!”. E aí deslanchei, nunca mais parei.

A presença de condições objetivas propícias, dentro da universidade, juntamente com sua dedicação aos estudos, fizeram com que ele se tornasse um ótimo aluno, o que nos parece não ter acontecido antes porque essas condições não existiam. O estudante destaca também o seu reconhecimento de que, apesar da importância do esforço, ele não é por si só suficiente para a continuidade dos estudos, e relembra, como aprendizado importante, a conscientização de que para o sucesso escolar concorrem vários outros fatores e que, para alguns estudantes, como ele próprio, o caminho é muito mais árduo devido à injustiça social que marca o nosso país. Em suas palavras:

É um caminho árduo, não é fácil, muitas vezes é angustiante porque a gente sabe que não é só uma questão do esforço, não é só isso, não é. Mas quando a gente tenta por ele, dá para chegar, dá para conseguir, mas é... Eu acho que tem dois momentos assim, tem horas que é legal, você fica bastante feliz. E tem horas que você fala: “Pô, poderia ser um pouco diferente, poderia ter tido outras condições e estou tendo que correr atrás de tudo isso...” [...] Essa questão, acho que ela mexe com muita coisa da gente, da nossa questão de sociedade, de política e tudo mais. É... teve vários momentos que um... se eu tivesse um ensino médio bom, eu teria passado de uma forma mais tranquila, e eu sofri muito para conseguir.

Uma ponderação semelhante foi feita por Marcos ao refletir sobre o que aprendeu de mais importante na sua trajetória escolar. Para ele, a baixa qualidade da escola pública é o que causa a dificuldade encontrada pelos estudantes das famílias de camadas populares em ingressar em universidades públicas. É nesse sentido que ele tece pesadas críticas à qualidade do ensino nas escolas públicas, onde ele acredita que o contato dos professores com os alunos deveria ser melhorado e que disciplinas como Filosofia e Sociologia deveriam ser mais estudadas, inversamente ao que tem acontecido, com estes conteúdos sendo excluídos dos

currículos escolares. Ele explica ainda que essa baixa qualidade do ensino, com um cotidiano de trabalho mecânico de “cópia de lousa”, em que o trabalho de reflexão está ausente, juntamente com a falta de infraestrutura, são fatores que, em sua avaliação, tornam improvável ao estudante das camadas populares o acesso ao ensino superior: “E me deixa com muito receio porque eu fico pensando quantos daqueles que vem da situação que eu venho que vão conseguir entrar? Porque tem muita gente lá [nas escolas públicas] que merecia mais, que é mais esforçado, que merecia mais estar aqui do que muita gente que efetivamente está aqui”. Também como aprendizado importante de sua trajetória escolar, ele afirma que ao ingressar na universidade, sua grande descoberta foi que as pessoas que estão dentro dessa instituição parecem não saber que é a sociedade quem financia suas atividades e mantém a universidade isolada, parecendo não ter uma função social muito clara, sem integração com essa mesma sociedade: “como se fosse um mundo à parte do portão para cá”. Além disso, ele acredita que a universidade permanece centrada em seus próprios interesses, não sendo “tão de esquerda quando se supõe”, sobretudo quando se trata de oferecer alguma contrapartida à sociedade que financia os estudos de todos os que lá estão: “Acho muito justo que o filho dos outros catadores de papelão, das outras auxiliares de enfermagem, desfrute do conhecimento que eles me bancaram! Então, eu acho que esse tipo de consciência, de discernimento aqui [universidade] falta também”.

O aprendizado evocado por Antônio e por Marcos parece estar relacionado não só à importância que atribuem à dedicação aos estudos, mas também à conscientização da educação como um direito que deveria ser de todos, mas pelo qual tiveram de se esforçar muito para conquistar.

Larissa também destaca, como aprendizado digno de nota, a importância do esforço e, como os outros dois estudantes, relaciona isso à origem social. Relembremos suas palavras: “eu acho que sem esforço eu não teria conseguido, eu acho que ninguém consegue, né, principalmente uma pessoa que não teve uma condição muito... social, assim”. Ela menciona também as conquistas decorrentes desse esforço, como a independência financeira e a realização profissional, mas, destaca, como já vimos, a aquisição do conhecimento como algo que passa a fazer parte de si mesma e que “ninguém pode tirar”.

Já para Patrícia, além da formação acadêmica que a graduação proporcionou, o aprendizado que ela considera ter sido mais importante foi a sua formação como cidadã, que se deu dentro da universidade:

Foi assim, o melhor curso que eu poderia ter escolhido para fazer na minha vida porque... não só por uma formação acadêmica, mas foi aqui que

mentalmente eu me formei. Como cidadã, como tudo, sabe? [...] De verdade, acho que isso foi o que eu considero mais importante porque a Patrícia que entrou na graduação e a Patrícia que saiu da graduação é outra, completamente diferente.

É também nesse sentido que Gabriela faz sua ponderação sobre o que aprendeu de mais importante em sua trajetória escolar, destacando a esse respeito sua percepção acerca da relevância da educação e da influência do professor na vida dos alunos.

O quanto influencia aquela visão de mundo que o professor passa ou deixa de passar, o quanto influencia na formação dos alunos e, conseqüentemente, depois quando eles vão para o mercado de trabalho, como influencia a atuação deles no mundo e, conseqüentemente, na sociedade. Isso... entender esse processo, ver o quanto era importante foi o que considero mais relevante.

Muito embora não tenham citado, como importantes, conteúdos como o aprendizado de regras gramaticais, equações, fatos históricos, língua estrangeira e outros, próprios das disciplinas escolares, podemos inferir que esses estudantes consideraram mais relevante o resultado “final” da ação escolar sobre suas vidas, transformando-os completamente e fazendo a conexão entre o saber escolar e o “saber viver” referido por Bicalho e Souza (2014).

A experiência universitária vista como transformadora das maneiras de ver o mundo, dos horizontes e dos próprios sujeitos é um processo de relação com o saber que ajuda a compreender a importância das aprendizagens ligadas ao desenvolvimento pessoal nos balanços de saber. A atribuição desse sentido à universidade revela que as aprendizagens científicas e profissionais significam para os sujeitos, também, aprendizagens relativas a suas maneiras de ver o mundo, de viver, a seus valores. Ou seja, durante o desenvolvimento de seus cursos de graduação, muitos estudantes vivenciam processos de mudança pessoal, que foram expressos nos balanços de saber e analisados por nós como aprendizagens ligadas ao desenvolvimento pessoal. Assim como refletimos anteriormente ao analisar os dados de maneira quantitativa, também a partir dos extratos dos balanços de saber apresentados nesta seção é possível identificar a ligação entre o processo de formação científica e profissional e os processos de desenvolvimento pessoal. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 132).

Ademais, ainda que não tenha sido em resposta à pergunta sobre o que aprenderam de mais importante em suas trajetórias escolares, não podemos deixar de lembrar que o hábito de leitura recordado e destacado nos relatos de quase todos os estudantes entrevistados. Não obstante o cultivo desse hábito tenha se iniciado, no caso de Antônio por meio da irmã: “lembro dela lendo para a gente no claro da vela” e também no seu interesse pela literatura de cordel comum na sua região, foi na escola que aconteceu o aprendizado dessa habilidade, ou seja, um saber escolar. E um saber escolar que Antônio acredita ter sido o responsável por seu ingresso na universidade: “A leitura, acho que a leitura me colocou aqui [USP]”. Nas histórias

de Marcos e Patrícia, a visão da leitura como um saber escolar importante em suas trajetórias torna-se ainda mais clara, uma vez que, no primeiro caso, havia a influência do incentivo dos professores ao uso da biblioteca já nos primeiros anos do ensino fundamental, bem como do posterior trabalho com literatura que a escola desenvolvia, por meio da indicação de obras e da demanda de trabalhos a serem entregues a esse respeito. E no segundo caso, o hábito da leitura de Patrícia, considerado por ela como algo muito bom, foi um incentivo totalmente proveniente de sua professora de Português, já que, como vimos, esse não era um costume em sua família.

A leitura parece ter sido então, um saber escolar que agiu como um poderoso instrumento na busca por conhecimento nas trajetórias destes estudantes. Para Roland Barthes (1989), a literatura assume muitos saberes, ela faz circular esses saberes, dando a eles um lugar indireto e, por isso mesmo, precioso, na vida dos homens. Em sua aula inaugural no Collège de France, realizada em 1977, ele anuncia, poeticamente:

Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1989, p. 8)

Em pesquisa em que analisou a relação com o saber na experiência escolar de estudantes do ensino médio, Reis (2012) faz uma consideração que nos parece pertinente e da qual partilhamos:

A relação com o saber é construída a partir dos desafios com os quais os sujeitos se confrontam, dos encontros que tiveram com os diferentes tipos de saberes e de determinadas atividades mediadas por outros sujeitos para apropriação de tais saberes. Também na escola esse processo não é homogêneo, mas depende da qualidade dos encontros com os saberes vivenciados, da relevância das atividades propostas e dos desafios propiciados a partir da mediação de um outro. (REIS, 2012, p. 241).

Neste sentido, se estamos falando de saber escolar, esse “outro” na escola, geralmente trata-se de um professor. Desta maneira, a relação com o saber escolar parece estar intimamente relacionada à relação existente entre o aluno e seus professores. No caso de nossa pesquisa, os próprios estudantes fazem essa ponderação. Se em um primeiro momento, Antônio não se lembra de nenhum professor que o tivesse marcado, em um segundo momento ele lamenta quase ter cometido “uma injustiça” e destaca o papel da professora que o orientou na escrita de sua monografia, alegando ser uma pessoa que o auxiliou em vários aspectos, sobretudo no fortalecimento de sua autoestima. E ele esclarece ainda que essa relação foi tão

importante que se prolongou para além da graduação:

Ela deu uma... uma levantada na minha autoestima também, uma pessoa que... que até hoje quando tem alguma coisa legal, eu vou lá, mesmo não tendo mais relação com a pesquisa no ensino, né, é... eu vou lá bater na porta dela e ela me ouve, a gente conversa várias horas. É... sei lá, por exemplo, esse concurso do Instituto Federal, sentei para falar com ela: “Oh, vai ter essa fase, o que eu faço agora?”, e ela: “Não, você vai fazer assim, assim, assim...”. Então, foi minha professora de monografia que no ano de 2010, último ano da graduação, me deu bastante conselho, foi uma pessoa que me ajudou muito e que me ajuda até hoje.

A dura crítica que Marcos dirige às escolas pelas quais passou e o seu “desgosto pela escola” atinge também os professores que passaram por sua vida durante a educação básica, sem a criação de vínculos ou o surgimento de alguma relação especial com eles, o que faz com que afirme, por várias vezes, que os professores “não gostavam dele”. Todavia, o estudante não deixa de reconhecer aqueles que, apesar disso, foram profissionais competentes no que diz respeito ao ensino de conteúdos escolares que o auxiliaram no seu desempenho no vestibular, como no caso de seu professor de Biologia, ou exerceram influência no surgimento de seu interesse por questões relacionadas à política, por exemplo, e no desenvolvimento de sua afinidade com a área de Humanas, como aconteceu em relação ao seu professor de Geografia. A figura do professor, no entanto, ganha contornos muito mais significativos quando ele se refere à sua orientadora, que acompanhou toda a sua trajetória acadêmica, do Trabalho de Conclusão de Curso, passando pelo Mestrado e culminando no Doutorado. É a ela, inclusive, que ele atribui a maior parte de sua motivação para cursar a pós-graduação:

Rosa, 75%, Rosa! Tem que ser dito: é mérito dela. Eu acho que inclusive, no mestrado muito, mas de certa forma no Doutorado também porque eu já estava quase querendo largar, partir para outra, mas ela me estimulou: “Não, tenta aqui senão essa chama de pesquisador vai apagar...”, ela começou a usar os termos poéticos dela lá, me convenceu a tentar o Doutorado também.[...] Já no meio da iniciação científica, a Rosa me estimulou muito a tentar fazer o TCC com ela e a fazer o Mestrado com ela. Ela me ajudou muito nisso. Ela me estimulou muito. Eu acho que 70%, 75% desse mérito vai para a orientadora, isso eu tenho que dizer porque eu nunca... Eu comecei a descobrir o que é que era disciplina optativa, isso e aquilo, aqui. Eu estava meio que me descobrindo na graduação ainda e ela já pensando no mestrado porque ela estava gostando do meu trabalho.

Patrícia também traz em suas recordações a figura de duas professoras importantes. A primeira, sua professora de Português, é lembrada por dois motivos diferentes: primeiramente, por ter sido compreensiva em relação aos problemas pelos quais a estudante passava em casa, não dormindo bem à noite e por vezes dormindo em sala de aula, situação que a maioria dos professores não aceitava e que acabava por gerar conflitos. Para ela, essa professora foi

essencial para que a estudante conseguisse passar por essa difícil fase de sua vida. Além disso, Patrícia afirma que foi essa a professora que fez com que ela adquirisse o hábito da leitura, tão importante e tão incomum em sua casa. A relação com essa professora estendeu seus limites para fora da escola, e para além daquele tempo, sendo que ela esteve presente, em meio a muita comoção, na apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso de Patrícia, reafirmando uma amizade que perdura até hoje. A segunda professora a que ela faz referência é sua professora de Ciências, que foi quem a convidou para participar do Programa Adote um Cientista, da Casa da Ciência, que teve grande importância em sua trajetória escolar. Ela afirma ainda que teve vários bons professores, entre eles, outro também de Ciências, que influenciou na afinidade da estudante com essa disciplina. Lembremo-nos que Patrícia fez sua graduação em Biologia.

Eu tive professores muito marcantes na verdade, que alguns professores de lá eram muito bons, muito bons mesmo. Então eu tinha um professor de Ciências, até a quinta série eu tinha professor de Ciências, chamava Erê, que inclusive ele fez graduação aqui, na USP, que era muito bom que... que... aquela coisa de professor bom, de alguma forma te ajuda a gostar de alguma coisa, no caso... no meu caso foi Ciências.

No caso de Gabriela, são citadas duas professoras, uma de Matemática e outra de Química, que são lembradas como pessoas com as quais ela podia dialogar e que também elogiavam o seu bom desempenho, incentivando a dedicação e a continuidade dos estudos. De forma mais significativa, assim como para Antônio e Marcos, a orientadora da iniciação científica de Gabriela é lembrada como uma professora de maior importância:

O momento que mais me marcou, assim, que foi decisivo para as decisões que eu vim a tomar, foi realmente ter contato com a minha orientadora, que foi a minha orientadora de iniciação e que continua sendo orientadora do mestrado. Porque foi uma pessoa que sempre me incentivou a buscar todas as oportunidades que eu tive e ela mesma me deu algumas oportunidades de viajar para o exterior para fazer período de pesquisa, para participar de congresso. Ela que me incentivava a prestar esse doutorado em Pisa, então é uma figura, assim, muito marcante na minha trajetória acadêmica e profissional desde a metade do curso de graduação, isso acho que é o mais significativo.

O caso de Larissa é, sem dúvida, o mais emblemático neste sentido. Ela relata que sempre teve muita admiração pelas suas professoras durante toda a sua trajetória escolar, nutrindo por elas um carinho muito especial e um encantamento diante das suas falas, descrevendo-se ainda, em dois momentos diferentes, como “apaixonada” pelas professoras: “Sempre me apaixonava pelas professoras, sempre fui uma das melhores alunas porque você vê aquela coisa da professora falar... assim, né”. Em outro momento: “Sempre fui apaixonada

pela professora de Biologia”. Ela se lembra também da sua professora da terceira série que lhe “deu muita força” quando ela passou por um momento pessoal difícil motivado pela culpa que sentia em relação a ter derrubado sua irmã pequena, episódio já aqui relatado. Seu professor do curso técnico, entretanto, chamou a sua atenção de forma ainda mais especial. Admiradora dos esforços que aquele professor havia empreendido na sua própria escolarização, já que também ele era de origem popular, ela nos conta que surgiu uma afinidade que progrediu para uma amizade:

Eu acho que eu me aproximei dele porque quando eu fui... eu acho que eu falei na primeira entrevista que eu trabalhava em uma escola de informática e aí apareceu o estágio remunerado [...] E eu fui conversar com ele. Eu fui pedir a opinião dele, o que ele achava que eu deveria fazer... ele me incentivou, então aí que a gente começou uma amizade, além de professor a gente começou a conversar muito e foi... e aconteceu, a gente se aproximou.

A referida amizade progrediu para um relacionamento afetivo, os dois se casaram e hoje, o ex-professor continua sendo um grande incentivador dos estudos de Larissa, porém, ocupando agora outro lugar em sua vida.

Em consonância com o observado no presente estudo, alguns professores também mereceram lugar de destaque nas trajetórias escolares de alunos das camadas populares, que ingressaram no ensino superior público, analisadas por Portes (2000). Ao elencar, nesse trabalho, alguns dos fatores que contribuíram para o ingresso de estudantes pobres na UFMG, o autor cita a “eterna aproximação dos professores”, que reconhecem e incentivam a dedicação, o esforço e o desempenho escolar desses estudantes.

Além dessas lembranças citadas, o desejo de ser professor foi expresso por quatro dos cinco estudantes entrevistados⁴. Antônio, como vimos, atualmente é professor no Instituto Federal e disse ter “se encontrado” nesta profissão. Marcos também considera a possibilidade de se tornar professor universitário, afirmando ter gostado muito da experiência como monitor de uma das disciplinas na graduação, a qual repetiu por três semestres, e em um deles voluntariamente. Já no caso de Larissa e Gabriela, esse desejo tomou forma de um encantamento e de um sonho, no primeiro caso, e de uma esperança e crença na educação, no segundo. Larissa afirma que sempre gostou de ensinar e que acredita que sempre teve “dom” para isso, desejando exercer essa atividade desde muito cedo. Gabriela, por outro lado, passou a ter esse desejo quando começou a refletir sobre a importância da educação na transformação social, na “mudança do mundo”.

⁴ Patrícia não mencionou nada a respeito do desejo de se tornar professora, embora tenha relatado grande satisfação em realizar palestras e conduzir grupos de estudo no projeto Casa da Ciência, no qual participou algumas vezes, como voluntária, após concluir a graduação.

As trajetórias escolares de estudantes das camadas populares são, em sua maioria, permeadas por diversas dificuldades, e a continuidade de seus estudos mostra-se comumente ameaçada pelas limitações inerentes às suas condições sociais, situação que também pudemos observar no caso de nossos entrevistados. Questionados sobre o que teria os mobilizado a continuar estudando apesar das inegáveis adversidades, obtivemos respostas as mais variadas. Embora tenha hesitado para responder à pergunta, Antônio explica que, desde pequeno, por ter sido sempre, julga o estudante, introspectivo, estava frequentemente sonhando com uma realidade diferente daquela por ele vivenciada:

Eu lembro que desde a época que eu ia para a lavoura com doze anos e estava lá com aquela enxada ruminando, mexendo na terra ali e a cabeça estava viajando, assim, não sei de onde veio isso, de onde vem... Viajando que eu poderia estar num outro lugar, fazendo outras coisas, sempre sonhando muito alto, assim, e... e talvez não, talvez eu não tenha enxergado isso, mas sonhando sempre lá na frente eu... estava esperando... alguma oportunidade... acho que foi mais ou menos dessa maneira porque quando eu vim para cá, para Guarani foi um período bem difícil, de 2003, 2004, 2005, quando eu morei na periferia, quando eu vi várias coisas difíceis ali, tive contato com isso é... vida social zero, nenhum contato com cultura, com lazer. E indo dormir, acordar, indo para o trabalho, voltando, sempre pensando, sonhando alto que estava naquela condição, mas ainda tinha esperança de que ia mudar de alguma forma.

Já Marcos atribui o seu desejo de continuar estudando ao gosto que ele tinha por algumas disciplinas, como Geografia e Biologia, cujos professores, a seu ver, eram muito bons, bem como aos trabalhos, também de outras disciplinas, que ele fazia para os colegas, e que ele acredita que de alguma forma o ajudaram a continuar estudando e aprendendo.

Também refletindo acerca da motivação para dar continuidade aos estudos, Larissa explica que não se lembra de pensar, na época, nos estudos como forma de ascender socialmente já que não havia nenhuma experiência ou exemplo dentro da sua família que pudesse justificar tal intento. E, embora a estudante tivesse consciência de que o mais comum para o seu grupo social seria estudar no máximo até concluir o ensino médio e então parar, ela se recusava a assumir isso para sua vida. Ela relembra o episódio em que, prestes a concluir esse nível de ensino, e, portanto, a deixar os estudos e inserir-se no mercado de trabalho, ela recebeu um panfleto de propaganda de um curso técnico e se apressou em se matricular, mesmo sem saber ao certo do que se tratava, se teria afinidade com o curso ou se gostaria da profissão:

Acho que foi destino e vontade de estudar mesmo, de não parar, eu acho que me dava um desespero de parar, de parar de estudar, tanto que eu peguei um panfletinho e fui no (risos)... no primeiro curso que eu vi, mas acredito que era mesmo essa vontade de não parar e de tentar.

Apresentando trajetórias escolares mais lineares e tranquilas até a conclusão do ensino médio, para Patrícia e Gabriela, a questão sobre a dificuldade de dar continuidade aos estudos passou a fazer mais sentido a partir do ingresso na universidade, fato que trouxe a Patrícia o sentimento de orgulho de si mesma por ter conseguido ser aprovada em muitos vestibulares depois de várias tentativas frustradas. E, no caso de Gabriela, poder dar continuidade a seus estudos significou, para ela, a possibilidade de ter uma vida financeira mais confortável do que a que seus pais puderam lhe proporcionar.

Essa questão financeira aparece também, ainda que em outros contextos, no discurso de quase todos os outros estudantes, com exceção de Patrícia. Partindo do entendimento de que o social estrutura as condições de existência, tornam-se compreensíveis as expectativas de emancipação social que estudantes das camadas populares têm em relação aos estudos. Entretanto, com base no conteúdo das entrevistas como um todo, pudemos observar também as diferentes formas de se relacionar com o saber e com o aprender. Em que pese a dificuldade, até para eles mesmos, de se determinar qual tenha sido a motivação para que esses jovens prolongassem seus estudos até o ingresso na pós-graduação, nos pareceu flagrante a satisfação que o acesso ao conhecimento proporcionou a esses estudantes.

Nesse sentido, julgamos relevante destacar também a dimensão subjetiva da experiência dos estudantes entrevistados no presente trabalho. O significado que o ingresso na pós-graduação de uma universidade pública adquiriu para esses sujeitos parece ter sido o de uma progressiva construção de uma realidade bastante diferente daquela que os circundava em seu meio social de origem, com tanta intensidade e de tal modo valorizada que mereceram, da parte de Antônio, Marcos e Larissa, respectivamente, a alcunha de “virada da minha vida”, “divisor de águas” e “sonho”. A realização de um sonho também foi o significado evocado por Gabriela, e motivo de grande orgulho para Patrícia. Embora permeadas por obstáculos, as vivências desses estudantes também nos deixam entrever as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento que o prolongamento de suas trajetórias escolares até a pós-graduação lhes proporcionou.

Como vimos anteriormente, em várias pesquisas que tem sido feitas sobre a relação com o saber, dentre as quais podemos citar, Charlot, Bautier e Rochex (1992), Charlot (1999 *apud* Reis, 2012), Charlot (2001), Reis (2012), Bicalho e Souza (2014), ao serem confrontados com a questão sobre tudo o que aprenderam em suas trajetórias, os estudantes em geral, e de forma mais recorrente, os das camadas populares não costumam evocar conteúdos relacionados a disciplinas escolares. No presente estudo, também como vimos, obtivemos resultados não muito diferentes, com os estudantes destacando a transformação

que o saber escolar operou em suas vidas.

Estendendo seu trabalho sobre a relação com o saber a uma perspectiva internacional, Charlot (2001) liderou pesquisas em quatro países culturalmente contrastantes: França, Brasil, República Tcheca e Tunísia. Os resultados deste trabalho, reunido no livro “Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais”, publicado em 2001, também mostraram convergências neste sentido. Dentre os estudantes entrevistados, os únicos a citar aprendizagens classificadas pelos pesquisadores como intelectuais ou escolares foram os jovens com bom desempenho escolar pertencentes às classes médias da República Tcheca.

Acreditamos ser importante esclarecer, entretanto, que nas duas pesquisas realizadas no Brasil em dois estados diferentes, e também na pesquisa realizada na França, os estudos se limitaram a alunos das camadas populares, não incluindo os estudantes das camadas médias. E no que se refere à Tunísia, o recorte não foi socioeconômico mas sim cultural, relacionado à cultura árabe. Dito isto, passemos à análise que Charlot faz ao refletir sobre esses resultados. O sociólogo explicita que as aprendizagens ligadas ao cotidiano, mais citadas pela maioria dos estudantes, são um reflexo de tudo o que esses jovens têm de aprender para ingressar em um mundo humano, desafio nada fácil para eles.

O problema que esses jovens devem enfrentar é fundamentalmente de ordem antropológica (hominizar-se, socializar-se, construir-se como sujeito singular – em um movimento indissociável) [...] O que se trata de aprender, para eles é, fundamentalmente, a vida. (CHARLOT, 2001, p. 147).

O autor prossegue em sua análise voltando seu olhar sobre a questão da relação dos jovens com o saber e com a escola, esclarecendo que, ao entrar na escola, os estudantes já aprenderam muita coisa fora dela, e continuam aprendendo nos vários contextos sociais de que fazem parte: a família, o bairro, o trabalho, etc. Para ele, o jovem vai à escola para “continuar a aprender”. Entretanto, a escola apresenta-se para este estudante como um lugar novo, não só no que diz respeito aos conteúdos e atividades, mas também pelos tipos de relações e de condutas que lá estão presentes. Segundo ele, é preciso saber lidar com a dinâmica “continuidade/descontinuidade/especificidade” de forma a construir uma relação com o saber e com a escola que tenha ligação com as relações com o saber já construídas, o que dá sentido ao saber e à escola, mas que também permita relacionar-se com a escola em sua especificidade.

Acerca da especificidade da escola, com base na teoria vigotskiana e em sua discussão sobre a função social da escola, Marta Kohl de Oliveira (1996) faz algumas ponderações em artigo no qual discute o papel da escolarização no desenvolvimento psicológico do ser

humano. De acordo com a autora, o fato de o saber escolar apresentar descontinuidade em relação aos saberes presentes em outras esferas da vida cotidiana, como a família, o trabalho e a rua, é justamente o que contribui para promover um ensino capaz de fazer avançar o desenvolvimento e afirma, ainda, que “operar com os saberes de forma descontextualizada” é uma característica de todo o sistema escolar, constituindo inclusive uma de suas principais particularidades. Para a pesquisadora:

O distanciamento dos dados da experiência pessoal, a descontextualização com relação à realidade imediata, o desenvolvimento de procedimentos específicos de reflexão fornecem ao sujeito uma aproximação com a teoria, com a consciência reflexiva, com a transcendência, que o instrumentalizam para um trânsito pelo conhecimento que não está balizado por seu valor pragmático, mas por um valor intrínseco. (OLIVEIRA, 1996, p. 100)

Nos relatos dos estudantes aqui apresentados, a referência mais relacionada aos conteúdos especificamente escolares que encontramos foi sobre as disciplinas das quais os alunos gostavam. Antônio, embora considere ter sido um aluno mediano, explica que sempre tinha boas notas em Matemática, pois gostava desta disciplina. Marcos, que no início de sua vida escolar gostava de Matemática, por conta de uma relação muito ruim com uma professora, “desgostou” desta disciplina e passou a gostar de Biologia, Geografia e outras disciplinas ligadas às Ciências Humanas. Larissa afirma sempre ter gostado de Biologia e Química, assim como Patrícia, que gostava também de Matemática. Gabriela, por sua vez, explicita que gostava de quase todas as disciplinas, com exceção de História, na qual tinha dificuldades, fato que ela atribui à má qualidade das aulas. Não obstante as diferenças encontradas nas predileções de cada estudante, em geral, eles atribuem o seu gosto ou “desgosto” por alguma disciplina à relação que mantinham com professor desta matéria. Com o objetivo de sistematizar algumas das contribuições do pensamento vigotskiano para refletir sobre a educação escolar, Oliveira (2005) salienta a importância de outras pessoas no processo de desenvolvimento individual e destaca o papel do professor nesse processo:

A importância de outras pessoas no desenvolvimento individual é particularmente evidente em situações em que o aprendizado é um resultado claramente desejável das interações sociais. Na escola, portanto, onde o aprendizado é o próprio objetivo de um processo que pretende conduzir a um determinado tipo de desenvolvimento, a intervenção deliberada é um processo pedagógico privilegiado. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais para promover um ensino capaz de promover desenvolvimento. A intervenção do professor tem, pois, um papel central na trajetória dos indivíduos que passam pela escola. (OLIVEIRA, 2005, p. 62)

Nosso entrevistado Marcos, por exemplo, que gostava de Matemática até a sétima

série e a partir de então passou a não gostar, queixa-se de que sua professora desta disciplina, além de não explicar o conteúdo adequadamente, não sanava suas dúvidas e não respondia aos seus questionamentos quando ele a procurava. Patrícia, por outro lado, avalia que um bom professor faz a diferença na vida do aluno, influenciando inclusive sua predileção por alguma disciplina em particular: “mas, você sabe que, eu não sei, eu acho que vai muito do professor. De alguma forma, eu tive uns professores muito bons. [...] Aquela coisa de professor bom, de alguma forma te ajuda a gostar de alguma coisa”. Essa mesma estudante, ao falar sobre o programa educacional do qual participava fora da escola, deixa claro a diferença que existia entre as formas de ensinar nestes dois espaços. Seu discurso a respeito da Casa da Ciência destaca a variedade e a dinamicidade das atividades lá desenvolvidas, além da habilidade dos professores “de cutucar a pessoa a pensar, fazer com que os alunos pensem, fiquem incomodados” em contraposição à maioria das suas aulas na escola, durante as quais ela dormia. Em pesquisa feita com estudantes do ensino médio, Charlot e Reis (2014) também observaram respostas semelhantes acerca do que seria uma aula interessante:

Esses alunos consideram interessantes as aulas que permitam maior interação entre professores e alunos. As questões mais salientadas pelos jovens do vespertino aproximam-se da perspectiva do desejo de saber, quando enfatizam, por exemplo, a importância da aula que chame a atenção dos alunos, a curiosidade, a possibilidade de reflexão, de diálogo entre os professores e os alunos para compreensão dos assuntos. (CHARLOT; REIS, 2014, p. 89).

As questões que levaram Bernard Charlot a estudar a relação com o saber, relacionadas à desigualdade social frente à escola, mais especificamente ao sucesso e ao fracasso escolar, também estiveram presentes como pano de fundo na realização deste trabalho. Sem objetivar uma representatividade estatística dos estudantes das camadas populares que ingressam na pós-graduação, procuramos conhecer um pouco da sua história e da relação com o saber por eles desenvolvida. O sucesso escolar e a conquista de uma escolarização prolongada foram construídos de diferentes formas na vida de cada estudante.

Assim como afirmam Charlot (2000) e outros autores, a relação entre origem social e sucesso ou fracasso escolar não é uma relação de determinação, bem como a relação entre origem social e relação com o saber escolar não é uma relação de determinação unívoca, linear e direta. Fazer tal afirmação não implica, entretanto, de maneira alguma, em ignorar ou amenizar as condições sociais que influenciam o desenvolvimento dessa relação, mas sim estudar esse fenômeno não somente do ponto de vista macrossocial, mas também do ponto de vista do indivíduo. A síntese feita por Nogueira e Nogueira (2009) acerca da obra do sociólogo francês Bernard Lahire nos parece bastante representativa a respeito deste

pensamento:

A tese central, subentendida no argumento de Lahire, é de que a experiência de vida de um sujeito particular dificilmente pode ser deduzida do seu pertencimento a uma única coletividade ou do fato de estar inserido em uma posição específica da estrutura social. Cada indivíduo possuiria uma história social particular e lidaria a cada momento com um conjunto específico de vínculos que fariam com que ele constituísse um quadro diferenciado de disposições e agisse de forma singular diante das situações de ação. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 92)

Assim, como nos diz Charlot (2016), há a necessidade de se considerar a questão da história singular do indivíduo para enfrentar o fato de que alguns têm sucesso escolar apesar da origem social. De acordo com o autor, para fazer relações entre essa história singular e a questão da origem social, faz-se necessária uma reflexão acerca da formação do ser humano. Debruçando-se mais recentemente sobre essa problemática, ele afirma:

O ser humano não tem uma natureza humana. O ser humano é construído graças à educação. Educação é um triplo processo: de humanização, tornar-se humano; de socialização, entrar num grupo social e cultural e de singularização e subjetivação, ter uma história pessoal. Portanto, como a educação é esse triplo processo, é possível entender que não se pode separar completamente a questão social da questão da identidade do sujeito. (CHARLOT, 2016, p. 13)

Pensar a relação com o saber escolar sob a perspectiva da história singular do indivíduo nos leva então a olhar para a questão da subjetividade. Porém, novamente, tal proposição não exclui a questão da origem social, sobretudo se tivermos como base a concepção de sujeito presente na teoria histórico-cultural, para a qual essas dimensões estão intrinsecamente relacionadas e exercendo influências recíprocas em um movimento dialético. Na perspectiva vigotskiana, o desenvolvimento do psiquismo consiste no:

resultado da inserção do indivíduo na história de seu grupo cultural e da construção social do conhecimento a partir de práticas interativas entre sujeitos contextualizados em múltiplas situações sociais. Postula-se, aqui, a extrema plasticidade do sistema psicológico humano, não sujeito a determinismos biológicos ou sociais, mas em constante construção ao longo de seu próprio percurso de desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1996, p. 99)

E nesse processo, em nossa sociedade, a escola tem um papel fundamental. E a relação com o saber escolar parece estar intimamente relacionada com as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Como afirma Kostiuk, em conferência realizada em 1956 ao falar sobre aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade, o desenvolvimento psicointelectual é socialmente condicionado e a educação exerce um papel essencial na aquisição de experiências sociais pelos alunos. Assim, podemos compreender

como:

No decorrer do processo de interação da criança com ambiente, o objetivo – ou seja, o social – se converte em subjetivo – ou seja – individual-; como aquele que a criança adquire nas relações com os adultos e com os seus contemporâneos o leva sucessivamente à organização da sua própria atividade, ao aparecimento de novas características psicointelectuais. (KOSTIUK, 2005, p. 45)

Considerando então a história singular de cada participante de nosso estudo, pudemos perceber vários aspectos e fatos que nos parecem evidenciar a existência de uma forte relação com o saber escolar, lembrando que estamos incluindo aqui a experiência dentro da universidade. Para alguns estudantes, esta relação com o saber escolar já se pronunciava com bastante clareza e, em vários aspectos, antes do ingresso na universidade, como foi o caso de Marcos, Gabriela e Larissa, durante a educação básica, na escola e, de forma um pouco diferente para Patrícia já que, embora essa relação com o saber escolar também estivesse presente durante a educação básica, ela ficou mais evidenciada fora da escola, no projeto Casa da Ciência. Já para Antônio, devido à ausência de condições objetivas, durante a educação básica, essa relação com o saber escolar não se expressou em resultados diferenciados, mas nos pareceu dedutível tendo em vista o seu grande desejo de aprender e os esforços e sacrifícios empreendidos com esse intuito.

Relembremos aqui sinteticamente alguns dos aspectos observáveis na história singular de cada estudante que nos pareceram evidenciar uma forte relação com o saber escolar antes mesmo do ingresso na universidade.

No caso de **Gabriela**, a relação com o saber escolar ficou evidenciada pelo seu ótimo desempenho desde o início da vida escolar, que foi corroborado com seu resultado na prova para bolsa de estudos, que lhe rendeu 80% de desconto na mensalidade de uma escolar particular, o que parece ter sido crucial para a sua aprovação no vestibular, que aconteceu logo em sua primeira tentativa. Apresentando bom desempenho na escola, mesmo sem se dedicar muito, a relação de **Patrícia** com o saber escolar também é demonstrada pelo seu gosto pela leitura e pelo seu entusiasmo com as atividades que eram desenvolvidas na Casa da Ciência. Recordemos ainda que quando pôde se dedicar só aos estudos, mesmo estudando em casa sozinha, foi aprovada em vários vestibulares. Também afeito à leitura e com bom desempenho nos estudos, **Marcos** usava a seu favor sua relação com o saber escolar, arrecadando dinheiro com a elaboração de trabalhos escolares para os colegas. E mesmo tendo estudado em escola pública, sem frequentar cursinho e sem qualquer preparação específica para o vestibular, foi aprovado neste exame já na primeira tentativa. No caso de

Antônio, o esforço empreendido e até mesmo o sacrifício realizado por ele ao viajar todos os dias para poder continuar estudando desde a quarta-série, e tendo que morar em outra cidade e trabalhar o dia todo para pagar por seus estudos durante o ensino médio, seu desejo de poder só estudar e não ter que ir trabalhar na roça tão precocemente e seu gosto pela leitura e a aprovação no vestibular, tendo se preparado sozinho para esse exame, parecem demonstrar sua forte relação com o saber escolar. Para **Larissa**, sua destacada relação com o saber escolar foi sempre uma constante. Seu grande desejo de aprender e sua dedicação aos estudos rendiam a ela um ótimo desempenho, estando sempre entre os melhores alunos. Ainda menina, voltava da escola sempre ansiosa para “fazer lição de casa” e se preparava com uma semana de antecedência para suas provas, além de ter estudado inglês sozinha para alcançar a turma que estava mais adiantada nesta disciplina. Prestes a concluir o ensino médio, ela sentia “desespero” diante da possibilidade de ter de parar de estudar e foi fazer o primeiro curso técnico que apareceu à sua frente, mesmo precisando estudar à noite e trabalhar o dia todo para pagar por ele. Recordemos, ainda, que já no ensino fundamental, ela usava seus conhecimentos para auxiliar os colegas que tinham dificuldade. Sem dúvida, dentre os estudantes, ela é a que transpõe a mais forte relação com o saber escolar.

Algumas das peculiaridades observadas na história de cada um dos estudantes naturalmente estão vinculadas à personalidade de cada um deles. Todavia, acreditamos que essa personalidade, embora única e singular, traga em sua constituição as marcas das relações sociais por eles vivenciadas ao longo de suas trajetórias. Ao refletir, à luz da teoria histórico-cultural, sobre a formação da personalidade, Ligia Martins (2004) afirma:

É fato existir no indivíduo uma singularidade irreduzível às coordenadas sociais, mas a existência, o ser dessa singularidade, é exatamente sua construção genérica, uma vez que o homem apenas se individualiza por meio do processo histórico-social, posto que o indivíduo é um ser social singular única e exclusivamente na medida em que é um ser social genérico. (MARTINS, 2004, p. 84).

A autora segue fazendo outra ponderação, complementar à anterior, que nos parece também fazer sentido para os estudantes de nossa pesquisa, que tem suas trajetórias escolares condicionadas pelas suas condições objetivas de vida: “a personalidade de cada indivíduo não é produzida por ele isoladamente, mas sim, resultado da atividade social e, em certo sentido, não depende da vontade dos indivíduos tomados em separado, mas da trama de relações que se estabelecem entre eles”. (MARTINS, 2004, p. 85).

Em todos os casos, essa relação com o saber escolar ganhou contornos mais visíveis após o ingresso na universidade, onde todos apresentaram bons resultados, todos fizeram

iniciação científica e todos continuaram demonstrando um desejo ainda maior de aprender, o que nos parece ter sido fruto da oportunidade que lhes foi dada dentro desta instituição de ter acesso a um ensino de qualidade e de poder dedicar-se totalmente aos estudos. Tal constatação refere-se, ao menos, a Antônio, Marcos e Patrícia, já que Gabriela sempre se dedicou somente aos estudos e Larissa, por sua vez, nunca pôde fazer isso desde a conclusão do ensino médio.

Vejamos, por exemplo, que, no caso de Gabriela, de forma condizente com sua já bem sucedida trajetória escolar, logo que ingressou na universidade, começou a participar de grupos de estudos e chegou a viajar duas vezes ao exterior, uma para participar de um congresso e outra para realizar parte de uma pesquisa. Já Larissa, mesmo longe das condições ideais de estudo, continuou se destacando, auxiliando no aprendizado dos colegas, como já fazia antes, usando seus conhecimentos e grande capacidade de estudo, que também lhe renderam a aprovação em vários concursos públicos. Mesmo trabalhando, estudava todas as noites após chegar da universidade e, antes de concluir a pós-graduação, já orienta trabalhos acadêmicos. Marcos, por sua vez, destaca o seu gosto pela pesquisa e fala com orgulho das diversas viagens que realizou para apresentar os resultados de seus trabalhos acadêmicos, desde a iniciação científica até o Doutorado. Se os estudos na escola pareciam não atrair muito a atenção de Patrícia, dentro da universidade, essa situação se modificou bastante, com a estudante relatando ter iniciado rapidamente a iniciação científica e falando sobre seu gosto pela pesquisa, e sobre seu trabalho selecionado para apresentação em um congresso, apresentação esta que foi feita em inglês, que Patrícia estudou sozinha. A conquista do primeiro lugar no processo seletivo para a bolsa do Mestrado, o projeto de pesquisa que chamou a atenção de uma pesquisadora com laboratórios na Bélgica e na França, e também sua disposição em frequentar aulas como ouvinte, mesmo sem a aprovação do orientador, pelo seu interesse no tema, já vislumbrando o Doutorado, nos parecem todos fatores que apontam esse fortalecimento da sua relação com o saber escolar durante a experiência universitária. Por fim, Antônio, ao ingressar na universidade mudou completamente a percepção que tinha sobre sua capacidade de aprendizado. Ao ter, como ele mesmo disse, a oportunidade de se dedicar somente aos estudos, passava dias inteiros na biblioteca e o resultado disso se traduziu no seu desempenho acima da média da sala, o que lhe rendeu inclusive uma premiação como melhor aluno do curso, ao final da graduação. Assim como os outros estudantes, também fala do seu gosto pela pesquisa. Fora da universidade, Antônio foi aprovado em todos os concursos públicos a que se submeteu, o que, juntamente com os fatores já mencionados, parece denotar uma relação com o saber escolar bastante expressiva.

Assim, pudemos ver como se manifestou a relação com o saber escolar na vida de cada um destes estudantes, tanto no que diz respeito aos aspectos semelhantes existentes entre suas trajetórias escolares, quanto em características mais singulares, próprias de cada história de vida aqui relatada. Muito embora não tenha sido possível ter acesso à gênese da relação com o saber escolar destes estudantes, acreditamos que o fortalecimento, o enriquecimento e a solidificação dessa relação foram possibilitados, como também foi sugerido por Piotto e Aleixo (2013) em seu artigo, já aqui mencionado, pelo acesso à educação de qualidade em algum momento de suas trajetórias escolares, o que se deu, no caso de nossos entrevistados, majoritariamente, quando ingressaram na universidade. De qualquer forma, ainda que de forma menos proeminente, a relação com o saber escolar já podia ser vista em todos os casos que aqui apresentamos, como observamos anteriormente.

O reconhecimento e o incentivo dos professores, seja na educação básica ou na universidade, parece ter sido uma importante contribuição a essa relação com o saber escolar, para Larissa e Gabriela já na educação básica, e para Marcos com mais intensidade na universidade. Para Antônio, foram os elogios que ele recebia dos clientes do hotel na época em que estava estudando para o vestibular e seus bons resultados logo no início da graduação que parecem ter exercido esse papel de reforçar a relação com o saber escolar. De modo um pouco diferente, o contato de Patrícia com o modo de produção de conhecimentos típico da pesquisa científica, quando participou da Casa da Ciência, parece ter sido um relevante fator que já lhe despertou interesse pela pesquisa antes mesmo de adentrar nesse mundo científico, interesse que foi intensificado e se concretizou em seu trabalho de pesquisa no laboratório, iniciado logo após o ingresso na universidade e que foi capaz de ressignificar sua relação com o saber escolar.

Como já discutimos anteriormente, com base na teoria histórico-cultural, podemos afirmar que a relação com o saber escolar está intimamente relacionada à qualidade do trabalho pedagógico realizado no interior desta instituição.

Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, a escola, agência social explicitamente encarregada de transmitir sistemas organizados de conhecimento e modos de funcionamento intelectual às crianças e aos jovens tem um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos que vivem nas sociedades letradas”. (OLIVEIRA, 2005, p. 61).

Desafortunadamente, no caso de nossos estudantes, a experiência escolar por eles vivenciada não foi capaz de potencializar, a ponto de tornar ainda mais evidente e eficaz, essa relação que eles possuíam já durante a educação básica. Em escolas sem estrutura e com professores sem adequadas condições de trabalho e desmotivados, como destacaram Marcos,

Antônio e Gabriela, seria mesmo pouco provável ver esse papel ser exercido plenamente. Por outro lado, o destaque que deram Antônio, Marcos e Patrícia à importância da leitura, e por extensão, da escrita, em suas trajetórias, nos faz refletir sobre o fato de que esse foi um conhecimento adquirido no âmbito dessa instituição, que possibilitou a eles não só boas práticas de escrita e leitura, mas também operou transformações no seu desenvolvimento psíquico e intelectual, já que: “A escola é um lugar social onde o contato com o sistema de escrita e com a ciência enquanto modalidade de construção de conhecimento se dá de forma sistemática e intensa, potencializando os efeitos dessas outras conquistas culturais sobre os modos de pensamento. (OLIVEIRA, 2005, p.63).

A nosso ver, a importância da relação com o saber escolar desses estudantes radica na transformação que este saber operou em suas vidas, quer seja do ponto de vista da construção de uma realidade econômica diferente daquela de seu meio social de origem, quer seja no que diz respeito às mudanças em sua percepção de si mesmo e da sociedade, ponto de partida para ocupar um novo lugar social. E neste caminho, ainda temos boa distância a percorrer para que a escola possa potencializar essa relação com o saber escolar por ela preconizado a todos que a ele têm direito.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir investigar a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo, nos questionávamos como seria a relação com o saber desses estudantes e de que formas ela se manifestaria em suas trajetórias escolares, cuja continuidade mostra-se comumente ameaçada pelas dificuldades inerentes às suas condições sociais.

Realizando um levantamento dos estudos feitos utilizando-se dessa noção de relação com o saber, fomos gradativamente percebendo o quão fluida e de difícil definição era essa noção, bem como foi possível verificar sua progressiva ampliação e a multiplicidade de fatores que ela passou a abarcar. Atentando para essa problemática e para a reflexão crítica realizada por Jean-Yves Rochex – um dos pesquisadores que trabalharam com Bernard Charlot –, e na tentativa de definir melhor nosso objeto de pesquisa, optamos por ter como referência a definição de relação com o saber utilizada por Charlot em 1982, na qual o pesquisador privilegia o sentido e a função social do saber e da escola, das disciplinas ensinadas e das situações de aprendizado. Propusemos chamar esse conjunto de aspectos de relação com o saber escolar. Nas trajetórias escolares descritas ao longo do presente trabalho, pudemos observar algumas características que sinalizaram para a existência de uma forte relação com o saber escolar por parte dos estudantes entrevistados. Contudo, essa relação com o saber escolar apresentou-se sempre matizada pelas condições objetivas de vida de cada um deles, de suas possibilidades ou impossibilidades de dedicarem-se integralmente aos estudos, da boa ou da má qualidade do ensino nas escolas por eles frequentadas, da existência ou não de incentivo por parte da família. Desta forma, foi preciso ter um olhar mais apurado e sensível para poder captar as nuances nas formas pelas quais se manifestou a relação com o saber escolar nas trajetórias dos estudantes por nós entrevistados.

O apreço e a busca pelo conhecimento, por exemplo, foram aspectos que ficaram evidentes nas histórias de todos os estudantes. Todos mencionam alguma ou algumas disciplinas escolares de que mais gostavam, alguns com mais entusiasmo, outros com menos, o que nos pareceu um reflexo direto das condições de escolarização a que tiveram acesso. E esse gosto pelo saber parece ter sido um importante fator na relação com o saber escolar que foi paulatinamente se desenvolvendo na história de cada um deles. Vimos também como esse aspecto ganhou uma dimensão bem maior após o ingresso na universidade, na qual todos se envolveram com a pesquisa acadêmica e puderam ter acesso a uma educação de maior qualidade. Foi nessa ocasião também que a maioria deles teve a oportunidade de se dedicar

somente aos estudos.

O bom desempenho também foi uma característica marcante em todas as trajetórias analisadas, porém, como observamos, na medida das condições de escolarização e de vida pessoal a que estavam submetidos. Assim é que vimos, por exemplo, Antônio se definindo como um aluno “mediano”, quando tal condição parece ter sido muito mais reflexo de sua submissão precoce ao trabalho rural compulsório, enfrentando uma luta diária na sua busca pelos saberes escolares; e Patrícia, que também não define a si mesma como uma aluna exemplar, e cujos problemas familiares e a necessidade do trabalho também exerceram influência negativa sobre sua escolarização. Em ambos os casos, e também para Marcos, a oportunidade de dedicação integral aos estudos e o acesso a uma educação de maior qualidade na universidade elevou ainda mais os resultados escolares desses estudantes, que de bons passaram a ótimos, superando, inclusive o desempenho de colegas advindos de melhores condições sociais. Oportunidade que Gabriela encontrou mais cedo, ao conseguir a bolsa de estudos na escola particular. Larissa, por outro lado, apesar de, a princípio, não parecer ter sido afetada em seu desempenho na educação básica, não conseguiu ser aprovada no vestibular, o que acreditamos que não teria acontecido caso ela pudesse ter se dedicado integralmente os estudos para este exame, sem precisar trabalhar o dia todo, como fizera. Se assim fosse, provavelmente teria sido aprovada e teria cursado sua graduação em uma universidade pública, tendo a oportunidade de aproveitar ainda mais plenamente a destacada relação com o saber escolar que ela já possuía.

Vimos também que alguns estudantes destacaram a aquisição do hábito da leitura como um fator importante em suas trajetórias escolares prolongadas. Tendo em vista que tal comportamento não era um hábito em suas famílias de origem, como não o é na maior parte das famílias de meios populares, parece-nos que é à escola que se deve a apropriação deste hábito e gosto pela leitura. Este hábito nos pareceu ter sido um importante instrumento na busca dos estudantes entrevistados pelos saberes escolares. Isso nos leva a refletir que, caso fosse uma prática comum desde os anos iniciais da educação básica, poderia ser também um diferencial na relação com o saber escolar de outros estudantes das camadas populares, como o foram para as estudantes entrevistadas em nosso outro estudo (PIOTTO; ALVES, 2011), já aqui mencionado.

A lembrança suscitada, pelos estudantes, de alguns professores marcantes em suas trajetórias escolares, também nos pareceu representativa do papel diferencial que este profissional pode ter na relação com o saber escolar dos estudantes e da oportunidade que esse contato pode significar em suas vidas. Ainda a esse respeito, tendo em mente as contribuições

da teoria histórico-cultural, a qual esclarece que a apropriação do conhecimento já produzido pela humanidade se faz por meio da mediação cultural que é oferecida, destacamos a centralidade do professor no desenvolvimento de práticas que garantam o acesso a esse conhecimento, direito de todos. Obviamente que isso não se faz somente com o idealismo desses profissionais, sendo essencial a reivindicação de políticas públicas que garantam as condições de infraestrutura das unidades de ensino, a formação dos professores e a gestão democrática, só para citar alguns fatores que são base para a construção da qualidade na educação.

Esperamos com este trabalho ter contribuído para aumentar o conhecimento sobre a relação com o saber de estudantes das camadas populares, mais precisamente sobre o que decidimos qualificar aqui como relação com o saber escolar. Muito embora não tenha sido possível concluir qual a gênese dessa relação com o saber escolar, acreditamos que ela se constitua como um reduto de esperança, não na escola como redentora e normalizadora das desigualdades sociais, visão ingênua já sobejamente refutada pelos estudos da sociologia. Mas, na interpretação desta instituição como um espaço de luta, cuja ação possa ser capaz de, por meio de boas práticas de ensino, auxiliar no desenvolvimento psíquico e intelectual destes estudantes, de modo a realizar verdadeiras transformações nesses sujeitos, e em sua formação “como cidadãos”, como destacou Patrícia, que poderão também atuar contra a “injustiça do mundo”, como disse Gabriela.

Para concluir, nas trajetórias aqui analisadas, a questão de ter oportunidade revelou-se de vital importância para o desenvolvimento e o fortalecimento da relação com o saber escolar dos estudantes que entrevistamos: a oportunidade de ter acesso a uma educação de boa qualidade e a oportunidade de poder dedicar-se integralmente aos estudos, que aconteceu, nos casos que aqui apresentamos, majoritariamente, ao ingressarem na universidade. Todavia, como vimos, estudantes das camadas populares que chegam a esse nível de ensino não são maioria, sendo que, para estes jovens, o destino social mais provável é a interrupção dos estudos ao sinal do ensino médio. Destarte, se acreditamos e defendemos a educação como ferramenta de transformação dos sujeitos e, por conseguinte, da sociedade, não nos parece plausível que esperemos passivamente até que esses estudantes, ocasionalmente, vençam vários obstáculos e tenham a oportunidade de ingressar em uma universidade pública. Neste sentido, julgamos fundamental a reivindicação de políticas públicas que garantam essas oportunidades a todos, desde a educação básica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. M. PROUNI e o ensino superior privado lucrativo em São Paulo: uma análise sociológica. São Paulo: Musa Editora, 2014.

_____. Estudantes com desvantagens sociais e os desafios da permanência na universidade pública. In: PIOTTO, Débora Cristina (Org). Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

_____. ALMEIDA, Wilson A. Esforço contínuo: estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais na USP. SP, 2006. Dissert. (mestr.) FFLCH.

ALMEIDA, Ana Maria F.; ÉRNICA, Maurício. Inclusão e segmentação social no ensino superior público no estado de São Paulo (1990-2012). *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v. 36, n.130, p. 63-83, jan-mar 2015.

ALVES, Renata de Oliveira; PIOTTO, Débora Cristina. Conquistando lugares não previstos: estudantes das camadas populares no ensino superior público. Ribeirão Preto, Trabalho de Conclusão de Curso, FFCLRP, 2008.

AMARAL, Nelson C. A educação superior brasileira: dilemas, desafios e comparações com os países da OCDE e do BRICS*. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, v. 21 n. 66 jul.-set. 2016. p. 717-736.

BARBOSA, M. A. Estudantes de classes pobres na universidade pública: um estudo de depoimentos em psicologia social. São Paulo, Dissertação (mestrado), IPUSP, 2004.

BARTHES, Roland. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BICALHO, M.G.P.; SOUZA, M.C.R.F., Relação com o saber de estudantes universitários: aprendizagens e processos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.40, n.3, p. 617-635, jul./set.2014.

BOSI, E. Sugestões para um jovem pesquisador. In: Bosi, E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. Cotia, SP: Atêlie Editorial, 2003. p. 59-68.

_____. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*. SP, vol. 4, n. 1/2, p. 277 – 284, 1993.

_____. Memória e sociedade: lembranças de velhos. SP: TAQueiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Obras culturais e disposição culta. In: BOURDIEU, P.; DARBEL, A. O amor pela arte – os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003. p. 69-111.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (orgs) Escritos de educação. RJ: Vozes, 1998. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro do Valle, Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999. 481-486.

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 171-183.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. A política pública de expansão para a educação superior entre 1995 e 2010. *Revista Brasileira de Educação*, v. 20 n. 60 jan.-mar. 2015.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006. Editora UFPR.

CHARLOT, Bernard; BAUTIER, Élisabeth; ROCHEX, Jean Yves. *École e savoir dans les banlieues... et ailleurs*. Paris: Armand Colin, 1992.

CHARLOT, Bernard; REIS, Rosemeire. As relações com os estudos de alunos brasileiros do ensino médio. In: KRAWCZYK, Nora (Org). *Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo, Cortez, 2014. p. 63-92.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e as contradições de aprender na escola. *Revista Ensino Interdisciplinar*, v. 2, nº. 06, Outubro/2016. p. 11-19

_____. Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. Relação com a escola e com o saber nos bairros populares. *Perspectiva*. Florianópolis, v.20, n.Especial, p. 17-34, jul./dez.2002

_____. (Org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

_____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed: 2000

_____. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio 1996.

COULON, Alain. *A condição do estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Relações do docente-bacharel do ensino superior com o saber didático-pedagógico: dissonâncias e rupturas entre saberes e práticas. *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 97, p. 61-72, set./dez. 2016.

FEREZ JUNIOR, J.; DAFLON, V.F.; BARBABELA, E. As Políticas de Ação Afirmativa nas universidades estaduais. In: *Levantamento de Políticas de Ação Afirmativa (GEMAA)*, IESP-UERJ, 2013, pp. 1-25.

FREITAS, Elaine Rafaela Neves de; BICALHO, Maria Gabriela Parenti; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; NETTO, Cristiane Mendes. Informática e educação no ensino superior: reflexões sobre a relação com o saber de estudantes de cursos da área de computação. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, Volume 20, Número 2, 2012, p. 69-78.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In: BOCK, A.M.B. (org). *Psicologia e compromisso social*. SP: Cortez, 2003.

HIRANO, Sedi; SILVA NETO, Norberto Abreu e; PAOLI, Maria Célia; MATSUO, Myrian; BELTRÃO, Rubem; BRITES, Adilson. A universidade e a identidade da condição estudantil: um estudo sobre a situação sócio-econômica, níveis de saúde e modo de vida dos estudantes da USP. *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 83-108, 1987.

KLEIN, Alberto Eduardo; ARRUDA, Sérgio de M.; PASSOS, Marinez M.; ZAPPAROLI, Ferdinando Vinicius. Os sentidos da observação astronômica: uma análise com base na relação com o saber. *Revista Latino-Americana de Educação em Astronomia*, vol 10, 2010. p. 37-54

KOSTIUK, G.S. Alguns aspectos da relação recíproca entre educação e desenvolvimento da personalidade. In: LURIA, LEONTIEV, VIGOTSKI et al. *Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. 4ª ed. SP: Centauro, 2007. p. 43-62.

LAHIRE, Bernard. O sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MANCEBO, Deise; VALE, Andréa Araújo do; MARTINS, Tânia Barbosa. Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010. *Revista Brasileira de Educação*. 2015, vol.20, n.60, p.31.

MARTINS, Lígia Marcia. A natureza histórico-social da personalidade. *Cadernos Cedes*. Campinas, vol. 24, n. 62, p. 82-99, abril 2004.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLLENT, Michel J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987. 191-211

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. Introdução. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. *Bourdieu e a educação*. 3ª Ed. BH: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Pensar a educação: Contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, J.A.; FERREIRO, E.; LERNER, D.; OLIVEIRA, M.K. de. *Piaget – Vygotsky: novas contribuições para o debate*. 6ª ed. 4.reimpr. São Paulo: Ática, 2005. 51-83

_____. Escolarização e organização do pensamento. *Revista Brasileira de Educação*,

Campinas, Set/Out/Nov/Dez 1996. p. 97-102.

PEROSA, Graziela Serroni; COSTA, Taline de Lima. Uma democratização relativa? Um estudo sobre o caso da expansão da Unifesp. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v. 36, n.130, p. 117-137, jan-mar 2015.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. *Educação e sociedade*, Campinas, v. 25, n. 88, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br>> . Acesso em 14 Ago 2016. p. 727-756

PIOTTO, Débora Cristina. Estudantes das camadas populares na USP: encontros com a desigualdade social. In: PIOTTO, Débora Cristina (Org). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

_____. A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu. *Revista Vertentes*. São João Del Rey, (33), jan/jun 2009.

_____. As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública. São Paulo, Tese (doutorado), IPUSP, 2007.

PIOTTO, Débora Cristina; ALEIXO, Letícia. Estudantes das camadas populares em uma universidade pública: contribuições da relação com o saber. *Universidade, responsabilidade social e juventude*. 1ª ed. Salvador: UFBA, 2013, p. 81-97.

PIOTTO, Débora Cristina; ALVES, Renata de Oliveira. Estudantes das camadas populares no ensino superior público: qual a contribuição da escola? *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v. 15, n.1, p. 81-89, jan/jun 2011: 81-89.

POMPEU, Carla Cristina. Aula de Matemática: as relações entre o sujeito e o conhecimento matemático. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 27, n. 45, p. 303-321, abr. 2013

PORTES, E. A. O estudante pobre na Universidade Federal de Minas Gerais: uma abordagem histórica. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 41, jun/2005. p. 111-133

_____. Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos. Tese (doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 61-80

_____. Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares BH, Dissertação (Mestrado), FAE/UFMG, 1993.

REGO, Teresa. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina; SOUZA, Denise Trento (orgs). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 47-46.

REIS, Rosemeire. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 637-652, jul./set. 2012.

ROCHEX, Jean-Yes. A noção de relação com o saber: convergências e debates teóricos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 23, n. 3. p. 637-650, set./dez. 2006.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: Zago, N.; Carvalho, M.P.; Vilela, R.A.T. (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da educação*. RJ: DP&A, 2003.

_____. Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. In: *Cadernos de Pesquisa – NEP*. Campinas, ano III, n. 1 e 2, p. 25-31, 1997.

SAES, Décio. Classe média e sistema político no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz, 1985.

SAMPAIO, Helena; LIMONGI, Fernando; TORRES, Haroldo. *Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro*. (Documento de Trabalho 1). São Paulo: NUPES, 2000.

SILVA, J. S. “Por que uns e não outros?": caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro, 7Letras, 2003.

_____. “Por que uns e não outros?” – caminhada de estudantes da Maré para a universidade. Vols I e II. Rio de Janeiro, Tese (doutorado), PUC/RJ, 1999.

SPÓSITO, Marília P.; ANDRADE, Cleide L. O aluno do curso superior noturno: um estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 57, p. 3-19, maio 1986.

SP limita programa de bônus da USP para a escola pública. Folha de S. Paulo, 17 set. 2008.

SOUZA, J. V.S. Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas. Porto Alegre, 2009a. Tese (dout.), UFRGS.

SOUZA, M.S.N.M. Do seringal à universidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre. 2009. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009b.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. Aprendizagens e tempo integral: entre a efetividade e o desejo. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 14 Mar 2017.

THIOLLENT, Michel. O processo de entrevista. In: *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. SP: Ed. Polis, 1987. 5ª ed.

TROPIA, Guilherme. A Relação Epistêmica com o Saber de Alunos no Ensino de Biologia por Atividades Investigativas. *Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v.8, n.3, p.55-80, novembro 2015

VERONA, Matheus F.; MORI, Horácio; ARRUDA, Sérgio de M. Raízes formais e informais da opção pelo curso de ciências biológicas. *Revista Ensaio Pesquisa em Educação em*

Ciências. Vol 10, n. 2, 2008, p. 283-302.

VIANA, Maria José Braga. Em que consiste a excelência escolar nos meios populares? O caso de alunos da UFMG que passaram pelo Programa Bom Aluno de Belo Horizonte. In: PIOTTO, Débora Cristina (Org). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

_____. A relação com o saber, com o aprender e com a escola: uma abordagem em termos de processos epistêmicos. *Paidéia*, Ribeirão Preto, vol.12, n. 24, p. 175-183, 2003

_____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000. 45-55.

_____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades. Tese (doutorado), 1998.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7ª ed. SP: Martins Fontes, 2007.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, v. 11, n. 32, p. 226-237, mai/ago. 2006.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1º encontro

Gostaria de lhe contar sobre a pesquisa que estou realizando e sobre o que falaremos neste encontro. É sabido que estudantes das camadas populares, estatisticamente, têm poucas chances de ingressar em uma universidade pública. Dar continuidade a esses estudos cursando pós-graduação pode ser um desafio ainda maior. Sendo assim, estou interessada nas histórias escolares de alguns desses estudantes, com o intuito de conhecer essas trajetórias, bem como de analisar o sentido atribuído por eles à continuação dos estudos após a graduação. Meu objetivo é entender como construíram seus caminhos até esse nível de ensino. **Por isso, gostaria de conhecer sua experiência, ouvir suas lembranças e histórias marcantes relacionadas à sua trajetória escolar. Gostaria que você me contasse sobre momentos ou pessoas que marcaram sua vida neste sentido, incluindo sua experiência na graduação e na pós-graduação.**

se necessário retomar:

- como viveu esta experiência
- momentos ou pessoas mais significativos

2º encontro

✓ **Retomada do 1º encontro: esclarecimentos e aprofundamentos sobre o que foi falado**

✓ **Na sua trajetória, o que você acha que contribuiu para que você realizasse pós-graduação?**

✓

- De tudo o que você aprendeu em sua trajetória escolar, incluindo sua experiência na graduação e na pós, quais são as coisas que você considera mais importantes?
- Como era o seu desempenho na escola em termos de rendimento? Você gostava da escola? Do que mais gostava? Do que menos gostava?
- Em relação às disciplinas (matérias escolares), havia alguma da qual você gostava mais? E alguma da qual você não gostava? Alguma em que você tinha mais facilidade? E mais dificuldade?
- Como era a sua relação com os professores? Você se lembra de algum de forma mais marcante?
- Como você costumava se relacionar com as atividades propostas pelos professores? E em relação à lição de casa? Como era a realização dela? Você gostava de realizá-la?

Questões a serem abordadas caso não sejam mencionadas:

- Etapas da escolaridade e seus momentos decisivos.
- Relação com amigos/colegas de escola.
- Pessoas significativas na trajetória escolar.
- O que a entrada na Universidade significou para você? E na pós-graduação?
- Reação de pais e irmãos em relação ao ingresso na universidade e, posteriormente, na pós- graduação.
- Expectativas, projetos e conversas familiares sobre escola.
- História escolar e trajetória profissional dos pais e irmãos.

OUTRAS INFORMAÇÕES

- Idade
- Curso (semestre/ano) ou profissão
- Dados familiares
- Escolaridade pais
- Ocupação/profissão pais
- Renda familiar
- Irmãos (escolaridade, profissão/ocupação)
- Avós (escolaridade, profissão/ocupação)
- Escolas nas quais estudou (pública, particular) e períodos

ERRATA

ALVES, Renata de O. Uma questão de oportunidade: a relação com o saber de estudantes das camadas populares na pós-graduação da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2017. 278 f. Dissertação (Mestrado)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
3	21	11,7%	88%